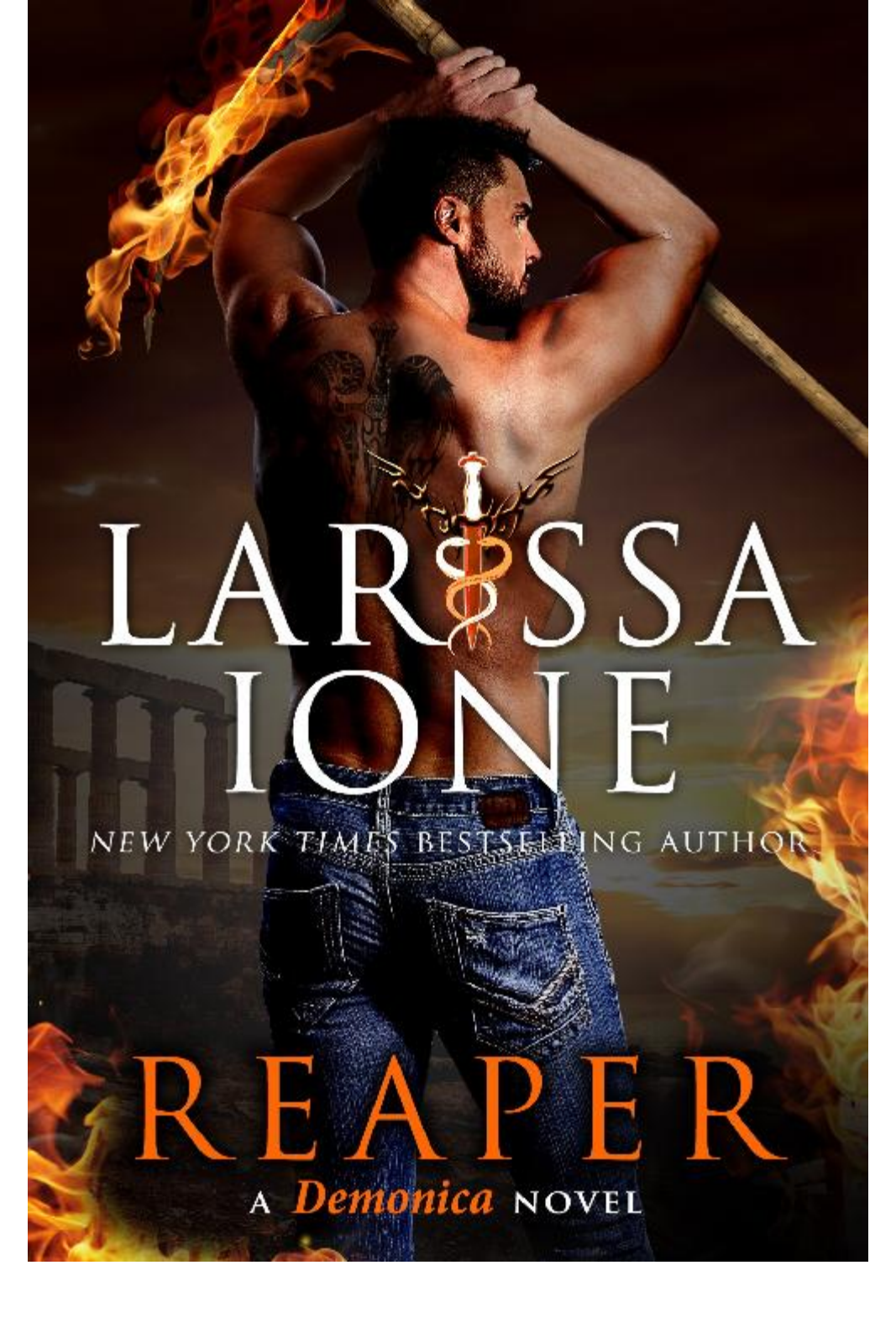




LARISSA IONE

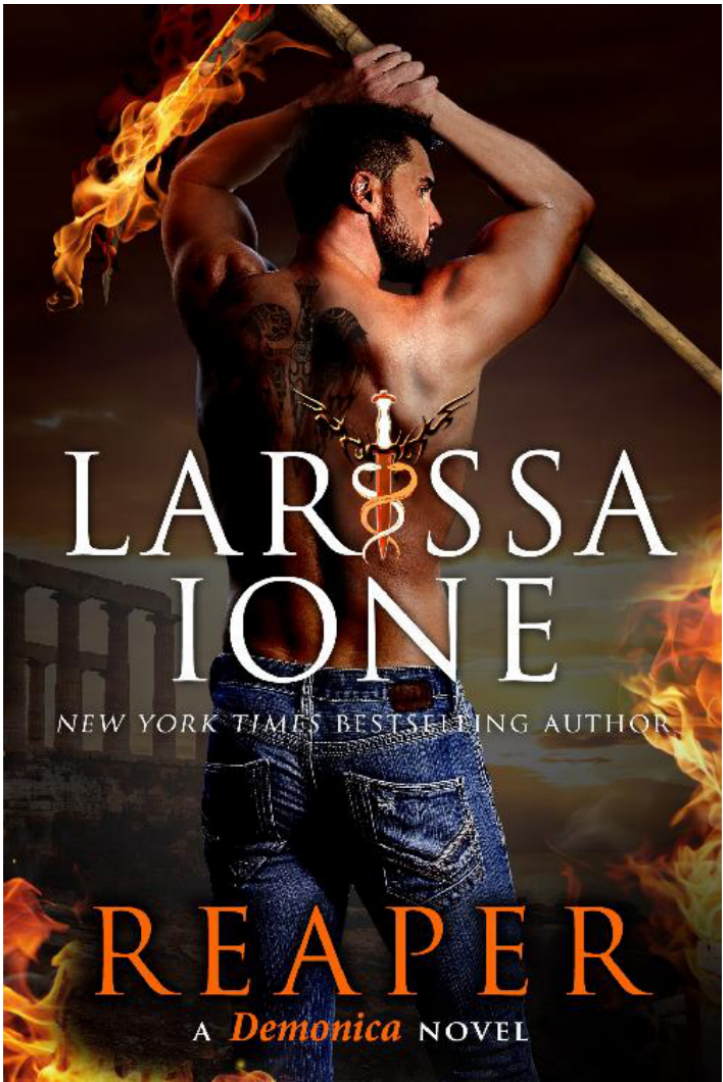
NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

REAPER

A *Demonica* NOVEL

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com



LARISSA IONE

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

REAPER

A *Demonica* NOVEL

*Ele é o guardião das almas. Juiz, júri e carrasco.
Ele é a morte personificada.*

Ele é o Grim Reaper.

Um anjo caído que comanda o respeito do céu e do inferno, Azagoth presidiu seu reino do submundo por milhares de anos. Como o senhor das almas más, ele mantém o equilíbrio crucial para a existência da vida na Terra e além. Mas, à medida que todos os reinos se preparam para o Fim dos Dias profetizado, os laços que o ligam a Sheoul-gra imploram para que se irrite.

Agora, com sua amada companheira e filho por nascer, como alvo de um inimigo antigo, Azagoth não se deterá por nada para salvá-los, mesmo que isso signifique quebrar juramentos de sangue e alianças milenares.

Mesmo que isso signifique destruir a si mesmo e incendiar o mundo...

GLOSSÁRIO

Fallen Angel (Anjo Caído) - Acredita-se que seja mau pela maioria dos humanos, os anjos caídos podem ser agrupados em duas categorias: Verdadeiro Caído e Não Caído. Anjos Não Caídos foram expulsos do Céu e estão presos à terra, vivendo uma vida em que não são verdadeiramente bons nem verdadeiramente maus. Nesse estado, eles raramente conseguem voltar ao Céu. Ou podem optar por entrar em Sheoul, o reino demoníaco, a fim de concluir sua queda e se tornarem Verdadeiros Caídos, ocupando seus lugares como demônios ao lado de Satanás.

Harrowgate - Portais verticais, invisíveis aos seres humanos, usados para viajar entre locais na Terra e Sheoul. Poucos seres possuem ou podem convocar seus próprios Harrowgates.

Inner Sanctum - Um reino dentro de Sheoul-gra que consiste em seis Anéis, cada um abrigando as almas dos demônios categorizadas por seu nível de maldade, conforme definido pela Ufelskala. O Inner Sanctum é dirigido pelo anjo caído Hades e sua equipe de guardas, todos anjos caídos. O acesso ao Inner Sanctum é

estritamente limitado, pois os demônios aprisionados no interior podem tirar proveito de qualquer objeto externo ou pessoa viva para escapar.

Memitim - Anjos earthbound (terrestres) designados para proteger os humanos importantes chamados de Primori. Os Memitim permanecem presos a terra até que cumpram seus deveres, quando Ascendem, ganham suas asas e entram no Céu.

Primori - Humanos e demônios cujas vidas estão destinadas a afetar o mundo de alguma maneira crucial.

Radiante - A classe mais poderosa de anjo celestial existente. Ao contrário de outros anjos, os Radiantes podem exercer poder ilimitado em todos os reinos e podem viajar livremente por Sheoul, com muito poucas exceções. A designação é concedida a apenas um anjo de cada vez. Dois nunca podem existir simultaneamente e eles não podem ser destruídos, exceto por Deus, Satanás ou pelo Conselho Celestial de Ordens. O equivalente de anjo caído é chamado de Anjo Sombra.

Shadow Angel (Anjo Sombra) - A classe mais poderosa de anjo caído na existência, exceto Satanás. Ao contrário de outros anjos caídos, os Anjos Sombras podem exercer poder ilimitado em todos os reinos, e possuem a capacidade de entrar no Céu. A designação é concedida a apenas um anjo de cada vez, e eles nunca podem existir sem seu equivalente, um Radiante. Os Anjos Sombras não podem ser destruídos, exceto por Deus, Satanás ou o Conselho Celestial de Ordens. O

equivalente de anjo celestial é chamado de Radiante.

Sheoul - Reino demoníaco, alguns chamam de Inferno. Localizado em seu próprio plano nas profundezas da Terra, acessível apenas a Harrowgates e hellmouths (Bocas do Inferno).

Sheoul-gra - Um tanque de retenção para almas demoníacas. Um reino que existe independentemente de Sheoul, é supervisionado por Azagoth, também conhecido como o Grim Reaper. Dentro de Sheoul-gra está o Inner Sanctum, onde as almas demoníacas são mantidas em limbo torturante até que possam renascer.

Sheoulic - Língua demoníaca universal falada por todos, embora muitas espécies também falem sua própria língua.

Ter'taceo - Demônios que podem passar como humanos, seja porque sua espécie é naturalmente humana na aparência ou porque podem mudar de forma para a forma humana.

Ufelskala - Um sistema de pontuação para demônios, baseado em seu grau de maldade. Todas as criaturas sobrenaturais e seres humanos maus podem ser classificados nos cinco níveis, com o Nível 5 composto pelos piores dos iníquos.

Watchers - Indivíduos designados para ficar de olho nos Quatro Cavaleiros. Como parte do acordo forjado durante as negociações originais entre anjos e demônios que levaram Ares, Reseph, Limos e Thanatos a serem amaldiçoados para liderar o Apocalipse, um Watchers é um anjo, o outro é um anjo caído. Nenhum

dos Watchers pode ajudar diretamente os esforços de qualquer Cavaleiro para iniciar ou parar o Armageddon, mas eles podem ajudar nos bastidores. Fazer isso, no entanto, pode levá-los a andar em uma linha tênue que, cruzar, pode ser pior do que fatal.

PRÓLOGO

Em algum lugar da Península Arábica, milhares de anos antes...

Gabriel olhou para a cabana construída com paus, pedras e peles de animais e se perguntou como um anjo poderia morar ali. De boa vontade. Não era como se Asrael tivesse perdido as asas e necessitasse viver no reino humano como um Não-Caído impotente e patético, afinal.

Ele apenas fizera algo estúpido.

E, realmente, quem nunca fez? A estupidez não era uma razão para se isolar por séculos de todos os seres vivos e viver no sofrimento.

O sol do deserto abrasava tudo o que tocava quando Gabriel se aproximou da casa, mas ele mal percebeu. Nada mais se mexeu, nem mesmo na sombra projetada pelos afloramentos rochosos ao redor da cabana de Asrael. Provavelmente foi por isso que ele escolheu morar aqui. Ninguém, além de ladrões e demônios, se aventuraria nessa região desolada, e ele estava bem equipado para lidar com ambos.

— Asrael? — chamou. — Eu sei que você está aí.

Houve uma pausa e, depois, um tom áspero: — Por que não consigo sentir você?

— Porque estou controlando as minhas emoções. — Gabriel virou o seu rosto para uma brisa quente, deixando-a soprar seus cabelos loiros dos olhos. — Além disso, bebi um pouco de vinho de ameixa com um pouco de *flittablume*. Estou tão entorpecido que você poderia me dar um soco na garganta e eu não me importaria.

A porta com dobradiças se abriu, e Asrael encheu a porta. — Não perderei a oportunidade de dar um soco na garganta de um arcanjo.

Gabriel riu. O humor de Asrael ainda estava intacto. E ele parecia o mesmo da última vez que Gabriel o viu, exceto que o cabelo preto, que antes era curto, agora caía até os ombros. E, em vez de mantos felpudos e coloridos, ele agora usava uma túnica bege-clara e rústica.

Aquilo deveria coçar.

— Eu sabia que isso te tiraria do seu casebre.

— Casebre? — Asrael saiu, seus pés com sandália batendo em um tapete tecido de junco. — Construí isso com as minhas próprias mãos.

Gabriel olhou para a cabana precária e se perguntou como ela estava de pé. — Eu posso ver isso.

— Idiota.

— Viu como o *flittablume* está funcionando? Não estou nem um pouco chateado com o seu insulto.

— Bem, talvez você devesse compartilhar o suco de flores voadoras comigo, porque estou irritado com a

sua presença. — Asrael cruzou os braços sobre o peito.
— Por que você está aqui?

— Por que *você* está?

— Eu moro aqui.

— Você não precisa.

Uma sombra embotou o brilho de esmeralda nos olhos de Asrael. — Eu preciso, e você sabe disso.

— Asrael, você poderia facilmente se isolar na vastidão do Céu. Há cantos do nosso reino em que ninguém jamais pisará. Você precisa se punir dessa maneira.

— Sou responsável por Jaguriel perder suas asas, o que me torna responsável por sua morte. A minha arrogância fez com que fosse morto. Eu deveria ter perdido minhas próprias asas por isso, mas, por alguma razão, o Conselho dos Anjos escolheu não me punir.

— Você acusou Jaguriel de assassinato — disse Gabriel —, mas você acreditava que isso era verdade e com razão. Todo mundo acreditava antes mesmo de você interrogá-lo.

— Ele se matou — rosnou Asrael. — E tudo o que o Conselho deliberou como punição foi me designar a um trabalho temporário, processando humanos que atravessaram. Era chato, mas não um castigo.

Processar humanos traumatizados no Céu era definitivamente um castigo. Tortuosamente servil. Mas, pessoalmente, Gabriel não achou que Asrael merecesse sequer isso. Jaguriel poderia ser inocente no

assassinato de um anjo, mas ele estava sob investigação da Unidade de Investigação de Corrupção Interna por outros pecados.

Ainda assim, Asrael sentiu a necessidade de penitência, e jurou se esforçar em seu trabalho regular como interrogador, levando à decisão idiota de aumentar sua capacidade empática através de um feitiço superficial. Gabriel poderia ter dito a ele que daria errado.

E deu. Sua capacidade aumentou mil vezes, tornando-o tão sensível às emoções dos outros que o machucava, deixando-o muitas vezes sobrecarregado e incapacitado.

— Então, você fez algo tolo e não pode mais estar perto de humanos ou anjos. — Gabriel deu de ombros. — E daí? Como eu disse, você também poderia ter se isolado no Céu. Você estaria no luxo. Então, por que — ele fez um gesto que englobava todo o nada estéril —, aqui?

— Porque o reino humano tem algo que o Céu não tem. — A luz nos olhos de Asrael acendeu novamente. — Demônios. Eu posso matá-los aqui.

Era exatamente isso que Gabriel esperava que Asrael dissesse.

Gabriel observou um lagarto cinza opaco deslizando sobre uma pedra. No Céu os répteis brilhavam. O reino terrestre era tão chato e sem graça. — E se eu te dissesse que conheço um lugar onde suas habilidades empáticas não funcionarão, você pode ter o

que quiser e pode punir demônios o dia inteiro?

Asrael bufou. — E onde fica esse lugar mágico?

— Ainda não foi construído, mas existirá como seu próprio reino no espaço entre os reinos humano e demoníaco. Vamos chamá-lo de Sheoul-gra.

— Entendo. — Asrael fez uma pausa, e Gabriel sentiu um formigamento se espalhar por sua pele. Asrael estava alcançando seu dom empático, provavelmente tentando sondar sinceridade... ou trapaça. — Qual é o objetivo pretendido de Sheoul-gra?

— Conter almas demoníacas. — Cansado de apertar os olhos por causa da luz do sol, Gabriel fez surgir uma nuvem no céu, bloqueando a luz direta e salvando-se de uma dor de cabeça depois. — Agora, quando o corpo físico de um demônio morre, sua alma fica vagando. Você tem estado isolado, por isso pode não ter notado que um número crescente de almas demoníacas está causando estragos em assentamentos humanos, assombrando pessoas. Possuindo-os. Elas estão fazendo o mesmo em Sheoul. Chegamos a um acordo com Satanás que garantirá que as almas sejam reunidas e armazenadas em um local seguro, presidido por um anjo caído.

— Intrigante — disse Asrael em uma voz calma e composta, como se não quisesse revelar o quanto estava interessado no conceito. — Então, por que você está me dizendo isso?

— Queremos que você o administre.

Asrael poderia estar mais apaixonado pela ideia

do que deixava transparecer, mas não era um tolo, e olhou para Gabriel com uma dose saudável de ceticismo. — Quantos já recusaram?

— Nenhum. Você foi a nossa primeira escolha.

A boca de Asrael se curvou em diversão. — Você quer dizer que ninguém se candidatou à tarefa.

Gabriel deu de ombros. Eles fizeram uma chamada para voluntários, mas, aparentemente, governar o próprio reino infernal não era atraente para nenhum anjo. Não anjos são ou qualificados, de qualquer maneira.

— Ninguém do seu calibre — disse Gabriel com sinceridade. — Precisamos de alguém honrado. Alguém em quem podemos confiar. Sua história com Satanás faz de você um bem valioso.

— Minha história — refletiu Asrael. — Eu desprezava o desgraçado antes mesmo de descobrir os seus crimes, e ele me odeia por isso. Então, você presume que eu ficaria do lado do Céu em qualquer disputa futura.

Não havia sentido em negar que a animosidade entre Satanás e Asrael desempenhara um grande papel em quem os arcanjos escolheram para governar este novo reino, então Gabriel apenas acenou com a cabeça.

— Essa suposição está errada?

— Provavelmente não. — Asrael olhou para a nuvem pessoal de Gabriel, e ela inchou, ficando mais escura à medida em que se enchia de chuva. — O que o trabalho implicaria?

— Principalmente a colheita de todas as almas demoníacas, bem como das almas dos humanos maus. Você estará vinculado ao reino, mas criará uma raça de seres que realizarão a sua tarefa sombria na Terra e em Sheoul.

A chuva começou a cair no chão. — Você disse *principalmente*. O que mais?

— Você aplicará os castigos, autorizará reencarnações e terá o poder de destruir as almas. Podemos discutir os detalhes mais tarde. E... — Gabriel parou, sem saber como apresentar o próximo dever.

— E?

— A população humana está crescendo — disse ele, optando por facilitar a entrada do outro homem nisso. — Mais e mais humanos, e até alguns demônios, são essenciais para o futuro deste planeta.

Asrael assentiu. — Primori.

— Sim. Decidimos que eles precisam de guardiões especializados. Guardiões criados entre os humanos para melhorar a sua compreensão dos seres primitivos que o nosso Criador parece favorecer. — Gabriel parou a chuva. — Queremos que você gere esses guardiões com os anjos fêmeas que enviaremos para você.

Por um momento, tudo ficou quieto. A chuva parou e nem mesmo o vento se agitou. A expressão de Asrael parou e Gabriel instintivamente alcançou o seu poder. Ele não sabia o motivo. Ele era muito mais forte do que Asrael. E, no entanto, ele sentiu algo dentro do

outro homem, como se um enorme poço inexplorado de força estivesse prestes a ser desencadeado. Pela primeira vez, ele se perguntou se escolher Asrael para isso seria um erro.

— Deixe-me ver se entendi — disse Asrael em voz baixa. — Você quer que eu foda uma raça inteira de seres à existência, crie outra raça para coletar almas e torturar demônios do mal?

Gabriel suspirou. Asrael era tão franco e sem desculpas quanto seu pai. — Esse é um resumo preciso, ainda que bruto.

Lentamente, o rosto de Asrael se virou para o céu, e suas elegantes asas negras dispararam para cima. Ele era a própria imagem de um anjo que sentia o chamado ao dever.

Mesmo que fosse um trabalho de merda. Um de isolamento, maldade e corrupto.

Mas apenas uma pessoa no universo poderia fazê-lo, e Gabriel subitamente entendeu que Asrael era essa pessoa. Ele não cometeu um erro ao escolhê-lo. Qualquer erro cometido daqui em diante não seria de Gabriel.

Eles seriam de Asrael.

Mas isso não impediria Gabriel de ficar de olho nas coisas.

— Eu aceito. — Asrael lançou um olhar significativo para Gabriel. — Mas não criarei um monte de novos anjos e tenho certeza de que vou querer fazer alterações no contrato.

Gabriel fez uma pausa. Ele foi enviado para conseguir a aceitação de Asrael, mas Asrael só concordou com metade do que eles precisavam.

Ele deu de ombros mentalmente. O Céu o faria aceitar os termos do acordo mais tarde. — Então está feito.

Asrael assentiu. — E agora?

A nuvem acima ficou preta e atravessou o céu, engolindo o azul e o sol. Asrael não estava fazendo isso, e Gabriel também não. O vento aumentou, gritando através das dunas e girando nuvens de areia.

— O que está acontecendo?

— É um presságio — gritou Gabriel sobre o vento estridente. Era um sinal de que, para o bem ou para o mal, isso deveria acontecer.

Um raio riscou no alto quando ele apontou uma foice para a mão, seu cabo rústico esculpido no tronco de um carvalho carnívoro por um carpinteiro demônio, sua lâmina trabalhada pelo melhor mestre de armas de Céu.

Ele estendeu a foice. — Com isto, você terá o poder de destruir e criar. E o seu nome — disse Gabriel —, é uma palavra angelical que remonta às negociações com Satanás sobre a grande colheita de almas no profetizado Fim dos Dias.

Em sua outra mão, ele materializou uma lâmina usada para cortar o elo de poder do céu das asas de um anjo sem removê-las completamente.

— Quando terminarmos, você será, para sempre,

conhecido como Azagoth, Ceifador de Almas.

CAPÍTULO 1

Era uma sala que poucos conheciam e ainda menos tinham visto. Nem mesmo sua companheira sabia disso até alguns dias atrás.

Em sua busca para garantir que sua companheira nunca mais o deixasse, Azagoth revelara um monte de coisas desde que Lilliana voltara para ele duas semanas atrás; bronzeada, grávida e ligada a um cão do inferno. Mas a confissão sobre a existência desta câmara foi dupla.

Ele também teve que dizer a ela o que planejava fazer aqui.

Ao inalar o ar viciado em camadas com o cheiro de medo, dor e enxofre, ele passou o dedo pelas prateleiras carregadas de frascos de poção empoeirados e potes de barro cheios de ingredientes que qualquer feiticeiro mataria seus filhos para possuir.

Mas eles fariam muito pior do que isso por apenas cinco minutos com o objeto que tornava esta câmara tão... especial.

Não era a gaiola transparente e pulsante no canto, construída a partir das veias de um espectro das sombras. Não era o altar de enxofre no centro da sala.

Não era o símbolo brilhante de Azagoth formando uma foice gigante acima da porta.

Era o motor que alimentava seu reino, a fornalha do fogo eterno do inferno que formou toda a parede leste.

O poder irradiava das chamas violetas, poder maligno que atraía Azagoth para mais perto. Já sentia sua malevolência penetrá-lo, enchendo um poço que quase havia secado.

Amar Lilliana abriu seu coração e permitiu que o mal dentro dele vazasse para fora.

Agora, ele deveria deixá-lo voltar.

Mas só por um tempo.

Ele prometeu.

Mas as chamas o chamavam, sussurrando como um amante cujo orgasmo queimaria cada gama de bondade dentro dele em cinzas.

E esse era o problema do mal... era incrível. Era incrivelmente libertador quando você não dava a mínima para ninguém, exceto você. E em um mundo projetado para a dor, quanto mais você gostava de distribuí-la, mais feliz você era.

Azagoth foi muito, muito feliz por muito, muito tempo.

E então Lilliana apareceu, expondo suas emoções e fazendo seu coração bater, e pela primeira vez em eras, foi *ele* quem sentiu dor. Ele não gostou muito, e se transformou em um *imbecil gigantesco*, como ela o chamara mais de uma vez.

Foi preciso que ela se despedisse para ele perceber que precisava deixá-la entrar *mais*, não menos.

Então, ele contou sobre a sala que chamou flagrantemente de Câmara de Gênesis e o poder que isso lhe dava. E prometeu que não tocaria as chamas, por mais que elas o atraíssem. A carga que ele receberia por estar tão perto seria suficiente para alimentar o que estava prestes a fazer.

Como se ouvindo os pensamentos de Azagoth, um *griminion*, um macho de um metro e meio de altura envolto em um manto preto, saiu da escada em espiral atrás dele e deslizou para o altar no centro da sala. O lugar onde ele nasceu.

Grato pela distração da atração do fogo eterno do inferno, Azagoth deu uma palmadinha no topo do altar. — Pule aqui em cima, Asrael. Eu não acho que isso vai doer. Pelo menos, não tanto quanto a sua criação.

Asrael, nomeado com o nome angelical de Azagoth, foi o primeiro *griminion* e o molde a partir do qual todos os outros foram criados. O que quer que tenha sido feito a ele, foi feito a todos os *griminions*.

Era por isso que Asrael nunca deixou a segurança de Sheoul-gra.

Passos pesados ecoaram na sala pela escada e, um momento depois, Hades entrou pela porta, seu cabelo azul moicano roçando o topo da moldura e derrubando uma nuvem de poeira.

— Por que diabos você me chamou durante a minha inspeção semanal na prisão? — Ele franziu o

cenho para Asrael enquanto limpava a poeira dos ombros nus. O cara nunca gostou de camisas, o que sua companheira, Cataclysm, lamentava, porque ela não podia comprar para ele algum tipo de roupa humana tradicional chamada de suéter feio de Natal. Pelo menos Hades não tinha problemas com calças, embora elas fossem justas, indutoras de náuseas e que mudavam de cor. — E o que você está fazendo com ele?

Azagoth tirou um frasco de vidro e um recipiente de plástico da bolsa que ele trouxera. — Estou atualizando meus *griminions*.

O olhar de Hades desviou-se para o fogo eterno do inferno, desejo cintilando nas profundezas azul-gelo de seus olhos. Ao contrário de Azagoth, ele nunca tocou as chamas, mas ainda sentia a infusão do mal e do poder que isso provocava. O suor escorria pela sua testa e pelo seu peito enquanto lutava contra o puxão, e em um movimento brusco e descoordenado, ele se voltou para Azagoth.

— Atualizando? — perguntou ele, sua voz rouca com o esforço necessário para resistir ao fogo do inferno. — Para fazer o quê? Quão mais eficientes eles podem ser na coleta de almas más? Eles sentem a morte em segundos.

Griminions não coletavam apenas almas más. Às vezes, eles traziam as almas humanas *duvidosas*, e cabia a Azagoth separá-las. Guardá-las ou enviá-las para o processamento celestial, provavelmente para o que alguns chamam de Limbo, e outras para o

Purgatório, onde permaneceriam até o Dia do Julgamento.

Mas a pergunta de Hades era válida. Em milhares de anos, Azagoth não fizera nenhuma alteração nos pequenos ajudantes demoníacos que ele criou. Não precisava. Com a notável exceção de Satanás, ninguém jamais o ameaçou, ou a sua família.

As coisas mudaram.

— Imagine o quanto mais eficientes eles seriam na coleta de almas se não tivessem que esperar pela morte? — Azagoth mediu uma gota preciosa do líquido do frasco em uma tigela feita de um crânio. — Se tivessem a capacidade de matar.

— Eles já têm isso.

— Somente se eu lhes der individualmente. — Mesmo assim, a capacidade de causar um ataque cardíaco ou um aneurisma era apenas temporária. — Vou dar a *todos* eles. Permanentemente.

— Interessante. — Hades observou Azagoth usar uma vara para empurrar a tigela até a beira do fogo eterno. — Mas o Céu não vai fodidamente surtar?

— Sim. — O que Azagoth estava prestes a fazer não era apenas proibido, era *epicamente* proibido, como diria o seu filho Journey. Ultimamente, ele estava em um pontapé *épico*, superando *muito* sua palavra favorita, e usada em demasia. — É por isso que não direi a eles.

— Então... por que você está fazendo isso? — Hades limpou a testa quando o suor começou a pingar. — Quero dizer, eu sempre achei que os *griminions*

deviam ter o poder de matar desde o início. Mas, por que agora?

Normalmente, Azagoth ficaria irritado por ser questionado, mas Hades estava com Azagoth há milhares de anos, e quaisquer que fossem os planos que o destino tivesse para ele, Hades também estava ligado a eles.

Chamas lamberam a tigela, e o líquido dentro, veneno das presas de Satanás, começou a fumar. Azagoth puxou a tigela e cuidadosamente a colocou no altar ao lado de Asrael.

— Você mesmo disse ontem. A merda está ficando estranha. A morte de Bael terá consequências, e eu não confio no Céu.

Ele havia parado de confiar nos anjos há muito tempo, e agora que ele não era mais responsável por fazer Memitim, sua utilidade poderia estar diminuindo na visão deles. Ele precisava ser proativo para proteger a si mesmo, seu reino e sua família.

— Você não matou Bael — apontou Hades. — Cipher fez. Moloc vai querer se vingar dele, não de você.

E isso não era um assunto doloroso? Azagoth queria aquela matança. Ele queria reivindicar a morte e a alma do anjo caído que assassinou vários dos filhos e filhas de Azagoth. Em vez disso, Cipher o matou, e a alma de Bael se fundiu com a de seu irmão gêmeo, Moloc.

— Moloc não quer vingança — disse Azagoth. — Ele quer que eu liberte Satanás da prisão que Revenant

e Reaver o colocaram. — E Moloc faria qualquer coisa para que isso acontecesse.

Hades riu, suas presas brilhando na luz das chamas. — Obviamente, você não fará isso. Então, por que estou aqui?

— Preciso do seu DNA. — Azagoth pegou uma pitada de pó de garra de Soulshredder recém-moído do recipiente que trouxera e jogou na tigela fumegante. Isso sibillou e faiscou, e alguns segundos depois, uma fumaça preta e fedorenta subiu em uma fina gavinha que estalou em Azagoth com pequenos dentes afiados quando ele tentou afastá-la.

— Meu? Por quê?

A gavinha ficou mais longa, sua cabeça rombuda deslizando em direção a Asrael. — Porque o feitiço exige isso.

— Isso exige o meu DNA. — Hades lançou-lhe um olhar plano, cheio de ceticismo. — Especificamente.

— Sim.

Agora o ceticismo de Hades estava praticamente encharcando o chão. — Onde você conseguiu esse feitiço?

A gavinha desapareceu sob o capuz de Asrael. — De uma Orphmage que eu chantageei.

— Viscerog?

— Sim.

Amaldiçoando, Hades esfregou a mão no topo do seu Moicano. — Esse bastardo me odeia.

Azagoth bufou. — Provavelmente foi por isso que

ele disse que eu precisava cortar um pedaço da sua asa com uma faca cega. — Ele olhou para Hades enquanto aproximava a tigela de Asrael. — Ele foi muito específico sobre o fato de que a lâmina deveria ser cega.

— Ele é cheio de merda, você sabe.

— Talvez. — Azagoth não se incomodou em esconder a diversão em sua voz. — Provavelmente. Mas ele me avisou para seguir exatamente a receita. Caso contrário, ele disse que meus *griminions* se tornariam sapos *podres*. Eu definitivamente não quero isso.

Os sons alarmados e estridentes de Asrael deixaram bem claro que ele também não queria isso.

Hades xingou novamente, mas suas asas irromperam de suas costas, derrubando potes das prateleiras e raspando o teto. — Aqui, seu filho da puta. Desmancha prazeres

Azagoth tirou sua amostra com um movimento rápido do pulso.

Hades se livrou da dor enquanto andava pela câmara, pegando potes e conferindo os itens tão poderosos ou secretos que Azagoth armazenou aqui em vez de exibi-los na sala onde ele guardava a maioria dos seus valiosos artefatos.

— Você tem certeza de que não usará seus *griminions* aprimorados para perseguir seus inimigos? — perguntou ele, parando na frente de uma bandeja coberta com um pano de veludo.

Azagoth jogou o pedaço da asa na tigela. — Você acha que eu os usaria como meu próprio exército

privado?

— O pensamento me ocorreu, sim.

Hades estava certo. Era definitivamente algo que ele faria. Os autores do seu contrato com Sheoul-gra foram sábios em proibi-lo. Mas Azagoth não se importava mais com um acordo que ele assinou há milhares de anos. Ele tinha muito a proteger, e armar os *griminions* era mais para salvaguardar o que ele tinha do que qualquer outra coisa. Eles seriam seu firewall, não seus cães de ataque.

— Eles são uma arma defensiva — disse ele. — Não uma ofensiva.

Por enquanto.

— Entendo. — Hades ergueu o pano de veludo e inalou bruscamente ao ver as duas penas embaixo dele, uma branca e dourada, a outra preta e prata. — Droga — sussurrou. — Com estas...

— Com elas, eu poderia derrubar as fundações de Sheoul-gra.

Hades girou, seus olhos brilhando com intensidade. — Ainda estamos falando de armas defensivas aqui? Porque de onde eu estou, parece que você está se preparando para guerra.

— Temos menos de mil anos até que Satanás seja libertado da prisão e comece o Fim dos Dias — ressaltou Azagoth, mas foi uma evasão, e Hades sabia disso.

— Não estou comprando sua besteira — rosnou ele. — Mas, pelo menos me diga que você não vai atrás

de Moloc. E que não fará nada estúpido, como destruir Sheoul-gra ou tentar assassinar o Reaver.

— Sheoul-gra está seguro — assegurou Azagoth.
— Como está Moloc. Por enquanto. E Reaver é um idiota, mas ele é um dos idiotas mais poderosos de todos os reinos.

Reaver também foi o único anjo de alto escalão a comandar uma medida de respeito de Azagoth. O caminho do cara de anjo para um anjo caído, depois de volta para anjo, e finalmente para Radiante, lhe dera uma visão única da maneira como todos os reinos funcionavam. Ele provou ser imune à corrupção, desinteressado em política, e disposto a quebrar as regras quando necessário.

Hades estudou Azagoth por um instante, sua expressão estranhamente séria. — Você tem uma companheira e uma boa vida agora, Azagoth. Eu também. — Suas palavras eram medidas, faladas com cuidado e, no entanto... havia uma nota de aviso passando por elas. Ele era um homem protegendo o que era dele. Mas Azagoth também. — Eu... espero que continue assim.

— Eu também — disse Azagoth gravemente. — E é por isso que estou fazendo isso. Qual é aquela pérola de sabedoria humana? Esperar o melhor, mas preparar-se para o pior? Bem, estou me preparando.

De repente, o fogo eterno do inferno explodiu, e Asrael gritou um som estridente e doloroso que, apenas alguns minutos atrás, teria feito Azagoth se sentir mal.

Mas o fogo eterno do inferno já havia feito seu trabalho, ferindo sua empatia e enchendo-o do tipo de mal que se satisfazia com a dor.

Ele odiava que isso fosse bom. Que isso o fizesse querer mais. Que isso o fez querer entrar nas chamas para ampliar a sensação em um milhão de vezes.

Lilliana. Pense em Lilliana.

Sim.

Essa foi fácil. Tão fácil. Porque, no final das contas, o amor de Lilliana parecia ainda melhor do que isso.

CAPÍTULO 2

Se um anjo tivesse dito a Lilliana há apenas dez anos que um dia ela estaria vivendo em uma subdivisão de luxo do Inferno e estaria grávida do bebê do Grim Reaper, ela teria dito a eles onde enfiar sua auréola.

E, no entanto, aqui estava. A duas semanas de dar à luz e espiando uma fonte fluindo com sangue quando ela chegou a Sheoul-gra, como o equivalente a uma noiva por correspondência.

Ou um sacrifício virgem.

Quando Lilliana chegou aqui, de olhos arregalados e aterrorizada, o reino que Azagoth criou era um lugar árido, frio e morto que espelhava seu coração. O mal havia corrompido o antigo anjo, torcendo-o em um animal. Ele era um demônio usando o rosto e o corpo de um deus.

Mas com a sua ajuda e amor, o coração de Azagoth começou a bater novamente e, como resultado, seu reino floresceu em uma terra de vida, cheia de animais, plantas e anjos não caídos que procuravam refúgio dos horrores de Sheoul.

Havia também Memitim aqui, dezenas deles, filhos de Azagoth e inúmeros anjos.

Anjos que não eram Lilliana.

Ela havia superado esse fato há algum tempo, principalmente porque entendia que fazer todos aqueles Memitim, uma classe especial de anjos da guarda terrestres que precisavam ganhar suas asas, foi o dever de Azagoth por milhares de anos.

Também ajudou que ele desprezasse as fêmeas, e elas geralmente sentiam o mesmo por ele.

A maioria dos filhos e filhas adultos de Azagoth já havia ganhado o seu caminho para o Céu, mas aqueles que viviam no reino humano ou aqui em Sheoul-gra ainda serviam ativamente a humanidade como protetores daqueles que deveriam desempenhar papéis cruciais no futuro do mundo. E, recentemente, ele trouxe todas as crianças mais novas dos cuidados dos seus pais adotivos – e completamente desinformados – humanos. Os jovens, com idades entre oito e vinte anos, infundiram ainda mais energia no reino.

Energia que seria boa para o filho ou filha de Lilliana.

Ela afundou desajeitadamente em um banco ao longo do caminho sinuoso que levava aos campos de treinamento Memitim e suspirou quando sua guarda-costas correu para ajudá-la.

— Não estou inválida, Jasmine.

Jasmine, uma Memitim de quatrocentos anos com a mais linda pele cor de mel e olhos dourados que Lilliana já viu, sorriu. — Eu sei. Mas você está tão...

desajeitada.

Como seu pai, Jasmine sempre dizia exatamente o que pensava. Era charmoso e irritante. Lilliania gostava dela, apesar de sua mãe ser uma vadia de rosto vulgar. Lilli ficou realmente feliz quando Jasmine foi designada como a guarda de hoje.

Ela só queria não precisar de um guarda-costas.

Mas entendeu a preocupação de Azagoth. Um inimigo poderoso estava mirando os mais próximos dele, chegando tão perto, de fato, que assassinaram um dos seus filhos *dentro de* Sheoul-gra. Azagoth havia expurgado seu reino de todos, menos de sua prole e alguns anjos caídos de confiança que o serviam, mas ainda não estava disposto a arriscar. Ele estava tão desesperado para mantê-la segura que até ficou feliz com seu novo cão do inferno de estimação.

Ela procurou a fera, mas Malévola foi caçar no início do dia, e poderia levar horas até voltar.

Jasmine graciosamente se sentou ao lado dela. — Como você engravidou? Ouvi dizer que não foi planejado. Mas Azagoth não deveria ser capaz de ligar e desligar sua fertilidade?

Sim, ela dizia exatamente o que pensava.

Cansada demais para repreender Jasmine por ser grosseira, ela olhou para as árvores de folhas cerosas que ladeavam o caminho e se maravilhou com a sua capacidade de sobreviver aqui sem a luz solar real.

— Ele pode — disse ela quando uma pomba pousou em um galho próximo. — Muitos anjos podem.

Mas é algo consciente e, às vezes, o destino intervém.

Jasmine deu um bufo desdenhoso. — Você é mesmo um anjo.

— Odeio te contar isso — disse Lilliana —, mas você também é.

— Não como você. Você ainda tem suas asas. — Jasmine se deslocou para dar espaço para a bolsa sobre o seu ombro. — Quero dizer, você tem essa coisa de boazinha, de que tudo acontece por uma razão. Tudo o que estou dizendo é que talvez o bebê não seja um produto do destino, de planejamento, ou o que quer que seja, mas seja apenas o resultado de você e Azagoth se empolgarem. É meio romântico, sabia?

Azagoth tinha uma surpreendente raia romântica, mas essa criança definitivamente não foi o resultado disso. Não, Lilliana se lembrou dos eventos que levaram à concepção, e foi devasso, quente e... caramba, ela estava pronta para outra noite como aquela.

— Claro — disse ela. — Romântico.

Jasmine soltou um suspiro sonhador. — Mal posso esperar para fazer sexo com alguém além de mim. Quero dizer, eu sei que Hawkyn conseguiu que o Conselho de Memitim afrouxasse as estúpidas restrições à fornicção, mas passei tanto tempo sem, sabe? É melhor continuar desfrutando da minha coleção de brinquedos movidos a bateria até encontrar o *cara certo*.

Ela colocou a bolsa de Lilliana cheia de lanches, um iPad, alguns livros e seu telefone ao lado dela.

Lilliana não tinha permissão para carregar sequer uma bolsa. Ordens de Azagoth, é claro. E como a maioria dos Memitim estava mais assustada com ele do que com ela, ela não conseguia que eles o desobedecessem. Ela tentou.

— Obrigada pela imagem gráfica — disse Lilliana.
— Você sabe se Cat incluiu guloseimas para Malévola?

Os lábios de Jasmine se curvaram em desgosto, revelando presas delicadas. — Não acredito que o Pai deixe você ficar com aquele vira-lata imundo.

— Seu pai não me *deixa* fazer nada. — Lilliana olhou dentro da bolsa em busca de guloseimas. Parecia que Mal ficaria decepcionada. — E Malévola não é imunda nem vira-lata.

— Bem, ela é uma idiota — murmurou Jasmine.

Rindo, Lilliana puxou uma garrafa de água da bolsa. — Ela é.

Os cães do inferno odiavam todo mundo, especialmente os anjos. Eles eram mal-humorados, cruéis e babavam muito. Mas, de alguma forma, Malévola formou uma amizade com Lilliana durante os meses em que ela ficou com o Cavaleiro do Apocalipse conhecido como Guerra, e sua companheira encantadora de cães do inferno, Cara.

Infelizmente, os sentimentos de Malévola em relação à Lilliana não se estenderam a Azagoth. Na noite passada, ela os encontrou se encarando no pátio, rosnando um para o outro.

No momento em que Lilliana estalou, — Parem

com isso, vocês dois — Mal desapareceu.

E Azagoth rosnou: — Ela mordeu minha bunda.

Ele provavelmente merecera isso.

E... falando do demônio diabolicamente bonito, Azagoth apareceu no topo do caminho. Seus brilhantes olhos esmeralda a prenderam como um predador que se aproximava da presa. Pilares majestosos e estátuas imponentes se alinhavam na passarela, mas Azagoth fazia com que todos parecessem pequenos e insignificantes enquanto caminhava em sua direção, seu corpo magro e poderoso se movendo com uma graça impossível.

Ela estremeceu quando seu corpo reagiu com calor, e uma dor baixa e profunda se tornou conhecida ao ver seu companheiro.

Então o bebê chutou, lembrando-a de que ela estava sob ordens médicas para evitar atividades extenuantes... e o sexo com Azagoth estava definitivamente no lado ativo e extenuante.

Isso. Era. Fabuloso.

Azagoth parou perto do banco. — Obrigado, Jasmine — disse ele, o rico barítono de sua voz fluindo através de Lilliana como mel quente. — Tire o resto do dia de folga. Eu cuido daqui.

Jasmine o reconheceu com um aceno de cabeça, acenou para Lilliana e disparou em direção aos dormitórios, cheia de atitude com jeans skinny e salto alto cor de rosa.

— Pensei que você estaria ocupado julgando

almas a tarde toda. — Lilliana deu um tapinha no banco. — Sente-se.

Ele afundou ao lado dela, seu cheiro de uísque envelhecido misturado com um pouco de enxofre esfumado hoje. — Terminei cedo e me encontrei com Hades na Câmara de Gênesis.

Ela tentou não demonstrar a sua preocupação. Sua *grande* preocupação. — Você fez aquilo de que falou? — Na pausa de Azagoth, um calafrio percorreu sua espinha. — Você fez, não fez?

— Atualizei os *griminions* e dei-lhes o poder de matar — reconheceu.

Um nó se formou em seu intestino. Azagoth não violaria a cláusula de *griminion* do seu contrato por capricho, mas ainda esperava que ele mudasse de ideia.

— E se o Céu descobrir? — perguntou ela, seu estômago deixando escapar um estrondo alto, apesar de estar perturbada pelo anúncio casual do seu companheiro.

— Eles não vão — assegurou a ela enquanto pegava a bolsa. — Só fiz isso por precaução. Contanto que eu não ordene aos *griminions* que matem, não há nada com o que se preocupar. Ele arrancou um cupcake de bolo de cenoura de um dos recipientes. — Você precisa comer. — Ele olhou para a guloseima, a parte superior coberta com glacê de cream cheese. — E isto parece saudável. Mais ou menos.

— Somos imortais — apontou ela. — Saudável é irrelevante.

— Aquele médico demônio diz o contrário.

Aquele médico demoníaco era Eidolon, chefe do Underworld General Hospital, e ele já havia prometido estar lá se Lilliana precisasse dele para o nascimento. Ela não estava certa no começo, mas ele fez o parto do bebê de Cara, bem como dos filhos dos outros dois Cavaleiros e da filha de Azagoth, Idess. Caramba, ele, seus irmãos e seus colegas do UG trataram e/ou salvaram a vida de inúmeras pessoas no círculo de Azagoth e Lilliana.

O fato de terem um círculo a fez sorrir. Embora a separação de Azagoth tenha sido difícil para os dois, eles ganharam muito mais do que perderam. Incluindo amigos.

Infelizmente, como parte do seu acordo com o Céu, ela não podia deixar Sheoul-gra para vê-los. Apenas a interferência de Reaver permitiu que ela ficasse temporariamente com Cara, e ele foi claro que, depois que o bebê nascesse, ela não podia sair novamente, exceto pelas permissões diárias de uma hora de viagem no tempo.

— Eidolon me disse que algumas espécies de imortais têm requisitos alimentares rigorosos para mantê-los saudáveis — disse ela. — O resto de nós poderia sobreviver apenas com banha de porco, se quiséssemos.

— Vou me lembrar da próxima vez que pedir que uma bandeja de lanches seja entregue para você. — Ele empurrou o cupcake para ela.

Ela o pegou com um suspiro. — Querido, eu tenho comido tanto ultimamente que estou prestes a estourar. As pessoas continuam me trazendo comida de engorda. Exceto Juliana. Ela trouxe frutas. Quem dá fruta para uma garota grávida? Comi uma maçã para ser legal, mas eu realmente queria mais do bolo de chocolate que Suzanne fez. Ou o petit fours que Maddox trouxe. E Emerico trouxe chocolates belgas da mesma loja em Bruges, onde Jasmine pegou os chocolates que ela me deu.

Isso foi uma surpresa. Ela nem sempre teve boas relações com Emerico. Ela teve uma relação tensa com vários dos filhos adultos de Azagoth, na verdade. Eles eram tão complexos. Filhos tanto do bem quanto do mal, os únicos anjos que precisavam ganhar as suas asas, eles tinham muitos ressentimentos. E nenhum deles, exceto Suzanne, cresceu em lares estáveis e amorosos.

Depois de saberem a verdade sobre a sua existência, eles foram levados para centros de treinamento, onde passaram décadas treinando para combater demônios e aprender a cuidar dos seus Primori. Também aprenderam a temer e a desprezar o pai, e por boas razões.

Ele costumava ser um verdadeiro bastardo.

Ele se aproximou, mesmo que muitos de seus filhos não tivessem. Ainda assim, alguns deles, como Jasmine e Emerico, estavam se esforçando.

— Oh — acrescentou ela —, espero que Jedda

traga mais daqueles divinos cogumelos gelatinosos que ela contrabandeou para fora do reino dos elfos.

Ugh, todos os seus murmúrios a deixaram faminta.

— Limos também não trouxe doces ontem? É irônico que o Cavaleiro conhecido como Fome tenha trazido comida para você? — Azagoth vasculhou a bolsa, e ocorreu-lhe que ela amava momentos como esse com ele. Eles eram apenas duas pessoas normais no seu momento mais feliz, simplesmente... curtindo a vida. — E o que é isso? Pipoca caramelizada? Por que as pessoas pensam que todas as mulheres grávidas apenas querem comida?

Rindo, e apesar de seus protestos, Lilliana desembulhou o cupcake como se não comesse há dias. — Porque é verdade.

— Você não acabou de dizer que vai estourar?

Ela assentiu, porque era tudo que podia fazer com a boca cheia.

Sorrindo, ele limpou um pouco de glacê do lábio inferior dela. O simples toque do seu dedo a fez desejar por mais. Mais dedos dele... em mais lugares.

Ele poderia pegar uma colher de glacê e pintá-lo ao longo do decote em V da blusa dela, usando o toque dele para adoçar a sua pele para o golpe da língua dele...

Depois que o bebê nascer.

— Droga — suspirou.

— Droga, o quê?

— Nada. Estou tão pronta para ter esse bebê.

— Eu também. — Ficando de pé, ele pegou a bolsa dela com uma mão e estendeu a outra para ela. — Tenho uma surpresa para você.

— Aonde vamos? — Ela o deixou ajudá-la a se levantar, o que a poupou do constrangimento de tentar sair do banco estupidamente baixo. — Porque tenho que ser honesta, o único lugar para onde eu quero ir é para o trabalho de parto.

Ele riu e os joelhos dela enfraqueceram. Ele era tão malditamente bonito, e seus raros momentos de diversão genuína o tornavam muito mais delicioso. Como um cupcake de cenoura com cobertura extra.

Oh, como ela sentiu falta disso quando esteve fora todos aqueles meses.

— Eu te disse — disse ele enquanto a conduzia pelo caminho em direção ao prédio que abrigava o centro da comunidade Memitim. — É uma surpresa.

À medida que se aproximavam, o som do riso e o zumbido de vozes ficaram mais altos.

— O que está acontecendo?

Ele levantou uma sobrancelha escura. — Você não entende o conceito de surpresa, está?

— Sêrio? — Ela beliscou a bunda dele de brincadeira, adorando como o Sr. Frio e Controlado pulava. — Veja? Entendi. — Uma onda de náusea surgiu do nada e ela cambaleou. O braço de Azagoth disparou para segurá-la. — Está tudo bem — assegurou, engolindo em seco até a sensação passar. — Às vezes fico tonta.

— Eu não gosto disso. Talvez devêssemos ligar para Eidolon.

Ela o ignorou. Ele ligaria para Eidolon por causa de um arrote. — Basta abrir a porta.

Ele abriu a porta e um coro de *Parabéns* se derramou pela entrada. Dezenas de Memitim e anjos caídos vestidos com as suas melhores roupas de festa os cercaram com as mãos cheias de comida e bebida. Música pop tocava nos alto-falantes de ambos os lados de uma mesa abarrotada com bolo, uma fonte de chocolate e presentes elegantemente embrulhados. Balões dourados, verdes, prateados e serpentinas no tradicional esquema de cores das celebrações de nascimento celestial decoravam todos os espaços disponíveis.

Oprimida pelo amor e pela felicidade, ela passou o braço em volta da cintura de Azagoth e segurou firme. Não era o que esperava da vida no mundo subterrâneo.

Isso era muito melhor.

CAPÍTULO 3

Lilliana acordou com alguém sapateando em sua bexiga.

Gemendo, ela rolou e esbarrou em Azagoth. Agradavelmente surpresa por ele ainda estar na cama, ela ignorou a sua necessidade de fazer xixi e se enrolou nele.

Ela sentiu muita falta disso enquanto esteve fora.

— Bom dia — murmurou ele, sua voz rouca ainda mais grave do que o habitual.

— Bom dia. — Ela se aconchegou no ombro dele. — Estou surpresa que você não esteja trabalhando.

Ele bocejou. — Você me desgastou ontem à noite.

Sorrindo contra a pele dele, ela arrastou os dedos ao longo dos cumes e vales profundos do seu abdômen.

— Eu queria te mostrar o quanto eu estava agradecida por você ter organizado um chá de bebê para mim. — E ela fez isso sem ficar *muito* ativa. Eidolon não podia censurá-la por um *único* orgasmo, certo?

— Mmm. — Ele deu um beijo no cabelo dela. — Você deve ter ficado *muito* agradecida.

Ela deslizou a mão sob o lençol e serpenteou até a curva do quadril dele. Ela podia estar em uma

gravidez de um milhão de meses, mas seu desejo sexual não se importa nem um pouco.

— Ainda estou agradecida.

Ele assobiou quando os nós dos dedos dela roçaram o seu eixo. — Não estou reclamando.

Realmente foi gentil da parte dele reunir os habitantes de Sheoul-gra para uma grande celebração de comida, bebida e jogos nas tradições de pessoas das culturas humana, demoníaca e angélica. Ela sofreu mais dois surtos de náuseas intensas e algumas câibras, mas passaram rapidamente. O que não passou foi a preocupação de Azagoth.

Provavelmente era por isso que ele ainda estava na cama com ela.

Era fofo o jeito que ele pairava. Irritante às vezes, mas fofo.

— Eu só quero que você saiba que você é minha vida — disse ele. — Sem você, eu sou um monstro.

— E o que você é *comigo*?

Ele lhe deu um raro sorriso de menino, ainda mais brincalhão devido ao seu cabelo de quem acabou de acordar. — Um monstro *feliz*.

— Estou muito feliz com o feliz. — Ela esfregou os olhos e bocejou.

— As coisas estão bem, Lil — disse ele. — Nunca pensei muito em ser um parceiro, muito menos em ser um pai, mas quero fazer essas coisas com você. — Ele colocou a mão na barriga dela e sorriu com admiração. — Este será meu primeiro filho nascido sem um futuro

predeterminado. Ele ou ela pode ser qualquer coisa. Fazer qualquer coisa.

— Incrível, não é? — Ela se apoiou em um cotovelo e se inclinou para beijar seu peito. Ela beijou cada centímetro dele na noite passada. Talvez lambesse cada centímetro dele esta manhã. — E nosso bebê nascerá de pais que se amam.

Determinada a mostrar o quanto o amava, ela beijou seu caminho mais para baixo. Os lábios dela sussurraram sobre o mamilo dele, mas antes que pudesse prová-lo, uma câibra apertou-lhe as entranhas. Ela respirou fundo, com a mão na barriga.

— O que foi? — Azagoth se levantou, sua expressão sombria de preocupação. — É o bebê?

Um calor feroz cresceu sob a superfície da sua pele enquanto seu abdômen se retesava. — Eu acho que pode ser Braxton Hicks⁽¹⁾ — disse ela entre respirações ofegantes.

— O quê?

— Cara as tinha. — Fechando os olhos para impedir que o quarto girasse, ela recostou-se no travesseiro. — Elas são como contrações de treinamento.

Ela não se lembrava de Cara reclamando sobre ficar quente e suando baldes, no entanto. Outra câibra a atravessou, e ela gemeu. Cara *havia* dito que eram dolorosas, como se alguém estivesse apertando seus intestinos.

Isto era mais como se alguém estivesse passando

uma lâmina em brasa através deles.

— Você está branca como um fantasma, Lilli.

Algo está errado.

Não, nada estava errado. Ela estava sendo paranoica.

Azagoth apoiou a palma da mão na testa dela, testando sua temperatura. — Essas coisas de Hicks deveriam ser assim?

Ela ouviu o pânico na voz dele, mas não nas palavras. Seus ouvidos zumbiam. Sua cabeça latejava. E, de repente, uma onda de agonia a envolveu e apertou tanto que ela gritou. Vagamente, ela ouviu Azagoth gritar seu nome enquanto um jorro quente se espalhava entre suas coxas.

— Lilliana? Lilliana! — A voz dele entrou e saiu quando o quarto começou a se inclinar. Houve gritos. Mais dor. Os pensamentos dela se fragmentaram.

E então, finalmente... nada.

— *Zhubaal!*

O terror tomou conta de Azagoth enquanto ele gritava por seu tenente, um dos poucos anjos caídos em quem confiava com a vida dele e da sua companheira. Nu e sem se importar com isso, ele abriu a porta do quarto e gritou novamente. Havia tanto sangue... tanto.

— Zhubaal! Ligue para a Idess. Preciso de um médico. Agora!

Z estava correndo pelo longo e escuro corredor em direção ao quarto, mas ele derrapou até parar enquanto tirava o telefone do bolso da calça jeans.

— E traga Cat — acrescentou Azagoth. Cat era a melhor amiga de Lilli em Sheoul-gra. E o mais importante, ela era fêmea. Certamente, uma mulher saberia o que fazer. Elas tinham instintos e outras coisas. Certo?

Lilliana gritou e ele correu para ela, com o coração subindo pela garganta.

Pelo menos ela está consciente.

Ele disse a si mesmo que isso era um bom sinal.

Mas a realidade, como o sangue acumulado no colchão embaixo dela, encharcando sua camisola branca de maternidade, dizia algo diferente.

— O que há de errado comigo? — sussurrou ela, seu olhar âmbar vítreo, reflexos de dor e medo brilhando na superfície.

Ele pegou seu corpo flácido nos braços e aconchegou a cabeça dela contra o seu peito, acalmando-a da única maneira que ele sabia.

— Tenho certeza de que não é nada — disse ele com confiança que não sentia. — Mas um médico está a caminho. — Azagoth esperava que Idess conseguisse Eidolon, mas a essa altura ele aceitaria quase qualquer curandeiro.

Ele retirou isso. O Céu se ofereceu para enviar uma equipe para ajudar no parto, mas ele não confiava em nenhum deles. Anjos eram o último recurso.

Lilliana olhou para ele, a sua expressão pálida cheia de confiança, e seu coração se inchou de amor e se partiu de terror. Gentilmente, ele acariciou seus

cabelos castanhos, alarmado com a sensação de fragilidade. Algo estava muito, muito errado.

— Eu me sinto tonta — sussurrou ela. — Estou sangrando?

— Um pouco — disse ele, totalmente à vontade com a mentira, embora tivesse jurado ser honesto com ela. Ela não precisava do estresse de saber que havia perdido sangue suficiente para matar um humano. — Você pode sentir o bebê?

Ela engoliu em seco. — Não.

Fechando os olhos, ele alcançou com sua mente. Ele se conectou com o bebê quando Lilliana voltou. Ouviu... não, *sentiu*... a criança chamá-lo de *pai*. Todas as noites desde então, ele acordou com uma sensação pacífica de consciência de que o bebê o tocava. Não fisicamente, mas mentalmente.

Agora que Lilliana estava em casa, pela primeira vez em sua vida, ele estava ansioso para dormir.

Ei, Baby Grim. Você está aí?

Ele não esperava uma resposta, mas ainda assim foi decepcionante que não houvesse nada.

O som de passos ecoou pelo corredor, e um momento depois, Eidolon, Idess e Cat entraram de repente. Dois dos filhos de Azagoth, Journey e Emerico, os acompanharam, mas permaneceram na entrada da porta como sentinelas silenciosas e preocupadas.

Eidolon avançou, seu estetoscópio banhado a ouro pendurado sobre uma blusa preta bordada com o caduceu especializado do Underworld General no bolso.

Azagoth nunca encontrou o infame incubus pessoalmente, mas ele era exatamente o que Azagoth esperava: alto, sombriamente bonito e atlético. Ferramentas de ofício para um demônio sexual.

— O que está acontecendo? — perguntou ele, sua voz jorrando com confiança e profissionalismo enquanto jogava uma mochila médica na ponta da cama. Azagoth não sabia se estava aliviado ou chateado que o cara estivesse mantendo a compostura quando Azagoth estava prestes a perdê-la.

— Ela desmaiou — disse Azagoth enquanto gentilmente movia Lilliana do seu colo para o colchão e um travesseiro, com cuidado para evitar o sangue o máximo possível. — Ela estava bem, e então ela... — Ele parou, incapaz de expressar o óbvio.

— Dói — gemeu Lilliana. — Dói tanto.

Eidolon colocou a luva e agarrou o pulso de Lilliana. A manga de glifos em seu braço, a que os demônios Seminus chamavam de *dermoire*, iluminou-se enquanto canalizava energia para Lilli. Todo instinto protetor que Azagoth gritou para ele fazer Eidolon parar, mas ele disse a si mesmo que este não era um demônio aleatório canalizando merda para dentro dela. Os demônios Seminus possuíam a capacidade de curar o corpo e a mente.

É claro que os mesmos dons que poderiam curar também poderiam matar. Era o que tornava os Sems tão letais quanto eles eram cheios de tesão.

— Quando isso começou? — perguntou Eidolon.

Ela engoliu em seco, sua garganta trabalhando por muito tempo, Azagoth pegou o copo de água que ela mantinha ao lado da cama. Eidolon balançou a cabeça.

— Estou enjoada há alguns dias — disse ela entre respirações ofegantes. — Quero dizer, tive episódios durante toda a minha gravidez, mas piorou alguns dias atrás.

Azagoth congelou enquanto colocava o seu roupão. — Você mentiu para mim?

— Eu te disse que não era nada, e não achei que fosse — retrucou com tanta força que levantou o espírito de Azagoth. — E *you* mentiu sobre eu perder sangue, então você possa engolir a sua indignação.

Ele riu apesar da situação. Lilliana nunca suportava as merdas dele, e ele amava isso nela.

Eidolon ajustou seu aperto no pulso dela. — E a dor?

— Começou logo depois que eu acordei esta manhã. — Ela estremeceu e gritou, e outro jorro de sangue se acumulou nos lençóis.

— Droga, Doc — latiu Azagoth. — Faça alguma coisa!

O *dermoire* de Eidolon ficou mais brilhante e sua expressão tornou-se mais sombria. — Isso não deveria estar acontecendo. Não há razão para isso.

— Não há razão para o quê? — As mãos de Azagoth se fecharam em punhos nos lados do seu corpo enquanto lutava para controlar o seu pânico. — Porra, fale comigo.

Se a aspereza de Azagoth irritou o médico, ele não demonstrou, e o respeito de Azagoth por ele aumentou um pouco. — Ela precisa ir para o hospital.

— De jeito nenhum — rosnou Azagoth.

— Reaver nos garantiu que se ela precisasse ir, ela poderia. Ficará tudo bem.

Anjos, exceto Memitim e Reaver, não conseguiam pisar no Underworld General, mas a mudança de Lilliana para Sheoul-gra praticamente destruíra seu status de anjo, sujando suas asas apenas o suficiente para que ela pudesse ir temporariamente a lugares que a maioria dos anjos não podia.

Mas essa não era a preocupação de Azagoth.

— Eu disse que não. O que quer que precise acontecer, pode acontecer aqui. Ninguém vai tirá-la de mim novamente.

Eidolon se levantou, seu olhar firme e escuro segurando o de Azagoth. — Vou ser franco, porque acho que não temos muito tempo. Você quer perder o bebê?

As palavras do médico foram um soco no estômago. Azagoth queria destruir o desgraçado por sequer ter feito a pergunta. Queria gritar de frustração por isso estar acontecendo. Obviamente, ele não queria perder o bebê, mas tinha pavor de permitir que Lilliana sáísse. Ir a um lugar cheio de estranhos e demônios e quem diabos sabia o que mais.

Ele havia acabado de tê-la de volta.

— Pai. — Idess colocou a mão esbelta no seu antebraço em um apelo gentil. — Ela terá os melhores

cuidados do mundo. Eu prometo.

— Eu tenho inimigos — insistiu ele. — Ela estará exposta. Em perigo.

— Meu hospital está protegido por um feitiço antiviolência — disse Eidolon em uma voz suave que não deveria ter funcionado em Azagoth, mas funcionou. — Ninguém pode piscar para dentro ou para fora. Posso designar guardas ou você pode enviar os seus. Ela estará segura dentro das paredes do UG. Você tem a minha palavra.

Journey deu um passo à frente, as botas batendo no chão como ribombar de um trovão. Vou acompanhá-la como guarda-costas. Juro que ninguém a tocará.

— Eu também irei — ofereceu Emerico.

— Por favor, querido — resmungou Lillian. — Ficará tudo bem.

Ele queria acreditar nisso. Estava desesperado para acreditar nisso. Mas mesmo quando assentiu, ele sentiu um aperto no estômago.

Nada disso estava bem.

Mas perder o bebê não era uma opção.

— Faça — disse ele bruscamente, pegando o olhar do médico. — E se você devolver a minha companheira e o meu filho para mim, eu ficarei em dívida contigo que nunca poderei pagar.

Eidolon lançou-lhe um olhar perspicaz enquanto recolhia a sua mochila. — Você pode esperar que eu cobre. Meu hospital não funciona apenas com boa vontade.

O pulso de Azagoth disparou enquanto observava Journey gentilmente pegar Lilliana nos braços. Ela sorriu fracamente e capturou a mão de Azagoth antes que eles saíssem pela porta.

— Eu te amo — sussurrou ela.

Azagoth ainda não estava confortável com a emoção, então sua voz se quebrou um pouco quando sussurrou: — Eu também te amo. — De alguma forma, ele reuniu forças para soltá-la para que eles pudessem ir, mas não antes de agarrar Eidolon pelo cotovelo. — Lembre-se, doutor, um dia sua alma será minha.

A mão de Idess pousou levemente no ombro de Azagoth. — Ameaças não são necessárias, Pai.

— Estou acostumado com isso — murmurou Eidolon. — Ele não é o primeiro companheiro psicoticamente superprotetor com quem eu lidei. — O médico parou na porta e virou para Azagoth. — Lilliana terá o melhor atendimento em todos os reinos. Você tomou a decisão certa.

Azagoth não estava certo disso, mas assentiu de qualquer maneira.

E então, no momento em que a porta se fechou, ele caiu de joelhos e gritou.

CAPÍTULO 4

Eidolon não perdeu tempo em levar Lilliana ao hospital. Ele saiu do Harrowgate, seguido por Emerico, Idess e Journey, Lilliana envolta nos braços do Memitim.

— Por aqui — gritou ele, levando-os à sala de exames mais próxima. A equipe do hospital se afastou do caminho enquanto corriam.

— Tudo ficará bem — assegurou Journey a Lilliana enquanto a colocava cuidadosamente na mesa de exame.

Eidolon esperava que o Memitim fosse psíquico. Eidolon tratou muitos pacientes poderosos e do topo da cadeia alimentar e seus entes queridos, mas Azagoth estava em uma categoria própria. O alcance do Grim Reaper era extenso o suficiente no mundo físico, mas o fato de ir além disso, além do túmulo, significava que não havia como escapar da sua ira. Mesmo que demorasse milhares de anos, ele acabaria pregando sua bunda na parede.

Literalmente e por toda a eternidade.

Deixando de lado esses pensamentos perturbadores, Eidolon disse aos rapazes Memitim que esperassem do lado de fora. Enquanto pegava um kit

intravenoso de um armário, ele chamou um médico assistente, um jovem vampiro arrogante chamado Drake, com cabelos espetados de púrpura e prata.

— Eu preciso da BlaspHEME nisso.

Como um anjo que ainda não conseguiu suas asas, ela foi capaz de administrar a clínica do UG em Londres. Ela seria inestimável nesta situação com Lilliana.

Os lábios de Drake, pintados com batom preto, mergulharam em uma careta. — A Dra. BlaspHEME não apareceu para o trabalho hoje.

— Como assim ela não apareceu? — Eidolon entregou os suprimentos a Meesa, uma nova enfermeira do UG. Ela deixou o seu emprego no John Hopkins depois de vinte anos, após um infeliz incidente em que uma colega de trabalho a viu se transformar em um leão. — Ela tirou o dia de folga?

— Não senhor. Ela não aparece há dois dias e ninguém consegue contatá-la. É a conversa do hospital.

— E só estou ouvindo sobre isso agora... por quê?

— A clínica tentou ligar para você — disse Meesa —, mas você não atendeu.

Merda, sim. Ele desligou o telefone enquanto estava em Sheoul-gra. — Ok, vamos lidar com isso mais tarde. Chame a Gem. — Ele fez uma pausa. — E ligue para Shade se ele não estiver em uma ambulância. Se não conseguirmos ele, precisamos iniciar uma transfusão.

O irmão de Eidolon, Shade, era um paramédico e tinha a capacidade de manipular as funções corporais. Um pouco do suco dele poderia manter o batimento cardíaco, a respiração pulmonar e a formação de células sanguíneas.

Lilliana gemeu. — Acho que vou vomitar.

Meesa correu e pegou uma bacia enquanto Eidolon ajudava a rolar Lilliana de lado.

— Drake, preciso de análises. Teste para tudo e diga a eles que essa é a prioridade número um. — Invocando seu poder, ele canalizou a energia através dos símbolos brilhantes de seu *dermoire* e a enviou para o corpo de Lilliana.

Ao seu redor, os sons de um hospital, os bipes de equipamentos, os gemidos de dor, o vômito de uma mulher grávida, desapareceram quando Eidolon começou a *ver* dentro de Lilliana.

E foi perturbador.

Tocar anjos sempre deram a Eidolon um caso de arrepios, mas, como uma moradora de Sheoul-gra e companheira de Azagoth, Lilliana não afetou os sentidos de Eidolon tão intensamente quanto teria se suas asas não estivessem *sujas*. Mas não era seu status Celestial atualmente socando Eidolon com um punho frio de pavor. Era a sombra cambiante e ondulante da escuridão que envolvia seu ventre e a base de cada asa.

— Doutor. — A urgência na voz de Drake o assustou, e ele olhou para a corrente de sangue que fluía sobre a mesa.

Merda. Ele mergulhou de volta em Lilliana com seu dom, mas não penetrou na camada de escuridão.

— Não consigo chegar ao útero ou ao bebê. — Ele amaldiçoou. — Isso não é natural. Não é uma doença conhecida, mas também não está agindo como uma toxina. Parece mais como uma infecção. Ou um vírus.

Um vírus.

Ele se virou e apertou o botão de chamada. — Traga Sin aqui. Depressa!

A irmã de Eidolon, Sin, era a única demônio fêmea Seminus na existência e uma vez causou uma praga que ameaçou colocar os lobisomens na Lista de Espécies Ameaçadas de Extinção. Desde então, ela dedicou muito do seu tempo para aprender tudo o que podia sobre como os vírus trabalhavam para que ela pudesse usar o seu dom único para criar curas... ou fazer vírus muito, muito letais.

Sua irmã era uma superpraga ambulante.

Shade entrou no quarto com seu uniforme de paramédico, uma xícara fumegante de café na mão. — O que está acontecendo?

— Ela precisa de sangue — disse Eidolon. — Rápido.

Shade jogou o café no lixo e segurou o pulso de Lilliana antes que a xícara chegasse ao fundo da lixeira.

— Eu sou Shade — disse a ela, falando no tom gentil e confiante que o ajudou a ser um ótimo médico. — Qual o seu nome?

— Lilliana — sussurrou ela.

— Lilliana é a companheira de Azagoth — acrescentou Eidolon, demorando apenas um segundo para apreciar o modo como a mão de Shade se mexeu um pouco.

— *Sério?* — murmurou ele, e Eidolon assentiu. — *Porra, sinos do inferno.*

Eidolon não podia concordar mais.

Uma comoção no pronto-socorro sinalizou a chegada de Sin, e ela entrou na sala. — Ouvi dizer que você está tratando a companheira do Grim Reaper. E ela está grávida? Puta merda.

Sin foi tão discreta e delicada como sempre. — Lilliana — disse Eidolon, em seguida, gesticulou para a sua irmã. — Esta é Sin. Eu a consulto de tempos em tempos. Sua boca não tem filtro, mas ela é a melhor no que faz.

Lilliana assentiu fracamente e fechou os olhos. Shade provavelmente estava reduzindo sua náusea e relaxando seu sistema. O que Eidolon não daria por mais uma dúzia de Shades no hospital.

Ele se virou para Sin. — Há algo dentro dela que não consigo identificar. Seja o que for, está causando uma situação perigosa para o bebê.

— Ela ainda está perdendo muito sangue — disse Shade em voz baixa. — Ela é candidata a uma cesariana?

Eidolon balançou a cabeça. — Ela é um anjo, lembra?

Ele aprendeu da maneira mais difícil que era

perigoso para os demônios tentarem cortar um anjo, quanto mais uma grávida do bebê de outro ser poderoso.

— Oh, sim — murmurou Shade. — Estranho que ela não se sente como um.

— É isso que a corrupção de Sheoul-gra fará com você — anunciou Drake, dando um tímido encolher de ombros quando todo mundo olhou para ele. — Foi o que ouvi.

— Oh maldição. — O tom alarmado de Sin fez com que todos passassem de Drake para ela. — O que diabos? — Ela franziu a testa e seu *dermoire*, uma versão desbotada dos de Eidolon e Shade, ficou mais brilhante. — É uma massa estranha de merda, mas consigo ver alguns elementos individuais dentro dela. É como se alguém tivesse misturado substâncias químicas e bactérias e depois tivesse jogado um vírus por diversão... — ela parou de falar, sua expressão escondida atrás de uma cortina de cabelo preto. — A coisa estranha, bem a coisa mais estranha, é que a substância não está espalhada através do seu corpo. Está concentrada nos tecidos das asas dela. Apenas alguns pedaços perdidos estão atacando seu útero dentro da bolha preta.

Lâmpadas se acenderam em todos os cantos do cérebro de Eidolon. Rapidamente, ele enfiou a cabeça do lado de fora da sala e gesticulou para Idess, que esperava nas proximidades com Emerico e Journey.

— Idess, precisamos de uma amostra de tecido

das âncoras das asas de Lilliana. Eu esperava orientá-la durante o processo. Eu sei que você tecnicamente não é mais um anjo, mas você é Memitim e é a enteada de Lilliana, então deve ser seguro para você fazer isso. Ou pelo menos mais seguro do que seria para qualquer um de nós. Ele abaixou a voz. — Se você preferir não...

— Claro, eu farei isso. — Ela sorriu tristemente. — Faço qualquer coisa por Lilliana.

Levou apenas alguns minutos para Shade colocar Lilliana inconsciente e para Idess conseguir a amostra. Eidolon entregou-a para Drake. — Corre. Diga a eles para fazerem testes para angelical.

Drake decolou em um borrão de velocidade vampírica.

— Angelical? — Sin limpou o suor da testa de Lilliana com um pano úmido, liberando Meesa para tentar um ultrassom. — O que é isso?

— É um óleo de origem demoníaca. Supõe-se que ajude os anjos a entrarem em regiões de Sheoul que de outra forma não poderiam ir.

— Lilliana não usaria nada disso — disse Idess ferozmente. — Nunca. Não enquanto estivesse grávida.

Eidolon procurou o rosto pálido e sem idade de Lilliana, vincado de preocupação, mesmo inconsciente.

— Ela não faria — disse ele. — Ela não fez, tenho certeza. Existem maneiras mais seguras de anjos se aventurarem em Sheoul, e o angelical não é seguro para qualquer ser grávida. Ele colocou o estetoscópio no pescoço. — O uso mais comum de angelical,

principalmente entre demônios, é como um abortivo.

— Então, alguém estava tentando matar o bebê.

— Shade assobiou. — Alguém tentou matar o filho não nascido do maldito Grim Reaper.

— Quem faria isso? — perguntou Sin. — E por quê?

Eidolon não fazia ideia, mas sabia que quem quer que fosse o responsável lamentaria muito, muitíssimo.

CAPÍTULO 5

Atordoada, com a cabeça latejando, Lilliana sentou-se na cama estranha. Levou apenas um segundo para descobrir onde estava, dados os equipamentos e suprimentos médicos.

Journey e Maddox estavam sentados em uma pequena mesa ao lado da cama, jogando o que parecia ser Uno. Journey a viu primeiro.

— Lilliana! — sorriu ele e, como sempre, ela viu Azagoth nele. Journey era tão livre com seus sorrisos quanto Azagoth era mesquinho com eles, mas o sorriso genuíno deles era o mesmo.

Sua mão voou para a barriga, e os dois rapazes estavam ao seu lado antes que ela pudesse soltar um suspiro aliviado por ainda estar grávida sob a roupa e o lençol do hospital. Como se o bebê ouvisse seus pensamentos, deu-lhe alguns chutes atrevidos e seus olhos lacrimejaram de gratidão.

— Emerico não pode ficar parado por mais de cinco minutos, então eu o substituí. — Maddox estendeu a mão e pressionou o botão de chamada. — E Eidolon disse para avisá-lo quando você acordasse.

— Eu estou bem? — Ela mexeu os dedos dos

pés e das mãos como se isso significasse que tudo estava bem. — O bebê está bem?

Journey assentiu, os plugues pretos em seus lóbulos saltando a cada movimento. — Não sabemos detalhes. Eles não nos dizem nada. Mas o médico garantiu que você e meu irmão ou irmã ficarão bem.

Oh, graças ao Criador.

— E Azagoth?

— Ele foi informado — disse Maddox enquanto lhe entregava o telefone. — Mas tenho certeza de que ele vai querer ouvir isso de você. — Ele apontou para uma mochila perto do banheiro. — Cat enviou roupas e outras coisas também.

— Obrigada — sorriu ela, muito agradecida por ter amigos e familiares maravilhosos para apoiá-la. — Obrigada a ambos por tudo. — Ela também agradeceu silenciosamente a Cat por se certificar de que ela não tivesse que usar uma bata de hospital até a sua casa.

Uma batida na porta a interrompeu quando ela começou a discar para Azagoth, e ela levantou os olhos do telefone.

— É o Eidolon — disse o médico. Depois que ela deu permissão, ele entrou, um sorriso caloroso curvando seus lábios feitos para agradar as mulheres. Ele se aproximou dela, seu físico bronzeado e musculoso tornando as roupas pretas que usava surpreendentemente sexy. Uma raça rara de incubus, ele foi literalmente projetado para tentar e agradar, e entendeu totalmente por que tantos anjos perderam

suas asas por uma noite com um demônio sexual.

— Como você se sente?

— Os meninos me disseram que o bebê e eu estamos saudáveis, mas até ouvir isso de você, serei um desastre.

— Entendi. — Ele pegou o prontuário no pé da cama e o levou à cabeceira dela. Os glifos negros que se estendiam dos dedos até o pescoço dançavam quando o braço direito flexionava. — Eles estão certos. Seus sinais vitais parecem normais para um anjo, e o bebê também. — Ele fez uma pausa. — Você sabe o sexo?

Ela tinha suas suspeitas, mas as guardara para si mesma. — Não tenho certeza.

— Quer saber?

Ela hesitou por um batimento cardíaco, mas a decisão não foi tão difícil. — Acho que não. Quero que Azagoth e eu descubramos ao mesmo tempo.

— Você poderia fazer um FaceTime⁽²⁾ com ele — sugeriu Journey.

— Está tudo bem. Acho que podemos esperar mais uma ou duas semanas pela grande revelação. — Ela voltou-se para Eidolon. — É isso mesmo, não é? Ainda estamos no caminho certo para a data do parto no dia quinze de outubro, certo?

— Nós estamos — disse ele, um pouco solenemente demais. — Mas isso estressou o seu sistema. — Ele olhou para Journey e Maddox. — Eu poderia ter um minuto a sós com a Lilliana?

— Está tudo bem, doutor. — Ela sorriu para os

meninos com carinho genuíno. Levou algum tempo e lágrimas para construir relacionamentos com os filhos de Azagoth, mas ela estava muito feliz por eles estarem na vida dela e de Azagoth. Seu companheiro estava sozinho por muito tempo. — Eles são da família.

— É claro — disse ele. — Mas eu realmente acho que deveria falar com você a sós. — Ao tom dele, o cabelo dela ficou arrepiado.

Ela acenou com a cabeça para Mad e Journey e, embora estivesse claro que eles estavam relutantes em sair, eles o fizeram.

— Wraith disse que estava vindo ao hospital para cumprimentá-los — disse Eidolon para eles. — Vocês podem encontrá-lo na sala de descanso.

Ela sabia que os meninos não se aventurariam a mais de três metros do seu quarto, mas esperava que eles pudessem ver o irmão de Eidolon antes de partirem com ela. Aparentemente, o demônio os ajudou alguns meses atrás, quando sua irmã, Suzanne, entrou em uma situação perigosa com seu Primori, agora seu marido, Declan. Eles eram amigos desde então.

Lilliana mal podia esperar até a porta se fechar antes de deixar escapar: — O que está acontecendo?

Eidolon se apoiou contra o balcão e deixou de lado o prontuário dela, sua expressão sombria. — Existe alguma razão para você ter usado algo que lhe permitisse entrar em partes de Sheoul proibidas aos anjos?

— Não. — Ela piscou em confusão. Que

pergunta bizarra. — Por quê?

— Porque você tem algo em seu sistema que faz exatamente isso, e se não o usou, alguém o deu a você.

Agora ela estava ainda mais confusa. — Por que alguém faria isso?

Eidolon agarrou o balcão com força deixando os nós dos dedos brancos, como se se preparasse para o que estava prestes a dizer. — Porque causa a morte fetal, levando ao aborto espontâneo.

— O quê? — Ela sentiu o sangue escorrer de seu rosto. — Você disse que meu bebê...

— O bebê está bem. Você teve sorte. Consegui reparar o dano ao seu útero, mas seu corpo ainda precisa se curar. Não conseguimos remover a toxina, mas lançamos um feitiço de contenção para mantê-la concentrada em suas asas, onde não pode afetar o bebê.

Essa nova informação, juntamente com o seu encontro com a morte, minaram a sua força. Ela se abraçou enquanto se recostava na suavidade do travesseiro. — Quanto tempo vai durar o feitiço?

— Vai durar toda a sua gravidez, então você não precisa se preocupar.

Você não precisa se preocupar. Ela sabia que Eidolon pretendia que suas palavras fossem reconfortantes, mas agora, ela estava assustada.

— Alguém tentou matar meu filho. — Ela se abraçou com mais força. — Acho que a preocupação é justificada.

— Eu sei — disse ele suavemente. — Eu sinto

muito.

Sentindo-se mal por ser rude, ela fechou os olhos e se recompôs. — Eu também. Só estou abalada. E gostaria que Azagoth pudesse estar aqui. — Ela olhou para ele. — Ele sabe?

— Idess informou-o que você e o bebê estavam bem e disse a ele que eu ligaria com detalhes mais tarde. — Ele fez uma pausa. — Eu queria esperar até que você estivesse acordada.

O telefone de Maddox estava frio e pesado em sua mão. Ela e o bebê estavam saudáveis, mas as coisas poderiam ter sido muito diferentes. Alguém tentou matar seu filho ainda não nascido. Alguém que Azagoth confiava. Provavelmente alguém morando em Sheoulgra, bem debaixo do nariz deles.

O medo pelo filho e a raiva pela traição a abalaram até a medula. — Como é que o que quer que seja me foi dado?

— Provavelmente em forma oral. Provavelmente estava escondido em algo que você comeu ou bebeu.

Embora isso reduzisse um pouco a lista de suspeitos, ela havia comido muita comida dada a ela por quase todo mundo que conhecia. Embora... houvesse uma chance de a comida trazida do exterior ter sido contaminada por alguém que sabia que ela era a destinatária. Então, havia esperança de que ninguém em quem ela e Azagoth confiassem estivesse envolvido.

Por favor, deixe que seja esse o caso.

— Pode dizer aos meninos para voltarem, por

favor?

Eidolon chamou Journey e Maddox de volta e depois pairou protetoramente perto, seu olhar aguçado e especulativo se deslocando entre os dois.

— O que está acontecendo? — Maddox parou ao lado da grade da cama e olhou para Eidolon, devolvendo o olhar desconfiado.

Não havia sentido em esconder as informações deles, não quando ela precisaria da ajuda deles. — Alguém me deu uma toxina que deveria matar o bebê — disse ela sem rodeios, um pouco surpresa por sua voz não ter vacilado.

Houve vários segundos de silêncio atordoado, e depois muitos xingamentos. Journey parecia querer bater na parede. Maddox pegou a mão dela e deu um aperto reconfortante. Ocorreu-lhe que ele nunca a tocara. Ele era definitivamente o filho de seu pai, seu aperto firme, sua pele gelada, como costumava ser Azagoth quando ela chegou a Sheoul-gra.

— Eu juro que vamos descobrir quem fez isso, Lillian. — Journey se afastou da parede, a raiva queimando em suas bochechas. — Doutor, quando ela pode voltar para Sheoul-gra?

— Assim que estiver pronta — disse Eidolon antes de lhe lançar um olhar significativo. — Mas não há pressa. Fique o tempo que quiser.

Ela queria ir para casa. Queria tanto que doía, e descansou a mão protetora sobre a barriga. — Eu... acho que não posso.

— Não pode o quê? — perguntou Journey. — Ir para casa?

— Alguém está tentando prejudicar o meu bebê. — Dizer as palavras tornou isso real e facilitou sua decisão. — Possivelmente alguém dentro de Sheoul-gra. Se eles me pegaram uma vez, poderiam fazê-lo novamente. Não posso voltar até saber que é seguro.

Maddox se encolheu. — Pai não gostará disso.

— Ele vai entender.

— Ele vai surtar.

Sim, ele surtaria, mas não porque ela se recusou a voltar para Sheoul-gra. Ele concordaria com o raciocínio dela, desde que acreditasse que ela estivesse segura. Mas ele se tornaria o Reaper no nível máximo quando soubesse que o que aconteceu com ela foi intencional.

— Surto épico — murmurou Journey, e então ele olhou para ela, seu olhar tão duro e frio como ela jamais viu. — E não o culpo. Alguém com quem moramos, alguém em quem confiamos, assassinou pelo menos um dos seus filhos e tentou matar outro. A morte nas mãos do nosso pai não será uma punição suficiente, não importa quem seja.

Ela estremeceu, reconhecendo o perigo no tom de seu enteado. Pertencia a Azagoth, e foi a primeira vez que ela viu esse lado de Journey. Foi-se o brincalhão descontraído que gostava de surfar e jogar *Dungeons & Dragons* com Cipher. Em seu lugar estava um guerreiro. Ele amadureceu muito nos meses em que ela esteve

fora.

— Então, onde você ficará? — perguntou Maddox. — Aqui? Em um maldito hospital *demoníaco*?

— Este maldito hospital demoníaco está protegido por um feitiço antiviolência — disse Eidolon calmamente. — E os malditos demônios que trabalham aqui são profissionais treinados que...

— Desculpe, doutor. — Journey entrou e deu um tapa forte no ombro de Maddox. — O Mad aqui é um idiota de proporções épicas, e ele sente muito por ter insultado o seu hospital. Agradecemos tudo o que você fez. O que ele quis dizer foi, *Lilliana, onde você se sentiria segura?*

A rara tentativa de diplomacia de Journey a fez sorrir. Ele era geralmente do tipo que quebra uma cerveja e se instala para assistir a uma conversa tensa como se fosse um esporte. Não era de se admirar que ele tenha recebido mais Primori para vigiar recentemente, incluindo o marido de Suzanne.

— Se Cara e Ares não se importarem, eu ficarei com eles novamente — disse ela. — Não consigo pensar em nenhum lugar mais seguro do que uma ilha secreta e altamente defendida pertencente ao Cavaleiro do Apocalipse, conhecido como Guerra.

Claramente ainda atormentado pela reprimenda de Journey, Maddox rolou um ombro em um encolher de ombros amuado. — Não sei. O castelo secreto na Groenlândia, que pertence ao Cavaleiro conhecido como Morte, também é uma aposta segura.

Ele tinha razão, mas ela não conhecia Thanatos e sua companheira. E, além disso, ela preferia uma ilha grega quente e exuberante sobre uma tundra congelada a qualquer dia.

— Pai não aceitará isso muito bem — repetiu Journey.

Maddox bufou. — Sim, bem, imagine o quanto pior ele aceitaria se ela morresse dentro de Sheoul-gra.

Um silêncio tenso tomou conta do quarto com a fria realidade da situação. Ela e o bebê poderiam morrer se ela fosse para casa. E mesmo que ela ficasse com Cara e Ares, alguém ainda a queria e/ou seu bebê morto. Para piorar a situação, Azagoth ficaria furioso, e quando o Grim Reaper ficava zangado, ninguém era poupado da sua fúria. Nem mesmo ele. Ele tinha uma tendência a comportamentos autodestrutivos que a aterrorizavam.

Cãibras torceram seus dedos, e ela percebeu que estava segurando o telefone de Maddox com tanta força que isso ameaçou quebrar. Essa ligação não seria divertida.

Com o estômago agitado, ela respirou fundo e discou.

CAPÍTULO 6

A fúria fluiu nas veias de Azagoth como lava derretida, borbulhando logo abaixo da superfície, controlada por uma fina e frágil camada de gelo. De alguma forma, ele não explodiu. De alguma forma, sua fera não se libertou.

De alguma forma, alguém envenenou sua companheira e tentou matar seu filho.

Em sua própria casa.

— Azagoth? — falou Lilliana em tons suaves, sem dúvida tentando aliviar sua dor e manter seu demônio interior à distância. — Não posso voltar para casa. Você sabe disso, certo? Posso ir para a ilha de Ares. Só até Sheoul-gra estar segura.

— Posso torná-la segura em cinco minutos — jurou. — Vou me livrar de todo mundo e nunca mais deixarei ninguém entrar.

— Oh, querido — suspirou ela suavemente. — Essa não é a resposta. Não pode ser apenas nós três presos aí para sempre.

Sim, pode. Em algum nível, ele sabia que o pensamento era irracional. Em um nível muito mais alto, ele entendeu que sua tendência a ação extrema era

o motivo de confiar em Lilliana para tomar essa decisão.

— A? — perguntou ela, usando o apelido que geralmente o fazia sorrir. — Você está aí? — Ao seu grunhido de assentimento, ela continuou. — Eu ligo para você quando me acomodar, e podemos conversar sobre isso.

Conversar? Ele não queria *conversar*. Ele queria matar. Queria possuir a alma de quem ousou traí-lo. Queria rasgar o desgraçado em pedaços com as próprias mãos, esperar que ele ou ela se regenerasse e depois repetir o processo várias vezes. Como apertar uma daquelas bolinhas de estresse, exceto com mais súplicas e gritos.

— Vou encontrar quem é responsável, Lilli — jurou. — Quero que nosso filho nasça aqui, não na ilha de Ares.

— Eu também — murmurou ela. — Por favor, se apresse. — Ela fez uma pausa. — Eu te amo.

— Também te amo. — Azagoth desligou o telefone, seu corpo entorpecido, seu cérebro zumbindo de raiva.

— Azagoth.

Ele desviou o olhar para o alto-falante. Ele havia esquecido que o anjo, de codinome Jim Bob, ainda estava em pé na biblioteca, a mão enrolada em um copo alto do melhor rum de Azagoth.

Azagoth nem sequer serviu o seu próprio copo antes de Lilliana ligar. Ele estendeu a mão sobre a mesa para pegar a garrafa. — O quê?

— O que aconteceu?

Ele não se incomodou com um copo. Não se sentia tão civilizado. — Alguém — rosnou ele —, tentou matar minha companheira e meu filho.

Jim Bob lentamente abaixou o copo da boca. — Onde?

— Bem aqui. — Ele deu um longo gole na garrafa, deleitando-se com a queimadura do álcool escorrendo pela sua garganta. Quando seu interior estava em chamas o suficiente, ele bateu o recipiente sobre a mesa com tanta força que as prateleiras sacudiram. — Eles estão bem, mas não podem voltar.

— Alguém chegou até ela *dentro de* Sheoul-gra? — Jim Bob soltou um assobio *oh merda*. — Onde está Lillian agora?

Azagoth lançou um olhar para o espião. Seu círculo de confiança era pequeno e Jim Bob não estava incluído, não importava quanto tempo o conhecesse ou quanta informação Jim Bob lhe trouxesse.

— Ela está segura — disse Azagoth, deixando por isso mesmo. Jim Bob provavelmente estava bem conectado o suficiente para descobrir se ele realmente quisesse, mas Azagoth não facilitaria as coisas para ele. Em vez disso, ele mudou de assunto para o motivo pelo qual Jim Bob viera: a ascensão do anjo caído Moloc e o aumento maciço de seus poderes depois que sua alma foi fundida com o seu gêmeo morto. — Você disse que está aqui por causa de Moloc. Por quê? O Céu está em armas porque enviei algumas almas atrás de Bael?

— Obviamente. O que você fez foi uma violação do seu acordo com o Céu e isso resultou em um inimigo já poderoso se tornando ainda mais poderoso. — A voz de Jim Bob retumbou de irritação. Claramente, ele concordava com seus irmãos celestiais. — Foi a gota d'água para seus detratores. Eles apontam que você é imprudente, imprevisível e seu alcance é muito grande. Eles querem que você seja levado subjugado ou eliminado.

— Tolos. — Azagoth estendeu a mão e acariciou as pétalas de rosa de cristal vivo que Lilliana lhe dera de presente alguns dias atrás. — Todos eles.

Jim Bob espiou dentro do copo enquanto rodava o rum. — Aqueles que querem vê-lo castrado, figurativamente, embora eu não exclua alguns que estão pensando em termos mais literais, é uma pequena porcentagem, mas o movimento está crescendo.

— Eu não os temo. — Quando Jim Bob lhe deu um olhar de consternação, ele bufou. — O quê? Você acha que eu deveria?

— Não. — Jim Bob parou como se estivesse repensando isso. — Mas você pode querer parar de flexionar seus músculos. Você não é invencível, Reaper. Lembre-se disso.

Poucas coisas incomodavam Azagoth mais do que ser ameaçado, e ele se levantou. — Não tenho medo da ira do Céu.

Jim Bob assentiu, quase como se aprovasse. — Você nunca teve medo de nada, Azagoth?

— Aquele que não conheceu o medo não enfrentou seus demônios — refletiu ele, citando uma frase de *Grim Reapings: The Making of Sheoul-gra*, de Zachariel, Primeiro Anjo do Apocalipse. Foi uma boa leitura, talvez um pouco precisa demais ao contar o tempo de Azagoth como Asrael, mas, ei, isso o divertiu por duas horas.

— E você já? — perguntou Jim Bob. — Enfrentou seus demônios?

Azagoth riu. — Eu *sou* um demônio, e é melhor que o Céu se lembre disso.

— Você é um anjo encarregado de armazenar almas más até que elas possam reencarnar — disse Jim Bob como se Azagoth não estivesse ciente da sua própria descrição de trabalho. — Você foi escolhido pelo Céu por uma razão, mas se começar a quebrar os termos do contrato para ir atrás de Moloc, eles o rescindirão. E você.

Sim, bem, se Moloc estava por trás do ataque a Lilliana, haveria muita finalizações acontecendo.

O Céu podia engolir isso.

E diabos, por que Lilliana ainda não ligou da casa de Ares? Ele olhou no seu relógio. Filho da puta. Fazia apenas dez minutos desde que ele falara com ela. Ela provavelmente nem estava vestida ainda.

— Azagoth? Você me ouviu?

Ele acenou com a mão em dispensa. — Sim, sim. Eu fodo tudo, o Céu perde a sua merda. Entendi. — Ele não dava a mínima agora. Ele precisava descobrir quem

havia envenenado Lilliana.

Moloc, provavelmente. E mesmo se não fosse ele, isso não importava. A meia-alma de Bael se fundiu com a meia-alma de Moloc, e Bael foi responsável pela morte de vários filhos de Azagoth.

Então, Moloc pagaria. E o mesmo faria quem realmente tivesse dado o veneno a Lilliana.

Mas quem foi?

Um dos anjos caídos que o serviu por séculos? Um dos Não-Caídos que vivia aqui, trocando seus serviços por proteção contra os anjos Verdadeiros Caídos, que os arrastariam para o Inferno para concluir sua queda da graça?

Um dos filhos dele?

A ideia de que um de seus descendentes o trairia deveria ter trazido negação e dor, mas isso já havia acontecido. Mais de uma vez. E, por que não? A maioria nunca o conheceu, e outros mal o conheciam.

Seus filhos cresceram no reino humano, acreditando que eram tão humanos quanto àqueles que os criaram. A verdade sobre suas origens e seus verdadeiros pais só apareceu quando eles foram levados quando adultos por um irmão Memitim mais velho para começar uma vida de deveres angelicais. Eles treinavam por anos, aprendendo a usar seus poderes e a lutar. Foram educados nas histórias de humanos, anjos e demônios... e foram ensinados a desprezá-lo.

Alguns o procuraram ao longo dos milênios, quando seu reino era uma ruína carbonizada e

enegrecida que refletia o que Azagoth se tornara. Mas depois da chegada de Lilliana, mais dos seus filhos apareceram, alguns deles com várias centenas de anos. Eles começaram a treinar com os Caídos e, eventualmente, Sheoul-gra se tornou uma comunidade próspera. Azagoth até trouxera todos os filhos restantes do reino humano. Há apenas dois dias ele ordenara a construção de uma piscina com cascata, um escorregador e duas pranchas de mergulho para ajudá-los a se adaptar.

Por mais que adorasse ter seus filhos em Sheoul-gra, ele também sabia que era um risco. Todos passaram por infâncias infernais, abandonados por suas mães para serem criados pelo pior que a humanidade tinha a oferecer, tudo para lhes dar *perspectiva* ou alguma porcaria.

O que isso fez foi ensiná-los a desprezarem os seres que os trouxeram a existência, apenas para abandoná-los nas condições mais deploráveis que se possa imaginar.

Sim, ele entendeu por que Memitim poderia traí-lo.

Mas, e se alguém próximo a ele tivesse? Alguém como... Zhubaal. Ou Razr.

Ele balançou a cabeça, não querendo ir por esse caminho. Ainda não. Era muito mais provável que a pessoa estivesse fora do seu círculo interno. Perto, mas não totalmente confiável.

Alguém como... Jim Bob.

Ele olhou para o anjo especulativamente. Jim Bob nunca deu a Azagoth nenhuma razão para não confiar nele... mas esse seria o objetivo de qualquer um que tentasse enganá-lo. — Você deu a Lilliana alguma coisa recentemente?

Uma sobrancelha amarelada se arqueou. — Sim. Minhas condolências por ter acasalado com você.

— Além disso. Algo comestível? Um presente?

— Não sou tão legal.

Azagoth acreditou nele, mas não estava disposto a arriscar a vida de sua companheira com a palavra do homem. Jim Bob continuaria sendo suspeito até Azagoth ter a pessoa que tentou matar seu filho no final eviscerante de sua foice.

E então talvez, apenas talvez, a vida poderia finalmente voltar ao normal.

CAPÍTULO 7

O departamento de emergência do Underworld General estava quase sempre em estado de caos. O que Eidolon imaginava ser esperado quando seus pacientes e membros da equipe consistiam em centenas de espécies de demônios, criaturas, vampiros, shifters e anjos caídos.

E a maioria deles não se dava bem. Muitos deles tiveram conflitos de longa data entre seus tipos. Alguns eram odiados justificadamente porque suas espécies inteiras eram um monte de cretinos. Outros tinham a dinâmica de predador/presa acontecendo. Ainda hoje, Eidolon havia tratado um *quillminder* enquanto o Dire Mantis que tentara comê-lo era remendado em uma sala ao lado.

Se não fosse o feitiço antiviolença, o local seria banhado com muito mais sangue do que já era. Mas só porque as pessoas não podiam morder, esfaquear ou estripar uma à outra, não significava que não poderiam gritar muito. No momento, pelo menos cinco pacientes, duas enfermeiras e um médico estavam envolvidos em gritarias.

Como se isso não bastasse para Eidolon desejar

por umas férias, o Harrowgate do hospital, parte do sistema de transporte que permitia aos habitantes do submundo viajar instantaneamente para milhões de outros Harrowgates em torno dos reinos humano e demoníaco, havia parado de funcionar. E o mesmo aconteceu com o portal que ligava o hospital de Nova York à clínica de Londres, da qual Blaspheme estava atualmente ausente pelo terceiro dia consecutivo.

A única outra entrada era pela porta escondida no estacionamento que dava para uma garagem em Manhattan em uma rua movimentada. E isso significava que demônios que não podiam passar como humanos não podiam ir ou vir, a menos que pudessem se teletransportar ou se tornarem invisíveis.

Naturalmente, os ânimos estavam inflamados.

O hospital teria que começar a usar a cobertura de ambulâncias para transportar pessoas para fora daqui quando os veículos não estivessem sendo usados para chamadas ativas.

Eidolon estava prestes a dar a ordem para fazer exatamente isso quando um dos técnicos que trabalhava no Harrowgate o chamou. O técnico, um lobisomem que trabalhava em uma empresa de software humano, saiu, a física do portão fazia parecer como se ele tivesse saído do nada entre dois pilares.

— Acho que isolamos o problema. — Ele esfregou a cabeça, fazendo com que o seu coque masculino loiro já desgrenhado caísse. — Parece que há um bug na codificação para o continente europeu.

— Consegue consertar isso?

Coque Masculino digitou no tablet em sua mão enquanto falava. — Estamos trabalhando nisso.

Essa não era a resposta que Eidolon queria ouvir, mas provavelmente era a melhor resposta que receberia agora.

— Ei, Ei! — Wraith, o irmão mais novo de Eidolon, e o único loiro da família, ainda que graças a descoloração, passeou pelas portas deslizantes das vagas das ambulâncias e do estacionamento, seu velho casaco de couro arrastando em um par de botas de combate usadas.

Aquelas eram suas roupas de caça, as armas evidentes em seu arnês não eram nada comparadas aquelas que não eram visíveis. Como um vampiro e um demônio Seminus, ele tinha um conjunto de presas impressionantes e a velocidade de um vampiro.

Ele atravessou a multidão de pacientes em uma dança de passos ágeis e girando como se estivesse se divertindo. Ele provavelmente estava. Wraith sempre esteve mais confortável no meio do caos. Muitas vezes, *ele* era o caos.

Coque Masculino olhou com admiração antes de desaparecer na porta translúcida e cintilante do Harrowgate. Wraith ganhou sua reputação como lenda, e não podia ir a lugar nenhum sem que alguém quisesse *me matar ou me foder*, pelo menos, de acordo com Wraith. Embora, pelo que Eidolon viu, isso era em grande parte verdade.

Infelizmente, para aqueles que queriam matá-lo, Wraith estava protegido por um feitiço de invencibilidade, e aqueles que queriam transar com ele descobriram que ele era cem por cento ferozmente dedicado à sua companheira vampiro, Serena.

— Agora não, Wraith. — Eidolon suspirou. — Temos problemas.

— Não brinca? — Wraith apontou o polegar em direção às portas deslizantes. — É isso que estou tentando lhe dizer. Três malditos anjos caídos acabaram de aparecer no estacionamento.

Amaldiçoando, porque... sério, o que mais poderia dar errado hoje, Eidolon foi em direção ao estacionamento, mas parou quando viu Lilliana e seus dois guarda-costas sempre presentes indo em direção ao Harrowgate. Maddox e Journey, ambos vestidos de jeans e camisetas escuras, ladeavam Lilliana. Maddox com uma mochila pendurada no ombro. Lilliana brilhava com um vestido turquesa e branco e sandálias, o seu cabelo comprido estava puxado para trás com pentes de ouro e joias. Ninguém imaginaria que, apenas algumas horas atrás, ela estava perto de perder o seu filho.

— Isso não pode ser uma coincidência — murmurou ele. — No dia em que temos um VIP se preparando para sair, o Harrowgate fecha e os anjos caídos fazem uma visita?

Ele encontrou Lilliana na placa *FORA DE SERVIÇO* em frente ao portal. — Como você pode ver, temos uma pequena...

— Bagunça — ofereceu Wraith enquanto cumprimentava Journey e Maddox, batendo as mãos.

— *Situação.* — Eidolon lançou um olhar a Wraith. — Embora meu irmão não esteja errado — admitiu.

O sorriso sempre presente de Lilliana desapareceu. — Que tipo de situação?

— Nossas saídas estão temporariamente inacessíveis.

— Então, nós estamos presos aqui? — Uma sombra de preocupação escureceu sua expressão. — Esse tipo de coisa acontece com frequência?

— O mau funcionamento de Harrowgate é raro — disse ele. — Mas você ficaria surpresa com que frequência babacas sequestram o estacionamento.

— Palavra. — Wraith voltando para Eidolon. — Falando em babacas, eu vi Revenant.

Interessante. O status de Revenant como o Rei do Inferno o deixou sem tempo livre, e ninguém mais o viu.

— Ele está aqui?

— Não. Ele passou lá em casa ontem à noite. — Wraith mostrou suas presas para um demônio Oni de pele rosa que ousou esbarrar nele. — Levou um livro que acho que Serena pediu emprestado à Blaspheme.

— Ele lhe disse por que Blaspheme não aparece para trabalhar há três dias?

— Não. — Wraith franziu a testa. — Eu não sabia que ela estava desaparecida. Pensando bem, ele parecia mais idiota do que o normal.

Um sentimento desconfortável tomou conta de Eidolon. Enquanto o Harrowgate, os anjos no estacionamento, Blaspheme e Revenant não podiam estar relacionados, Eidolon aprendeu a confiar em seu instinto, e sua intuição dizia que tudo estava ligado de alguma forma.

Lilliana cambaleou e Eidolon a agarrou, mantendo-a firme enquanto a colocava em um assento.

— Desculpe — disse ela. — Acabei de ficar um pouco tonta. Acho que ainda estou um pouco cansada.

— Isso é de se esperar — assegurou-lhe Eidolon. — Você passou por uma provação e muita coisa está acontecendo. Vamos descobrir uma maneira de tirá-la do hospital o mais rápido possível.

— Vou trazer algumas dúzias de Memitim aqui — disse Journey enquanto discava o telefone. — Eles podem distrair os anjos caídos enquanto tiramos Lilliana pelo estacionamento. — Ele fez uma careta para o telefone. — Que diabos?

— O que foi? — perguntou Lilliana.

— Meu telefone não está funcionando. Não há serviço nas redes humanas ou demoníacas.

— Idem. — Maddox sacudiu o telefone como se isso ajudasse.

Ao redor, as pessoas estavam subitamente reclamando que não podiam enviar ou receber chamadas ou mensagens de texto. O sentimento de inquietação de Eidolon tornou-se um alarme absoluto, como se todos os monitores cardíacos do hospital

repentinamente estivessem alinhados.

Eles estavam presos e, se os telefones fixos do hospital não estavam funcionando, eles não tinham como pedir ajuda. No momento exato em que a companheira grávida do Grim Reaper deveria partir.

— Gem! — gritou ele para uma das suas melhores médicas, também sua cunhada, enquanto ela corria em sua direção. — Preciso que você verifique...

— Os serviços de celular e telefone fixo estão inoperantes — falou ela. Bem, isso tratou do assunto. — E há anjos caídos idiotas no estacionamento. Eles não deixarão ninguém sair.

— Não gosto disso. — Journey se aproximou de Lilliana, pairando protetoramente. — Precisamos tirá-la daqui.

Wraith apontou o queixo para as portas deslizantes. — Eu vou lidar com os anjos.

Lilliana estendeu a mão para segurar a manga de Wraith. — Por favor, não. Não quero que ninguém arrisque sua vida por minha causa.

— Ela está certa. — Maddox deslocou a mochila. — Eu sei que você tem superpoderes ou alguma coisa assim, e já vi você lutar, mas aqueles caídos estão lá fora. Você acha que pode enfrentar um, quanto mais três?

As sobrancelhas escuras de Journey se ergueram em confusão. — Sim. Pensei que sua invencibilidade não funcionasse com os anjos.

Wraith sorriu, suas presas de vampiro brilhando.

— Reaver mexeu nisso para que eu pudesse lutar contra os caídos. Muito legal, hein?

Eidolon ficou furioso com isso. Wraith não precisava de mais desculpas para ser imprudente. Sim, Wraith se acalmado consideravelmente, especialmente agora que ele tinha uma companheira e um filho esperando em casa, mas um predador bem alimentado ainda era um predador.

— Mas *nós* ainda poderíamos chutar o seu traseiro, certo? — perguntou Maddox.

Wraith bufou. — Você poderia tentar.

— Homens. — Lilliana bufou, e Eidolon riu apesar da terrível situação.

Ele gostava dela, e ela parecia ser exatamente o que um homem como Azagoth precisava na vida dele. Uma alma forte com um espírito gentil. Alguém que poderia enfrentá-lo, mas também fazê-lo rir.

Eidolon precisava levá-la de volta ao Grim Reaper com segurança. — Por que não a levamos ao meu escritório para esperar? — disse a ela. — E, Wraith, eu quero que você fique fora dessa... — Ele se interrompeu quando Wraith passava pelas portas do estacionamento. — Droga.

— Oh, não — sussurrou Lilliana enquanto, através do vidro, todos assistiam Wraith caminhar em direção ao trio vestido de couro, um caído balançando uma corrente grossa em seu punho.

Os outros dois, um macho e uma fêmea, seguravam machados flamejantes, e os três estalaram

suas asas negras de couro com a aproximação de Wraith. A fêmea sorriu, um sorriso sinistro e consciente que gelou Eidolon até os ossos e jogou uma carga de gelo em seu intestino.

Seus pés se moveram antes mesmo do seu cérebro entrar em ação. Ele correu para a porta e, quando elas se abriram, ele gritou: — Wraith, saia daí!

Wraith virou e, ao fazê-lo, Corrente no Punho atacou, sua arma se chocando contra o crânio de Wraith com uma dolorosa e úmida trituração. Wraith se lançou no ar e bateu nas portas traseiras de uma ambulância a quinze metros de distância antes de aterrissar na calçada, o sangue escorrendo de sua cabeça.

Isso não aconteceu por acaso.

Não poderia. Nada deveria poder tocar Wraith... a menos que ele tivesse desligado o encantamento que o tornava invencível. Mas por que ele faria algo tão estúpido?

— Wraith! — Eidolon foi na direção dele, mas bateu contra um campo de força invisível e os outros dois anjos alcançaram Wraith primeiro.

Wraith de repente girou no chão, balançando as pernas para pegar um dos idiotas do mal nas pernas.

Muito bem, mano!

O anjo fêmea caiu, mas o macho restante desceu seu machado com força contra as costelas de Wraith. O grito de Wraith e o som de ossos quebrando ecoaram pelo estacionamento e pela cabeça de Eidolon.

Ele observou impotente enquanto os dois anjos

com machado içavam Wraith, pendurando-o pelos ombros entre seus corpos.

O sangue escorreu pelo rosto e pescoço de Wraith, emaranhando seus cabelos, riscando sua pele. Eidolon já nem estava certo de que ele estava consciente. Seu corpo estava mole, a cabeça pendendo frouxamente no pescoço.

Corrente no Punho virou-se para Eidolon. — Dê-nos a fêmea.

Eidolon engoliu sua raiva, sabendo que precisava jogar o jogo deles se quisesse seu irmão de volta. — Não sei do que você está falando.

— A puta de Azagoth! — gritou o cara. — Dê-a para mim, ou seu irmão morre.

Eidolon olhou instintivamente para o departamento de emergência. A multidão outrora indisciplinada estava quieta agora, com todos os olhos nele.

Incluindo os de Lilliana. Horrorizada, ela ficou perto da frente, imprensada entre Journey e Maddox, o rosto pálido, a mão cobrindo a boca.

— Agora, demônio!

Foda-se isso. Eidolon podia ter que jogar o jogo, mas faria isso em seu tempo e seus termos. Ele lidou com muitos idiotas poderosos em sua vida e enfrentou probabilidades piores. Com deliberação casual, ele se voltou para o anjo caído.

— Você sabe que isso não vai acontecer — disse ele calmamente. — Vamos discutir isso. Libere meu

irmão e...

Wraith gritou, sua cabeça jogada para trás em agonia. Por um segundo, Eidolon não sabia o porquê. Então, ele assistiu incrédulo enquanto uma espada brilhante perfurava o peito dele, empurrando lentamente para frente por trás.

Direto do coração.

— Não — berrou Eidolon —, *não!*

Corrente no Punho jogou o corpo de Wraith para Eidolon através das portas duplas. — Que essa seja sua primeira lição — disse ele. — Diga a todos que você conhece. O inferno está sob nova direção. O tempo de discussão acabou.

Os anjos se desmaterializaram, retirando o campo de força e deixando para trás devastação, choque e horror.

Lágrimas embaçaram a visão de Eidolon quando ele tropeçava em direção a Wraith e caiu de joelhos ao lado dele. Gem estava lá, assim como Chu-hua e Vladlena, e outros... ele não conseguia acompanhar todos tentando desesperadamente salvar Wraith. Mas era tarde demais.

Aquele espaço dentro do qual ele que podia sentir todos os seus irmãos vivos esvaziara Wraith. O buraco que se abriu engoliu Eidolon, levando sua audição, seus pensamentos, sua capacidade de funcionar.

Um rugido de agonia ecoou pelo hospital. *Shade*, ele pensou atordoado. Era Shade.

Eidolon assistiu em um transe quase onírico

quando seu irmão correu para o departamento de emergência, uma mão segurando o peito. Ele parou, encontrando o olhar de Eidolon cheio de agonia.

— Oh, deuses — murmurou ele. — *Oh, deuses!*
— Ele bateu no chão ao lado de Eidolon, com o braço brilhando enquanto empurrava o seu dom no irmão deles. — Me ajude, E! *Porra, me ajude!*

Sabendo que era inútil, mas querendo aliviar a dor de Shade o máximo que podia, Eidolon canalizou suas próprias ondas de cura Seminus para Wraith.

Mas nenhum deles conseguiria reparar um coração partido ao meio por uma lâmina encantada.

— Ele se foi — sussurrou Eidolon depois do que pareceram horas. — Foda-se, nosso irmão se foi.

Os soluços de Shade encheram a sala atordoada e silenciosa.

— Eidolon? — a voz trêmula de Lilliana perfurou a mortalha de dor de Eidolon. — Eu não pretendo interferir, mas algo estranho está acontecendo. — Ela olhou para Wraith, com os olhos cheios de lágrimas. — *Griminions* não colheram a alma dele.

Shade levantou a cabeça em movimentos bruscos e bêbados. — O quê?

— *Griminions* sentem a morte no momento em que acontece — disse ela. — Eles aparecem quase imediatamente. Já deveriam estar aqui agora.

— Talvez tenham estado — ofereceu Maddox, sua voz baixa e respeitosa. — Você provavelmente não pode vê-los. Poucos podem vê-los fora de Sheoul-gra.

— Eu posso vê-los — insistiu ela. — Acho que o bebê me deu a capacidade, e estou lhe dizendo, eles não vieram.

— Talvez ele não esteja morto. — A voz de Journey estava cheia de esperança. Falsa esperança.

— Eu sou médico — disse Eidolon, com a própria voz rouca cheia de derrota. — Eu garanto que meu irmão se foi.

— Então a alma dele está presa. — Shade afastou uma lágrima. — Ele deve estar sofrendo muito.

Uma mão macia e gentil desceu sobre o ombro de Eidolon. Era Lilliana.

— Podemos levá-lo para Azagoth. — Ela se agachou, auxiliada por Journey, e pegou as mãos de Eidolon e Shade. — Ele pode liberar a alma de Wraith. Após Maddox e Journey me deixarem na ilha de Ares, eles podem levá-lo direto para Azagoth.

Eidolon não queria tomar essa decisão. Ele não queria que isso estivesse acontecendo. Então, ele ficou agradecido quando Shade concordou com a cabeça.

— Precisamos dele de volta quando terminar — murmurou ele.

— Claro. — Ela deu aos dois um breve abraço. — Sinto muito.

Com isso, Journey a ajudou a se levantar, e ela deixou Eidolon e Shade para se despedirem de Wraith, algo que Eidolon achava que teria que fazer todos os dias.

Agora esse dia estava aqui e ele não estava

pronto.

— Uh... senhor? — Eidolon focou no Coque Masculino, que estava parado por perto, torcendo as mãos trêmulas. — Eu sinto muito. Ele... foi uma grande... inspiração — ele se engasgou e Eidolon quase deu uma risada amarga. Wraith teria adorado essa merda. — E, ah... o Harrowgate está funcionando.

Estava na hora de Lilliana partir. O que significava que era hora de Wraith partir.

Eidolon olhou para o irmão mais uma vez.

Não, ele não estava pronto.

CAPÍTULO 8

O coração de Lilliana estava pesado quando ela entrou no Harrowgate e digitou o código no portal para a ilha pessoal de Ares. Ela não conhecia o irmão de Eidolon, só o encontrou de passagem algumas vezes quando ele foi à ilha durante sua estadia, mas Ares e Cara falaram muito bem dele, entre as piadas. Ver a devastação não apenas em Eidolon e Shade, mas também nas expressões de todos os funcionários do Underworld General foi verdadeiramente doloroso.

Journey segurou Wraith como se fosse um irmão, sua cabeça inclinada sobre os ombros curvados enquanto embalava o grande corpo do demônio nos braços. Até Maddox parecia tentar controlar suas emoções, sua mandíbula apertada, seu olhar distante.

O portal se abriu e, como zumbis, todos saíram.

O ar quente e úmido envolveu Lilliana em um abraço acolhedor. Depois dos eventos das últimas doze horas, era exatamente disso que ela precisava. Bem, ela precisava de Azagoth, mas se não podia estar em Sheoul-gra, então era aqui onde queria estar. Ela adorava aqui. O calor, o padrão rítmico e embalador das ondas, o perfume da terra dos olivais e o ar cítrico e

perfumado das limoeiros que Cara plantara alguns anos atrás.

Lilliana inalou, franzindo a testa quando não sentiu o cheiro dos limões ou das azeitonas. Esquisito. Ela olhou ao redor em busca da paisagem familiar e da mansão, mas tudo o que viu foi areia branca imaculada, alguns arbustos e algumas palmeiras que se estendiam ao longo de uma costa escarpada.

Os pelos da sua nuca ficaram arrepiados. — Uh... gente? Esta não é a ilha de Ares.

O próprio ar ao redor deles se carregava de eletricidade mortal enquanto Maddox se armava, foices gêmeas aparecendo em seus punhos.

Journey ficou em alerta instantâneo e virou. — Merda. A ilha está protegida. Não podemos piscar para fora Ele a empurrou como um carneiro, empurrando-a para trás. — Para o Harrowgate! Depre...

Ele interrompeu com um grunhido. Algo quente espirrou em seu rosto e braços.

Sangue.

Sangue de Journey.

O corpo de Wraith caiu dos braços dele e aterrisou com um baque na areia. O sangue jorrou do pescoço de Journey, fluindo entre seus dedos enquanto ele o apertava. Choque e terror brilhavam em seus olhos enquanto sua boca trabalhava sem som.

— Journey! — gritou ela, movendo-se instintivamente em sua direção, em vez do Harrowgate.

— Corra — murmurou ele quando caiu de

joelhos. — *Corra.*

Seus olhos brilhantes ficaram nublados, e então ele caiu ao lado de Wraith.

Como se um véu tivesse sido levantado, a ilha ganhou vida com demônios. Eles estavam por toda parte. Darquethoths, com dentes afiados como navalha e pele de ônix cortada com laranja fluorescente. Screechers, seus rostos pálidos sem olhos, compostos principalmente por presas de quinze centímetros. Outros, coisas que ela não reconheceu e que eram horríveis demais para se olhar, formaram um muro ao seu redor, bloqueando-a do Harrowgate.

— Lilliana! — A voz urgente de Maddox estava encharcada de dor. Ela pegou flashes dele cortando os demônios, sangue espirrando na areia branca.

Terror inundou o ar que ela respirava enquanto extraía os seus dons angelicais enferrujados e iluminou o céu com relâmpagos. Demônios gritaram quando raios os queimaram ou os explodiram em pedaços sangrentos.

— Maddox!

Ela enviou uma lança de vidro de anjo ultra quente através de meia dúzia de demônios, repelindo-os... e foi quando o viu, uma foice ainda cortando, mesmo quando ele caía sob um ataque de monstros.

Um momento de tristeza se transformou em um desejo renovado de viver enquanto ela girava, derrubando um gigante demônio Ramreel com uma espada invocada.

Ela poderia chegar ao Harrowgate. Poderia abrir

um caminho e então...

Dor explodiu dentro de seu crânio, e essa foi a última coisa que ela soube.

CAPÍTULO 9

Paciência não era algo que Azagoth alegava possuir. Absolutamente. Em qualquer medida conhecida pelos reinos humano, angélico ou demoníaco.

Quando queria algo, ele queria *agora*. Gratificação instantânea.

E agora, ele queria que a sua companheira ligasse.

Onde diabos ela estava?

— Faz apenas meia hora desde que ela mandou uma mensagem dizendo que estava saindo do quarto e indo para o Harrowgate. — Hawkyn, um dos filhos mais confiáveis de Azagoth e o contato dos Memitim com o Céu, olhou para o recém-instalado parque infantil, onde brincavam duas das crianças mais novas do reino humano. Era aqui que o filho de Azagoth com Lilliana ia brincar. Droga. *Onde ela está?* — Ela provavelmente ficou distraída conversando com alguém.

— Ou está na casa de Ares e ficou ocupada conversando com Cara e se esqueceu de avisar — disse Cat. Ela estava passeando pelo caminho de paralelepípedos em direção à lagoa onde Lilliana gostava de passar horas lendo quando viu Azagoth com Hawk e Suzanne.

— Vê? — disse Hawkyn. — Explicações simples.

Nada era tão simples assim. — Se alguma dessas coisas é verdadeira, então por que Maddox ou Journey não responderam suas mensagens?

Hawk deu de ombros. — Se eles ainda estão no Underworld General, estão ocupados. Se estão na Grécia, Ares provavelmente está grelhando a merda deles antes de deixá-los perambular pela ilha.

Provavelmente? Definitivamente. Ares era tão cauteloso quanto Azagoth quando se tratava de recém-chegados. Mad e Journey podem ser filhos de Azagoth, mas Ares viveu o suficiente para saber que não deve confiar em ninguém com base apenas em seu relacionamento com outra pessoa.

Suzanne, ainda segurando a cesta de doces que havia trazido para Lillian, gesticulou para o telefone de Azagoth. — Por que não manda uma mensagem para ela?

— Porque não quero que ela pense que estou obcecado. — As bochechas de Azagoth se esquentaram com a admissão. — Ela já diz que estou sendo superprotetor e que me preocupo demais.

— Não acho que uma mensagem faria mal. — Hawkyn ergueu os olhos do próprio telefone. — Apenas diga a ela que você estava pensando nela. Quando ela receber a mensagem, perceberá que se esqueceu de avisar que estava em segurança na casa de Ares.

Talvez Hawk estivesse certo. Droga, Azagoth não estava acostumado a duvidar de si mesmo ou pensar

duas vezes em suas ações. Mas Lilliana era tão importante para ele que não queria estragar tudo. Ele a perdeu uma vez; não poderia perdê-la novamente.

Ulrike, seus longos cabelos loiros platinados roçando a grama enquanto pendia de cabeça para baixo no trepa-trepa⁽³⁾, sorria timidamente e acenava. Ele não passou muito tempo com sua filha de dez anos ou seu filho de onze, Obasi, desde que chegaram há algumas semanas, mas começavam a se interessar por ele. Obasi, pequeno para sua idade e gravemente desnutrido, até segurou a mão de Azagoth por um momento. Ele ainda não falara uma única palavra, o trauma de ser criado em um brutal campo do Boko Haram⁽⁴⁾ ainda o assombrava.

Foi uma merda assim que fez Azagoth se perder por um tempo. Lilliana lhe dera a capacidade de sentir novamente, e ele não conseguia lidar com o ataque de dor, tristeza e culpa por seu papel nos horrores que seus filhos experimentaram enquanto cresciam nas piores condições que o reino humano tinha para oferecer.

Foi por isso que, apesar das objeções do Céu, ele enviou seus filhos adultos para encontrarem cada um dos seus filhos deixados aos cuidados de humanos, e instruiu que eles fossem trazidos para cá para serem criados pela sua verdadeira família.

Este reino do inferno não era tão ruim quanto o reino infernal que se tornou o mundo humano.

O telefone de Hawkyn tocou. Um segundo depois, o de Suzanne também. Hawkyn olhou para baixo e sua

boca se abriu.

— Puta merda — respirou ele, seu rosto perdendo cada gota de cor.

— Ah não. — Suzanne bateu a mão na boca e soltou um soluço abafado. — Não o Wraith.

Já fervendo de ansiedade por causa de Lilliana, Azagoth virou com um grunhido impaciente. — O que aconteceu?

Hawkyn olhou para cima. — É o irmão de Eidolon, Wraith. Ele está morto.

Wraith estava *morto*? Desconforto concentrou-se no peito de Azagoth enquanto o choque passava. O demônio enviara a Azagoth muitas almas poderosas e más ao longo dos anos, e ele fez muitos inimigos. Inferno, ele havia irritado metade da população demoníaca ao ajudar a evitar pelo menos dois apocalipses. Isso enviaria ondas de choque pelo Céu e Sheoul, e não havia como sua morte não estar ligada a algo maior.

— Declan disse... — Suzanne engoliu várias vezes, como se tentasse segurar as lágrimas. — A família está arrasada, e há um problema com a... alma de Wraith? Não sei o que isso significa. Journey e Maddox deveriam trazer o corpo para cá.

— *Pail* — Jasmine chegou ao topo da colina correndo, seus sapatos de corrida rasgando a grama. Ela estava assustada e segurando o pulso como se doesse quando parou na frente deles. — Veja.

Ela gesticulou para o símbolo circular vermelho e

irritado pulsando em seu antebraço, um *heraldi* que a ligava aos Primori que lhe foram designados para proteger. Ontem, ela tinha três *heraldis*

Hoje ela tinha quatro.

— Então... você não quer outro Primori? — perguntou Hawkyn, tão confuso quanto Azagoth.

Quanto mais Primori um Memitim vigiava, mais perto eles chegavam de ganhar suas asas e acesso ao Céu. Era uma coisa boa. O objetivo de todos os Memitim.

Bem, *quase* todos os Memitim. Suzanne e Idess perderam suas chances de Ascender ao Céu em troca de uma vida com seus companheiros no reino humano.

— Claro, eu quero outro Primori — insistiu Jasmine.

— Mas? — perguntou Azagoth.

Os olhos de Jasmine ficaram líquidos, e uma lágrima caiu em seu braço quando ela olhou para os novo *heraldi*. — É Declan.

— Declan? Isso não pode ser — disse Suzanne. — Journey é o guardião de Declan.

O coração de Azagoth se deteve em seu peito. Declan foi transferido. O que significava que Journey estava morto.

Um dos seus filhos favoritos estava morto.

Ele olhou para o *heraldi*. Talvez tenha sido um erro. Talvez Journey tivesse ganhado suas asas. Havia várias razões pelas quais o Conselho Memitim iria transferir Declan para Jasmine.

Journey estava com Lilliana.

A realização, empilhada em cima da dor da provável morte de Journey, quase pôs Azagoth de joelhos.

Ainda assim, ele se apegou à esperança, algo que ele costumava rir dos outros por fazerem, enquanto procurava no bolso por seu telefone.

Ele tocou na palma da sua mão.

O interlocutor era Ares.

Todo mundo ficou completamente parado. Até o ar ficou pesado e opressivo, como se uma tempestade estivesse caindo.

Coração batendo forte novamente, desta vez rápido demais, Azagoth atendeu, sua voz cortada com um medo mal controlado. — Ares. Diga-me que ela está aí. Diga-me que meus filhos estão aí. — Houve uma pausa. Uma longa pausa do caralho. — Eles estão aí?

— Eu estava ligando para *te* perguntar — disse Ares, sua voz tensa, como se estivesse tentando manter suas emoções sob controle. — Eles não apareceram. Nós pensamos que talvez... talvez, já que eles tinham Wraith com eles, Lilliana mudou de ideia e foi para Sheoul-gra. Suponho que você saiba sobre Wraith.

— Sim. — Azagoth passou a mão pelo rosto. Sua pele se sentia desconfortável, com coceira, esticada, e ele queria sair dela. — Lilliana não está aqui. — *Fique calmo. Fique... calmo.* — Ela ainda deve estar no hospital.

— Eu liguei. Eles saíram quinze minutos atrás —

disse Ares, ríspidamente, e o medo fez a pele de Azagoth se encolher. — Tem mais. Eidolon disse que Journey e Maddox não puderam tirar Lilliana do estacionamento do hospital porque um grupo de anjos caídos havia assumido posições do lado de fora. Eles mataram Wraith quando ele tentou se livrar deles.

Quinze minutos. Quinze minutos era uma eternidade quando algo ruim estava acontecendo. E anjos caídos? O que eles, ou a morte de Wraith, têm a ver com isso?

— Como eles saíram?

— E disse que eles usaram o Harrowgate.

Se eles usaram o Harrowgate, poderiam estar em qualquer lugar nos reinos humano *ou* demoníaco. Estou mandando alguém para o hospital — disse ele, odiando a emoção em sua voz. — Avise-me se algum deles aparecer.

— Cara ligará para você. Eu também vou para o UG. Nós vamos encontrar a sua companheira.

Sua mente mal funcionando nesse momento, Azagoth murmurou algum tipo de agradecimento e desconectou.

— Hawkyn. — Ele limpou a garganta do caroço que se formou lá. — Vá para o hospital. Encontre a Lilliana. — Sua voz falhou, a obstrução crescendo como um câncer. — Por favor, filho. Por favor, encontre-a.

O Underworld General era um lugar estranho, meio humano, mas principalmente... não. Hawkyn não achava que ele se acostumaria a ver demônios de jaleco.

Nunca foi o mais feliz dos lugares, os hospitais geralmente não eram, mas agora, uma nuvem de tristeza pairava sobre ele como uma mortalha. Até os pacientes na sala de triagem, alguns deles com feridas horríveis ou membros quebrados, estavam quietos, como se sentissem gratos por sentirem apenas dor física.

— Mal posso esperar para sair daqui. Este lugar parece uma cripta — disse Cipher, que foi preciso, mas não particularmente solidário.

— Você é todo coração.

Cipher grunhiu. — Sou um anjo caído. Corações são para vocês, tipos celestiais.

Hawkyn revirou os olhos. Sim, Hawkyn ganhou suas asas, mas como o contato Memitim, ele ainda estava preso à terra. E Cipher recentemente, e à força, deixou de ser um Não-Caído neutro, com o potencial de recuperar suas asas para um Verdadeiro Caído, sem esperança de redenção. E, embora o mal acabasse por penetrar em seu próprio DNA, ele ainda não ficara sombrio, então Hawkyn não aceitou sua besteira de *eu-sou-um-anjo-caído-sem-coração*.

— Eu sei que você está tão preocupado com Lillian e meus irmãos quanto eu — disse Hawkyn. — Por isso, abandone o ato de durão. — Hawkyn não esperou uma resposta, agarrando o primeiro demônio de

jaleco que ele viu, um demônio Umber de pele cinzenta. — Estou aqui para ver Eidolon. Sabe onde eu posso encontrá-lo?

— Ele está... indisposto agora. — O demônio desviou o olhar e olhou para suas enormes botas, seus enormes ombros caídos. — Uma morte na família.

— Eu sei — disse ele, com o máximo de simpatia possível enquanto ainda tentava transmitir um senso de urgência. — Mas isso é importante. Estou aqui em nome de Azagoth.

Os olhos metálicos do cara se arregalaram. — O Grim Reaper? Sério? — Ele encolheu os ombros. — Bem, por que diabos não? — Ele apontou para o corredor perto da entrada do estacionamento. — Ele está lá com o Guerra. — Ele baixou a voz para um sussurro conspiratório que ainda ressoou alto o suficiente para as pessoas ouvirem. — Ele é um verdadeiro Cavaleiro do Apocalipse.

— É mesmo? — Ele bateu nas costas do cara. — Obrigado, cara.

Ele e Cipher encontraram o médico Seminus perto de um bebedouro com o grande Cavaleiro, cujos cabelos castanhos avermelhados estavam sulcados pelo passar dos dedos. Hawkyn havia encontrado o sujeito algumas vezes e ainda não o viu sem a sua armadura de couro, o peitoral gravado com o mesmo símbolo de cavalo que aquele em sua pele. Exceto que o cavalo de guerra em seu antebraço podia ganhar vida e esmagar seu crânio com um único golpe de um de seus cascos do

tamanho de pratos de jantar.

Eidolon acenou para Hawk e Cipher quando os viu. — Eu estava acabando de dizer a Ares o que eu sei.

— Sinto muito por Wraith — disse Hawkyn. — Ele era... único. Tive a chance de conhecê-lo melhor. — Ele inclinou a cabeça em respeito. — Meu pai envia as suas condolências.

Eidolon ofereceu um aceno de reconhecimento brusco. Seus olhos estavam vermelhos e seu rosto estava pálido, mas sua voz estava firme e autoritária como sempre.

— O Harrowgate funcionou mal esta tarde — disse ele. — E enquanto era reparado, anjos caídos apareceram e bloquearam a saída do estacionamento. Eles queriam Lilliana. Eu... recusei. — O anel ligado de glifos ao redor da sua garganta, que significava um macho Seminus acasalado, ondulou quando ele limpou a garganta da impureza em sua voz. — Eles mataram Wraith em resposta.

Cipher xingou baixinho e Hawkyn ecoou o sentimento. Ele ficaria arrasado se fosse Eidolon. E uma vez que superasse sua devastação, ele caçaria os responsáveis e os estriparia com seus próprios dentes. Como um bônus, suas almas iriam direto para Azagoth, e ele os faria pagar tudo novamente. E de novo. E outra vez.

Por toda a eternidade.

— Meu pai disse que a Lilliana usou o Harrowgate — disse Hawkyn após uma pausa

apropriada. — Mas você disse que estava quebrado.

Eidolon assentiu. — Os técnicos disseram que foi um erro de codificação ou algo assim e resolveram o problema. Ou assim pensávamos. Eu não sabia que Lillian não chegou à Grécia até Ares aparecer. — Ele apontou para onde o portal ficava entre dois pilares, uma cortina cintilante invisível para os humanos e inoperável na presença deles. — Até onde sei, ela foi a única pessoa que desapareceu após usá-lo, mas como precaução, não deixaremos ninguém passar.

Ares gesticulou para o corredor em direção às portas do estacionamento. — Os anjos se foram?

No aceno de Eidolon, Cipher virou para Hawkyn. — Parece que precisamos verificar o portal.

O telefone de Eidolon tocou e ele lhes deu o gesto universal de *vá sem mim*. Enquanto Hawkyn, Cipher e Ares se dirigiam para o Harrowgate, Hawk ouviu-o atender o telefone em um estrondo emocional.

— Serena... eu sinto muito...

Hawkyn se desligou disso, comprometido demais com seus próprios medos por seus irmãos e Lillian para testemunhar as consequências da dor particular de outra pessoa.

Uma vez dentro do Harrowgate, Ares digitou a sequência que revelaria o símbolo secreto e a caixa de código que levava ao portal da sua ilha particular. Ele apareceu, brilhando em uma laranja brilhante. Quando Ares alcançou, Cipher agarrou seu braço.

— Espera. Não toque.

— O quê?

Cipher estudou a parede, seus olhos brilhando com o desafio de um mistério tecnológico. Ele sempre foi mais feliz quando brincava com códigos e programas que Hawkyn não entendia, mas agora que Cipher tinha poderes de anjo caído, ele também era capaz de *ver* a maior parte da magia sob a forma de código.

Infelizmente, porque suas asas ainda não estavam totalmente formadas, seus poderes eram limitados.

— Alguém substituiu a codificação — disse Cipher. — Não acho que isso nos leve à Grécia.

— Você pode dizer para onde vai? — perguntou Hawkyn.

— Definitivamente no reino humano... — Ele esfregou o queixo enquanto estudava a parede. — Em algum lugar do Pacífico. — Ele encolheu os ombros. — Será um jogo de dados.

Hawkyn revirou os ombros, confortando-se com a energia sem peso contida nas âncoras das suas asas. Não era hora das asas saírem, mas ele gostava de saber que elas estavam lá. Ele ainda estava se acostumando às coisas e ao poder que traziam com elas.

— Talvez você deva ficar — disse ele a Cipher. — Isso pode ser perigoso.

— Foda-se — rosnou Ciph. — Meus poderes de anjo caído podem não estar com força total, mas ainda posso lutar. — Ele gesticulou para Ares. — Além disso, temos o Cavaleiro Montanha conosco.

Ares bufou e esfregou o polegar com manopla no símbolo. O portal se abriu, e a luz ofuscante inundou o interior do espaço escuro.

Eles saíram em um banho de sangue.

Cipher inalou bruscamente, mostrando suas presas por causa das notas afiadas de sangue no ar salgado. — Onde diabos estamos?

Hawkyn estudou as pegadas de pés e de cascos que agitaram a areia e a lama criada por todo o sangue. Manchas gordurosas e cinzentas escureciam a praia, os restos de demônios mortos que se desintegraram da maneira que faziam no reino humano.

— Não sei, cara. Mas, merda, isso é... — Hawkyn parou ao ver um braço *coberto de dermoire* saindo de debaixo de alguns arbustos. Seu estômago se apertou. — Wraith. Porra, esse é o Wraith.

Todos olharam por um momento, o som de ondas suaves parecendo bizarras em uma ilha tão manchada de sangue. Finalmente, Ares rigidamente se aproximou e, solenemente e com reverência, colocou o demônio morto em seus braços.

Um telefone celular caiu da mão de Wraith e tombou na areia.

Hawkyn estendeu a mão para ele.

— Não! — Cipher o acertou, derrubando o aparelho em um monte de ervas marinhas a alguns metros de distância. — Há um feitiço em torno daquilo. — Agachado, ele cutucou-o com um graveto, como se fosse uma víbora. — Parece que é um feitiço para torná-

lo invisível a todos, menos a alguém com o sangue de Azagoth. Droga. Isso é uma merda complicada.

— Então por que você pode vê-lo? — perguntou Hawkyn.

Ares fez uma careta. — Ver o quê?

— É um telefone celular. — Cipher o cutucou novamente. — Tecnicamente não consigo *vê-lo*, mas posso ver o feitiço que o envolve. — Ele acenou com a mão sobre o telefone, fez alguns gestos e depois o pegou. — Desativado por um mestre⁽⁵⁾.

Hawk pegou o dispositivo fino de Cipher e o virou na palma da mão. Era novo. Barato. Ainda tinha o protetor de tela de plástico.

— Obviamente, foi preparado para nós o encontrarmos — disse ele, encarando-o como se fosse venenoso. Talvez ele devesse pegar emprestado o graveto para cutucar a víbora de Cipher. — Isso não pode ser bom. — Seu estômago enjoado concordou.

Ares soltou uma maldição. — Você vai ligá-lo? Ou vai encará-lo o dia todo?

— Sim. Merda. — Ele apertou um botão no topo e, quase instantaneamente, um vídeo começou a ser reproduzido. A agitação em seu intestino ficou séria e sua mão começou a tremer. — Não — sussurrou ele —, ah, não... — O telefone caiu de sua mão enquanto ele vomitava tudo o que comeu nos últimos dois dias.

— Hawk? — Através da sua dor, ele sentiu a mão do amigo em suas costas. — O que foi?

— Eles estão mortos — resmungou ele. —

Maddox e Journey. — Lágrimas ardiam em seus olhos, embaçando a sua visão.

— E Lilliana?

A imagem dela tentando lutar para fugir de uma horda de demônios antes de ser atingida por um machado era como uma contusão no cérebro.

— Ela se foi — sussurrou ele. — Eles a levaram. Eles a pegaram.

CAPÍTULO 10

Lilliana não sabia o que a acordou. A dor latejante na cabeça, a náusea no estômago ou os chutes urgentes do bebê no útero.

Gemendo, ela se mexeu. Por que a cama estava tão dura? E por que o quarto cheirava a esgoto?

Lutando contra a vontade de vomitar, ela se sentou e abriu os olhos.

Terror instantâneo voou através dela. Ela não estava em Sheoul-gra. Não estava na cama ao lado de Azagoth.

Ela estava no chão imundo de um estrado com vista para um grande salão úmido e escuro, coberto de palha e... partes de corpos. Bile encheu sua boca, e ela cambaleou em direção à borda da plataforma. Um puxão forte em torno de seu tornozelo a puxou para uma parada brusca. A dor subiu pela sua perna, mas pelo menos ela não precisava mais vomitar.

Risos ecoaram por toda a câmara. Calafrios deslizaram por sua espinha quando ela arriscou outra olhadela ao redor, assimilando o trono de caveiras ao qual estava acorrentada.

Isso não pode estar acontecendo. Ela fechou os

olhos. *Isso é um pesadelo. É apenas um pesadelo. Acorde.*

O som de passos ecoou em seus ouvidos.

Acorde!

— Estou feliz que você esteja acordada, Lilliana.

— A voz suave e escorregadia fez todos os cabelos da sua cabeça se arrepiarem. — Eu temia que meus servos tivessem ido longe demais e a arruinaram permanentemente.

Um homem assustadoramente bonito, de cabelos escuros, saiu das sombras, suas botas e armadura de couro manchadas de sangue, suas escamosas asas negras dobradas nas costas. Outra pessoa permaneceu na sombra de uma estátua de tortura demoníaca, mas ela manteve os olhos naquele que se movia em sua direção. Ele fez um gesto abrangente que englobava os corpos mutilados, caídos como bonecas quebradas.

— Acho que os destruí por nada. — Um brilho de granada iluminou o preto de seus olhos, e garras perfuraram suas pontas dos dedos. Ela instintivamente alcançou seus poderes angelicais, mas, para seu horror, não podia nem tocá-los. — A fusão com a meia-alma de Bael me deixa muito impulsivo.

A súbita realização de quem ele era roubou o seu fôlego. Mas seu choque rapidamente se transformou em ódio e fúria. — Moloc — rosnou ela.

Moloc e seu louco irmão gêmeo, Bael, as mãos direita e esquerda de Satanás, compartilhavam uma única alma até duas semanas atrás, quando Bael

morreu e sua alma se uniu à de Moloc. Os irmãos anjos caídos estavam envolvidos em uma guerra fria com Azagoth por séculos, mas a batalha esquentou quando começaram a matar os filhos de Azagoth.

O olhar de Moloc ficou mais aguçado e concentrado, prendendo-a no lugar com a força do seu mal.

— Moloc é quem eu era antes. Agora que minha alma e de Bael se juntaram, sou chamado de Moloch.

— Isso é... exatamente a mesma coisa.

— Peguei uma sugestão de *Paradise Lost* e adicionei um *H*. — Ele sacudiu um pouco de sangue do seu peitoral. — Então, quando nossa história for escrita nas grandes histórias, nós três seremos distinguíveis.

Essa foi a coisa mais idiota que já ouvira, mas Moloc ou Moloch, não fazia diferença. O filho da puta a havia sequestrado e matado Maddox e Journey. — Azagoth vai te destruir, não importa como você soletre seu nome.

— Ele fará o que eu quero se ele quiser que você e seu pirralho sobrevivam — retrucou.

Ela queria ficar de pé, enfrentar o desgraçado, mas levantar-se seria embaraçoso e triste, e certamente não faria uma demonstração de força. Em vez disso, ela casualmente se encostou no trono grotesco de crânios e olhou para Moloc com um *H*.

— Você está exigindo a única coisa que ele não pode fazer — disse ela. — Ele não pode libertar Satanás da prisão.

Moloch sorriu. — Veremos.

Ele era um tolo suicida. — Você não sabe do que ele é capaz.

— E do que eu sou capaz? — Suas palavras foram cortadas, defensivas. Ele não gostava de ser considerado o adversário mais fraco. — Dê uma olhada em seus grilhões, vadia. Você acha que alguém poderia planejar e executar com êxito um plano para arrebatá-la a companheira do Grim Reaper?

Ele tinha razão. Como ele *fizera* isso? Como ele sabia que ela estaria no hospital? A menos que... a menos que ele fosse responsável por colocá-la lá em primeiro lugar.

— Foi você quem me envenenou! — Ela deixou escapar. — Você deu a alguém dentro de Sheoul-gra para me dar.

— Posso ver por que Azagoth acasalou com você — disse ele irritado. — Tão esperta.

Ela ignorou a farpa quando outro pensamento lhe veio à cabeça. — Os anjos caídos. Os que estavam no estacionamento. Eles eram seus, não eram?

Ele inclinou a cabeça no mais raso dos acenos de cabeça. — Eu tive que forçar você a usar o Harrowgate para a casa de Ares. Meus técnicos redirecionaram o destino pouco antes de você receber alta.

Motivo pelo qual o Harrowgate estava fora de serviço. Os técnicos de Eidolon o fizeram voltar a funcionar, mas não corrigiram o erro no código para o Harrowgate de Ares. Eles provavelmente nem sabiam

disso.

O bebê chutou, mas ela se recusou a reconhecê-lo, recusou-se a chamar a atenção para o fato de estar grávida. Sim, era descaradamente óbvio, mas não havia sentido em fazer um monstro do mal se concentrar nisso.

Mantenha-o falando. Isso ela poderia fazer. Ela queria respostas de qualquer maneira. — Mas como você sabia que eu iria para a ilha de Ares?

Curvando-se, ele pegou o que parecia uma garra ensanguentada. — Você teria sido estúpida em voltar para Sheoul-gra antes que o traidor fosse encontrado, e nenhum lugar seria mais seguro do que a ilha de propriedade de Guerra e defendida por cães do inferno. — Ele arrastou a língua para o lado curvado da garra, lambendo o sangue. — Além do mais, Cara não é sua nova melhor amiga agora? Vocês duas poderiam ter um vínculo — apontou para a barriga dela —, na maternidade.

Ela odiava que ele soubesse tudo isso. O traidor dentro de Sheoul-gra fizera bem o seu trabalho. — Então, seu traidor me envenenou para que eu fosse mandada para o hospital. Muito bem. Você quase matou o bebê.

Ele bufou, e ela jurou que havia saído fumaça do nariz dele. — Nós lhe demos uma quantidade calculada para que a criança pudesse sobreviver com a ajuda de Eidolon. Mas eu realmente não me importei. A criança não é importante. Eu precisava que você fosse capaz de

sobreviver em Sheoul. Os efeitos da droga no bebê foram irrelevantes. — Ele encolheu os ombros. — Mas desde que a semente de Azagoth sobreviveu, posso usar ambas para conseguir o que quero.

Um calafrio percorreu sua espinha com o ódio cru que ela viu nos olhos negros dele. — Eu te disse, ele nunca cooperará.

— Oh, é aí que você está errada. — Ele sorriu e apertou a garra de vinte centímetros na mão enquanto se movia em direção a ela. — Ele certamente fará.

CAPÍTULO 11

Azagoth sentiu o momento em que Hawkyn e CIPHER chegaram a Sheoul-gra.

Por favor, deixe-os terem boas notícias.

Mas não importava quanta esperança tivesse em seu coração, ele sabia em sua alma que nada que Hawkyn tivesse a dizer seria bom.

Ele passou os últimos quinze minutos fazendo um buraco no chão da sua biblioteca, mergulhando em seu próprio medo. Ele conseguiu uma curta pausa da desgraça e da tristeza quando chamou Zhubaal para atualizá-lo e pedir que ele investigasse o envenenamento de Lilliana. O anjo caído era um idiota total e muito capaz quando se tratava de interrogatórios. Azagoth só esperava que ele encontrasse o traidor rapidamente. Sua paciência estava tão fraca quanto a barreira que separava o Céu do Inferno.

Houve uma batida na porta e, um segundo depois, Hawkyn entrou, seus passos pesados, ecoando como sinos da morte.

A expressão em seu rosto dizia tudo, e Azagoth sentiu seu mundo desmoronar.

— Diga-me — disse ele com uma voz tão

quebrada quanto seu coração.

— Eles nunca chegaram à ilha de Ares. — Hawkyn parou no meio da sala, os braços pendendo frouxamente ao lado do corpo. — Alguém reprogramou o Harrowgate do hospital. Quando saíram em alguma ilha aleatória do Pacífico, um anjo caído e uma horda de demônios os emboscaram. — Emoção crua sangrou em sua voz, e Azagoth se preparou. — Journey e Maddox estão mortos. Lilliana...

Não. Não diga isso. Não. Diga. Porra!

— Tudo o que encontramos foi o corpo de Wraith e... isso. — Hawkyn tirou um telefone do bolso e entregou a Azagoth.

A mão de Azagoth tremia quando a tela foi ativada. Um vídeo apareceu e ele assistiu com as pernas instáveis enquanto seus filhos eram abatidos, e Lilliana lutava contra uma onda avassaladora de demônios. Ela lutou muito e, por um momento, ele a aplaudiu silenciosamente, torcendo por ela, esperando contra toda lógica que ela escapasse.

O vídeo foi cortado abruptamente e um novo quadro preencheu a tela. Ele olhou para a tela escura. Era uma imagem ao vivo, mas de quê?

Lilliana. Oh, inferno, não!

O sangue dele congelou ao ver sua companheira encolhida contra um trono de caveiras, o rosto enterrado contra ele, os braços envoltos protetoramente em volta da barriga.

Ela estava nua, sua pele manchada de sangue.

— Lilli — murmurou.

A imagem foi cortada.

O desespero o esmagou, então uma lenta e torturante sensação de ser pressionado entre duas pedras em brasa tomou conta. Isso roubou o seu fôlego. Os seus pensamentos. A sua sanidade.

— Alguém a machucou... alguém se *atreveu* a machucá-la!

— Pai...

A sala começou a mudar. O chão começou a ceder.

— Preciso encontrá-la. — Sua voz estava baixa, quase inaudível com a pulsação em seus ouvidos. — *Eu tenho que encontrá-la.*

Ele não tinha um plano, não tinha como localizá-la, mas sabia que precisava sair dali. Precisava sair de Sheoul-gra. Foda-se o contrato dele com o Céu e o Inferno.

— Pai, por favor, acalme-se.

Seu rugido sacudiu o prédio. Fissuras dividiram o piso. Rachaduras ziguezagueavam pelas paredes. Pedacos de pedra do teto caíram. Hawkyn cobriu os ouvidos e gritou de dor.

A agonia rasgou Azagoth quando sua fúria ferveu o sangue em suas veias e varreu a pele do seu corpo. Ossos se quebraram e sua mandíbula se deslocou quando seu demônio interior entrou em erupção, colidindo com o teto e marcando as paredes com suas enormes asas.

Os pensamentos de Azagoth ficaram confusos quando o puro instinto os engoliu. Tudo o que sabia era a necessidade de escapar desse inferno que ele próprio criara.

Jogando sua grande cabeça de besta para trás, ele gritou. Fogo e luz, manchados pela fuligem negra, saíram de sua boca, abrindo um buraco no prédio. Ele disparou para cima, voando através da fumaça, poeira e escombros.

Fugir. Fugir. Fugir.

Lilliana!

Azagoth disparou para o céu. O bater de suas asas deslocou o ar com tanta força que os galhos se romperam das árvores abaixo, e tempestades de poeira subiram pelas trilhas cuidadosamente cuidadas que Lilliana adorava andar. A barreira entre Sheoul-gra e o reino humano estava à frente, invisível, seu poder de contenção alimentado pela graça angelical, uma pedra abençoada e peidos de unicórnio ou alguma coisa assim.

Ele vomitou uma enorme corrente de poder. Ele abriria um buraco na desgraçada. Fogo derretido espirrou na barreira, espalhando, espirrando... mas o campo de força se manteve.

Enfurecido por seu fracasso, ele bateu na barreira. Houve uma ligeira vibração.

Sim.

Dando uma volta, ele voou contra ela novamente. E de novo. E outra vez. Ele bateu nela até sentir seus ossos estalarem. Até que estava exausto demais para

manter o voo. Até que ele quis morrer.

Uma última tentativa... precisava de mais uma.

Ele bateu na barreira com tudo o que lhe restava, quebrando todos os ossos restantes em seu corpo.

Ele caiu no chão como um meteoro, enviando um tremor pela terra, lançando bancos e árvores no ar enquanto o chão formava ondas a partir do epicentro da cratera.

Atordoadado, ofegando com a dor da regeneração, ele arrancou seu caminho para fora do buraco fumegante, subindo na base do altar que o Céu e o Inferno insistiram para que ele instalasse. Aparentemente, às vésperas do Armagedom, ele deveria escolher um lado e oferecer um sacrifício em sua superfície de mármore meio obsidiana/meio branco puro para provar sua lealdade.

Ele não sacrificara o suficiente?

Ele piscou para a monstruosidade, para o cobertor colocado sobre o que parecia ser um corpo deitado na laje grossa do altar. Quem era aquele?

A exaustão e a curiosidade desgastaram sua fúria e, em resposta, sua forma começou a se transformar. Suas garras recuaram em seus dedos e suas escamas derreteram em sua pele. Oh, ele ainda estava à beira da porra da raiva insana, mas essa era a parte em que a fúria esfriava, ficando cada vez mais gelada... e muito mais mortal.

Ele não ia sair, não assim, mas ele teria a sua companheira de volta. E se certificaria de que ninguém

nunca mais ferraria com ele.

Mais equilibrado agora, lembrou-se de Hawkyn dizendo algo sobre trazer Wraith. Esse era o corpo do Sem no altar?

Azagoth ficou de pé, todos os seus movimentos desajeitados, graças aos ossos ainda partidos por causa da queda, e tropeçou ao lado do demônio. Wraith estava claramente morto, mas sob a carne fria, logo abaixo da pele, sua alma ardia. Presa. Furiosa.

Este demônio tinha espírito.

O fogo de Wraith o atraiu, despertou a necessidade de extrair do único banco de poder que apenas uma alma, especialmente uma forte, possuía. Ele apalpou a testa do demônio, franzindo a testa quando não conseguiu alcançar aquele ardente ser interior.

Que diabos?

— Pai? — correu Hawkyn, esquivando-se de estátuas tombadas e pulando as pedras irregulares. — O que foi?

— A alma de Wraith — disse ele, sua voz rouca, carbonizada pela energia malévola que usou para explodir a barreira. — Não posso tocá-la.

— Mas você pode libertá-la, certo?

— Não. — E isso o irritou. Ele tinha o poder supremo sobre as almas demoníacas, especialmente dentro de seu próprio reino.

Hawkyn afastou o cabelo de Wraith do rosto. Azagoth sempre admirou a capacidade do filho de sentir

empatia sem se sentir oprimido. Era algo que Azagoth não era capaz de fazer... e algo que acabou por trazê-lo para cá.

Foi também o que afugentou Lilliana por meses.

— Mas você é o Grim Reaper — disse Hawkyn. — Almas são suas coisas.

— O que significa que alguém mais poderoso do que eu reivindicou esta e a amarrou ao seu corpo físico.

— Mais poderoso do que você? — Hawkyn considerou isso solenemente. — Reaver? Ele era amigo de Wraith.

— Possivelmente. — E poderia haver várias razões pelas quais o anjo mais poderoso do Céu amarraria uma alma a um corpo. Azagoth não sabia quais poderiam ser, no entanto. Ele também não se importava. Não agora. — Leve o corpo para Hades. Ele manterá em segurança até que possamos libertar a alma de Wraith para o Inner Sanctum, ou alguém vier reivindicá-la.

— Alguém? — Hawkyn parecia horrorizado. — Não podemos deixar *ninguém* reivindicá-la

— Tenho preocupações maiores agora — respondeu Azagoth. — Meus filhos estão mortos e minha companheira grávida está sendo torturada. Tenho coisas mais importantes com que me preocupar do que...

Um telefone tocou e Hawkyn tirou o telefone do bolso. — Você largou isso quando se lançou pelo teto da biblioteca.

Não era de Azagoth.

A raiva abaixo de zero era a única coisa que o mantinha calmo enquanto pegava o telefone em que assistira ao vídeo e a transmissão ao vivo, e o colocava no ouvido.

— Liberte Satanás e eu libertarei sua companheira. — As palavras, ditas com um antigo dialeto Sheoulic, surgiram nas ondas do ar com uma voz profunda e sinistra que Azagoth reconheceu. Uma que ele não ficou surpreso em ouvir. O ódio se enrolou em sua barriga.

— Moloc — rosnou ele. — Você...

— Não é mais Moloc. É Moloch. Com um *H*.

— Não dou a mínima como você se chama. — Azagoth não estava com disposição para jogar o jogo de nomes desse maluco. — Você sabe o que fez?

— Não — disse Moloch, sarcasmo escorrendo pelas ondas do ar. — Acidentalmente matei os pirralhos do Grim Reaper, envenenei sua companheira e a sequestrei.

— Devolva-a agora, e não vou torturá-lo antes de te matar. — Não, ele teria uma eternidade para infligir dor ao filho da puta enquanto sua alma residia no pior nível do Inner Sanctum.

— Não tenho medo de você, Azagoth. — Ao fundo, Azagoth ouviu um gemido e rezou para que não viesse de Lilliana. — Liberte o Senhor das Trevas. Você tem quarenta e oito horas humanas.

A linha ficou muda.

Hawkyn ficou tenso quando Azagoth baixou o

telefone do ouvido. — O que ele disse?

— Ele disse que tenho quarenta e oito horas para libertar Satanás. Ele também disse que não tem medo de mim.

Ele sentiu o ódio gelado se expandir dentro dele, lentamente a princípio, e depois se transformando em uma avalanche de malevolência. Ele passou a língua por uma presa e saboreou a picada aguda, o gosto metálico do sangue que ele imaginava ser de Moloch.

— Mas em breve, ele terá.

CAPÍTULO 12

Quando Idess chegou a Sheoul-gra, ela foi recebida por estátuas e árvores caídas, trechos de terra tortos e meia dúzia de rostos sombrios.

Não era um bom sinal.

Jasmine, descalça e vestida com uma calça harém⁽⁶⁾ multicolorida e um top cropped preto, disparou para frente quando Idess saiu da plataforma do portal. — Estamos tão felizes que você veio.

Hawkyn assentiu em concordância. — Obrigado por vir.

Na verdade, Idess ficou agradecida quando a mensagem de Hawkyn lhe deu uma razão para escapar do desgosto em sua extensa família Seminus, mesmo que por pouco tempo. Seu companheiro, Lore, só conhecia Wraith, e seus outros meios-irmãos, Shade e Eidolon, há alguns anos. Mas eles, junto com a irmã gêmea de Lore, Sin, se aproximaram. Tão perto que quando Idess e Lore quiseram um filho, mas não conseguiram conceber devido à esterilidade de Lore, os irmãos se ofereceram para ajudar.

Agora, o filho não apenas havia perdido o tio, como também o pai biológico.

Uma tristeza esmagadora a envolveu com a lembrança de contar a Mace sobre Wraith. Os olhos castanhos de Mace se encheram de lágrimas, e a primeira coisa que saiu de sua boca foi a preocupação com seu meio-irmão.

— Pobre Stewie — disse ele. — Ele não tem outro pai como eu. Posso compartilhar com ele, mamãe.

Perder Wraith enviou toda a família para um estado de profundo luto, e quando ela olhou em volta de Sheoul-gra, parecia que as coisas não estavam muito melhores aqui.

As mortes de Journey e Maddox foram um golpe terrível, mas o fato de Lilliana ainda estar viva deixou espaço para esperança.

Por isso, Idess suspeitava que ela estivesse aqui.

— Não sei como você espera que eu ajude com o Pai — disse ela. Ela nem conseguia ajudar seu companheiro neste momento. Abraços e recargas do copo de uísque não ajudavam tanto.

Jasmine gesticulou para o ambiente destruído com um movimento do braço, suas dezenas de pulseiras tilintando delicadamente. — Dê uma olhada ao redor. Ele fez isso. O humor dele não está melhorando.

E por que o faria? Um monstro tinha a sua companheira. — O que está sendo feito para localizar Lilliana?

— Ele cobrou praticamente todos os favores devidos a ele — disse Hawkyn. — Os Cavaleiros estão ajudando, e Cara enviou cães do inferno à caça.

O tom de seu irmão estava cheio de apreensão.
— Mas?

— Mas Moloch levantou um exército de apoiadores de Satanás com promessas de que ele o libertaria. Existem rumores de que Revenant foi preso ou destruído, dependendo de com quem você fala. Sem Revenant por perto, ninguém teme sua retaliação e eles estão migrando para a bandeira de Moloch.

— Droga — respirou Idess. — Ouvimos movimentos semelhantes no hospital. Eidolon pediu a todos os membros da equipe que questionassem os pacientes sobre o que ouviram. Ele quer os assassinos de Wraith e está convencido de que tudo está conectado.

— Tem que estar — entrou Cipher na conversa, os olhos fixos em seu iPad. Os anjos caídos estavam no estacionamento para forçar Lilliana a usar o Harrowgate. Não temos certeza de como a morte e a alma presa de Wraith desempenham um papel, mas vamos descobrir.

Ela olhou para o caminho arruinado até a fonte que antes fluía com sangue, que ontem mesmo fluía com água cristalina. Agora, estava em ruínas na base do palácio de Azagoth.

— Onde está o Pai agora?

— Ele está no Inner Sanctum. — Os olhos de Jasmine se voltaram para Hawkyn, quase como se buscando permissão para continuar. E então ela terminou em voz baixa e grave: — Com um sumo sacerdote Apóstolo da Morte.

Idess ofegou. Apóstolos da Morte eram maus até para os padrões do Inferno. Demônios que celebravam violência e dor com zelo religioso, seus sacerdotes e sumos sacerdotes possuíam habilidades poderosas e assassinas. Mas não foi essa parte que a deixou cambaleando. Era que ninguém podia entrar no Inner Sanctum, exceto Azagoth, Hades, Cat e os guardas anjos caídos que administravam o lugar. Os milhões, talvez bilhões, de demônios presos lá poderiam tirar proveito da forma física de um visitante e dos poderes inerentes a ela. Uma única unha humana poderia permitir que uma alma escapasse para o mundo humano. Um fio de cabelo de um anjo poderia ser transformado em uma arma capaz de matar todos os guardas.

— Por quê? — perguntou ela, ainda atordoada com a notícia.

— Não sabemos — disse Jasmine, e todos trocaram olhares, seu desconforto claro. — É por isso que você está aqui. Ele precisa de conselhos e não ouvirá nenhum de nós. Ele suspeita de quase todo mundo, mas confia em você. E em Hawkyn.

Ela olhou para Hawk. — Então por que você não está lidando com isso?

— Porque eu preciso de apoio, Idess. — Ele parecia exausto. Todo mundo parecia. Eles deveriam saber que as chances de recuperar Lilliana não eram boas. — Eu já lhe dei as más notícias. Como a prole que ele conhece há mais tempo do que qualquer um de nós, é a sua vez.

Era uma coisa tão fraternal de se dizer, e ela realmente sorriu um pouco antes de voltar à realidade. E a realidade era que ela seria um cordeiro do sacrifício. A filha que foi deserdada por tentar tirar as chaves do pai idoso antes de matar alguém.

— Tudo bem — suspirou enquanto tirava a jaqueta e a colocava no braço. — Você disse em sua mensagem que recuperou o corpo de Wraith. O Pai cuidou da alma dele? Seus irmãos e irmã gostariam que ele fosse devolvido.

Hawkyn balançou a cabeça. — A alma dele está presa à sua forma física por alguém mais poderoso do que o nosso pai. Hades está cuidando de Wraith por enquanto.

Que estranho. Pobre Wraith. Quem teria mexido com a alma dele? E por quê?

Um pequeno tremor sacudiu o chão, e Hawk olhou para cima bruscamente. — Você deveria ir ao Pai.

Isso não seria agradável.

Hawkyn andou ao lado dela na caminhada para o escritório de Azagoth. Eles tiveram que fazer vários desvios ao redor de objetos, claramente os destroços da ira de Azagoth. Ela não se incomodou em perguntar do que se tratava. Sua companheira e filho ainda não nascido estavam em perigo, ela ficou surpresa porque o dano não foi pior.

Então ela viu o pátio.

Pedaços de telhado, fuligem e uma espessa camada de poeira cobriam tudo à vista. O interior do

palácio estava ainda pior, com paredes desabadas e várias estátuas vivas quebradas. Ela nunca sentiu pena daqueles seres malignos que Azagoth havia encerrado em pedra e exposto em seu Salão das Almas, mas não pôde deixar de estremecer quando teve que passar por cima do torso quebrado de algum pobre idiota. Isso deveria doer.

— Você deveria ver a biblioteca — disse Hawkyn, chutando para o lado uma cabeça de pedra com dois chifres quebrados. — Sinto que haverá muitos danos colaterais antes que tudo isso acabe.

Quando seres poderosos lutavam, *sempre* havia danos colaterais. — Quem você acha que deu o veneno a Lilliana?

A expressão de Hawkyn tornou-se ainda mais sombria e mais perturbada do que já estava. — Não sei. Ainda não acredito que alguém aqui faria isso.

— Estou surpresa que Zhubaal não tenha expulsado todo o pessoal, exceto os essenciais.

— O Pai disse a ele para não deixar ninguém além de mim e mais alguns deixarem Sheoul-gra. — Hawkyn parou para deixá-los entrar no escritório de Azagoth. — Somente os Memitim cujos *heraldis* foram ativados podem sair para proteger seus Primori. Ele não quer dar a quem a envenenou uma chance de fugir.

Fazia sentido. E, cara... ela não queria estar por perto quando ele pegasse o desgraçado. Azagoth faria seja lá quem fosse desejar nunca ter nascido. Ela estremeceu quando Hawkyn caminhou até a parede

oposta e abriu o portal para o Inner Sanctum.

— Você já esteve dentro? — perguntou ela.

— Apenas uma vez, e apenas na área de entrada.

Não posso nem dizer como será, porque muda o tempo todo. É onde o Pai deveria estar. Não consigo imaginar que ele levaria alguém, muito menos um Apóstolo da Morte para um dos anéis.

Não, ela também não imaginava isso. Azagoth, por necessidade, tinha regras muito rígidas a respeito de quem poderia entrar no Inner Sanctum, e ninguém era permitido, a menos que estivesse acompanhado por ele ou por Hades.

— Talvez devêssemos convocar Hades — sugeriu.

Ele balançou a cabeça. — Não precisa. O portal irá alertá-lo da atividade. Se Azagoth não estiver lá dentro com o sacerdote demônio, Hades estará lá em pouco tempo para expulsá-la.

— Então eu devo ir. — Ela hesitou, um pensamento repentino e perturbador surgiu em sua mente. — Hawkyn? E se nosso pai levou o demônio para um dos anéis?

Sombras brilhavam em seus brilhantes olhos verdes, transformando-os em uma floresta à noite. — Então as coisas estão ainda mais graves do que eu pensava.

— Tem alguma dica?

— Sim. Não morra.

Era algo que Wraith teria dito, e ela sorriu tristemente ao passar pela porta e entrar em uma das

áreas mais estranhas que ela já viu.

Uma terra cinzenta e árida se estendia até onde os olhos podiam ver, interrompida apenas por seis edifícios de pedra que se assemelhavam a mausoléus, um mais novo do que os outros. Definitivamente não havia Azagoth ou Apóstolo da Morte.

O que notou foi uma aura carmesim em torno de um dos edifícios. Esquisito. Era para onde Azagoth havia ido?

Um estrondo subiu, sacudindo o chão. Passos? Ela se virou para ver Hades à distância, vindo rapidamente, embora parecesse andar. Como ele fazia isso?

Saia daqui.

A voz dele cresceu dentro da cabeça dela.

Saia agora!

Merda. Sem pensar, ela correu para o mausoléu com os anéis carmesim.

— Idess! Não! — Desta vez, a voz dele não estava dentro da cabeça dela. Estava praticamente no ouvido dela.

Ela correu para dentro... e entrou em um reino tão horrível, tão grotesco, que começou a retroceder.

Até que ouviu a voz de Azagoth.

Engolindo bile, ela abriu caminho entre gotas ensanguentadas e trêmulas do tamanho de caminhões basculantes e esqueletos que se contorciam no chão. As coisas deslizavam e rastejavam sob os pés, e seres contorciam e inchados com seus órgãos do lado de fora

gemendo enquanto estavam pendurados em crucifixos espinhosos.

Ela rodeou uma parede de dentes estalando, pulando para trás quando uma presa pegou sua manga. Merda. Esfregou o braço enquanto espiava além da parede e avistou o seu pai na beira de um penhasco. O Apóstolo da Morte ao lado dele, vestido com algo direto de *Mad Max*, incluindo seu elmo, que parecia ter sido moldado a partir do crânio de algum tipo de criatura humanoide.

Azagoth observava o sacerdote cantando em Sheoulic, seu cajado de osso brilhando enquanto o segurava no alto. O que ele estava fazendo?

De repente, algo a agarrou e cobriu a sua boca. Ela não conseguia gritar, nem podia ver quando foi girada e arrastada para algum tipo de casulo pegajoso. Pânico desgastou as bordas de seu controle quando visões de si mesma sendo lentamente digerida ou mastigada em carne de hambúrguer encheram sua cabeça. Então, Hades estava lá, sua lâmina cortando os braços de borracha que a seguravam.

— Tola — sussurrou ele severamente enquanto a libertava. — Este não é um lugar para quem não é mal, muito menos para um anjo.

Ela não era mais um anjo, mas agora não era hora de discutir.

Hades mostrou as presas para ela, dentes muito maiores do que os da parede. — Vamos, antes que Azagoth saiba que você está aqui.

— Eu já sei. — A voz de Azagoth, pouco mais do que um rosnado serrilhado, veio de todas as direções, soprando os cabelos de Idess como uma rajada de vento. — Traga-a para mim.

Ah não.

Amaldiçoando, Hades olhou para ela e a levou diante de Azagoth enquanto ele estava no precipício com vista para um vale. Um desfiladeiro cheio de demônios. Milhares deles. Dezenas de milhares.

A decepção em sua expressão combinada com as chamas raivosas, chamas literais, em seus olhos, fez sua boca ficar tão seca quanto a casca desidratada de qualquer criatura que atualmente estivesse aos seus pés.

— Então, você é o sacrifício escolhido.

Ela engoliu em seco. — O quê?

— Seus irmãos e irmãs. Eles escolheram você para me espionar e depois me convencer do contrário caso descobrisse que eu estava fazendo alguma loucura.

Aliviada por ele não estar sendo literal e precisando de um sacrifício de sangue por tudo o que fazia aqui, ela tentou reunir um pouco de dignidade depois de ser manuseada por uma planta carnívora e fedida, e depois por Hades.

— Não é nada disso — disse ela, apesar de ser. — Todo mundo quer ajudar. Queremos trazer Lilliana de volta.

— É o que estou tentando fazer.

Ela olhou para o sacerdote demônio, sua pele

calcária tornada mais pálida por seus lábios negros e olhos negros mortos. — Fazendo o que, exatamente?

Azagoth apontou para as legiões de demônios abaixo. — Recrutando a ajuda deles.

Ela tinha um mau pressentimento sobre isso. — Pai, certamente existem outras maneiras. — Ela se virou para Hades em busca de ajuda. — Certo?

— Foda-se isso. — Hades levantou as mãos e recuou. — Não me coloque no meio dessa merda. Eu apenas trabalho aqui. De graça, devo acrescentar.

O sacerdote continuou, a multidão abaixo cantando com ele, e ela captou algumas palavras perdidas. Mas não podia ter ouvido o que pensava ter ouvido. Ela ouviu mais atentamente enquanto o canto do sacerdote ficava mais alto e mais frenético. Quando tudo finalmente se encaixou em sua cabeça, ela ofegou.

— Ele... ele está dando a eles o poder de matar.

A cabeça de Hades virou para Azagoth. — Pensei que eram apenas os *griminions*.

Os *griminions* também?

O ar ficou muito frio quando Azagoth pegou Hades pela garganta. — E eu pensei que você não queria estar no meio dessa merda. — Ele arreganhou as presas, desencorajando qualquer comentário adicional antes de liberar Hades e voltar seu foco para Idess. — O sacerdote aqui está dando a cem mil almas o poder de matar uma única vez e possuir o corpo da sua vítima depois que os *griminions* coiletem a alma. Então eles perfuram as defesas de Moloch e resgatam Lilliana.

Putá merda. O plano era ousado, brutal e um enorme dedo do meio direcionado para o Céu. Ela não podia deixá-lo fazer isso.

— Mas, Pai, Moloch tem milhões de apoiadores agora. Mesmo que seus soldados recentemente ressuscitados cruzem as fileiras, mesmo que resgatem Lillian, o Céu irá...

— O quê? — rosnou Azagoth. — O que eles podem fazer comigo que ainda não fizeram? Eu parei de jogar de acordo com as regras deles.

Ela torceu as mãos, inquieta com a imprudência dele. — Eles vão te destruir!

— *Eles vão se curvar a mim.* — Suas asas explodiram, lançando longas sombras no vale dos demônios abaixo. — Mate o primeiro demônio que vocês virem — gritou ele. Qualquer demônio. Eu não ligo.

— Pai. — Idess agarrou seu pulso, implorando. — Não. Por favor. Temos amigos demoníacos. Meu companheiro e filho são demônios.

Azagoth rosnou e voltou-se para eles. — Apenas demônios do mal. Vão! Coilem!

O Apóstolo da Morte ergueu o seu punho no ar, e um portal embaçado apareceu contra a face de um penhasco escarpado. Os demônios avançaram em direção à abertura, a sede de sangue tão espessa no ar que ela podia sentir o gosto na língua.

Ela não deveria dizer nada. Deveria ficar de boca fechada. Mas não foi assim que ela foi feita. Azagoth estava cometendo um erro e alguém pagaria o preço.

— O Céu não deixará isso acontecer — disse ela suavemente. — Uma coisa é derrotar um inimigo. Outra é libertar cem mil almas e permitir que matem cem mil pessoas.

— Você realmente acha que eu me importo? — Ele olhou para o inferno que criara, seu perfil tão duro quanto o ambiente. — Sem Lilliana, eu não sou nada. Nada importa além de recuperá-la. — Ele acenou com a mão em despedida. — Tire-a daqui, Hades.

Ela não protestou. Simplesmente deixou Hades guiá-la ao escritório de Azagoth, onde Hawkyn esperava. No momento em que Hades fechou o portal e desapareceu, ela informou seu irmão sobre tudo.

Hawkyn ouviu, sua expressão ficando mais preocupada com cada palavra. Finalmente, ele fechou os olhos e esfregou-os com as palmas das mãos.

— Foda-se, eu sei o que devo fazer — murmurou ele. — Porra!

— Hawkyn?

Ele não parecia tê-la ouvido. — Ele verá isso como uma traição.

— Ver o que como uma traição? — Ela agarrou o biceps dele e o forçou a olhar para ela. — Hawk, o que você fará?

Seu olhar encontrou o dela, a gravidade em seus olhos cor de esmeralda enviando um arrepio de medo em sua espinha. — Vou denunciá-lo ao Reaver — disse ele. — Vou denunciá-lo ao Céu.

CAPÍTULO 13

— Jantar, Lil?

Lilliana piscou ao som da voz feminina enquanto a luz inundava a câmara em que ela estava algemada por... um século, talvez? Provavelmente não passava de dois dias, mas parecia mais. Muito mais tempo

— Eu trouxe algo para você comer.

Ela gemeu, esperando uma tigela de sangue coagulado ou um pernil de carne misteriosa coberto de larvas. Mas o anjo caído, uma fêmea traiçoeira chamada Flail, largou um prato de madeira com um sanduíche de queijo murcho, mas não de aparência terrivelmente nojenta, e uma maçã murcha e machucada.

Lilliana sentou-se, puxando a túnica rasgada e manchada que lhe foi dada para usar. Ela tentou ser indiferente e desprezar a comida, mas seu estômago a traiu com um grunhido que ecoou dentro da câmara apertada.

Ainda assim, ela resistiu ao desejo de cair sobre a comida como um leão faminto em uma gazela morta.

Flail fechou a pesada porta da câmara e usou seu poder para aumentar o brilho da única tocha na parede oposta. — Fiquei meio triste quando descobri que

Moloch conseguiu te sequestrar — disse ela. — Você sempre foi decente comigo em Sheoul-gra.

— Isso foi quando eu pensei que você era uma aliada. — Lilliana usou o pé para afastar uma barata infernal do tamanho de um sapato que deslizou em direção ao sanduíche. — Agora que eu sei que você era o inimigo, gostaria de ter cuspidido na sua cara traidora.

Flail sorriu, uma exibição malévola de presas. — Eu aposto que você gostaria. — Ela pisou na barata e empurrou o prato de comida para mais perto. — Eu não precisava te trazer isso. Moloch disse para deixar você morrer de fome.

Lilliana se apoiou cautelosamente contra os espigões que se projetavam para fora da parede e não disse nada. Flail estava brincando com ela, esperando que ela *fizesse* a pergunta óbvia de, *então por que você trouxe isso?* Lilliana poderia brincar também.

Quando ficou claro que Lilliana não se cederia, Flail pisou no sanduíche, esmagando-o sob a bota de salto pontudo como se tivesse o inseto.

— Sua cadela ingrata. — Ela levantou o pé, a fatia de pão grudada na sola da bota. — Eu apenas pensei que você gostaria de alimentar o bebê.

— O bebê e eu estamos bem. Mas obrigada por se importar — acrescentou ela, sua voz pingando sarcasmo.

Flail chutou o pão achatado através da pequena cela. — Coma ou não coma. Eu não ligo, caralho. Talvez você goste da ideia de ficar cada vez mais fraca até que

seja uma mecha patética que não pode morrer. Eu já vi isso acontecer, sabe. Imortais que são teimosos demais para fazer o que precisam para funcionarem. É triste. E estúpido. — Ela balançou a cabeça, fazendo seus longos cabelos escuros balançarem frouxamente ao redor dos seus bíceps. — Oh, que idiota! Por que alguém escolheria suportar um tormento sem fim?

— O tipo de tormento sem fim que estou sofrendo agora?

— Você ri, mas não acha que deveria ficar forte? Pela criança? — perguntou Flail. Isso era ridículo. Flail não dava a mínima para o bebê. — Não envenenei a comida. Se eu quisesse você morta, eu mesma a mataria. Coma.

Lilliana olhou as ofertas. Ela realmente estava com fome e Flail estava certa. Ela precisava permanecer forte até Azagoth poder resgatá-la.

E ele a resgataria. Sobre isso, ela não tinha dúvida. Também não tinha dúvida de que Moloch se arrependeria de sequestrá-la e assassinar os filhos de Azagoth.

Casualmente, ela pegou a maçã. Estudou-a. Deu uma cheirada. Flail assistiu divertida enquanto Lilliana finalmente deu uma mordida hesitante. Estava morna, seca e azeda, mas era a única coisa que ela comia desde que chegara aqui, e a única coisa que lhe fora oferecida que lembrava comida.

Estava uma delícia. Teve que se forçar a não gemer em êxtase enquanto a devorava até o âmago.

— Agora — disse Flail com um leve sorriso. — Vamos conversar sobre negócios.

Lá estava, a verdadeira razão de Flail estar aqui. Lillianiana deu uma mordida no pão com queijo enquanto a anjo caído tirava um telefone do bolso.

Flail estendeu o celular. Vou deixar você falar com seu companheiro se você prometer dizer que ele deve libertar Satanás da sua prisão.

Ela quase se engasgou com o sanduíche com o absurdo contínuo dessas pessoas. — Liberar Satanás desencadeará o Apocalipse. Azagoth nunca fará isso.

— Ouça-me, Lillianiana. — A voz de Flail detinha uma nota de urgência, seu olhar caindo na barriga de Lillianiana com tanta intensidade que Lillianiana colocou os braços protetoramente em volta dela. — Se você não conseguir convencer Azagoth a fazer isso, você e seu bebê vão sofrer horrores que você nem imagina. — Ela empurrou o telefone para mais perto. — Você tem que tentar.

Lillianiana riu, a acústica na sala fazendo-a parecer um pouco demente. — Você *quase* parece que se importa.

Manchas vermelhas e irritadas floresceram nas bochechas de Flail. — Vamos esclarecer uma coisa, sua puta gorda. Não dou a mínima para você ou para a pequena mancha na sua barriga. Meu único desejo é servir ao Senhor das Trevas e me deleitar com o Fim dos Dias. Ela colocou o telefone de volta no bolso. — E seria melhor para todos se Azagoth fizesse as coisas da

maneira mais fácil. — Ela girou graciosamente em direção à porta, mas antes de sair, olhou por cima do ombro. — Pense nisso, mas não demore muito. Moloch deu a Azagoth quarenta e oito horas para agir, e ele está ansioso para dar o próximo passo. Eu prometo que você não vai gostar. Durma um pouco. Você vai precisar.

CAPÍTULO 14

Azagoth tinha espiões por toda parte. Eles monitoravam a atividade demoníaca, humana e angélica por eras. Eles o mantiveram atualizado sobre política, desastres naturais e todas as guerras travadas desde o dia em que ele juntou Sheoul-gra dos restos da criação do universo.

Em menos de doze horas, eles estariam relatando o início de uma batalha que ele pôs em movimento libertando cem mil almas para lutar por ele. Cara estava enviando cinco mil cães do inferno, e com Ares comandando o exército, eles venceriam.

Ele dispensou o espião que acabara de informá-lo de algo novo, talvez importante, talvez não. Moloch tinha um visitante estranho e frequente, um que ele disse, *cheirava a sangue de Satanás*, que Azagoth supôs que o visitante era uma das criações profanas de Satanás. Pena que seu espião não tinha um nome para acompanhar a descrição.

Também era uma pena que ele não pudesse ter enviado por mensagem a informação. A tecnologia foi a melhor coisa de todos os tempos para sua rede de espionagem, mas algumas espécies, como os Malibites,

não podiam usá-la, seja por razões religiosas ou porque sua fisiologia não permitia.

Os Malibites não podiam tocar em nada eletrônico, ou isso diminuiria suas memórias. Ele se perguntou se isso incluía coisas a pilhas como brinquedos sexuais. Então ele ponderou se um dos brinquedos de Lilliania poderia dar um curto-circuito *nele* e se livrar de todos esses dias fodidos.

Ele deveria estar com sua companheira, se preparando para receber um bebê. Em vez disso, ele estava em sua nova sala de guerra, preparando-se para a luta da sua vida.

Preparando *e* andando sem parar pelo fodido chão. As batidas de suas botas bateram como um trovão, ondulando em torno das paredes polidas do seu salão raramente usado, seu teto em arco e seis entradas maciças mal deixando o som escapar. As gárgulas demoníacas empoleiradas no topo dos quatro pilares dos cantos vigiavam, seus olhos vermelhos brilhando.

Tanto quanto sabia, eles nunca se afastaram dos pilares de obsidiana dos quais foram esculpidos, embora Lilliania especulasse que eles ganhavam vida à noite como as exposições daquele o filme do museu que ela o fez assistir.

Algum dia, porém, eles voariam, pelo menos de acordo com o anjo que os esculpiu com as ferramentas de um escultor demônio morto. Serviriam como protetores quando as paredes de Sheoul-gra desmoronassem. — Por força da vontade da Besta —

dissera o anjo.

Sim, bem, ainda havia mais de nove séculos antes de Satanás ser libertado, assim as gárgulas precisariam esperar. Azagoth não faria isso acontecer mais cedo. Satanás o odiava, o tolerava comandar Sheoul-gra, mas Azagoth não tinha dúvida de que o desgraçado apenas aguardava seu tempo até que algum dia pudesse atacar Azagoth da maneira mais dolorosa possível.

— Por favor, Pai. — Suzanne ficou na frente dele quando ele fez seu milésimo passeio pela sala. Sobre a mesa que podia acomodar cem pessoas, seu telefone, notebook e o celular de Moloch estavam em silêncio. — Você precisa descansar.

— Não posso descansar enquanto minha companheira e meu filho estão sofrendo.

— Eles precisam de você inteiro. — Ela entregou a ele uma xícara fumegante da bandeja ao lado dos eletrônicos. — Tome um chá. Eu mesma fiz.

Ele não bebia a merda de chá. Quem diabos ela pensava que ele era? A rainha da Inglaterra?

— Vamos lá — disse ela, completamente alheia ao olhar dele. — Deixe-me levá-lo ao seu quarto para tomar um banho e trocar de roupa antes que a batalha comece. Vista-se para o sucesso e tudo isso.

Suzanne sempre teve a atitude positiva e atrevida de uma princesa da Disney, mas pelo menos o que ela propôs era meio razoável. E talvez isso fizesse ela, Hawkyn, Cipher e Jasmine deixá-lo em paz sobre

descansar um pouco. Não, ele não *precisava* disso, não da maneira que os mortais precisavam, mas o silêncio e o sono ajudavam a acelerar a cura... tanto física quanto mental.

A questão era que ele não precisava curar merda nenhuma. O que ele precisava era da sua companhia.

— Preciso falar com Zhubaal. Ele disse que tinha uma atualização sobre a investigação. — Azagoth começou a abaixar a xícara, mas Hawkyn o bloqueou. De onde ele viera?

— Acabei de falar com ele. Ele lhe enviou uma lista de tudo o que foi dado a Lilliana desde que ela voltou e quem lhe deu. Ele está interrogando todo mundo.

Azagoth arqueou uma sobrancelha. — Até você?

Hawkyn rosnou. — Eu fui o primeiro. — Ele apontou para a xícara. — Agora você não tem desculpa para não ir com Suzanne.

Sombriamente divertido, porque Z era um bastardo durão quando estava no modo missão, Azagoth bebeu o chá, que poderia ter usado uma dose de uísque para torná-lo palatável, e devolveu a xícara a Suzanne.

— Eu posso encontrar o meu caminho para o quarto. — Ele pegou os dois telefones da mesa. — Se ouvir alguma coisa sobre *algo*, me avise imediatamente. Voltarei em dez minutos.

No caminho para o quarto, ele verificou os dois telefones em busca de atualizações. Ainda não havia nenhuma conversa de baixo nível sobre suas forças

entrando nos territórios de Moloch, mas o submundo estava definitivamente falando sobre a erupção de demônios caindo mortos e depois ressuscitando como pessoas completamente diferentes.

Os *Griminions* estavam reunindo as almas daqueles que foram forçados a sair dos seus corpos físicos pelas almas que ele libertou, e até agora, eles trouxeram quase setenta mil. O que significava que trinta mil dos desgraçados que ele libertara não encontraram um demônio adequado para assumir o comando.

— Depressa, seus filhos da puta exigentes — murmurou enquanto entrava no quarto.

A porta se fechou e um peso enorme e instantâneo foi retirado de seus ombros. Este quarto nunca foi o seu lugar favorito em Sheoul-gra, mas desde a chegada de Lilliana, tornou-se o seu santuário. O lugar onde ele poderia relaxar. Onde poderia se perder em sua companheira. Onde poderia esquecer o que era e ser quem ele *queria* ser.

Lutando contra um bocejo, porque não, parecia que estava lutando com tudo ultimamente, ele tirou a roupa e foi para o chuveiro. Sua mente ainda girava com mil pensamentos, mas sob o jato quente, seu corpo virou borracha. Porra, se sentiu bem. Ele não havia tomado banho desde que Lilliana desapareceu. Ainda estava coberto de poeira e seu próprio sangue. Inferno, seus chifres ainda estavam estendidos em sua cabeça, como descobriu quando tentou lavar o cabelo com as

coisas com cheiro de coco de Lilliana... só porque queria cheirá-la em si mesmo.

Porra, ele estava um desastre. Não é de admirar que todos estivessem tentando convencê-lo a fazer uma pausa.

A sujeira escorria do seu corpo e, quando se sentiu limpo, suas pálpebras estavam caindo. Que diabos?

— Suzanne — rosnou. — Maldita seja.

Ela o drogou. Talvez não com uma droga de verdade, mas com sua magia de cozinhar. Sua filha culinariamente talentosa podia infundir a comida e a bebida com emoções ou a capacidade de relaxar ou ser mais criativa, ter mais energia... ela estava expandindo seus poderes constantemente.

Ele não se incomodou em se secar. Ele ia se vestir e repreender Suzanne.

Logo depois estacionou sua bunda na cadeira favorita de Lilliana e se recompôs.

Afundando-se, ele deitou e fechou os olhos. Ele descansaria por um minuto, apenas o tempo suficiente para tirar seus filhos de suas costas.

Porra, ele estava cansado. Fisicamente, poderia ficar sem dormir por séculos. Ele ficaria louco, com certeza, mas poderia fazer isso. Ele sabia disso porque fizera isso uma vez, alguns milhares de anos atrás.

Mentalmente, porém, ele precisava de uma recarga, não importa o que pensasse sobre isso antes. Raiva e ódio o sustentavam por dias, e continuaria

alimentando todas as decisões que ele tomasse até Lilliana estar de volta.

Ruídos de fundo e pensamentos desvaneceram-se quando pensamentos de Lilliana encheram a sua mente. Ele flutuou, suas lembranças lhe deram seus primeiros momentos de paz desde que esse pesadelo começou.

— Azagoth?

Ele ficou de pé, assustado com o som da voz de Lilliana. — Lil?

Ele se virou em direção à porta e congelou ao vê-la de pé ali. Ela usava uma túnica cinzenta, disforme e manchada, mas o cabelo estava perfeito, pendurado em cachos lisos, a pele rosada, os olhos brilhantes.

Ela voou para os braços dele. Seu perfume, baunilha e jasmim, o cercou. — Estou aqui. Como estou aqui em vez de estar na masmorra de Moloch?

Isso não poderia ser real. Mas ele não podia soltá-la. — Não me importo como — murmurou ele em seus cabelos. Ele cheirava a coco.

— Eu acho... — Ela se afastou um pouco e olhou para ele. — Acho que estamos dormindo. — Ela deixou a mão cair na barriga plana. — Mas não é um sonho.

Ele franziu a testa. — Você acha que estamos sonhando? Ou em projeção astral?

— Eu acho que o bebê está fazendo isso acontecer.

Isso era inteiramente possível. As mulheres grávidas de uma criança poderosa muitas vezes

herdavam temporariamente as habilidades do bebê. — Se isso for verdade, como saberemos se isso é real ou não?

Ela pensou por um segundo. — Eu sei. — Ela apontou para a cômoda. — Quando você acordar, abra a minha gaveta de lingerie. No fundo, há uma caixinha vermelha. É um presente que eu lhe daria quando o bebê nascesse. Se você não sabia disso antes, isso é prova de que isso não foi tudo um sonho.

Ele supôs que era verdade, mas não gostou de como ela estruturou o argumento, que ela *lhe daria*, não lhe dar.

— Você estará aqui quando o bebê nascer, Lillian. — Ele a beijou, perdendo-se no calor de seus doces lábios. — Encontrarei uma maneira de trazê-la para casa.

— Eu sei — murmurou ela contra a boca dele.

Ele levantou a cabeça e bebeu a visão dela, memorizando os cílios, a curva de sua mandíbula, a inclinação graciosa de seu nariz. Ele deveria ter passado mais tempo a admirando antes. Que desperdício ele foi nos últimos anos.

— Como *você* saberá que isso é real?

— Não preciso de provas — disse ela. — Eu posso sentir isso através do bebê. — Os olhos dela brilharam, como quando estava animada com uma ideia. — Azagoth, podemos usar isso.

Se isso fosse real, e não algum tipo de truque, então sim, eles poderiam. — Primeiro, preciso saber

como você está. Eu vi um vídeo...

— Shh. — Ela colocou um dedo nos lábios dele. — O bebê e eu somos fortes. Mas, por favor, diga-me que você tem um plano para me tirar daqui. Não me diga qual é, porém, apenas no caso de *que* isso é algum tipo de truque, ou Moloch está de alguma forma ouvindo.

Porra, ele amava como estavam sincronizados. — Estou trabalhando nisso agora. Mas você pode me dizer algo que possa ajudar? Moloch contou quem nos traiu?

— Perguntei a ele, mas tudo o que ele disse foi que eu descobriria eventualmente. Ele é tão horrível, Azagoth. Totalmente demente. Até adicionou um *H* ao seu nome para que a história pudesse distinguir entre Moloc e Moloch, como se alguém se importasse.

— Eu sei — resmungou ele. — Ele enviou um anúncio oficial pela rede demoníaca. Uma maldita conversa sobre como seu bom amigo John Milton escreveu errado Moloc em *Paradise Lost*, mas que deve ter sido o destino que ele tivesse adicionado um *H*, porque agora o universo testemunharia a ascensão de Moloch. O cara é um lunático narcisista.

Ele estava *muito* mais instável do que Azagoth havia previsto.

Lilliana assentiu distraidamente, e quando falou, houve um engate em sua voz. — Sinto muito pelo Maddox e Journey. — Com o aceno de cabeça abalado dele, ela continuou. — Não sei se isso é útil ou não, mas Moloch disse que tinha tudo planejado, desde a minha

admissão no Underworld General até o meu plano de ir para a ilha de Ares depois. — Afastando-se, ela foi em direção às portas de vidro que levavam à varanda. — E Flail está aqui. Com Moloch, quero dizer. Você pode obter alguma informação sobre ela? Alguma coisa do passado dela como anjo, talvez?

Flail. Aquela *vadia*. Ela os traiu mais de uma vez, e ele tinha certeza de que ela estava por trás da morte de pelo menos um de seus filhos. — Ela machucou você?

Ele já planejava matá-la, mas se ela tivesse machucado Lilliana de alguma forma, ele demoraria muito tempo fazendo isso.

— Pelo contrário, ela está sendo legal. — Lilliana afastou a cortina das portas da varanda, deixando entrar a luz do dia. Não havia sol aqui, mas o céu infinito acima mantinha o horário diurno e noturno, o brilho durante o dia diretamente em sintonia com o humor de Azagoth. Agora, estava tão brilhante quanto o sol do meio-dia em qualquer deserto. — É muito provável que seja um estratagema para me fazer cooperar, mas ela tem a vantagem de saber mais sobre mim do que eu sobre ela.

— Vou conseguir o que você precisa. — Ele se aproximou por trás dela e passou os braços em volta da sua barriga, puxando-a para perto.

— Eu preciso de você. — Havia lágrimas em sua voz, e o coração dele se despedaçou, derramando agonia por todo o seu peito.

— Logo — prometeu ele. — Farei qualquer coisa para recuperá-la.

— É por isso que tudo lá fora está destruído?

Ele olhou para o campo de destroços e para a terra queimada e marcada. Seu reino realmente refletia o que estava acontecendo em sua vida, não é?

— Eu tentei sair.

— Oh, querido — sussurrou ela, virando-se para ele. Ela apoiou a cabeça no peito dele, e ele sentiu a umidade escorrer por sua pele. Ela estava chorando, e ele se sentiu tão desamparado. Tudo o que podia fazer era segurá-la.

E se sentir um fracasso total.

Como desejava poder voltar no tempo, ao início, até o dia em que Gabriel chegara a ele com a oportunidade de fazer algo pelo bem de todos os reinos.

Ele ainda teria feito isso, mas teria feito algumas alterações substanciais no contrato. Embora, na verdade, não fosse o contrato original que era o problema. O problema era que o Céu continuava mudando as regras. Eles deixaram as coisas nebulosas o suficiente no contrato, e sempre encontravam maneiras de mudar as coisas.

Inicialmente, havia uma cláusula de fuga, uma maneira de Azagoth se aposentar se quisesse. E então ele irritou o idiota do arcanjo errado, e o idiota pediu com sucesso que a cláusula fosse retirada do contrato, e uma pedra de contenção instalada para impedi-lo de sair.

Foi uma traição que pôs fim à cooperação de Azagoth com o Céu.

Filhos da puta.

Lilliana fungou. — Oh, ei — murmurou ela contra seu peito. — Isto é um sonho. Não preciso de lenço de papel! — Ela olhou para ele, sorrindo, sem olhos lacrimejantes ou bochechas manchadas de vermelho. — E, veja só. Nenhuma túnica disforme que eu acho que possa ser feita de urtigas e vespas.

Ela deu um passo atrás e, apesar de toda a merda que passava por sua cabeça, ele teve uma ereção instantânea.

Ela estava tão nua quanto ele, um exemplo requintado da forma feminina. Ele estivera com muitas mulheres, de súcubos a anjos que estavam no conselho superior, mas nenhuma delas se comparava a Lilliana. Ele amava suas curvas, seus seios cheios e pesados com seus mamilos escuros que se arrepiavam lindamente sob sua língua. A cintura estreita dela, que se alargava em quadris suavemente arredondados, feita para suas mãos segurarem enquanto lambia entre suas coxas e a fazia choramingar por mais.

Santo inferno, ele queria fazer tantas coisas com ela agora, coisas que não foi capaz de fazer desde que ela voltou. Gravidez e tudo isso.

Mas em sonhos, eles poderiam fazer qualquer coisa.

Qualquer coisa.

De repente, havia um terror gravado em seu

rosto, e a túnica de urtiga pendia frouxa de seus ombros.

— Eu... merda, acho que estou acordando...

— Lilliana? — Ele a alcançou como se abraçá-la a mantivesse com ele. — *Lilliana!*

Suas mãos se fecharam no ar vazio.

A tristeza miserável e pesada saiu de seu peito em um soluço enorme quando ele acordou, sozinho em sua cadeira. O impacto da perda dela o atingiu com mais força do que antes, como um chute em uma contusão, e ele se levantou.

Parecia tão real. A presença dela. O cheiro dela. A dor dele.

Isso *foi* real.

Ele poderia provar isso.

Desesperado para confirmar que ele esteve com Lilliana, que ela estava apenas a um sonho de distância, ele abriu a gaveta de lingerie e remexeu as camadas de calcinha e camisola cuidadosamente dobradas. No fundo, debaixo de uma calcinha roxa rendada, que ele comprou para substituir as que ele rasgou com suas presas, havia uma caixinha de veludo vermelho.

Exatamente como ela havia dito.

Prendendo a respiração, ele a abriu.

Dentro havia um pingente em forma de foice. Sua mão tremeu ao tirá-lo da caixa. Era requintado, uma lâmina de ouro com um cajado de esmeralda. Com muito cuidado, ele o virou e seus olhos arderam com a inscrição.

Pai das almas.

Pai dos anjos.

Pai.

Isso foi real. O sonho foi real.

Fechando os olhos, Azagoth apertou o pingente no peito.

Ele sabia que o universo usava sinais para avisar e guiar. Ele mesmo criou um. Todo anjo teve que tecer algum tipo de sinal na vida de um ser humano como parte de seu treinamento final não específico da Ordem. Mas os sinais universais eram maiores que isso, entrelaçados no tecido da existência no momento da criação, seus padrões sendo constantemente retrabalhados com a fluidez do tempo e dos eventos que alteram a história.

A visita de Lilliana foi um sinal. Sua esperança não era por nada.

Ele iria recuperá-la.

CAPÍTULO 15

— Parece que você passou doze rodadas lutando com um cão do inferno. E perdeu.

Se fosse esse o caso, então Reaver se sentia como parecia, porém ainda assim lançou a Metatron um olhar cansado enquanto se aproximava do anjo de mais alto nível no Céu. — Temos problemas, tio.

Reaver havia pensado uma vez que o arcanjo de cabelos cor de ébano fosse seu pai, mas uma restauração da memória mudou isso. Mudou muitas coisas. Felizmente, a maioria dessas coisas foi para o melhor.

Vestido com jeans e uma camisa branca, Metatron estava no espaçoso deck do seu palácio que dava para o Mar da Tranquilidade, um corpo celestial de água cristalina onde todos os animais marinhos que já existiram no reino humano nadavam em paz e harmonia com todos os outros.

— Eu sinto — disse ele. — Um distúrbio.

Reaver não resistiu em dizer algo que Wraith diria. Parecia apropriado agora. — Na Força?

— Não. O quê? — Metatron balançou a cabeça da maneira exasperada que sempre fazia quando Reaver o

confundia com referências à cultura pop humana. O que era muito, e algo que Reaver só percebeu desde que recuperara sua memória. — No submundo. Eu pensei que finalmente estávamos passando por isso. Pensei que tínhamos mil anos de paz pela frente.

Essa foi a suposição geral quando Reaver e Revenant prenderam Satanás e terminaram uma década de quase apocalipses e instabilidade nos reinos.

Reaver deveria saber que era bom demais para ser verdade.

— É Azagoth. Moloch sequestrou Lilliana e matou dois dos filhos de Azagoth. — Reaver foi até a beira do deck transparente e olhou para os golfinhos cor de rosa que brincavam logo abaixo da superfície da água. Por mais horrível que fosse a notícia de que sua amiga Lilliana havia sido sequestrada por um monstro sádico, as coisas pioravam, e ele teve que respirar fundo para dizer o resto. — E Wraith está morto.

Metatron xingou, uma indicação de quão chocado ele estava com a notícia. Met raramente xingava. — Sinto muito, meu filho. Eu sei que você se importava com o demônio. Ele era um dos poucos decentes. Uma lenda até mesmo entre os anjos. — Um músculo na forte mandíbula de Metatron se contraiu quando ele bateu no ombro de Reaver com um aperto firme e tranquilizador. — Conte-me tudo.

Levou um minuto para Reaver recuperar a compostura e mais alguns para informar Metatron sobre toda a agitação. Seu tio ouviu, sua expressão tão neutra

quanto uma pedra. Depois que Reaver terminou, Metatron considerou as notícias em silêncio por um tempo.

— Você acredita que Moloch matará Lilliana se Azagoth não libertar Satanás? — perguntou Metatron finalmente. — Ele é realmente tão estúpido?

— Também me perguntei sobre isso — disse Reaver. — Perguntei à Harvester. Ela conhecia Bael e Moloc melhor do que ninguém. Como filha de Satanás e ex-anjo caído, a companheira de Reaver era uma mina de ouro de informações, e certamente seria uma das maiores armas do Céu contra ele na Batalha Final. — Ela disse que Bael era um idiota imprevisível e imprudente, mas Moloc era inteligente e astuto. Agora que os dois se fundiram como um, é difícil dizer quão estável é Moloch, mas ela acha que ele não hesitará em matar Lilliana. Azagoth assumirá a mesma coisa.

— Mesmo assim — disse Metatron —, Azagoth jurou que não libertaria Satanás.

— Ele jurou — reconheceu Reaver. — E Azagoth sempre cumpriu o espírito do acordo, se não a letra. — Mais ou menos como Reaver. Não, nem mesmo perto. Reaver nem mesmo respeitou o espírito. — Mas é sobre sua companheira e filho.

— É *Satanás* — retrucou Metatron, girando para Reaver. — Eu sacrificaria qualquer um para impedir que sua libertação acontecesse.

Reaver levantou uma sobrancelha. — Tia Caila?

— Ela entenderia — disse Metatron sem rodeios,

e sim, qualquer anjo entenderia. De acordo com a profecia, a libertação de Satanás da prisão desencadearia uma série de eventos em cascata, levando Reaver a quebrar os selos dos Quatro Cavaleiros e iniciando o Armagedom. Mas ninguém sabia por que ele faria isso, e isso não deveria acontecer por quase mil anos. — Você falou com Azagoth?

Essa foi a primeira coisa que Reaver tentou depois que desligou o telefone com Hawkyn. — Ele não está atendendo às minhas ligações e está isolado em Sheoul-gra.

Metatron xingou novamente. — O que ele está fazendo?

— Aparentemente, ele está tentando sair.

Metatron empalideceu. — Não podemos deixar isso acontecer. — Um portal de comunicação do tamanho de um prato de jantar se abriu do nada na sua frente. — Precisamos designar uma legião de anjos de batalha para guardar a pedra de contenção.

Reaver fez desaparecer o portal com um aceno. Isso precisava ficar entre ele e Metatron. — Eu já fiz isso. — Disfarçadamente. — Azagoth não escapará quebrando o feitiço que o prende. Mas ele não vai parar de procurar uma saída. Enquanto isso, ele tem muitas armas à sua disposição.

Hawkyn não dissera exatamente quais armas, mas ele não precisava. Azagoth chantagearia quem ele quisesse, simplesmente ameaçando sua alma eterna. Se isso não funcionasse, ele tinha outros tipos de material

de chantagem sobre um número alarmante de humanos poderosos e quase todos os demônios vivos, fornecidos pelas almas que ele interrogou quando chegaram a Sheoul-gra.

Metatron encarou Reaver. — Onde está Revenant nisso tudo? Como ele pôde deixar Moloch assumir o controle?

— Não sei. Ele não respondeu à minha convocação. — Reaver passou uma mão frustrada pelo cabelo loiro na altura dos ombros. — Ele tem sua própria merda para lidar. Todo mundo está conspirando contra ele. Alguém tentou sequestrar Blaspheme alguns meses atrás, e, ainda no mês passado, alguns dos filhotes de Satanás se reuniram e tentaram derrubar Revenant. Eles chegaram muito mais perto do que ele gostaria enquanto faziam isso.

— O que aconteceu com aqueles que o atacaram?

— Ah, sim, história divertida. Depois de torturá-los e matá-los, ele preservou seus corpos, costurou-os e os montou na ponte do castelo de Satanás. Ele ordenou que permanecessem ali por mil anos, para que estivessem em exibição para Satanás ver. — Revenant tinha uma veia vingativa. — O estranho é que ele não manteve a alma deles.

— *Essa é a parte estranha?* — No encolher de ombros de Reaver, Metatron suspirou. — Ele enviou as almas dos bastardos de Satanás para Azagoth?

— Sim.

— Uma mensagem? Um presente?

— Não faço ideia. — Reaver balançou a cabeça. — Estou preocupado, no entanto. Blaspheme não aparece para trabalhar a dias, e Revenant está desaparecido⁽⁷⁾. Na melhor das hipóteses, acho que não podemos contar com a ajuda dele. Na pior das hipóteses, ele está envolvido de alguma forma.

Metatron olhava intermitentemente para o mar, mas agora seus olhos se voltaram bruscamente para Reaver. — Envolvido?

— Não pode ser coincidência que ele esteja desaparecido enquanto isso está acontecendo — ressaltou Reaver. — E não faz muito tempo, alterei o encanto de invencibilidade de Wraith para incluir proteção contra anjos caídos. — O demônio provou ser um amigo leal e um recurso inestimável para o Time do Bem, e Reaver queria mantê-lo seguro. — Wraith foi morto por um anjo caído, mas pouco antes de morrer, ele disse que viu Revenant, que é uma das poucas pessoas que poderia remover a proteção que eu dei a Wraith.

— Qualquer principado ou arcanjo poderia fazê-lo. Por que *ele* faria isso?

E essa era a pergunta de um milhão de dólares. Revenant cresceu em Sheoul, torturado e acreditando que era algo que não era. Alguns no Céu não achavam que ele poderia ser outra coisa senão pura maldade, mas Reaver sabia melhor. Houve muito ódio entre eles por um longo tempo, mas isso havia acabado. Reaver confiava em seu irmão.

— Tenho certeza de que ele tinha um bom motivo.

Metatron nivelou Reaver com um olhar sério. — Temos que informar o Conselho dos Arcanjo. Talvez até o Conselho Angélico ou o Conselho de Ordens.

— Não! — Reaver latiu e depois moderou a voz. Ele poderia, tecnicamente, ser igual à Metatron em muitos aspectos, mas o tio Met inspirava e merecia respeito, não apenas por sua posição como porta-voz e braço direito do Criador, mas também porque era o anjo mais decente que Reaver conhecia. — Ainda não. Nós podemos consertar isso.

— Antes de Azagoth libertar Satanás?

— Ele não fará isso.

— Por quê? — A voz de Metatron estava cheia de dúvidas. — Por que ele te disse que não faria?

— Não. Porque ele odeia Satanás.

O olhar de Metatron deslocou-se para o seu palácio e para a varanda acima, onde Caila estava entretendo um grupo risonho de amigos. — Mais do que ele ama sua companheira?

— Não tenho dúvidas de que Azagoth não parará por nada para salvar Lilliana — admitiu Reaver. — Mas ele sabe que se libertar Satanás, Satanás matará Lilliana. Ele não pode arriscar isso.

— O que você sugere que façamos então?

— Eu posso falar com ele — disse Reaver. — Hawkyn solicitou informações sobre um anjo caído chamado Flail. Usarei isso como uma desculpa para

chegar a Azagoth.

Um bando de gaivotas grasnou enquanto os pássaros circulavam o palácio, procurando comida dos convidados de Caila, e Metatron teve que levantar a voz para ser ouvido. — Você disse que ele isolou Sheoul-gra.

— Hawkyn abrirá para mim se eu puder convencê-lo de que não estou lá para destruir o pai dele.

Não deveria ser um problema, Hawkyn não teria entrado em contato com Reaver se não tivesse certeza de que Reaver poderia lidar com a situação sem matar ninguém.

— E se Azagoth estiver fora de controle? — perguntou Metatron. — Você vai destruí-lo?

— Não é um pouco cedo para discutir isso?

Metatron revirou os ombros, provavelmente nem sabia que ele havia feito isso, mas Reaver sabia que estava testando suas asas e seus poderes, sentindo-os com o pensamento de que essa merda poderia ficar realmente bíblica em breve.

— Ele não pode liberar Satanás — disse ele, disparando em seu tom. — E ele não pode escapar de Sheoul-gra.

— Escapar seria algo tão ruim?

Reaver não era o maior fã de Azagoth, mas o cara estava preso há milhares de anos. Ele provou que era capaz de disputar almas e navegar na política de Sheoul e do Céu. Ele relaxou muito desde que se acasalou também. Parecia que não seria grande coisa se ele morasse onde quisesse e fosse diariamente para o

trabalho.

Metatron parecia preocupado por Reaver até fazer uma pergunta aparentemente tão insana. — Sim, pode ser ruim.

— Por quê? — perguntou Reaver. — Quero dizer, entendo que ele é um idiota, mas idiotas muito *maiores* estão por aí à solta.

Como os anjos caídos que mataram Wraith. Ele cerrou os punhos, desejando estar caçando-os agora.

— Azagoth assinou contratos — disse Metatron. — Contratos selados com os poderes do Céu e Sheoul. Não sabemos que tipo de dano sofreriamos se ele fizesse uma brecha.

Parecia um pouco insignificante para Reaver, mas ele sabia muito bem o quanto o Céu levava a sério as regras quebradas e as violações de contrato. Eles também não gostavam que o Céu fosse danificado, e era por isso que Revenant, embora tecnicamente fosse bem-vindo aqui, não era... *bem-vindo*. Sua presença destruía tudo ao seu redor.

— Tudo bem — disse Reaver. — Deixe-me pegar as informações sobre Flail e ligar para Hawkyn. Eu te digo o que aconteceu. E tio?

Metatron inclinou a cabeça.

— Quero que isso fique entre nós por enquanto.

O silêncio se estendeu. Nem as gaivotas gritaram, e Reaver começou a suar. Metatron sempre foi justo e formal, o que provavelmente era parte do motivo pelo qual Reaver foi um violador de regras quando jovem. E

depois disso. Inferno, ele ainda era, ele simplesmente não era tão imprudente sobre isso agora.

A responsabilidade era uma vadia.

— Por enquanto — disse Metatron finalmente. — Mas esteja pronto para ser chamado para testemunhar diante de qualquer número dos altos conselhos. Isso não ficará quieto por muito tempo, e há muitas pessoas que adorariam ver Azagoth desaparecer.

Isso não fazia sentido. — O que ele fez para que alguém o quisesse tanto morto? Como Asrael, ele foi um herói. Se não fosse por ele, Satanás e seus acólitos poderiam ter destruído tudo.

— As pessoas têm lembranças curtas — disse Metatron, sua boca se curvando no primeiro sorriso que Reaver viu dele o dia todo. — Especialmente os companheiros das fêmeas com quem Azagoth criou Memitim.

Reaver riu. Sim, ele podia ver como companheiros ciumentos podiam não querer lembretes de que suas amantes, antes de acasalarem com eles, foram para a cama com o Grim Reaper.

Reaver soltou suas asas, e brilho dourado flutuou no ar. — Obrigado, tio.

— Apenas... — Metatron agarrou o ombro de Reaver e deu-lhe um aperto carinhoso. — Esteja preparado.

— Preparado para o quê?

— Para o pior. — A voz de Metatron baixou para o que alguns chamavam de Voz de Deus, um tom

ressonante que vibrava no ar quando ele trazia as proclamações ou as mensagens do Criador. — Satanás não pode ser libertado. Se isso significa que Azagoth deve morrer, que assim seja.

Sim, Reaver entendeu a mensagem.

Ele seria o responsável por isso.

CAPÍTULO 16

A esperança não é para tolos.

A esperança não é para tolos.

Azagoth disse a si mesmo repetidas vezes, mas, não surpreendentemente, isso não o ajudava a se sentir melhor mais do que ser fodido na bunda por um troll de pena o faria se sentir melhor.

Uma hora atrás, ele estava confiante na vitória. Moloch tinha, de acordo com as fontes de Azagoth, um exército de milhões, mas os seus apoiadores estavam espalhados por Sheoul-gra. Apenas uma fração guardava seu castelo. O plano de batalha de Ares parecia sólido, se não infalível.

Até que começaram a receber relatos confiáveis de que Moloch havia tomado o palácio de Satanás de Revenant.

Se isso fosse verdade, Lilliana poderia ser mantida em qualquer uma das fortalezas, e as chances de vitória haviam caído. Eles foram forçados a seguir o Plano B, dividindo o exército de Azagoth em dois, e dando ao irmão de Ares, Reseph, o comando de um deles. Eles atacariam ambas as fortalezas simultaneamente e esperavam malditamente que

tivessem soldados suficientes para fazê-lo.

Porra. Não era assim que Azagoth queria fazer isso. Os dois Cavaleiros eram guerreiros lendários, suas habilidades em batalha eram inigualáveis em toda a história. Mas olhar para a campanha, todos dispostos em um mapa gigante que cobria cada centímetro da mesa do centro de comando de cem lugares, não foi a coisa mais inspiradora de todos os tempos.

Os exércitos de Moloch abrangeram quatro regiões, com bolsões de tropas em quase todo o resto. O fato de o bastardo ter sido capaz de reunir facilmente demônios que deveriam ser leais a Revenant era perturbador... e lamentável.

Azagoth xingou e derrubou uma das milhares de figuras de D&D⁽⁸⁾ que Cipher trouxera para representar os exércitos.

As forças de Moloch de pequenos orcs, duendes e diabinhos de plástico verde ocupavam muito espaço. Os cem mil demônios de Azagoth eram representados por muito menos trolls de plástico prateado, e os cinco mil cães do inferno que Cara enviara estavam no mapa como figuras de lobos negros. As duas figuras restantes eram aquelas em que ele se focava, um elfo pintado à mão e um guerreiro humano que se pareciam notavelmente com seus pares, Reseph e Ares.

Os dois Cavaleiros conhecidos como Pestilence e Guerra liderariam os ataques e, quando chegassem perto o suficiente, recuperariam Lilliana, com a ajuda dos espiões de Azagoth dentro das fortalezas. Pelo

menos, esse era o plano.

Ares disse que as coisas raramente corriam conforme o planejado.

O Cavaleiro do caralho e suas avaliações francas. Azagoth jogou a estatueta do guerreiro no chão porque era isso que os homens maduros com controle de suas emoções faziam.

Se Lilliana estivesse aqui, ela lhe daria um olhar cheio de *você realmente acabou de fazer isso?*

Se ela estivesse aqui, ele não teria feito isso.

Recompondo-se, ele pegou Ares do chão. Na verdade, a franqueza do sujeito foi o que o tornou valioso como consultor. Não havia nada mais inútil do que um bajulador que lhe dizia apenas o que queria ouvir. Mas apenas desta vez, teria sido ótimo se Ares tivesse adoçado a pílula que ele havia lhe dado antes de ele e Reseph saírem para o campo da batalha.

— *Estaremos em grande desvantagem em número.* — Ares gesticulou para áreas do mapa perto do castelo de Moloch. — *Aqui, aqui e aqui.* — *Ele moveu várias peças sobre a mesa e acenou com a mão sobre o território de Satanás, que Moloch aparentemente agora mantinha.* — *Não estaremos em menor número aqui, mas duvido que Reseph consiga superar as barreiras geológicas naturais e, mesmo que o faça, há coisas bem piores do que o exército demoníaco que protege o palácio.* — *Ele segurou a espada no quadril e girou para Azagoth em uma curva suave e nítida.* — *Você perderá todo o seu exército sem garantia de que eu entrarei.*

Não era o que Azagoth queria ouvir. — É a única chance que tenho, Ares — retrucou ele. — O que você faria?

Ares passou o polegar pelo punho da espada como se lembrasse das milhares de batalhas que travou, dos milhões que ele matou — Eu faria exatamente o que você está fazendo — disse ele. — Mas eu faria isso sabendo que, mesmo com os cães do inferno mandados por Cara, a chance de sucesso é talvez ... cinquenta por cento.

— Você é apenas um raio de sol, não é?

— Você quer que eu sobre fumaça na sua bunda^[9]? Porque esse não é o meu jeito, e prefiro não ter a minha primeira vez com^[10] o Grim Reaper.

Por mais irritado que Azagoth estivesse, ele teve que admirar o cara. Ele era um estrategista brilhante, um guerreiro que exigia respeito e um feroz defensor daqueles com quem ele se importava. Houve um tempo em que Ares, junto com seus três irmãos Cavaleiros, acreditaram que Azagoth era o pai deles. Ele se perguntou se ficaram aliviados quando eles descobriram a verdade, que Reaver era o pai deles.

Pai.

Ele estendeu a mão e tocou o pingente de foice que Lilliana lhe dera, confortando-se com a conexão que eles haviam estabelecido e experimentado. Eles poderiam fazer isso novamente? Se ele se deitasse no chão agora e fechasse os olhos, ela estaria lá?

Ele nunca quis dormir tanto em sua vida.

Um toque em uma das colunas da porta o trouxe

bruscamente de volta ao presente.

— Entre — gritou enquanto olhava para o relógio. A tentativa de resgate começaria em trinta e quatro minutos.

— Azagoth.

— Reaver. — Invocando seu poder, Azagoth virou-se para a entrada sul com um assobio. — Por que eu não senti a sua chegada?

Reaver caminhou em sua direção em jeans e camiseta preta, seus cabelos loiros mais curtos do que da última vez que ele o viu, a sua expressão muito menos irritada. — A última vez que estive aqui para espancar sua bunda, descobri como ocultar minha assinatura.

A última vez que Reaver esteve aqui, ele havia dado um aviso para não foder com Moloch. Algo disse a Azagoth que atacar Moloch poderia contar como foder com ele.

— Quem te deixou entrar? — Como se ele não soubesse. Apenas Hawkyn e Z poderiam abrir o portal, e Z morreria antes de fazê-lo sem permissão.

Reaver não respondeu. — Ouvi dizer que você quer informações sobre Flail.

— Você poderia ter enviado uma mensagem.

— Eu poderia. Mas queria ver se eu poderia ajudar.

Embora Azagoth não duvidasse que Reaver faria o que pudesse por Lilliana, ele duvidava que ajudar era a única razão dele estar aqui, e Azagoth o confrontou

com isso.

— Você queria ter certeza de que o que estou fazendo para recuperar Lilliana não viola meu contrato.

— Azagoth apontou para o mapa, imaginando... que diabos. Se o anjo pudesse ajudar, a essa altura, ele aceitaria. — Tenho dois Cavaleiros indo contra Moloch, liderando cães do inferno e legiões de demônios que eu comando. — Não era mentira. Ele comandava seu exército secreto de almas reutilizadas, mas também obteve um influxo de demônios que se juntaram à sua causa, alguns em troca de pagamento ou aqueles que lhe deviam, e até alguns que sabiam que ele tinha material sobre eles para chantagem.

Reaver estreitou os olhos para ele. — Como você conseguiu que meus filhos se arriscassem por você? Se você os ameaçou...

— Não ameacei, seu imbecil alado. Eles se ofereceram. Reseph gosta de uma boa luta, e Ares quer ajudar Lilliana. Eu teria tido todos os quatro Cavaleiros, mas Limos e Thanatos estão caçando os anjos caídos que mataram Wraith. Thanatos pegou um, então ele está... ocupado, e Limos disse que apareceria e ajudaria na luta se não conseguisse pegar um anjo caído quando a batalha começasse. Então, sim, você pode ajudar. Que tal você destruir Moloch e seus exércitos e depois pegar Lilliana? Seria ótimo.

— Você sabe que não posso fazer isso.

— Eu sei que você pode ir a quase qualquer lugar em Sheoul que você quiser. Assim como Revenant tem

acesso ao Céu.

Reaver estudou os exércitos que cercavam as fortalezas. — Não sou apenas proibido de entrar em qualquer região mantida por Satanás, sou *incapaz* disso. E como Moloch mantém as terras de Satanás, não tenho acesso às fortalezas dele.

— Você pode acabar com os exércitos dele além das regiões que ele mantém.

— Não dentro de Sheoul. Existem regras, Azagoth. — O olhar de Reaver segurou o dele, o olhar do Radiante afiado com um aviso. — Você faria bem em lembrar-se disso.

Azagoth riu da arrogância de Reaver. — Regras? Você, o maior infrator de regras de toda a história, está *me* dando lições sobre respeitar as regras?

Reaver deu de ombros. — Você está entendendo.

— Vá se foder — rosnou Azagoth. — Não quebrei nenhuma regra.

— Não? Você não deu aos seus *griminions* o poder de matar?

A mandíbula de Azagoth quase bateu em suas botas. De alguma forma, ele conseguiu manter a postura enquanto sua mente acelerava para descobrir quem o traiu.

— Foi uma atualização exagerada — disse ele. — Dificilmente algo para se agitar. E os advogados demoníacos de Dire e Dyre examinaram o meu contrato. Eles acham que a seção sobre os *griminions* é vaga o suficiente para permitir alguma brincadeira. — O Céu o

ferrou com a coisa vaga, e Azagoth imaginou que era sua vez de distorcer uma cláusula em seu favor. — Você deve saber, eu lutarei contra qualquer tentativa do Céu de me imputar uma violação do contrato.

— Não me enrole, Azagoth. — Reaver cruzou os braços sobre o peito. — O que você fez foi ilegal e você sabe disso.

Cipher montou dezenas de figuras de não combatentes ao redor do mapa, algumas escolhidas para representar pessoas específicas, outras mais genéricas, e Azagoth pegou uma com asas enquanto passeava devagar, em frente à mesa de Reaver.

— Você disse que estava aqui por causa de Flail.

O idiota presunçoso pegou o seu telefone celular, digitou com raiva e depois o enfiou no bolso. — Enviei o arquivo por e-mail.

— Então, você vai embora, eu presumo.

— Logo depois de garantir que não vai libertar Satanás da prisão em que o coloquei.

Que Reaver estava preocupado era óbvio. Ele e seu irmão gêmeo, Revenant, irritaram o anjo caído mais poderoso, infame e rancoroso da existência. É claro que eles não gostariam que ele saísse em liberdade condicional novecentos e alguns anos mais cedo. Azagoth entendia isso. Ele também não era amigo de Satanás no Facebook.

— Não vou libertá-lo da prisão — prometeu Azagoth.

— E como posso confiar nisso, tendo em conta

que você já quebrou um contrato assinado com o seu próprio sangue?

Azagoth apertou a figura com tanta força que suas asas perfuraram a pele do polegar. — Eu já disse, os *griminions* são uma área cinzenta.

— E o que dizer da Parte III, Seção II, Parágrafo I, que afirma especificamente que você não pode, usando qualquer meio ou método, libertar almas de Sheoul-gra, a menos que elas sejam reencarnadas? Essa é uma área cinzenta? Eu te avisei, Azagoth. Depois que você libertou almas para irem atrás de Bael, eu avisei que você não deveria fazê-lo novamente. Especificamente, para não ir atrás de seu irmão gêmeo.

Sim, Reaver o avisara, sem dúvida.

Se você o matar, tudo o que você sabe, tudo o que você é... será destruído.

Foi por isso que Azagoth deu ordens estritas para capturar Moloch, não para matá-lo.

— Você não precisa se preocupar com Moloch.

Reaver passou a mão sobre o mapa e pegou algumas peças prateadas do jogo. O exército de Azagoth. — Mas eu preciso me preocupar com as cem mil almas que você liberou.

Filho da puta.

Não havia sentido em negar. Não havia razão para mais nada, exceto recuperar Lilliana. — Não vale a pena agitar suas penas. A maioria delas morrerá em batalha e retornará para Sheoul-gra.

— Não me enrole! — repetiu Reaver, suas asas

brancas e douradas flamejando, e seu corpo brilhando com poder. — Você quebrou pelo menos três regras e o fez em grande escala. Você liberou almas, deu a elas o poder de expulsar as almas de demônios vivos, o que finalmente deu a você cem mil almas a mais, e então eles tomaram conta dos corpos físicos. O que você fez é *mais do que* proibido.

— E eu faria de novo — gritou Azagoth, carregando seu próprio poder. Reaver poderia chutar sua bunda, mas Azagoth iria fodê-lo com força antes de que isso acontecesse. — É a minha esposa e o meu filho!

— Não posso continuar protegendo você. — Reaver passou o braço pelo mapa, limpando-o. — Neste momento, isso está contido. Mas *será* descoberto, e não sei o que vai acontecer.

— O que você quer que eu faça, Reaver?

Reaver inalou profundamente, e suas asas pousaram contra suas costas. — Eu quero que você vença a batalha e quero que você traga Lilliana de volta. Ela não merece isso. Nenhum de vocês merece.

Azagoth esmagou uma estatueta do exército de Moloch sob sua bota. — Então talvez você possa encontrar seu irmão. Ele poderia acabar com tudo isso.

— Bem, caramba, eu não pensei nisso — disse Reaver com um rolar de seus brilhantes olhos azuis. — Suponho que você não saiba onde ele poderia estar.

Como se Azagoth não tivesse pensado muito nessa pergunta. — Depende se ele desistiu de seu reinado por vontade própria ou não.

— Ele não fez. Ele está preso em algum lugar. Eu sei que está.

— Então isso restringe os lugares em que ele poderia estar. — Azagoth sacudiu o dedo e todas as figuras no chão saltaram de volta para o mapa. — Para prender alguém tão poderoso quanto Revenant, você precisaria de um recipiente tão forte quanto o que vocês criaram para Satanás.

— Há poucos que podem criar um assim.

Azagoth assentiu. — Estou ciente disso. — Ele fez com que as figuras lutassem, travando uma batalha na mesa que ele tinha a garantia de vencer. — Mas um já existe. Há apenas um problema.

— O que você quer dizer?

As figuras dos cães do inferno derrubaram um exército de esqueletos que guardava a parede norte de Moloch. — Alguns milhares de anos atrás, alguns anjos caídos que estavam chateados com Satanás construíram uma prisão escondida dentro de um templo, mas havia alguns obstáculos.

— Tais como?

— Bem, Satanás ficou sabendo disso, por exemplo. Mas o verdadeiro problema é que é uma armadilha voluntária. — Nas sobranceiras levantadas de Reaver, ele continuou. — Seu poder vem do desejo da vítima de estar dentro dela.

— Quem *gostaria* de estar dentro dela?

Azagoth costumava se perguntar a mesma coisa. Agora ele sabia. — Qualquer pessoa cujo companheiro

estivesse sendo usado como isca.

— Você sabe onde está?

— Dentro de um templo na região de Ca'askull. Chegar lá é uma jornada que muitos não sobrevivem e apenas alguns sabem que ela foi construída para abrigar a armadilha. A armadilha em si é como o Abismo no Céu. — De fato, fora construída com materiais do Céu, um segredinho sujo que Azagoth descobriu ao questionar os construtores originais, um dos quais ainda residia no segundo anel do Inner Sanctum. — Você só pode encontrá-la se a necessidade for grande o suficiente.

— A necessidade de Revenant seria grande se ele acreditasse que sua companheira estava lá dentro — disse Reaver sombriamente. — Preciso encontrar esse templo.

— Você não pode. A armadilha foi construída com a ajuda secreta dos anjos. Não sei quem projetou. Foi projetada para que um anjo pudesse atrair Satanás para dentro e ainda assim sair depois de fechada. Mas quando Satanás soube do propósito do templo, ele o reivindicou em seu nome.

— O que significa que é propriedade dele, e nem eu consigo alcançá-la — rosnou Reaver. — Droga. — Ele amaldiçoou novamente. — Eu ainda tenho que tentar.

Azagoth desejou-lhe sorte. Ele olhou para o mapa e revisou esse pensamento. Ele desejou sorte a *todos*.

Eles precisariam disso.

CAPÍTULO 17

O Quarto Cavaleiro do Apocalipse, a lenda conhecida como Thanatos pelos amigos e Morte por todos os outros, não era notório por seu espírito generoso ou tendência para distribuir misericórdia. Não. Thanatos se orgulhava de ser conhecido exatamente pelo oposto.

O anjo caído pendurado em sua masmorra poderia testemunhar isso. O filho da puta definitivamente concordaria que matar o melhor amigo de Thanatos tirava o pior de Morte.

Ele limpou as mãos em um pano ensanguentado enquanto subia os degraus sinuosos de pedra até a residência principal do castelo, onde morava com sua companheira, Regan, seus filhos Logan e Amber, e dezenas de servos vampiros. Havia também um cão do inferno do tamanho de um bisonte correndo por algum lugar, mas Thanatos não via Cujo desde hoje de manhã, quando Logan deslizava pedaços de salsicha do seu prato do café da manhã para a besta.

A pesada porta de madeira no topo da escada se abriu quando ele alcançava a maçaneta.

— Ei, mano. — Limos, a Cavaleira chamada

Fome, se afastou, seu vestido de estampa havaiana girando em torno das suas coxas delgadas. — Regan disse que você estava lá embaixo. Pensei em ver se você precisava de ajuda.

Ajuda? Até parece. — Meu nome é Morte. Eu tenho isso.

Inalando o aroma de água na boca de pão que vinha da cozinha, ele fechou a porta da masmorra e trancou a fechadura. Regan ficaria furiosa se uma das crianças encontrasse o caminho lá para baixo. Algo sobre assustá-las por toda a vida e talvez estarem fora das cadeirinhas para carro antes de poderem brincar com damas de ferro⁽¹¹⁾ e racks de tortura.

As crianças de hoje em dia eram tão protegidas.

— Bem, o que ele te disse até agora? — Limos o seguiu enquanto se dirigia ao banheiro, os passos dela tão leves que ele nem os ouviu.

— Eu comecei a interrogá-lo há alguns minutos, mas ele deu os nomes de seus cúmplices e do filho da puta que os contratou para garantir que Lilliana deixasse o Underworld General através do Harrowgate, em vez do estacionamento. — Ele se lavou e se secou. — Como suspeitávamos, foi Moloch.

— Maldito pervertido — murmurou Limos, seus olhos violeta faiscando de indignação. — Ele costumava ir verificar meu cinto de castidade, sabe, para o *ajuste*, quando eu morava com a querida Mamãe. — Ela enrolou uma mecha de cabelo preto comprido ao redor do dedo e puxou com raiva. — Ele era tão nojento.

Finalmente enfiou um garfo no olho dele. Oh, garoto, ele *não* ficou feliz.

Isso fez Thanatos rir. Enquanto Reseph, Ares e Thanatos cresceram no mundo humano, sem saber que eram o produto de uma união entre o anjo Reaver e a sucubus Lilith, Limos foi criada com a sua mãe em Sheoul. Prometida a Satanás como sua noiva quando era apenas uma criança, ela foi forçada a usar um cinto de castidade a partir do momento em que pôde andar.

Thanatos teria espetado o olho de qualquer bastardo doente que quisesse verificar se isso estava *ajustado*, também. Bom para ela.

Ele deu um tapinha no bolso. Droga, ele deixou o telefone na masmorra. Ele retornou, Limos ainda em seus calcanhares. — Alguma notícia da batalha? A última vez que tive notícias, Ares havia acabado de liderar o ataque inicial.

— Eu tenho novidades — disse ela —, mas você não vai querer ouvir isso.

Esse não era o normal? Ele abriu a porta da masmorra. — Diga-me. Sinto a morte em larga escala por horas.

Normalmente, ele seria atraído para o local, mas lidar com o anjo caído foi suficiente para satisfazer sua sede de sangue para a batalha.

O som de suas botas e dos chinelos de Limos ecoou nas paredes estreitas e apertadas enquanto desciam para o fundo úmido da sua fortaleza.

— Ares liderou o exército de Azagoth contra as

forças que cercavam a fortaleza de Moloch, e ele estava arrasando. — A temperatura gelada à medida em que desciam tornava a respiração de Limos visível enquanto ela falava. — Mas então, Moloch trouxe uma dúzia de anjos caídos e cem mil soldados demoníacos através de um gigante Harrowgate temporário.

Isso fez Thanatos parar tão rápido que Limos esbarrou nele. — Como isso é possível?

— Não faço ideia. — Ela lhe deu uma cutucada para fazê-lo se mexer novamente. — E Reseph não conseguiu nem chegar a um quilômetro e meio da fortaleza de Revenant.

Ares deve estar furioso. A única coisa que ele odiava mais do que perder uma batalha era perder uma batalha para um anjo caído.

— O ataque de Reseph estava praticamente condenado desde o início — disse Than. — Ninguém jamais tomou o castelo de Satanás à força. Mas o ataque a Moloch deveria ter corrido melhor. Quero dizer, Ares é *Guerra*. Se ele fosse um personagem de *Dungeons and Dragons*, receberia mais três modificadores em todas as pontuações das suas habilidades. — Ele reconsiderou isso. Exceto em carisma. Ele teria um grande sucesso lá. E ele recebia um bônus de proficiência em cada teste apenas por causa do nome dele. Bem, do nome dele e de vários milhares de anos matando pessoas em batalha.

— Se você está tentando dizer que Ares tem a vantagem tática contra qualquer pessoa, em toda e qualquer situação de guerra, apenas diga. — Ela bufou.

— Você não precisa ficar todo esquisito e nerd.

Thanatos sorriu tristemente. Wraith foi quem o colocou em jogos de RPG e, antes da sua morte nas mãos do filho da puta na masmorra, eles planejavam um jogo com Hawkyn, Journey, Maddox, Emerico, Cipher e Declan.

Ah, sim, o filho da puta na masmorra ia pagar.

— E os cães do inferno? — perguntou ele. — Ares deveria ter sido capaz de tomar o castelo de Moloch com uma legião daquelas coisas.

— Eles se recusaram a lutar.

Ele parou na base da escada e olhou para a irmã, incrédulo. — Cães do inferno. *Os cães do inferno* se recusavam a lutar.

— Eu sei, certo? — Limos deu um encolher de ombros incrédulo. — Ares acha que é porque o exército de Moloch é basicamente o exército de Satanás, e os cães do inferno não lutarão contra Satanás.

Bem, porra.

Ele passou pelo arco até a câmara de tortura, o cheiro de mijo e medo abafando as últimas notas de pão assado. Seu telefone estava sobre a mesa ao lado de todas as suas divertidas ferramentas medievais, ele era uma espécie de colecionador, na verdade, e, quando o alcançou, ouviu um baque molhado seguido de um grunhido. Ele se virou para ver Limos, de pé em cima de uma caixa, frente a frente com Curson, suspenso pelos os seus pulsos mutilados.

— Por que você matou Wraith? — Limos deu um

soco em seu estômago. — Diga-me, seu pedaço de merda.

O anjo mostrou as presas manchadas de sangue. Bem, *presa*. Thanatos havia nocauteado a outra uma hora atrás.

— Porque nós podíamos — rosnou Curson. — O demônio nos caçou por tempo suficiente.

Thanatos deu um suspiro desconfortável. Ele avisara Wraith que matar anjos caídos por esporte lhe daria alguns inimigos poderosos. Wraith não escutou. — *Caçadores precisam caçar* — dissera ele, completamente alheio aos riscos e consequências que poderia enfrentar.

Tolo arrogante! Se Wraith estivesse aqui agora, Than bateria nele até colocar algum juízo nele. Ele faria o idiota entender como sua perda afetaria sua família, seus amigos. Thanatos.

A tristeza apertou o seu coração, paralisando-o por um momento enquanto Limos grelhava Curson. Ele não se importava com o que ela fazia com ele. Limos também se importava com Wraith.

— Como você o matou? — Soco. Grunhido.

Sorriso. — Uma espada no coração.

Enfurecido com a resposta irreverente e a alegria doentia no sorriso de Curson, Thanatos passou por Limos e bateu com o punho no esterno do desgraçado, dando um golpe sólido e de quebrar os ossos até o seu coração negro.

— Como? — demandou ele. — Wraith estava imune a danos de anjos caídos.

Curson levou trinta segundos para parar de chiar. — Moloch nos garantiu — ofegou novamente —, esse não era mais o caso.

— E como Moloch sabia disso? — perguntou Limos, e Curson se calou, apertando a mandíbula e encarando em desafio. — Como?

Ela enfiou uma unha amarela sob o queixo dele e, algumas batidas do coração depois, seus músculos começaram a se dissolver sob a pele enquanto o corpo se digeria. O grito profundo e ressonante de Curson veio da sua própria alma.

— Isso é fome — rosnou ela. — Logo, você não passará de pele, ossos e agonia. Diga-me como Moloch sabia que o encanto de Wraith foi desativado e eu vou parar.

— Ele conseguiu isso. — Curson deixou escapar. — Pare! Por favor... pare.

Satisfeita consigo mesma, Limos deu um passo atrás e limpou as mãos enquanto Curson ficava mole de exaustão, as costelas mostrando onde antes não estavam.

— Isso não é algo que ele poderia apenas... conseguir — disse Thanatos. — Não quando foi um anjo Radiante quem deu essa imunidade a ele. Então, quem Moloch conseguiu para remover o encantamento?

Curson não disse nada, tentando recuperar o fôlego, mas quando Limos deu um passo à frente, encontrou notavelmente a sua voz.

— Uma das únicas pessoas que poderia, além de

Reaver. — O anjo caído levantou a cabeça trêmula para dar a Thanatos um sorriso cansado de desprezo, e o coração de Thanatos deu um pulo. *Não diga isso. Não diga...* — O irmão gêmeo dele, seu tio. Revenant.

CAPÍTULO 18

As algemas ao redor dos pulsos de Lilliana irritavam com cada puxão afiado do demônio esquelético e retorcido, arrastando-a pelo corredor iluminado por tochas. Seus pés descalços continuavam tropeçando no piso irregular, e era um milagre que ela ainda não tivesse caído.

— Aonde vamos? — Ela puxou as correntes, ganhando outro puxão violento que a fez bater na parede úmida e viscosa.

Ela não sabia por que tentou. O desgraçado retorcido não havia dito uma única palavra desde que a buscou em sua cela.

Mas ele realmente não precisava. Ela tinha um pressentimento de que estava prestes a enfrentar as consequências do fracasso de Azagoth em libertar Satanás no prazo de Moloch. O medo tão intenso que ela podia sentir o cheiro saindo de seus poros a deixou ainda mais desajeitada quando Twisty⁽¹²⁾ a arrastou para a grande sala que ela conhecia bem agora.

Quando não estava em uma cela imunda, era acorrentada ao trono de crânios, forçada a assistir às atividades depravadas dos convidados e servos de

Moloch. Era quando ela tinha sorte. Quando não estava...

Ela estremeceu. Ela poderia suportar qualquer quantidade de tortura a que fosse submetida... já havia sofrido nas mãos de um monstro. O que não podia suportar era o pensamento de seu bebê sofrer, e ela não sabia quanto tempo poderia permanecer na segurança de seu ventre.

Não que houvesse uma escolha, obviamente. Mas isso não significava que ela não pudesse continuar repetindo várias vezes: *Fique dentro, pequena. Fique dentro de casa, onde é seguro.*

Twisty arrancou a corrente e a jogou no meio da sala... e em uma multidão de demônios e anjos caídos, todos ostentando ferimentos hediondos e frescos. Alguns rosnaram para ela como se a culpa fosse dela pela falta de membros, enquanto outros zombavam ou abanavam as línguas bifurcadas para ela em gestos obscenos.

Deus, ela desejou estar dormindo. No sono, ela estava feliz. Segura. E Azagoth pode estar lá. Ou Malévola.

A princípio, Lilliana ficou surpresa ao ver Mal piscando na periferia de seus sonhos. Então, ela se lembrou de Cara mencionando que cães do inferno ligados podiam se comunicar através de sonhos, e enquanto Mal nunca havia dado a Lilliana um *beijo de cão do inferno* para criar um vínculo, Lilliana ainda sentia uma conexão com a besta.

Ligações místicas à parte, Lillian tentou se

aproximar de Mal em seus sonhos, e Mal claramente queria chegar a Lilliana, mas era como se houvesse um campo de força com cem metros de espessura entre elas. Talvez a falta de um vínculo verdadeiro as impedisse de se comunicarem nos sonhos, ou talvez as habilidades de Malévola não fossem poderosas o suficiente para alcançar Lilliana. Faria sentido, dado que seu pequeno tamanho e a sua falta de força física e sobrenatural a tornaram uma pária entre sua espécie.

Cara havia dito que, se não fosse por ela e pela segurança da ilha de Ares, os cães do inferno teriam rasgado Mal em pedaços há muito tempo.

Twisty apertou sua pata de três garras na parte de trás do pescoço de Lilliana e a forçou ao chão, onde ele prendeu a corrente em uma grade de drenagem que já borbulhava com o sangue dos demônios feridos.

O terror disparou quando a multidão se separou e recuou, e ela sabia que Moloch estava chegando.

— Seu companheiro tem sido um menino mau.
— A arquitetura grotescamente distorcida da sala, remanescente de um esqueleto carbonizado que foi esticado e deformado, amplificou a voz de Moloch em uma entidade aterradora por si só.

Mas isso não era nada comparado à visão do homem grande, seus chifres de um metro pingando sangue na cabeça careca. Sua armadura, tão grotesca e esquelética quanto a arquitetura da câmara, brilhava com respingos de sangue, e as rachaduras em suas manoplas estavam cobertas de pedaços de carne e

cabelo.

O medo forte se agarrou a Lilliana em um nível tão primitivo que ela se esqueceu como respirar. *Inspire. Inspire. Inspire, caramba!*

De alguma forma, ela não desmaiou ou se mijou. De alguma forma, levantou a cabeça e encontrou o olhar preto de Moloch com desafio. — Não mau o suficiente. Você ainda está vivo.

Ela pagou por isso com um golpe tão forte com o dorso da mão dele que seus ombros quase se deslocaram quando a corrente empurrou seu corpo. Acolhendo a dor latejante em seus pulsos, ombros e mandíbula, porque isso afugentou o terror, ela se preparou para o próximo golpe.

— Eu fodidamente disse a ele para não tentar nada estúpido. Então, o que ele faz? Ele tenta algo estúpido. — Moloch soltou algumas maldições em Sheoulic. — Ele e seus companheiros Cavaleiros mataram milhares dos meus homens.

Lilliana teve dificuldade em se sentir mal por causa disso. Ainda assim, ela ofereceu seus pêsames mais insinceros. — Sinto *muito*.

Isso lhe rendeu outro golpe e uma subsequente bochecha latejante para igualar com a primeira. — Você se arrependerá. — A loucura em seus olhos escureceu um pouco, um sinal, ela aprendeu, que significava que a metade da alma de Moloch tinha mais influência do que a metade da alma de Bael. Ambos eram perigosos de maneiras diferentes, mas ela preferia lidar com a

personalidade um pouco mais estável de Moloc. — Azagoth ficará ainda mais arrependido. O Céu não ficará feliz com o que ele fez.

Ela bufou. — Não acho que o Céu se importe com o fato dele ter apagado alguma escória maligna.

Flail apoiou-se ao lado de Moloch com botas de cano alto, seu macacão de malha fina revelando praticamente tudo. — Eu acho que eles se importarão com o fato dele reutilizar dezenas de milhares de almas de demônios para alcançar esse feito.

— Ele... as reutilizou? — Lilliana não conseguiu esconder o seu choque. Ou a sua descrença. Azagoth possuía a autoridade suprema de enviar as almas demoníacas para serem reencarnadas, mas ele não podia dar forma corpórea às almas, nem podia presentear almas com a capacidade de dominar corpos físicos que já abrigavam uma alma. — Ele não poderia. Ele não tem esse poder.

— Aparentemente, com a ajuda de um Apóstolo da Morte, ele tem — disse Moloch.

Lilliana queria negar que ele usaria um Apóstolo da Morte para qualquer coisa, muito menos para um ritual proibido, mas ela também sabia as coisas que Azagoth faria para conseguir o que queria. Nesse ponto, sua única jogada era obter o máximo de informações possível, caso pudesse se conectar com seu companheiro novamente em sonhos.

— Como você sabe disso? — exigiu. — Seu espião dentro de Sheoul-gra?

Moloch de repente e violentamente desceu às patas traseiras e a agarrou pela garganta, os dedos cobertos de metal cravando-se dolorosamente em sua pele. — Eu capturei algumas delas. — Ele arreganhou os dentes, fios de saliva que se estendiam do maxilar superior para o inferior, sua respiração fétida queimando os olhos dela. — Seu companheiro libertou milhares de almas de Sheoul-gra com ordens para matar e possuir corpos antes de invadir minha fortaleza, me capturar e resgatar você. Eu disse a ele para não foder comigo. Eu o *avisei*.

— Eu tentei te dizer, Lilliana — disse Flail, sua voz estranhamente suave. — Você deveria ter ligado para Azagoth.

Ainda nas mãos de Moloch, Lilliana lutou por ar. — Isso não teria importado — ofegou, envolvendo os braços protetoramente em volta da barriga. — Ele não vai libertar Satanás. Ele não dará o que você quer.

— Oh, mas ele vai — começou Moloch, sua voz tão sedosa quanto sangue quente. — Especialmente se eu começar a enviar você de volta. — Soltando-a, ele puxou uma lâmina perversa e irregular da bainha no quadril. O medo primordial rugiu de volta.

— Pedaco por pedaco.

CAPÍTULO 19

Hawkyn não queria fazer isso.

De todas as notícias que ele dera em sua vida, essa era a pior. Seu pai já havia sofrido um golpe ao saber que seu exército de demônios de almas reutilizadas não conseguiu tomar nenhuma das fortalezas de Moloch.

Azagoth também deveria saber que Hawkyn não apenas o denunciou a Reaver, mas também deixara Reaver entrar em Sheoul-gra. Estranhamente, seu pai ainda nem sequer falara sobre isso. Alguém poderia pensar que eram boas notícias Azagoth não ter se tornado nuclear. Legal.

Esse alguém estaria errado.

Quando Azagoth não surtava, era assustador para caralho.

Vozes elevadas flutuaram pelo corredor a partir da sala de guerra enquanto Hawkyn se aproximava. Que dia de merda. E estava prestes a piorar.

Dois golpes, consecutivos. E agora, o golpe do nocaute.

Respirando fundo, Hawkyn ajeitou a mochila por cima do ombro e entrou no centro de comando de

Azagoth.

O lugar era um zoológico, lotado de parede a parede com aliados, espiões, assassinos e alguns servos de Moloch, que não perceberam que Azagoth sabia que eram inimigos. Eles receberiam informações que Azagoth e Ares queriam que vazasse.

No centro da sala, pairando sobre o mapa de Sheoul-gra, estava Azagoth.

Em uma sala cheia de pessoas e lendas gigantes, ele se destacava em uma forma modificada de sua besta, seus chifres se curvavam atrás da cabeça, seus olhos em chamas com o fogo do inferno, sua pele um vermelho-sangue profundo.

Hawkyn sentiu o momento em que o olhar de Azagoth se acendeu sobre ele, o calor abrasador queimando como lasers onde pousava.

Hawk sabia que não devia olhar diretamente nos olhos dele.

— Preciso falar com meu pai — latiu Hawkyn. — Todo mundo fora.

Por alguns segundos, ninguém se mexeu. Vários procuraram Azagoth em busca de orientação, mas quando tudo o que ele fez foi encarar Hawkyn, eles rapidamente correram pelas múltiplas portas.

O fogo nos olhos de Azagoth brilhava mais agora. Mais brilhantes e maiores, as chamas quase lambiam as suas sobranceiras. Ele diminuiu o calor, pelo menos, permitindo que Hawkyn olhasse para ele.

Não que ele quisesse.

— Nós vamos atacar novamente — disse Azagoth, sua voz fumegante e cheia de ressonância demoníaca. — Reseph vai descarregar uma pestilência sobre as forças de Moloch aqui — apontou para um agrupamento de orcs de plástico —, e aqui. — Ele dizimou o segundo grupo com a mão. — Dracxis liderará uma equipe de assassinos através da linha quebrada aqui...

— Pai.

— O quê? Seja o que for, diga rapidamente. Temos que atacar novamente antes que Moloch se reagrupe e machuque Lilliana. Perdemos o ataque, mas o machucamos. Ares diz que ele não esperará outro ataque tão cedo...

— Pai! — Hawkyn colocou a mochila gigante no mapa, derrubando vastas extensões de exércitos. — É tarde demais.

— O que é tarde demais?

Hawkyn engoliu em seco. — Moloch enviou isso.

Azagoth ficou completamente imóvel. Frio se espalhou pela sala, ficando tão frio que se formaram faixas de gelo no chão. Então, em um borrão de movimento, Azagoth foi até a mochila e abriu o zíper.

Os ladrilhos se racharam sob as temperaturas polares que mergulharam a sala em um congelamento profundo.

O choque e a dor de Azagoth tornaram o ar mais frágil quando a cor sumiu de sua pele, e seus chifres e garras recuaram. Suas asas... elas não se retraíram. Elas murcharam.

— Não — sussurrou —, ah... não.

Azagoth balançou, e se não fosse Hawkyn apoiando-o contra o peito, seu pai teria afundado no chão.

— Aquele desgraçado. — Azagoth se afastou de Hawkyn e tropeçou na garrafa de uísque no final da mesa. — Aquele... *desgraçado!*

— Pai. — Hawkyn amaldiçoou o tremor em sua voz. — Moloch disse... ele disse que se você atacar novamente, não será um pedaço de Lilliana que ele enviará em uma sacola. Se você quer saber o que terá da próxima vez, ele sugeriu que você consultasse o *Paradise Lost*.

Em *Paradise Lost*, Moloch gostava de sacrifícios de crianças.

Com um grito de fúria, Azagoth virou. — Ares! — rugiu, e o Cavaleiro, que devia estar do lado de fora da porta, entrou. — Cancele o ataque. Ninguém deve chegar perto de Moloch. Ninguém.

Ares hesitou por um momento, mas depois de olhar para a mochila e Hawkyn, ele sabiamente assentiu e saiu da sala.

— Pai? O que eu posso fazer?

Azagoth levantou a mão em um gesto para ser deixado em paz enquanto caminhava em direção à saída sul, sua marcha instável. — Dormir — murmurou. — Eu preciso dormir.

Dormir? Eles estavam no meio de uma crise, e o Grim Reaper queria tirar uma maldita soneca?

Hawkyn sentiu a aproximação de Jasmine, apreciou sua presença reconfortante ao lado dele. — O que está acontecendo?

— Não sei — disse ele. — Mas acho que as coisas ficaram muito piores.

CAPÍTULO 20

Lilliana correu à beira-mar em um biquíni rosa choque, os pés descalços espiçando nas ondas enquanto a água batia nos dedos dos pés. Ela inalou, absorvendo o ar salgado e o aroma fresco dos pomares de citrinos que pontilhavam a ilha grega de Ares.

Ela corria diariamente quando morava aqui, até o oitavo mês de gravidez, quando teve que caminhar ao invés de correr. Ela parou, chutando gotas de areia e água nas panturrilhas. Isso era um sonho, mas era real.

A mão dela foi para a barriga. Plana.

Certo. Este era o poder do bebê novamente. Os sonhos sempre começaram assim, e ela precisava se lembrar do que estava acontecendo. Talvez Azagoth estivesse aqui desta vez.

Por favor, por favor, deixe-o aparecer.

Ela revirou os ombros, agradecida que a dor de ter suas asas serradas havia desaparecido. Pelo menos aqui no mundo dos sonhos. De volta ao chão frio de sua cela, a dor era insuportável.

E, no entanto, parte da dor não era física. Muito disso, na verdade.

Ela ia morrer. Ela sabia disso e fez as pazes com

isso. Bem, talvez não exatamente a *paz*, mas em algum nível, ela aceitou seu destino.

O que ocupava os seus pensamentos e a aterrorizava além da crença durante todos os momentos de vigília era a preocupação com o bebê. Ele não poderia nascer em Sheoul. Havia monstros e dor em cada esquina, e o maior demônio de todos era Moloch.

Imaginar o que ele faria com a criança inocente de seu inimigo, fácil de imaginar desde que Moloch o descreveu em detalhes gráficos, a deixou tremendo e vomitando por horas depois.

E se, de alguma forma, ela conseguisse tirar isso da cabeça, seus pensamentos se voltaram para Azagoth, e o que ele passaria se perdesse os dois.

Quando conheceu o Grim Reaper, ele estava frio, quase morto por dentro. Ironicamente, ele ficou emocionalmente entorpecido porque também já havia sentido *demais*. Como um empata de extrema sensibilidade, ele era atacado pelas emoções dos outros, e perder a capacidade lhe dera paz e liberdade.

Pelo menos até Lilliana despertar suas emoções novamente. Levou tempo para ele controlá-las, e ainda era uma luta diária. O que aconteceria se ele se perdesse no sofrimento e fúria?

Ela tinha medo de saber a resposta para isso.

Isso o consumiria. Isso destruiria tudo o que ele construiu, tudo o que ele amava.

— Lilliana?

Sorrindo, quase atordoada com o som da voz de

Azagoth, Lilliana girou na areia molhada, apenas para ser recebida por sua expressão de pura devastação.

Ela se lançou ao longo da distância e nos braços dele, desesperada para confortá-lo, para impedir que ele caísse em autodestruição. — Está tudo bem, Azagoth. Estou bem.

— Suas asas — resmungou ele. — Sinto muito. Eu sinto muito.

— Shh. — Ela emoldurou o rosto dele com as mãos, forçando-o a olhar para ela. — Elas voltarão a crescer. Está tudo bem — disse, mesmo que não estivesse.

Suas asas não voltariam a crescer até que saísse de Sheoul, e ela não tinha cem por cento de certeza de que se sairiam melhor em Sheoul-gra.

— Eu sei o quanto dói...

Ela o silenciou com um beijo. — Eu não senti nada. — Outra mentira. Ela se perguntou se ele sentiria a mentira em seus lábios. — Flail fez algo para entorpecer meus sentidos.

— Por quê? — A voz dele soou com ceticismo justificável. — Por que ela faria isso?

Lilliana pensou na visita de Flail outro dia na cela. O anjo caído voltou mais duas vezes com comida comestível para convencer Lilliana a ligar para Azagoth e, nas duas vezes, ela recusou. O padrão de Flail foi o mesmo, primeiro implorar, e depois ficar com raiva e lançar insultos, e um pouco do jantar de Lilliana.

Mas ela nunca machucou Lilliana. Durante a

sádica retirada das asas de Lilliana por Moloch, enquanto era mantida pressionada por meia dúzia de demônios, Flail até ameaçou a todos com evisceração caso machucassem o bebê.

Porque o bebê só pode ser usado contra Azagoth se for saudável, é claro.

Essas foram as palavras dela, mas de vez em quando, entre gritos, Lilliana vislumbrava Flail, e ela não parecia se divertir como todo mundo na câmara.

Não, foi tão emocionante para alguns dos demônios que a retirada das suas asas se transformou em uma orgia.

Ela odiava o inferno. Muito.

— Não sei por que Flail faria algo para me ajudar — disse, e isso pelo menos era a verdade. — Ela tem sido estranhamente legal. Tenho certeza que ela quer alguma coisa.

— Porra. — Azagoth se afastou, seu olhar fixo na areia. — Falhei com você de muitas maneiras.

— Falhou comigo? — Ela se virou para encará-lo. — Nada disso é culpa sua, Azagoth.

— Tudo isso é minha culpa. — Ele olhou para cima, mas não para ela. Seu olhar, ardendo de dor e uma minúscula e alarmante faísca carmesim de ódio, captou o cristalino mar azul-esverdeado, indo para algum lugar que ela não podia seguir. — As coisas que fiz, os inimigos que fiz, tudo levou a isso. Eu te coloquei em perigo e a todos com quem eu me importo.

— Você não pode pensar assim. — Ela agarrou o

braço dele, querendo seu foco total, mas ele ainda estava em algum lugar sobre a água. — Você é o Grim Reaper. Você tinha um trabalho a fazer e o fez bem e sem incidentes por milhares de anos. Você fez as coisas do jeito que precisava fazer. A batalha entre o Céu e o Inferno é o que agitou as coisas. São eles que mudam as regras do jogo.

— Este *jogo* — cuspiu ele. Ao longe, o vapor subiu do mar. — Estou tão cansado disso.

— Você lida com a vida e a morte há tanto tempo...

— Não é desse jogo que estou falando. — Ele se afastou para passear na praia. — Morte... isso faz sentido para mim. As formas físicas duram apenas um tempo. Em algum momento, eles precisam liberar a alma. É tão... básico. Ele passou as mãos pelos cabelos e rosnou. — Mas o resto, sempre tendo que tomar cuidado, sempre sendo pressionado entre dois poderes e milhões de facções. Se eu pudesse fugir com você, construir uma vida em algum lugar juntos, onde ninguém poderia nos tocar, a menos que quiséssemos isso... — Seu olhar iluminou o mar novamente. — Ares está certo.

Ele estava sonhando com algo que eles nunca poderiam ter, e isso partiu o coração dela. — A ilha dele está cheia de demônios Ramreel e cães do inferno — apontou ela em uma tentativa triste de fazer a ilha de Ares parecer menos fantástica do que era. — Sem mencionar todos os amigos e familiares que aparecem

em todos os momentos do dia e da noite.

Ela calou a boca, percebendo que estava realmente fazendo o argumento oposto. Felizmente, Azagoth não pareceu notar. Ele parou de andar e voltou a fazer a água vaporizar.

— Ares não é responsável por milhões de almas ou por manter o equilíbrio entre o bem e o mal. As pessoas que o visitam o fazem porque querem, não porque *precisam*. Ele não precisa passar dezoito horas por dia com almas más tão contaminadas com a sujeira que o faz se sentir sujo, não importa quantos banhos ele tome. — A superfície do mar começou a ferver e sua voz baixou, raspando o fundo das trincheiras profundas abaixo. — Às vezes, depois de extrair informações de um demônio realmente imundo e fodido, não consigo nem tocar em você. Estou muito... manchado e você é pura demais.

Ele estava indo para um lugar escuro, e se ela não o arrastasse em direção à luz, ele se perderia nele.

— Querido? — Ela foi até ele, removendo o seu biquíni enquanto caminhava. Não sei quanto tempo temos. Faça amor comigo.

Não foi uma oferta. Era um comando, destinado a chamar sua atenção e acionar seu impulso natural para enfrentar um desafio.

Ele se virou e ela também tirou as roupas dele.

Caramba, mas ele era notável. A pele macia e bronzeada se esticava sobre os músculos magros que ondulavam em todos os lugares certos e imploravam

para serem beijados, espremidos, arranhados e mordidos. Braços e ombros poderosos que flexionavam enquanto ele mantinha sua posição na areia.

— O quê?

— Você me ouviu. — Ela caminhou até ele, colocou a mão no peito dele e rolou os quadris, roçando-os contra os dele. — Faça amor comigo.

Seus olhos, uma vez em chamas de raiva, agora ardiam, e sua excitação se agitava contra sua barriga. — Eu sei o que você está tentando fazer.

— E o que é? — Ela arrastou os dedos para baixo, traçando suas costelas e abdômen.

Seu peito expandiu em um som que era algo entre um ronronar e um rosnado. — Você está me distraindo.

A ponta do polegar dela roçou a ponta da sua ereção, e ele assobiou. — Distraindo você? — perguntou ela, uma mistura de inocência e megera.

Ele empurrou a ereção na barriga dela, mas parecia quase mecânico, como se seu corpo estivesse a bordo, mas sua mente ainda estava atolada na escuridão. — Da minha raiva.

Droga, ele não estava dando nada para ela trabalhar aqui. — Sua raiva é o que me salvará — disse ela. — Tudo o que peço é que, não importa o que aconteça, você não se torne o monstro que costumava ser.

— Eu não vou. — Ele pegou a mão dela e deu um beijo profundo na palma da mão. — Eu prometo.

Ela acreditou nele. Pelo menos, ela acreditava que ele pretendia cumprir sua promessa. Por enquanto, isso teria que ser bom o suficiente.

Lenta e deliberadamente, ela lambeu o seu polegar, observando a expressão dele ficar mais quente enquanto o alisava sobre a cabeça de seu pênis. E, no entanto, ainda havia uma distância em seu olhar que ela não conseguia apagar.

Ela poderia consertar isso.

Tomando-o na mão, ela caiu de joelhos. Ela segurou o olhar dele com o dela, querendo que ele visse tudo o que ela faria com ele. Ela daria a ele um show que encheria suas memórias com mais do que arrependimentos.

Sua boca encheu d'água quando ela deu um beijo prolongado em seu membro. O gosto dele, esfumado e quente, enviou um arrepio de luxúria direto ao seu núcleo. Ela o lambeu, pequenos toques ao longo de sua ereção espessa.

— Querida — sussurrou ele, sua voz desaparecendo em um gemido quando ela levou um testículo roliço em sua boca e chupou suavemente, muito aquém da intensidade que ele gostava.

Ela estava o provocando além da medida.

Ela lambeu e chupou o caminho para o outro, enquanto lentamente balançava a mão no seu eixo, o som das ondas rolando e suas respirações curtas e agitadas a instigando. Ele enfiou os dedos nos cabelos dela, seu toque suave como se tivesse medo de

machucá-la.

Era por isso que ele estava tão distante? Estava preocupado com a fragilidade dela?

Isso não funcionava para ela.

Ela ficou de pé e abanou as asas; que, felizmente, ainda existiam no mundo dos sonhos. A expressão de Azagoth ficou estrondosa, e ela sabia que ele estava pensando no fato de terem sido arrancadas. Ela não deu tempo para ele ficar obcecado. Ela lançou-se para cima e prendeu as suas coxas no pescoço dele, usando as asas para segurá-la no ar.

Agora ele estaria ocupado demais para se preocupar em tratá-la como se ela fosse feita de vidro.

Ele olhou para ela, seus olhos vincados com maldade. — Isso é novo — murmurou ele, seu hálito quente acariciando sua carne sensível. — Será que ainda pode ser chamado de sentada no meu rosto?

Ela não respondeu, estava muito ocupada ofegando quando a língua dele perfurou seu centro. Ai sim! Ela quase esqueceu de bater as asas, mas ele a pegou pela cintura e a segurou na vertical em seu aperto forte. Ocorreu a ela que isso era um sonho, e ela provavelmente nem sequer precisa usar suas asas, mas era tão... malditamente... erótico.

Ele ronronou enquanto a lambia, usando a língua plana para fazer passagens lentas e longas do núcleo dela para o clitóris. Ondas de prazer brilhavam sobre ela, intensas e quentes.

— Azagoth — suspirou, gritando quando ele

mudou sua tortura e se concentrou em morder seu nó pulsante.

Ela estava quase lá... quase...

De repente, a ilha girou e ela estava de cabeça para baixo no ar, a boca de Azagoth ainda trabalhando entre as pernas dela enquanto flutuavam acima da água em um sessenta e nove modificado. Oh, este Grim Reaper esperto.

Agarrando as coxas dele, ela pegou o pau dele na boca e chupou com força. Ele balançou os quadris com um grito abafado, mas o profundo e pecaminoso estado de sua língua nunca alterou seu ritmo alucinante.

O prazer aumentou, seu clímax a mandou direto para a beira da sanidade. Uma pontada de dor quando Azagoth mordeu sua parte interna da coxa amplificou seu êxtase e provocou outro orgasmo de derreter músculos.

Ele gozou com ela, seus jatos quentes derramando em sua boca, seus quadris bombeando freneticamente.

Mas eles não terminaram.

Ele ainda estava gozando quando ele saiu da sua boca e a girou para que suas pernas travassem em torno da cintura dele. O gozo dele espirrou em sua barriga quando sua boca encontrou a dela em um beijo urgente que tinha gosto do seu sangue e excitação. E então eles estavam no ar, suas grandes asas mantendo-os no alto do céu.

Mais alto, acima das nuvens. Através dos limites

superiores da estratosfera, no silêncio misterioso do espaço. Com um rugido, ele afastou os quadris e empurrou dentro dela. Ela gritou com a incrível sensação dele enchendo-a, e então gritou novamente quando ele colocou as asas em volta deles e mergulhou em direção à Terra.

Eles dispararam como um míssil, girando em um casulo de luxúria descontrolada. Ele bateu contra ela, seu pau acariciando o tecido já preparado para ele com cada impulso rápido de seus quadris. O gemido do vento e a pressão da queda sobrecarregaram todos os seus sentidos, liberando-a para fazer nada além de sentir a coisa incrível que ele fazia com seu corpo.

— Lilli — gritou ele, jogando a cabeça para trás em uma exibição de êxtase feroz e masculino, suas presas à mostra, os tendões no pescoço tenso.

Ela gozou novamente quando atingiram as nuvens abaixo, e mais uma vez Azagoth bateu suas asas e os impediu de colidirem com o oceano. Ele fez um giro lento e gracioso e flutuou em uma corrente de ar enquanto recuperavam o fôlego e saboreavam os últimos pulsos em declínio de prazer.

— Eu te amo — sussurrou ele.

— Eu também te amo — disse ela, talvez pela milionésima vez, mas por algum motivo, desta vez parecia que era a mais importante.

Porque poderia ser a última.

CAPÍTULO 21

Azagoth segurou Lilliana enquanto flutuavam de volta para a praia. Ele queria se deitar nas ondas e fazer amor com ela novamente, desta vez com as ondas batendo em seus corpos e o vento quente acariciando sua pele. O que eles acabaram de fazer foi intenso e selvagem, satisfazendo a necessidade de liberar alguma agressão e paixão.

Agora, ele queria lento e sedutor, apenas para mostrar a Lilliana o quanto ela significava para ele. Ele adoraria cada centímetro do corpo dela para que ela entendesse que era o mundo dele. Sheoul-gra, um reino que ele construiu do zero, não significava nada comparado a ela.

— Isso foi incrível — murmurou ela enquanto eles se estendiam na areia. — Quero apenas ficar aqui deitada com você, mas precisamos conversar antes que algo nos acorde.

Ela estava certa, mas caramba, se isso não estragou o clima. Ele recuou com o braço atrás da cabeça para olhar o céu.

— Eu disse a Hawkyn que, se alguém me acordar, estaria recebendo visitantes na pista de pouso

por um mês.

Ela se apoiou em um cotovelo para olhá-lo.— Isso não parece tão ruim.

— Eles farão isso como estátuas — esclareceu ele.

— Ah. Então, todos em Sheoul-gra estão muito quietos agora.

— Exatamente.

Ela riu, mas ficou sóbria rapidamente. Ele se perguntou se ela estava pensando em ser acordada. O terror que ela deve experimentar toda vez que abre os olhos. A raiva pelo horror que ela estava experimentando se levantou, mas ele a reprimiu, não querendo incomodá-la.

— Preciso saber sobre Flail — disse ela. — Você tem alguma informação que me ajude a investigar a psique dela?

— Talvez. — Ele estendeu a mão e brincou com uma mecha de seu cabelo sedoso. — Eu já te disse que Maddox era sobrinho dela? Essa foi uma das razões pelas quais eu a deixei entrar em Sheoul-gra. — Ele sempre foi cuidadoso com quem tinha permissão de entrar em seu reino, e era *extremamente* meticoloso com aqueles que empregava. Flail fizera trabalhos estranhos, atuando principalmente como agente de coisas prometidas, o que praticamente significava que ela era uma cobradora de dívidas glorificada.

Ela era uma das melhores.

Mas também era uma espiã de Moloch, e fora

responsável por arrastar Cipher para Sheoul e aprisioná-lo para Moloc e Bael. Então, ela deveria morrer.

— Espera. — Lilliana sentou totalmente, seus seios cheios corados e saltando apenas o suficiente para ser uma distração. — Você sabia que ela era tia de Maddox, e nunca me contou?

— Por que eu deveria?

Ela deu a ele um olhar incrédulo, o que as mulheres sempre davam quando pensavam que você era um idiota. — Você dormiu com a irmã dela.

— E isso é relevante... por quê?

A boca dela se abriu. Fechou. Então, ela deu uma fungada desdenhosa. — Apenas isso.

Interessante. — Meu passado ainda te incomoda?

— Seu passado? É uma maneira curiosa de dizer que você teve milhares de filhos com centenas de mulheres. — De repente, ela estava usando seu robe azul marinho fofo, e ele se perguntou se ela teria feito isso conscientemente ou não. — E não, não estou incomodada com o seu passado. Eu gostaria de saber quando as pessoas estão relacionadas a você. Ou relacionadas com os anjos que você teve em sua cama.

Sim, parecia que ela estava *totalmente* bem com isso.

— Então, o que mais você tem de Flail? — perguntou ela, flagrantemente mudando de assunto.

Ele só desejava que falar sobre Flail não chegasse a isso, por mais importante que fosse.

— Ela era próxima de sua irmã Ellandra — disse ele. — Mas após o nascimento de Maddox, Ellandra aparentemente se retirou. Sua família não pôde ajudá-la e um dia ela entrou no Abismo.

Lilliana estremeceu. — O Abismo — sussurrou. — Oh meu Deus.

Sim, isso foi uma notícia louca, cortesia de Reaver. O Abismo era um lugar quase mítico do Outro Lado. Dizia-se que somente aqueles que realmente perderam a vontade de viver poderiam encontrá-lo. Quem entrou nunca mais foi visto. Angelicamente falando, era considerado suicídio, embora alguns insistissem que o Abismo não era a morte instantânea, mas a entrada para outra dimensão. Basicamente, era uma maneira de recomeçar.

— Flail era um anjo na época?

Ele balançou a cabeça. — Ela era caída, mas ela e Ellandra mantiveram contato. Parece que Ellandra não estava pronta para desistir de Flail. De fato, foi o apoio de Ellandra à sua irmã que fez com que Ellandra fosse enviada para mim.

Ellandra confessou aquele pequeno boato para ele enquanto estava de pé, tremendo em seu quarto, esperando que ele a estuprasse ou algo assim. Nesse ponto, ele disse para ela ir. Ele queria alguém disposta em seus lençóis e, se elas fossem enviadas como punição, não havia consentimento. Ele podia ser mal, mas ele tinha padrões.

Para sua surpresa, ela voltou e, quando o fez,

implorou pela participação dele. Ela acreditava que trazer um Memitim ao mundo seria sua redenção.

Acabou que foi sua ruína.

Uma brisa quente agitou os cabelos de Lilliana quando ela virou o rosto para o sol. Ela merecia ter esse tipo de vida. Merecia estar sob o sol sempre que queria. Em vez disso, estava presa dentro de Sheoul-gra.

Não, ela está presa em uma masmorra no inferno, e a culpa é sua.

Ele rosnou, e a mão de Lilliana pousou na dele. — Ei. — Ela bateu nele gentilmente. — Diga-me por que Flail foi expulsa do céu.

Grato pela salvação, ele pegou a mão dela. — Ela perdeu as asas porque fazia parte de uma mini rebelião de jovens anjos que desprezavam os humanos. Ela decidiu matar alguns que achava que mereciam morrer.

Ela acenou com a cabeça — Eu me lembro disso. Bem, não me lembro especificamente dela, mas sei que houve um movimento se formando há um tempo. Houve uma série de pequenas rebeliões nos últimos dois séculos. A última década foi especialmente ativa. — Ela inclinou a cabeça e o estudou por um momento, a luz do sol brilhando em seus olhos cor de âmbar. — Os humanos que ela matou realmente mereciam?

— Eles eram assassinos e estupradores. Então, sim. — Flail forneceu muitas almas humanas más para Hades brincar no Inner Sanctum.

Azagoth informou Lilliana sobre mais alguns detalhes que ele não sabia se ajudariam, mas não queria

deixar nada de fora, apenas por precaução. Quando esgotou sua Enciclopédia de Flail, Lilli se inclinou e o beijou.

— Agora, me diga como *você está*. Como todos estão lidando com as coisas? Eu sei que a perda de Journey e Maddox deve ser tão difícil. — Ela apertou a mão dele. — Não consigo parar de pensar neles. E Wraith. Todos morreram tentando me ajudar.

Ele não podia imaginar o que ela passou, tendo que vê-los morrer, e ele xingou. — Eu odeio isso. Todo mundo odeia. Estão todos procurando maneiras de chegar a Moloch. Thanatos e Limos estão caçando os anjos que mataram Wraith, enquanto Ares e Reseph estão procurando maneiras de entrar na fortaleza de Moloch sem um ataque militar. — Ele a olhou. — *Você está* no palácio de Moloch, certo? Ele não levou você para o castelo de Satanás, não é?

Os cabelos sedosos de Lillian giravam em torno de seus ombros enquanto ela balançava a cabeça. — Eu o ouvi dizer algo sobre um novo ocupante.

Um novo ocupante? — Revenant voltou?

— Outra pessoa. — Ela ociosamente cavou buracos na areia com o dedo. — Moloch não parece feliz com isso. Eu meio que tive a impressão de que Moloch achava que o cara trabalhava para ele, mas agora é ele quem recebe ordens.

Havia um novo jogador em Sheoul? Interessante. — Você tem um nome?

— Ouvi Moloch chamá-lo de Drakiin, mas quase

pareceu um insulto.

Azagoth bufou. — Porque isso era. Significa *larvas* em Sheoulic. No entanto, isso não significava que não poderia ser o nome dele. — Demônios eram bizarros e nojentos. — Você viu esse homem?

— Nunca vi o rosto dele. — Ela estremeceu. — Ele é mau, no entanto. E frio. Isso parece vir em... ondas.

— Ondas? — Seu olhar mudou automaticamente para o oceano, que era completamente inconsciente da situação deles. — O que você quer dizer?

— É estranho. Em um minuto, ele está apenas escondido no fundo, quase imperceptível, e então parece que ele se torna radioativo. O mal que irradia dele afeta todos ao redor. Nunca encontrei nada parecido.

Ele inclinou a cabeça em um aceno lento. — Isso acompanha alguns dos relatórios que recebi.

— Alguma sorte em descobrir quem me envenenou?

Desejando que ele tivesse mais a oferecer, ele deu o que tinha. — Zhubaal está questionando todo mundo que levou algo para você comer ou beber. Até agora, nada está disparando nenhum alarme, e ele não está feliz. — Ninguém estava, mas Z levava o seu trabalho a sério e, quando não estava indo bem, ele era *intenso*. — Eu só queria que ele tivesse deixado Hawkyn por último, quando ele estivesse realmente chateado e irritado.

A testa dela arqueou em surpresa. — Por quê? O que Hawkyn fez?

Azagoth controlou o que teria sido um épico – foda-se, ele sentia falta de Journey – e um discurso vulgar. — Nada demais. Ele apenas contou ao Céu sobre a atualização dos meus *griminions*, minha tentativa de fuga e o fato de eu ter libertado cem mil demônios para combater Moloch.

Os olhos de Lilliana ficaram redondos como pires. — O quê? Você está brincando. Não. Ele não faria isso.

— Sim, ele fodidamente fez isso. Reaver apareceu e me deu um monte de merda celestial. — Precisando de um alívio para sua fúria, ele enfiou os dedos na areia e enviou uma explosão de energia através da costa, transformando a superfície ao redor deles em vidro.

Lilliana não piscou um olho ou perdeu uma batida. Cara, ele amava essa mulher. — O que Reaver disse?

— Ele disse que está tentando impedir o Céu de me atacar. — Ele moeu os molares, irritado pelo Céu achar que ele precisava ser policiado.

Ela deixou escapar um suspiro de alívio. — Então, ele está do nosso lado.

— Ninguém no Céu está do nosso lado.

— Querido, você não vê? Foi por isso que Hawkyn foi à Reaver. Ele sabia que você precisava de ajuda.

— Se estava preocupado, ele deveria ter me procurado primeiro — disse Azagoth. — Se ele não fosse o contato Memitim com o Céu, eu o baniria.

Ele não gostou do sorriso que ela escondeu atrás da mão.

— O quê? — demandou.

— É apenas... — Ela estendeu a mão e segurou a sua bochecha. — Você ainda pode bani-lo, e sabe disso. Mas não o fará, porque o ama e precisa dele, e sabe que ele estava fazendo o que achava melhor, mesmo que fosse errado.

— Ele me traiu. — Era simples.

— Eu sei que a lealdade é importante para você, mas, por favor, não se precipite em sua decisão sobre o que fazer com ele. Hawkyn é tão leal quanto eles vêm. Ele pode ter cometido um erro, mas seu coração estava no lugar certo, e com as coisas do jeito que estão... você não pode se dar ao luxo de aliená-lo. Precisamos ser fortes e unidos para o que está por vir. Mas nós venceremos. Você ganhará, Azagoth, e então ninguém será estúpido o suficiente para ferrar com você novamente. Estaremos livres.

Ele amava a força dela, a sua convicção. Mas ele nunca seria livre. Ele ficaria sempre confinado dentro de Sheoul-gra, o inferno que ele construiu para si mesmo, para expiar todos os seus pecados. O que era pior, mesmo depois que Lilliana sáisse da masmorra de Moloch, ela ainda estaria presa. A jaula seria mais agradável e seu carcereiro seria Azagoth.

Mas pelo menos ela estaria viva.

— Farei o que for preciso para tirá-la daí, Lilliana. Eu prometo.

— Exceto libertar Satanás, certo? — Ela o encarou com um olhar de *não vá lá*. — Essa é a única coisa que você não pode fazer.

— Estou ciente.

— Você está? — Ela bufou, e ele se preparou para um sermão celestial. — Azagoth, a experiência humana está dentro de um cronograma. Eles têm mais mil anos para atingirem seus objetivos. Você não pode mexer com isso. Se Satanás sair da prisão mais cedo...

— Sim, Sim. — Ele revirou os olhos e recitou a linha padrão que todo anjo aprendeu no berço. — Os humanos têm até o Fim dos Dias para aperfeiçoarem suas almas e ganharem uma vida imortal no Outro Lado. Aqueles que não vivenciaram tudo o que há para se vivenciar ao longo de várias vidas humanas, seja porque procrastinaram ou porque o Apocalipse chegou mais cedo, acabarão na Terra para que Satanás brinque com eles por toda a eternidade. Entendi. Eu simplesmente não me importo. Eu sou mau, lembra?

Ela bufou. — Isso é sério, Azagoth. Quantas bilhões de almas sofrerão na Terra porque não conseguiram os mil anos inteiros para viverem mais vidas antes do Apocalipse?

Anjos o irritavam, mas era fofo quando Lilliana deixava sua indignação angelical jogar de vez em quando.

— Eu sei — disse ele, tentando suavizar suas penas desfeitas. Quando ela bufou e balançou a cabeça, ele percebeu que era um sinal de que havia falhado. —

O quê?

— Só que às vezes você age por instinto e não pensa nas consequências das suas ações. — Ela sorriu, mas isso não tirou toda a dor de suas palavras. — Amo seus instintos e amo como você está disposto a fazer qualquer coisa por mim, mas não quero que você ou alguém que amamos pague um preço alto por me tirar daqui. Já perdemos muito.

Um vento forte chutou, soprando areia e criando espuma nas cristas das ondas. No alto, uma nuvem negra de tempestade surgiu, apagando o sol.

— Lilliana? Por que você está fazendo isso?

— Eu não estou — disse ela, olhando para cima.
— Pensei que era você, oh, não!

Ela começou a desaparecer. Um raio iluminou o céu enquanto ela tremeluzia para dentro e para fora da existência.

— Não! Lilliana! Ele a alcançou, sabendo que era inútil. E, como na última vez, suas mãos se fecharam no ar vazio.

Como antes, ela se foi.

CAPÍTULO 22

O corpo de Azagoth estava pesado, sua mente lenta enquanto permanecia deitado na cama, incapaz de encontrar forças para sair do colchão. Sua garganta estava dolorida como se estivesse gritando na vida real do jeito que gritou depois que Lillian desapareceu. Ele procurou na ilha, em uma tentativa fútil de encontrá-la, esperando que ela tivesse a chance de voltar a dormir, que foi despertada por um som distante e não por algum demônio a atacando.

Ela não voltou, e ele gritou por ela até acordar, suando e tremendo, sem saber como poderia enfrentar outro dia sem Lilliana. Pior, ele não sabia como mudar essa realidade. Sua tentativa de resgatá-la fracassou e, embora ele e Ares tenham elaborado vários planos, executáveis a qualquer momento e em rápida sucessão, ele não poderia implementar nenhum deles sem garantir a morte de seu filho.

Mas se ele não tivesse outra solução, *qualquer* solução que não envolvesse a libertação de Satanás, seu filho e sua companheira morreriam.

E se eles morressem no território de Moloch, suas almas ficariam presas por toda a eternidade em

uma existência infernal, torturadas por demônios, forçadas à escravidão ou, pior ainda, aprisionadas em estátuas.

Ter as almas aprisionadas dentro de objetos, ou em seus próprios corpos, não era amplamente considerado o pior modo de passar a eternidade, mas Azagoth sabia o contrário. Ficar preso na escuridão, desamparado, incapaz de se comunicar, tendo apenas a mente como companhia... ninguém saía disso são.

De acordo com o Apóstolo da Morte, que o ajudou a libertar seu exército, demorava apenas uma década para a insanidade se instalar, dependendo da espécie. E em milhares de anos de experimentos feitos pelos Apóstolos, nenhum indivíduo sobrevivia inteiro após cinco décadas. Azagoth pensou nas centenas de demônios presos dentro de estátuas ou em seus próprios corpos em seu Salão das Almas e imaginou que já estariam extremamente loucos. Alguns tinham milhares de anos.

O mais novo seria Moloch.

Mas somente depois de algumas décadas de tortura.

O pensamento de amarrar Moloch por suas bolas foi o impulso que Azagoth precisava para sair da cama quando tudo o que ele queria fazer era dormir, apenas no caso de Lilliana também estar dormindo.

Logo. Ele tiraria uma soneca o mais rápido que pudesse.

Movendo-se enrijecido, ele tomou um banho e se

vestiu, escolhendo um par de jeans e uma camiseta preta, roupas casuais que usava apenas quando ele e Lillian saíam em suas miniférias com o *cronoglass*.

Aqueles momentos preciosos eram a única razão pela qual ele tinha algum senso de liberdade, e eles não poderiam acontecer sem ela.

Antes de concordar em ficar dentro de Sheoul-gra e ser sua companheira, ela foi um anjo com um dos dons mais raros de todos: viagem no tempo. Usando o *cronoglass* como uma ferramenta para concentrar seu poder, ela poderia abrir um portal para o passado do reino humano que durava exatamente uma hora. Havia regras, é claro, mas mesmo que não fizessem nada além de ficarem sentados no meio de um milharal, Azagoth estava feliz.

Ele estava feliz em sentar-se em um milharal em 1948, em Nebraska.

Se Lillian não voltasse para ele, ele nunca mais se sentaria em um milharal com ela. Eles nunca mais ficariam no topo do Monte Everest e gritariam ao vento. Eles nunca teriam outra chance de patinar juntos na Suécia.

Haveria muitos nuncas.

Dor o cortou com garras com ponta de ácido. Ele se recompôs e abriu a porta do quarto. O salão estava vazio até mesmo da poeira e dos detritos da sua tentativa de fuga. Não havia ninguém lá para olhá-lo com pena. Ninguém para desviar o olhar. Ninguém andando sobre cascas de ovos enquanto se afastavam

para sair do seu caminho.

Ele não sabia se estava aliviado ou decepcionado.

Ele foi direto para o escritório, mas quando abriu a porta, ele parou tão rápido que seu coração bateu em suas costelas.

Alguém montou um altar de mármore, em cima do qual estava um pano de cetim vermelho onde estavam as asas de Lilliana. A exibição de bom gosto, tão cuidadosamente feita, tirou o seu fôlego.

Ele não sabia quanto tempo ficou ali quando ouviu passos se aproximando.

— Espero que esteja tudo bem — murmurou Hawkyn atrás dele. — Cat e eu queríamos honrá-la.

Incapaz de falar, Azagoth assentiu e foi até o altar. Ele não viu as asas dela desde a noite passada, o que ele mal conseguia se lembrar. Ele estava tão destruído, tão completamente devastado, que sua mente se desligou.

Ainda queria. Ele passou os dedos sobre as penas sedosas, lembrando-se da facilidade com que podia seduzi-la com um único toque ao longo do arco.

— Pai, não era minha intenção incomodá-lo, mas a Malévola está lá fora. Ela está lá há um dia inteiro agora. Está assustando todo mundo.

— O que ela está fazendo? Aterrorizando as pessoas?

— Ela está apenas... deitada lá. — Hawkyn permaneceu na porta, dando espaço a Azagoth. Talvez por respeito, talvez porque ele traiu o pai e não queria

chegar muito perto. De qualquer forma, era uma escolha sábia. — No lago onde Lilliana vai ler. Ela não se mexe. Nem mesmo os olhos.

Azagoth ouvira dizer que às vezes cães do inferno podiam se comunicar através de sonhos, e se perguntava se Lilliana e Mal estavam em contato. Mas se sim, Lilli não teria dito algo sobre isso? Ele também ouvira dizer que cães do inferno podiam se desligar, seus corações partidos os deixando em estado de coma.

Logo quando pensou que não poderia se relacionar com o vira-lata sarnento.

Merda. Agora, ele precisava ajudar.

Muito gentilmente, ele juntou as asas de Lilliana e passou por Hawkyn.

— *Ele pode ter cometido um erro, mas seu coração estava no lugar certo.*

A lembrança das palavras de Lilliana parou Azagoth.

— *Hawkyn é tão leal quanto eles vêm.*

Sim, ele era. A maioria dos filhos de Azagoth ficava aterrorizada em enfrentá-lo, mas alguns, os mais próximos e os mais confiáveis, chegaram a esse ponto *porque* o defenderam. A sua honestidade, embora brutal às vezes, foi a razão pela qual ele os respeitava e os manteve próximos.

Hawkyn era um deles.

Azagoth deu meia volta para o filho.

— Hawkyn.

Hawk se virou, seus ombros enquadrados como

se estivesse preparado para receber um golpe. — Sim, Pai?

Um calor inesperado chegou ao coração de Azagoth ao ser chamado de *Pai*. Poucos dos seus filhos o chamavam assim, e isso o surpreendia a cada vez.

— Você traiu a minha confiança. — Para crédito de Hawkyn, ele apenas inclinou a cabeça em reconhecimento. Azagoth continuou. — Acredito que você fez o que achou certo. O que pensou que deveria fazer.

— Sim, senhor.

— Você. Estava. Errado — rosnou Azagoth. — Felizmente para você, você me fodeu *porque* é decente, e é a única razão pela qual ainda está aqui. Isso e porque você é uma das poucas pessoas em quem mais confio e não posso me dar ao luxo de aliená-lo.

— Não sei o que dizer. — Hawkyn olhou para ele com desconfiança, provavelmente esperando sentir o deslizar de uma lâmina entre as costelas. Azagoth não era exatamente conhecido por sua capacidade de perdoar ou esquecer. — Estamos bem? Você não vai me assar lentamente em um espeto gigante ou me prender dentro de uma estátua?

— Você violou minha confiança confiando com um aliado. Você não me traiu com Moloch. — Quem quer que tivesse feito isso sofreria os horrores que Hawkyn descrevera. — Nós estamos... bem. Mas não faça isso novamente.

Azagoth saiu, ainda embalando gentilmente as

asas de Lilliana. Os Memitim limpam muitos dos danos estruturais que ele havia causado, mas ainda teve que empurrar algumas árvores derrubadas enquanto caminhava pelo caminho em direção à lagoa de Lilliana.

Ele poderia ter voado, ou até piscado para lá, mas ele precisava caminhar. Precisava ver seu reino, mesmo que estivesse decaindo lentamente, as plantas murchando, a grama morrendo, exatamente como seu coração.

Ele abordou Mal do jeito que sempre fazia: com cautela. Mas Hawkyn estava certo. Ela estava apenas deitada ali, olhando para o nada. Ele nem estava certo de que ela estava respirando.

— Ei, garota. — Ele parou ao lado dela e agachou-se. Ela não se mexeu, mas um gemido angustiado, quase inaudível, saiu da sua garganta. — Sei como se sente.

Lentamente, porque ninguém em sã consciência assustaria um cão do inferno, ele colocou as asas de Lilliana na frente dela. Por um momento, nada aconteceu. Então as narinas se alargaram. Seus olhos, uma vez fora de foco e vazios, ganharam vida, e ela piscou ao erguer sua enorme cabeça negra.

Quando viu as asas, ela se esticou em direção a elas, cheirando e choramingando, e então olhou para ele e rosnou. Ele não tinha certeza de como sabia que o rosnado não era direcionado a ele, mas sabia e, naquele momento, ele tinha um aliado.

— Você cheira Moloch nessas asas, não é? —

Timidamente, ele estendeu a mão e acariciou seu ombro. Ela ficou tão tensa com o toque dele que ele congelou, mas alguns batimentos cardíacos depois, ela relaxou e ele deu a ela outro longo e suave tapa. — Acho que você não pode tirá-la da prisão dele.

Mesmo que o entendesse, ele duvidava que ela pudesse entrar na fortaleza de Moloch. Todos em Sheoul protegiam suas casas para evitar visitas indesejadas de cães do inferno famintos. Mesmo que Malévola pudesse entrar na masmorra, ela era geneticamente incapaz de prejudicar um agente autorizado de Satanás, exceto em legítima defesa, e parecia que com Revenant desaparecido, Moloch era agora o zelador de Sheoul em nome de Satanás.

Ainda assim, a determinação ardia nos olhos dela, e ele percebeu que sim, ela conhecia o perfume de Moloch. O que significava que ela sabia quem machucou Lilliana... e, muito possivelmente, entendeu onde encontrá-la.

Mal se levantou em suas patas enormes.

— Eu sei que deveria tentar impedi-la — disse ele suavemente. — Lilliana ficaria brava se eu não tentasse evitar que você fosse. Mas eu quero, eu preciso, dela de volta, e se você puder ajudar... — ele soltou um suspiro trêmulo. — Por favor, Malévola.

Um olhar de compreensão passou entre eles e, quando ela se desmaterializou, ele se perguntou se a veria novamente.

Então se perguntou se alguma vez veria Lilliana

novamente, e desmoronou. Ali, na beira do lago de Lilliana, ele se perdeu, sabendo que nada seria igual.

CAPÍTULO 23

Eles vieram do nada, emboscaram Reaver quando ele se materializou perto da entrada da mansão de Ares.

Harvester veio com ele hoje porque, como ela argumentou, — Eu sou o Observador Celestial dos Cavaleiros e a madrasta deles, então eles têm que me aturar. Além disso, eu quero ver Aleka. Não vejo a filha de Cara e Ares há dias.

Não havia como dissuadir Harvester quando ela queria alguma coisa e, além disso, sabia mais sobre o funcionamento interno de Sheoul do que qualquer um, e sua visão poderia ser valiosa.

Se ela pudesse evitar antagonizar todo mundo.

Ares, Reseph e Thanatos os cercaram antes mesmo de darem dez passos.

— Alguma notícia sobre Lilliana? — perguntou Ares. Ele usava calça cáqui e uma camisa fina, de estilo grego, mas mesmo sem armadura, ele parecia cada centímetro do guerreiro que era. E era alto como Reaver, então havia muitos centímetros.

— Você provavelmente sabe mais do que eu — disse Reaver. — A última vez que vi Azagoth, a batalha

ainda não havia começado.

Não havia nada praiano no vestido preto justo de Harvester, mas isso não a impediu de chutar os saltos e plantar os pés na areia. — Ouvi das minhas fontes que seu exército foi derrotado e seus cães do inferno se acovardaram e se recusaram a lutar.

Merda. Reaver não conhecia ninguém com menos tato do que Harvester. Nem Wraith poderia competir.

O som das ondas acariciando a costa cresceu desconfortavelmente alto enquanto Ares ficou parado ali, um músculo em sua mandíbula tremendo, nuvens de tempestade se formando em seus olhos. Quando Reaver estava prestes a acalmar as coisas, Ares balançou a cabeça como se uma briga com Harvester não valesse a pena.

— Você está certa sobre a batalha — disse ele. — Mas os cães não se acovardaram. Eles queriam lutar. Queriam muito, mas não podiam. Eles ainda estão chateados e procuram rasgar a merda, então se você sentir que precisa de uma briga, participe. Eu sei que eu traria pipoca.

Thanatos, de jeans preto e uma camiseta de manga comprida que cobria as tatuagens em 3D em seus braços, passou os dedos pelos cabelos loiros desgrenhados. — Isso não é o pior de tudo.

— Nem perto — acrescentou Reseph. — Estávamos com Azagoth, muitos de nós, planejando outro ataque furtivo enquanto as forças de Moloch ainda cambaleavam.

Ares assentiu. — Queríamos bater com força quando ele não esperasse, e antes que machucasse Lilliana.

— Chegamos tarde demais — cuspiu Reseph. — O filho da puta cortou as asas dela e as enviou para Azagoth. Moloch disse que se atacássemos novamente, o bebê pagaria.

— Se eu ainda fosse um anjo caído — rosnou Harvester —, eu pararia Moloch agora e o rasgaria membro a membro enquanto bebia seu sangue e prometia a ele dor eterna.

— Eu amo o quão descritivo foi isso — disse Limos enquanto caminhava até eles de dentro da casa. Ela parecia pronta para surfar em shorts e maiô, seus longos cabelos pretos em um coque bagunçado, as mechas perdidas retidas pelos óculos de sol levantados em cima da sua cabeça.

— Você realmente acha que foi descritivo? — perguntou Harvester. — Eu estava tentando suavizar. Reaver diz que às vezes preciso ler melhor a sala antes de falar. — Ela fez uma careta. — Estou realmente triste por Lilliana. Perder as asas dentro de Sheoul a enfraquecerá imensamente. Ela deve estar sofrendo dores excruciantes.

Uma dor crua irrompeu nos ombros de Reaver como se seu corpo se lembrasse da vez em que Harvester o manteve cativo em seu covil de anjo caído dentro de Sheoul e cortou suas asas.

Ele lançou um olhar para ela. — Você acha?

Uma brisa soprou seus cabelos de meia-noite em volta do rosto quando ela se virou para ele. — Eu sinto muito mesmo. Não importava o quão idiota você era, você não mereceu aquilo.

— Ah, obrigado? Eu acho. — Ele a olhou de soslaio. — Você também me esmagou debaixo de uma montanha.

Ela deu uma gargalhada. — Sim.

Ares revirou os olhos e acenou para eles o seguirem em direção à casa. — Fiquem para o jantar. Estamos fervendo de frutos do mar. Podemos conversar enquanto comemos. Jillian, Regan, Arik e todas as crianças logo estarão aqui. — Ele olhou para Reaver. — Você já viu Serena?

Reaver balançou a cabeça. — Eu deveria ir lá, mas tive que cancelar.

— O que é mais importante do que visitar a viúva de Wraith? — A voz de Thanatos baixou com desaprovação, e Reaver teve a sensação de que ele não estava lidando bem com a perda do seu amigo. O Cavaleiro pode ser conhecido como Morte, mas não teve que lidar muito com isso pessoalmente.

Harvester levantou os óculos de sol para dar a Than um olhar nivelado. — Não fale assim com seu pai.

Os lábios de Thanatos se abriram, revelando presas que ele geralmente mantinha escondidas. — Você não é minha mãe.

— Uma pena — retrucou. — Porque eu não teria abandonado nenhum de vocês. — Ela fez uma pausa,

pensando. — Exceto, talvez, Reseph. — Ela apontou o dedo para Thanatos. — E eu ainda posso te pegar pela orelha e dar um pouco de sentido para você. — Ela demonstrou, usando seu poder para erguer Thanatos pela orelha e ficar nas pontas dos pés, antes de soltá-lo novamente, as tranças gêmeas em suas têmporas batiam contra suas bochechas enquanto suas botas batiam no pavimento.

— Ok, vocês dois, parem com isso. — Reaver pegou a mão de Harvester e se virou para Thanatos. — Eu tive que cancelar minha visita a Serena porque o Conselho Angélico me chamou.

— Ah, merda — falou Limos em torno de um pirulito que ela havia enfiado na boca. — Sobre Azagoth?

Ele assentiu. — A notícia está começando a se filtrar sobre o problema.

— Quanto eles sabem? — perguntou Ares.

Eles sabiam muito mais do que Reaver esperava. — Eles sabem que Moloch tem Lilliana e que Revenant está desaparecido. Eles estão achando que Moloch está usando Lilliana para garantir a libertação de Satanás, mas não sabem ao certo. — Nem Reaver nem Metatron confirmaram a teoria. Fazer isso quase certamente garantiria uma rápida decisão de destruir Azagoth, a fim de impedir o Armagedom. — A boa notícia é que eles não sabem o que Azagoth fez para retaliar, então eles não sabem que ele está violando seu contrato.

— O que acontece se descobrirem? — perguntou

Reseph.

Nada bom. — O Conselho das Ordens se envolverá.

O Conselho das Ordens, a mais alta autoridade no céu, exceto o Cara Grande, agiria em caso de violação do contrato, e eles nunca foram conhecidos por misericórdia ou generosidade. Se algo era tão monumental que pousava em *suas* mesas, eles pensavam que precisava ser tratado de forma célere e decisiva. Não havia isso de *ir com calma*.

Foram eles que tomaram a decisão de apagar e reconstruir as memórias humanas, mais de uma vez. Foram eles que destruíram a civilização avançada de Atlântida após decidirem que era uma má ideia usar o DNA de anjo para evoluir os seres humanos mais rapidamente.

Seriam eles que dariam a ordem para destruir Azagoth caso chegasse a hora.

— Então o Conselho das Ordens é ruim. — Isso veio de Limos.

Harvester assentiu. — Muito ruim.

— Por falar em ruim. — Limos saltou na ponta dos pés quando começaram a subir os degraus da mansão. — Você sabia que pegamos um dos anjos caídos que mataram Wraith?

Reaver parou de repente. — Quem?

Thanatos levantou as mangas como se estivesse se preparando para dar um soco em alguém, e o glifo do garanhão em seu antebraço bateu seu casco. — Um

filho da puta chamado Curson.

— Curson — repetiu Reaver. — Eu nunca o conheci.

Harvester bufou. — Ele é um pedaço de merda muito arrogante e covarde. — Ela fez uma pausa, olhou para Than. — É? Ou *era*?

Limos respondeu com um sorriso. — Era.

— Legal. — Harvester ergueu o polegar para Limos. — Como eu estava dizendo, ele era um saco de merda. Ele usou seu status como um dos seguidores originais do meu pai para conseguir o que queria em Sheoul. Apesar de terem tido uma desavença algumas centenas de anos atrás. Que idiota. O que ele disse?

— Que ele e os outros dois filhos da puta que estiveram no estacionamento trabalhavam para Moloch — disse Thanatos. — Eles sabiam que Wraith havia perdido o seu encantamento de imunidade porque Moloch conseguiu isso.

Reaver suspeitava disso. — Ele disse como? — Os olhares instáveis e fugazes que os Cavaleiros deram uns aos outros deixaram Reaver nervoso. — Conte-me.

— Foi Revenant.

Droga! Embora Reaver tivesse considerado essa possibilidade por uma fração de segundo, ele realmente não acreditava que seu irmão pudesse ter algo a ver com a morte de Wraith. Ainda era possível que Curson estivesse mentindo ou que tivesse intencionalmente alimentado as informações erradas, mas Reaver teve que admitir que fazia sentido. Ninguém mais poderia ter

chegado perto o suficiente de Wraith para remover o encantamento sem que ele soubesse.

— Ele não teria feito isso sem uma boa razão — disse Reaver, odiando parecer defensivo e mesquinho.

— Como o quê? — Ares parou na porta da frente e virou para Reaver.

— Não sei. Mas algo está acontecendo com ele e BlaspHEME. Ela não apareceu para trabalhar no hospital e ninguém consegue se comunicar com nenhum deles. Ninguém viu Revenant desde... — Ele parou quando algo que Eidolon disse retornou para ele. — Merda.

Harvester estava brincando com seu colar de diamantes da Tiffany, mas agora ela se acalmou. — O que?

— Antes de Wraith sair para o estacionamento, ele disse que havia acabado de ver Revenant. — O médico estava engasgado, sua voz destruída pela dor, e Reaver mal o entendeu. — Eidolon disse que Revenant parou na casa para dar um livro a Serena. Ele achou estranho, porque BlaspHEME estava desaparecida, e Rev não falou nada sobre isso.

Limos tirou o pirulito da boca. — Você não pode senti-lo ou algo assim?

— Somente se ele estiver no Céu ou se ele me convocar do reino humano. Tentei convocá-lo, alcançando com minha mente, tudo o que posso pensar. Nada.

— Moloch sequestrou Lilliana e a está usando como moeda de troca — lembrou Harvester. — Não é

exagero pensar que ele fez o mesmo com Blaspheme para conseguir o que queria do Revenant.

Reseph matou um mosquito. Aparentemente, até os Cavaleiros eram mordidos. — Por que Moloch iria quer que Revenant destruísse a invencibilidade de Wraith?

— Moloch não dava a mínima para Wraith — disse Thanatos. — Ele queria que os anjos caídos o ajudassem, e esse era o preço deles.

— Talvez — disse Reaver. — Mas há mais do que isso, ou o Revenant não estaria desaparecido. Moloch precisa de Revenant fora do caminho para que possa assumir o controle de Sheoul até que Satanás seja libertado de sua prisão.

— Você acha que ele está mantendo Revenant preso de alguma forma? Mas ele é tão poderoso.

— Revenant e eu aprisionamos Satanás — ressaltou Reaver. — Nada é impossível.

Mas, cara, a ideia de que Rev estava preso era preocupante. Se Revenant pudesse ser derrubado, Reaver também poderia.

— Então o que nós vamos fazer? — perguntou Limos.

— Eu ainda estou caçando os filhos da puta que mataram Wraith — disse Thanatos. — Um já foi, faltam dois. Assim que o jantar acabar.

Reaver estava tão de acordo com isso. — Nós também precisamos encontrar Revenant. Ele pode chutar a bunda de Moloch, recuperar Lilliana e impedir

que Azagoth faça algo que o faça ser abatido pelo Conselho das Ordens.

Harvester mordeu o lábio por um segundo. — Qual livro?

— O quê?

— Qual livro Revenant levou para Serena?

Reaver franziu o cenho. — Eidolon não disse. Mas talvez devêssemos descobrir. — Ele olhou para os Cavaleiros e apertou a mão de Harvester. — Nós voltaremos.

Ele não deu a ninguém a oportunidade de discutir ou fazer perguntas. Ele saiu da ilha com Harvester e se materializou na varanda de Wraith e Serena. Ele esteve aqui apenas no mês passado, bebendo cervejas com Wraith e Shade enquanto assistiam as crianças brincando no quintal.

A tristeza o inundou. Talvez não precisasse estar na reunião do Conselho Angélico mais cedo como ele estivera. Talvez ele tivesse egoisticamente ficado contente com uma desculpa para ainda não fazer uma visita a Serena. Porque não, ele não queria estar aqui.

— Eu posso ver — disse Harvester calmamente. — A dor deles. É como uma aura cinza ao redor da casa.

Ele não viu, mas com certeza sentiu.

A companheira de Eidolon, Tayla, abriu a porta antes que ele pudesse bater. Ela parecia menos composta do que o habitual, seu cabelo cor de vinho coberto por um boné de beisebol, mas seu sorriso, embora não tão brilhante como de costume, acolheu os

dois.

— É bom ver vocês. — Ela deu um breve abraço em cada um deles. — Entre. Runa também está aqui. Não queremos que Serena fique sozinha neste momento.

— Como ela está? — perguntou Harvester, sua voz grossa com rara compaixão. Ela gostava de Wraith e da sua natureza impulsiva e não arrependida.

— Não está bem. — Os olhos verdes de Tayla, vermelhos de tanto chorar, começaram a lacrimejar. — Ela está segurando por causa do Stewie, mas por pouco. — Ela apontou para o banheiro. — Desculpe. Preciso de um momento.

Houve um tempo em que Tayla e Wraith se odiaram, mas eles finalmente aprenderam a tolerar um ao outro. Mais recentemente, eles se aproximaram, e isso estava claramente afetando-a.

Eles encontraram Serena na cozinha, sentada à mesa com Runa, e depois de uma rodada de abraços e alguns soluços, Reaver finalmente encontrou palavras de condolências.

— Sinto muito, Serena. Se houver algo que eu possa fazer...

— Você pode trazê-lo de volta? — A pergunta dela era genuína, esperada, e quase destruiu sua compostura.

— Eu gostaria de poder — disse ele bruscamente. — Se fosse uma questão de regras, eu as quebraria. Mas eu simplesmente não tenho a capacidade.

Ela enxugou os olhos com um lenço de papel, a

falta da marca de companheiro de Wraith, uma réplica da *dermoire* dele no braço e na mão esquerda dela, uma *lembrança* gritante do que ela perdeu. O que todos perderam.

— Você sabe por que a alma dele está presa? Ele está sofrendo?

Reaver não sabia a resposta para nenhuma das perguntas e não queria machucar Serena mais do que ela já estava, então ele sentou ao lado dela e pegou a sua mão.

— Hades está garantindo que ele esteja o mais seguro e confortável possível.

— Mas não conheço Hades — soluçou. — Ele não conhece Wraith, e...

— Na verdade, ele conhece Wraith. — Reaver pegou seu olhar, querendo que ela entendesse completamente o que ele estava prestes a dizer. — Eles se conheceram depois de uma batalha uma vez. Wraith abriu a boca, e eles pareciam ser melhores amigos. Confie em mim, Hades é um... — Ele tentou encontrar uma palavra que funcionasse para o cara. Bom? Não. Decente? Não.

— Macho obediente — terminou Harvester, poupando Reaver de vários segundos estranhos.

Reaver assentiu. — Ele leva a sério os seus deveres e tratará Wraith com o maior respeito.

— Ok. — Serena assoou o nariz, e Reaver esperou até que ela terminasse para mostrar a razão de estarem lá.

— Serena... Wraith disse que Revenant trouxe um livro para você. Qual livro?

Ela apontou para um tomo no balcão. — É estranho. Eu não pedi, então não sei por que ele o trouxe.

Harvester pegou e franziu o cenho. — *Para dentro do Abismo*⁽¹³⁾. Hmm. Eu já li isso.

Abismo. Por que essa palavra continuava aparecendo? — É sobre o quê?

Harvester o entregou. — É sobre um anjo cuja companheira desapareceu e as coisas que ele teve que fazer para encontrá-la. Ele se torna totalmente um John Wick. Perde as asas e tudo. — Ela o abriu e um pedaço de papel caiu, mas ela pegou com o seu poder e o levou à sua mão. — É de Revenant.

Reaver ficou de pé, com o coração batendo forte. — O que diz?

— Ele diz que está arrependido e que deve dar esta nota a Reaver. — Ela deu de ombros e entregou a ele.

No instante em que ele tocou o papel, um zumbido elétrico subiu em seu braço e palavras rabiscadas às pressas materializaram-se no papel. Seu intestino se afundou enquanto lia.

Estraguei tudo, mano. Dei muita liberdade a Moloc e Bael e, quando percebi meu erro, já era tarde demais. Moloch tem Blaspheme, Reaver. Fiz o que precisava fazer para mantê-la viva. Quero consertar isso, mas tenho que

encontrar minha companheira. Me perdoe.

Rev

— Bem? — Harvester surgiu atrás dele. — O que diz?

Sentindo o peso dos olhares de todos, Reaver olhou para cima. — Diz que ele está com problemas. E se ele está com problemas, estamos *todos* em apuros.

CAPÍTULO 24

Revenant atravessou o rio fervendo até os joelhos, um corpo de água sem fim, cujas margens de lava endurecida eram ainda mais quentes do que a própria água. Vapor subia ao redor dele, queimando sua pele, narinas, olhos. Como a carne em suas pernas submersas, os ferimentos por vapor curaram quase instantaneamente, o que lhe permitiu se queimar novamente. O ciclo interminável de dor era brutal, mas ele continuou se movendo. Manteve seu caminho em direção a sua companheira.

— Vá até a nascente do rio Scaldara e suba os degraus do Templo dos Tremores. Se você ama sua mulher o suficiente, você a encontrará.

Moloch nem teve coragem de dizer a Revenant onde ele poderia encontrar Blaspheme. Ele enviou um laço, que agora estava sem as bolas.

Foi uma prévia do que aconteceria quando Revenant pegasse Moloch.

Aquele filho da puta!

Revenant deveria tê-lo destruído muito antes disso. Ele deveria ter matado qualquer demônio ou anjo caído que pudesse até *pensar* em ameaçá-lo. Agora, o

desgraçado reuniu um exército de demônios, cujo tamanho não foi visto antes. E se Azagoth ceder, Satanás pode ser libertado para assumir o comando.

Era um desastre de proporções quase bíblicas, muito antes do previsto.

A água corria ao redor das suas pernas, mas o rio se estreitou e ficou mais raso. Até as margens, enegrecidas com cinzas, não brilhavam mais sob a espessa camada de rocha resfriada. À frente, através do vapor cada vez menor, ele viu um templo enorme, esculpido em uma montanha inteira.

Apesar das circunstâncias e da dor excruciante, ele olhou com admiração. Deve ter levado dezenas de milhares de demônios, milhares de anos para construir. Ele ouviu histórias, é claro, mas como um dos muitos lugares em Sheoul inacessíveis por meios convencionais, como piscar, ele nunca veio. Nem mesmo a próspera indústria do turismo, dirigida por demônios Skimmer, que operavam barcos que podiam navegar em águas escaldantes, poderia tê-lo trazido até aqui. Não que essa opção estivesse disponível para ele. As forças de Moloch mataram todos os operadores de barcos e destruíram as embarcações. Aparentemente, Moloch queria que Revenant atravessasse devagar pelo rio antes de chegar ao templo.

Porra do caralho. Revenant ia ferver as bolas de Moloch em uma panela sobre uma fogueira. Bem na frente dele.

Depois haveria um assado de pênis.

Revenant olhou para a faixa interminável de rio fumegante, que cortava montanhas e vales, e se perguntou quantas vezes suas pernas foram fervidas até os ossos durante a jornada.

No começo, ele voou. Pelo menos, ele tentou. Uma corrente de ar poderosa e constante o impediu de navegar acima do vapor, e não demorou muito tempo para o calor chamuscar suas asas e o vapor saturar suas penas. Murchas e encharcadas, elas não o sustentavam mais, e ele mergulhou nas águas turbulentas depois de apenas alguns quilômetros de voo.

Estou indo, Blaspheme.

Passo após passo agonizante, ele se aproximou da grande escadaria. O rio se estreitou, serpenteando em direção aos degraus onde desaparece por baixo deles, presumivelmente continuando até sua nascente em algum lugar embaixo do templo.

O vapor girou em torno de Revenant quando ele finalmente saiu da água e pisou em um degrau de pedra. Suas pernas vacilaram e ele caiu de joelhos, seu corpo tremendo, seus pulmões respirando profundamente quando seu corpo exigiu um momento para se curar.

Não havia tempo para isso. Não quando Blaspheme poderia estar sofrendo horrores incontáveis. Ele tentou se levantar e, quando suas pernas falharam, ele se arrastou.

Gradualmente, quando se levantou, a sensação

retornou às suas extremidades. Sensação normal. Ele ficou de pé, com as pernas trêmulas, mas sim, amigo, ele estava a caminho de não se sentir como um salmão escalfado.

Ele olhou para cima. Para baixo. Deixou escapar mil maldições diferentes.

Ele estava subindo os degraus por horas, e quase não fez uma diferença a distância. A escada se estendia sem parar, desaparecendo nas nuvens nocivas dos vulcões.

— Que. Merda — suspirou.

Rolando os ombros, ele sentiu um formigamento de saúde profundamente dentro de suas asas. Ele as abriu e soltou um grito de pura alegria. As penas ainda estavam um pouco enroladas, e ele poderia voar como se tivesse tomado muitas doses de tequila, mas suas asas o levariam à entrada do templo no meio da montanha.

Ele se lançou, as poderosas batidas de suas asas o carregando de modo embriagado para cima. Ele atingiu um formidável saliência, provavelmente projetada para impedir exatamente o que estava fazendo, mas ele deu um soco nela e irrompeu pela entrada. Uma súbita perda de força o fez cair como uma bomba e ele bateu no chão do templo em uma queda de membros e penas.

Quando se levantou, criaturas sombrias e retorcidas saíram das bocas das efígies de pedra. Ele não conhecia a espécie, mas o mal literalmente escorria deles em cordas de gosma negra. Era uma merda

seriamente fodida.

— Você está aqui pela mulher? — sussurrou as entidades em uma única voz, que o fez pensar em uma faca cortando a carne.

Ele convocou uma espada elemental. Sua lâmina explodiu em chamas quando assumiu a natureza dos arredores. — Onde ela está? — rosnou.

— Se você a quer, você a encontrará.

As coisas tagarelaram, um som estranho e arrepiante de ouvir que terminou abruptamente quando eles voltaram para as estátuas.

— Não! Seus desgraçados! Voltem! — Ele deu a volta no salão, procurando por eles, procurando por alguém ou qualquer coisa. Não havia nada aqui além de paredes de azulejos, mosaicos de dor e sofrimento.

Soltando a espada, ele correu pelas paredes, procurando aberturas. Ele procurou no chão por alçapões. Lançou-se para o alto, no alto das vigas feitas de algum tipo de pedra lisa, mas também não havia saída.

Ok, ele abriria o seu caminho.

Trazendo toda a força de seu poder, ele lançou uma criação pessoal, uma pedra do que ele chamava carinhosamente de *gutenbad*, no teto. Uma bola de um mal pulsante e enegrecido ao redor de um núcleo da bondade celestial atingiu a estrutura com um estrondo alto. A montanha tremeu e pedra, pedras reais pesando toneladas, desabaram.

Merda! Batendo as asas o mais forte que pôde,

ele formou um campo de força no alto, e as pedras foram desviadas e enviadas para o lado da montanha. Quando o estrondo finalmente parou, ele destruiu todos os destroços.

Mas nada mudou. Ele poderia sair, mas ir para onde? Ele já estava na entrada do templo.

Se você ama sua mulher o suficiente, você a encontrará.

Ok, bem... ele a amava. Ele a amava tanto que, se não a encontrasse, morreria tentando. E se ele a encontrasse morta, morreria ao lado dela.

Se você a quer, você a encontrará.

— Claro, eu a quero! — gritou ele para quem quer que estivesse ouvindo. — Blaspheme! Blaspheme, querida, cadê você?

Ele conduziu-se em uma aterrissagem desajeitada e correu pelo salão novamente. Ele deve ter perdido alguma coisa.

— Blaspheme!

Ele deveria ter perdido alguma coisa!

— *Blaspheme!*

Ele se jogou contra os azulejos, cavou neles com os dedos até as paredes estarem manchadas de sangue. Finalmente, ele não sabia quanto tempo depois, caiu de joelhos com um grito. Ele caiu, batendo a testa no chão.

— Por favor, Blaspheme — resmungou. — Por favor, me ajude a encontrá-la. — Raiva, terror e desespero colidiram, e ele jogou a cabeça para trás e gritou. — Alguém... *por favor!*

A escuridão o dominou, e ele entrou em colapso.

Quando as luzes voltaram em sua cabeça, ele piscou, desorientado. O salão... continua o mesmo. Mas... não.

Ele ficou de joelhos. Lá... uma porta. Ele deu uma batida de asas, colocando-o de pé. A porta, pulsando como carne ensanguentada, chamou-o com o som de um coração batendo.

O coração de Blaspheme.

Ele não sabia como sabia disso. Apenas sabia.

Ele parou na porta e estendeu a mente, esperando se conectar com ela, desesperado para alcançá-la. Quando não encontrou nada além do frio vazio de sua própria mente, ele pronunciou um sólido *foda-se* e atravessou a boca escancarada.

Lá dentro... lá dentro era um maldito pesadelo. Que diabos... o *que* estava acontecendo? A área da caverna, inundada de branco e marfim, se estendia sem fim, seus tetos altos corriam por colunas brilhantes de cristal. O chão esponjoso poderia ter sido feito de marshmallow e, enquanto Revenant caminhava, ele meio que esperava que os unicórnios o cumprimentassem.

Sério. Mas. Que. Porra?

— Revenant?

Ele se virou ao som da voz de Blaspheme e, quando a viu perto de um obelisco que parecia ter sido esculpido em quartzo, quase desabou de alívio. Ela ainda usava o uniforme rosa com que foi sequestrada,

os cabelos loiros caindo em cordas emaranhadas sobre o rosto.

Ele se lançou em direção a ela, a abraçou em meio segundo.

— Estou tão feliz em vê-la — suspirou enquanto a salpicava com beijos. Suas bochechas, sua testa, sua mandíbula. — Você está bem? — A sua boca. Ele a beijou repetidamente. — Ele te machucou?

Ela lhe deu um sorriso tranquilizador que pouco fez para acalmá-lo. — Moloch não fez nada que eu não pudesse suportar.

Ele rosnou. — O que isso significa?

— Isso significa que seus capangas me insultaram um pouco — disse ela. — Mas ninguém realmente queria mexer com a companheira do Rei do Inferno, sabe? Nem mesmo Moloch.

Eles ainda morreriam horivelmente. Todos que ousaram tocá-la. Revenant a abraçou enquanto olhava ao redor para a estranha mistura de Cinderela e Stay Puft⁽¹⁴⁾ acontecendo aqui.

— Que lugar é esse? E como você está aqui, se não pode ser encontrado sem grande necessidade?

— Os demônios Skimmer me trouxeram de barco rio acima e depois me transportaram escada acima. Levou uma eternidade. — Ela fez uma pausa. — Foi assim que você chegou aqui?

Moloch os destruiu e seus barcos. Então, não.

Ela parecia genuinamente perturbada por isso. — Os Skimmers foram até legais. Eles colocaram

acolchoamento debaixo das minhas algemas para me impedir de sangrar. — Ela balançou a cabeça em desgosto. — De qualquer forma, eles me deixaram dentro do templo. Eu precisava de uma saída e, em algum momento, uma porta estranha e carnuda se abriu. E... aqui estou eu.

Ela se afastou dele e colocou a mão no obelisco de cristal. Sob a palma da mão, uma luz dourada floresceu, espalhando-se para cima em gavinhas que serpenteavam até o topo.

— Moloch disse que foi projetado há muito tempo como uma prisão secreta para Satanás.

Revenant olhou a estranheza. — Isto? Quem a construiu realmente acreditava que uma sala construída a partir da imaginação de uma criança poderia conter Satanás?

— Foi construído com materiais extraídos das partes mais puras do Céu. — Ela retirou a mão e a substituiu pela dele. Em vez de luz dourada, nuvens escuras e sombrias formaram-se sob a sua palma da mão, mas mesmo enquanto tentavam se espalhar, eram engolidas pelo cristal. — Minha mãe costumava me contar histórias sobre uma prisão misteriosa que usava a energia celestial para tornar o mal inerte. Eu acho que é esta. — Ela encolheu os ombros. — Minha mãe é uma teórica da conspiração, mas essa ela acertou.

A mãe anjo caída de Blaspheme, Deva, era maluca. Mas, obviamente, os malucos tinham sorte com as conspirações de vez em quando. Ele teria que

perguntar à sogra o que ela pensava sobre o Pé Grande e o Monstro do Lago Ness.

— Segundo Moloch e a minha mãe, Satanás ficou sabendo disso, e ninguém o enganou para vir aqui. Graças às profecias, ele sabia que seria preso algum dia e achava que este seria o local da sua desgraça. — Ela olhou para o teto de cristal, os graciosos arcos retorcidos em alguns lugares, como se os construtores não fossem capazes de domar os materiais. — Ele até tentou destruir todo o templo, mas ele foi construído dentro de um inabitável.

Inabitáveis, espaços onde a barreira entre reinos enfraquecia e permitia que um reino se empurrasse ligeiramente para dentro de outro como uma hérnia, causava anomalias bizarras onde regras normais e leis naturais não se aplicavam. Se este compartilhasse uma fronteira com o Céu, os materiais poderiam ter passado pela barricada, e a barreira poderia, teoricamente, impedir que o mal, mesmo algum tão poderoso quanto o de Satanás, o destruísse.

Instantaneamente, Revenant verificou o seu poder. Buscou profundamente. Nem uma faísca. Era como procurar nos bolsos vazios por um centavo.

Então, era uma prisão, certamente. Apenas não era a de Satanás.

Era a de Revenant.

CAPÍTULO 25

Lilliana queria dormir.

Era tudo o que queria fazer. Ela queria escapar deste inferno literal por apenas um tempo, e queria ver Azagoth novamente. Mas toda vez que se enroscava no chão frio e começava a adormecer, uma sensação de aperto envolvia o seu abdômen, e o bebê começou a dar muitos pontapés.

Fique aí um pouco mais, garoto.

Ela conversou com o bebê enquanto estava ali deitada, esfregando a barriga, tentando mantê-lo dentro o máximo que podia.

Ela não podia dar à luz aqui. Não podia.

Seu pai logo vai nos tirar daqui. Apenas... espere.

Mas e se Azagoth não pudesse resgatá-los a tempo? E se ela desse à luz cedo?

Oh Deus.

Ela piscou para conter as lágrimas. Ela tinha um plano, mas era um tiro no escuro.

A porta da cela se abriu e, antes que pudesse se sentar, um demônio volumoso que cheirava a esgoto bruto agarrou sua corrente e a arrastou para o pátio do lado de fora do castelo. No mundo humano, haveria grama dentro das paredes de pedra.

Aqui, no território de Moloch, havia lama e cinzas.

Demônio Sewer^{15} a acorrentou em uma plataforma de força para que ela pudesse assistir as coisas horríveis que os demônios faziam, e onde eles poderiam fazer coisas horríveis a ela.

Geralmente, eles apenas jogavam coisas, graças às ordens de Moloch para não acabar com ela completamente. Precisavam deixá-la viva, ou Azagoth não cooperaria, é claro.

Ela viu Flail parada perto de uma fogueira onde os capangas de Moloch assavam algo humanoide sobre as chamas. Azagoth havia dito que ela era tia de Maddox. Até agora, Lilliana não encontrou a fraqueza de Flail, mas se ela tivesse uma, talvez fosse o seu sobrinho.

Sua família, que morrera sob o comando de Moloch.

A barriga de Lilliana se apertou novamente, e ela respirou fundo.

— Qual é o problema?

Ela pulou ao som da voz de Flail bem ao lado do seu ouvido.

— Você não deve assustar mulheres grávidas assim — murmurou Lilliana.

— Eu trouxe isso para você. — Ela estendeu um pedaço de carne queimada em um osso carbonizado.

— Ah... — Lilliana olhou para o cara que estava sendo assado. — Não, obrigada...

Flail baixou a voz. — Isso é labrynix. É como uma cabra demoníaca. — Ela apontou para outra fogueira do outro lado do pátio. — Pegue, ou acabará com uma tigela de sobras, e não posso garantir que elas não pertençam àquele humano.

O estômago de Lilliana balançou, mas ela pegou o pedaço de carne de Flail. O anjo caído não lhe trouxe nada que a deixara doente, e o que ela entregou foi muito melhor do que a coisa grotesca não identificável que seus guardas sempre lhe ofereciam.

— Obrigada. — Porra, ela detestava sentir-se grata a Flail. Embora talvez fosse isso que se tratava o jogo do caído: Síndrome de Estocolmo.

Lilliana não cairia nessa. Ela nunca sentiria compaixão por seus captores. Não Flail, nem nenhuma dessas escórias.

Flail apontou para a barriga inchada de Lillian com a caneca de cerveja na mão. — Não demorará muito agora.

Ela olhou para o contorno do pezinho que a empurrava através do vestido tecido de urtiga e vespas. — O que te faz dizer isso? — perguntou ela, incentivando uma conversa em vez do que ela realmente queria dizer, que era mais próximo de: — *Não me diga, sua idiota do mal.*

— Eu estava com a minha irmã antes que ela desse à luz.

— Sua irmã... mãe de Maddox?

Os cílios de Flail tremeram de surpresa. — Você

sabe disso?

Agora foi a vez de Lilliana se surpreender. — Você realmente acha que Azagoth não faz checagens de todo mundo que visita Sheoul-gra?

Flail tomou um gole de cerveja e limpou a boca com as costas da mão. — Então, a minha irmã fodeu seu marido, mas você me permitiu lá?

Eu não sabia. Lilliana fingiu saber — Nunca gostei de você, Flail, mas permiti porque você não tinha nada a ver com sua irmã. Superei minhas inseguranças sobre todas as mulheres que Azagoth levou para a cama dele há muito tempo. Passado é passado.

Embora, na verdade, ela poderia ter dito não a Flail se soubesse a verdade. A partir de agora, *ela* seria a última palavra em quem passaria um tempo em Sheoul-gra. Azagoth teria que lidar com isso.

Supondo que sáisse viva daqui, é claro. Um tremor de terror se espalhou por sua pele na forma de arrepios, mas Flail começou a falar novamente, e o aborrecimento substituiu seu medo.

— Ah. Eu não acho que seria tão gentil — fungou Flail. — Ou estúpida.

— Veja, é por isso que não gosto de você — murmurou Lilliana.

Flail riu. — Como é Azagoth? Como amante, quero dizer.

Lilliana quase se engasgou com o cuspe. — Que tipo de pergunta é essa? Você sinceramente espera que eu responda?

— Minha irmã estava com aterrorizada dele. — Ela estendeu a caneca de cerveja para Lilliana, que recusou com a cabeça. — Tão aterrorizada que fugiu na primeira vez que foi a Sheoul-gra.

Bem, isso era interessante. — A primeira vez?

— Ela voltou — disse Flail com um encolher de ombros. — É considerado tanto um sacrifício como um dever divino se você for escolhida para dormir com o Grim Reaper e fazer Memitim. Bem, costumava ser até você aparecer.

Agora, Lilliana estava genuinamente curiosa sobre a irmã de Flail. — Quantas vezes ela voltou?

Uma sombra passou pela expressão de Flail e, por um momento, Lilliana temeu ter perdido o controle da conversa. Mas, depois de outro gole de cerveja, Flail falou.

— Só uma vez. Ela ficou grávida apenas uma vez. — Ela inalou uma respiração irregular, claramente ainda incomodada por onde quer que esta história a levasse. — E ela amou o bebê. Amou tanto que se recusou a dá-lo para humanos desprezíveis. — Manchas vermelhas e irritadas floresceram nas bochechas de Flail. — O Conselho Memitim o levou à força. Ela nunca se recuperou.

— Eu também não. — Lilliana não conseguiu evitar que a sua voz tremesse. Moloch levaria o seu filho quando ele nascesse. Talvez pudesse explorar um pouco a dor de Flail, prepará-la para o que Lilliana estava prestes a propor. — Saber que você não pode proteger

seu bebê, saber que provavelmente sofreria... — estremeceu, e era absolutamente genuíno. — É por isso que sua irmã entrou no Abismo?

Flail sibilou, exibindo dentes perversos e afiados. — Como diabos você sabe disso?

— Azagoth sabe mais do que você imagina.

Seu abdômen se apertou com força e ela largou o pedaço de carne no chão sem ter mordido. Os ratos do inferno espinhosos o pegaram antes mesmo de ter a chance de rolar até parar.

— Merda — suspirou. Este bebê queria sair, e não demoraria muito. Ela precisava colocar seu plano em movimento.

Ela olhou para Flail em desespero. — Flail... acho que esse bebê pode ajudar Moloch a conseguir o que quer.

Flail levantou uma sobrancelha escura. — Como?

Aqui vamos nós. — Quando este bebê nascer, envie-o a Azagoth como uma oferta de boa-fé.

— Boa-fé? Boa fé para quê? — Bufando em sua caneca, Flail tomou um gole de cerveja. — Não, eu tenho certeza que Moloch tem planos para o pirralho. Imagine o que Azagoth fará para garantir a segurança de sua preciosa companheira e filho. Vê-la com dor é uma coisa. Ver uma criança inocente...

— Não! — Lilliana agarrou o braço de Flail em uma tentativa frenética de convencê-la. — Me escute. Isso garantirá que Azagoth não ajudará Moloch. Não posso nem começar a dizer como Azagoth será nuclear

se você machucar o seu filho recém-nascido. Mas se Moloch fizer um acordo de duas partes com Azagoth, dando-lhe o bebê como adiantamento e eu como pagamento integral, Azagoth fará isso. Ele é um negociador e rígido com os termos de um acordo. É a única chance de Moloch.

Flail olhou para ela com pena. — Você realmente acha que Azagoth acredita que Moloch vai libertá-la?

— Eu não sei.

Agora, Flail olhava para ela com pena e ceticismo. — Sério?

O bebê chutou e náusea borbulhou na garganta de Lilliana por sua incapacidade de protegê-lo. — Não.

— Você sabe que não sairá daqui viva, certo? — Flail passou um dedo esbelto pela borda da caneca, brincando com ela. Brincando com Lilliana. — Se Azagoth não libertar o Senhor das Trevas, Moloch a matará. Se Azagoth libertar Satanás, Moloch a oferecerá como um brinquedo. Você está morta de qualquer maneira.

Lilliana olhou para ela. — Mas meu bebê pode viver. — Ela engoliu em seco, depois passou para uma manipulação vergonhosa. — Você não gostaria que alguém ajudasse a sua irmã?

— Legal — disse Flail, erguendo sua caneca em saudação. — Isso foi tão sutil.

— Não posso me dar ao luxo de ser sutil — retrucou Lilliana. — Este bebê estará aqui a qualquer momento, e não quero que ele sofra pelo prazer

distorcido de Moloch. Quero dizer, o desgraçado matou seu sobrinho. O filho amado da sua irmã. Você não está com raiva? Não quer vingança?

Com um rugido, Flail empurrou Lilliana com tanta força que ela caiu para trás, batendo a cabeça em um banquinho destinado para que as infelizes vítimas penduradas permanecessem em pé antes de serem chutadas por baixo de seus pés. Por toda parte, demônios irromperam em gargalhadas.

— Você não pode questionar a minha raiva — gritou Flail. Então, tão rapidamente quanto ficou balística, ela se acalmou, agachando-se ao lado de Lilliana e abaixando a voz. — Verei o que posso fazer. Mas não tenha muitas esperanças. Desde que as almas de Moloc e Bael se fundiram, a de Moloch tem uma verdadeira paixão pela tortura. — Ela deu um tapinha na cabeça de Lilliana como se fosse um animal de estimação. — Tente descansar um pouco. Você precisará ser forte para o que vier a seguir.

Lilliana dissera a Azagoth a mesma coisa. Agora parecia uma coisa tão estúpida de se dizer.



Flail estava seriamente pronta para o Fim dos Dias. Estava cansada da porra dos humanos, e pronta para acabar com os anjos também. Estava na hora do Senhor das Trevas liderar o ataque e tomar o reino terrestre das experiências mais idiotas do Criador.

Os humanos eram tão estúpidos.

Não tão estúpido como você.

Seu pensamento aleatório, por mais irritante que fosse, poderia ser preciso. Ela estava realmente pensando em pedir a Moloch algo que ela não deveria se importar. Não, isso não era inteiramente verdade. Ela se importava, não com a criança, mas com a causa. Se pedisse que ele entregasse o filho de Lilliana a Azagoth, seria porque ela realmente acreditava que sua proposta seria a melhor maneira de fazê-lo cumprir os desejos de Moloch.

Sim, isso parecia bom.

Mas duvidava que fosse mencionar isso. Ela realmente não dava a mínima para Lilliana ou o pirralho.

Ela encontrou Moloch no Jardim da Noite, um jardim assustadoramente espetacular, cheio de plantas carnívoras, trepadeiras venenosas e perversas flores negras. Ele estava derramando sangue em um recipiente de íris enquanto falava em voz baixa e silenciosa com uma figura sombria nas proximidades. Moloch adorava jardinagem antes que a alma de Bael se juntasse à festa, mas agora passava mais tempo torturando pessoas. Portanto, mesmo que ela não fosse fã de horticultura, ou de *horrorticultura*, como Moloch exatamente o chamava, ela imaginou que encontrá-lo aqui era um sinal de que ele não estava deixando o lado insano de Bael assumir completamente.

— O que foi? — perguntou Moloch, sem olhar para cima.

A pessoa sombria se afastou antes que ela pudesse ver seu rosto, ou mesmo o que ele vestia. Nas últimas duas vezes que o viu, ele usava calça de couro preta e um capuz levantado. Desta vez, ela teve um vislumbre de cabelo, embora não pudesse dizer a cor. Há tons claros, ela pensou.

E ele era frio. Tão frio.

Flail olhou para o súbito ar vazio. — Quem é esse cara? Ele está à espreita há dias.

Moloch moveu o regador para a próxima planta. — Você não o reconhece?

— Nunca vi o rosto dele. — Ela observou Moloch lamber uma gota de sangue do bico do regador.

— Ele não tem um. Ainda não. — Ele se endireitou e virou para ela, e ela lutou contra o desejo de recuar. As poças negras de ódio que eram seus olhos chamuscaram sua pele onde pousaram, e ela desejou ter usado algo muito menos ousado. — Ele é do sangue do Senhor das Trevas. Ele quer saber como está Lilliana.

Então, um dos filhos bastardos de Satanás fazia parte disso. Ela se perguntou quão grande era essa parte. Quem estava puxando as cordas na corrida para o Armagedom? Moloch? O bastardo? Outro jogador que ela não conhecia?

— Isso é uma pergunta? — perguntou ela. — Porque você a vê tanto quanto eu.

Ele inclinou a cabeça e sorriu. Mais uma vez, ela lutou contra o desejo de recuar. De recuar e correr. — Isso não é verdade, é? Eu acho que você se sente mal

por ela.

Um calafrio afundou-se profundamente em seus músculos. Não havia nada considerado mais digno de punição no mundo de Moloch do que compaixão. Ela definitivamente não pediria para mandar o bebê de Lilliana embora. De jeito nenhum. Moloch poderia comê-lo em um ensopado por tudo o que lhe importava.

— Ela me diverte, é tudo — disse ela às pressas. — E talvez eu consiga fazê-la falar. Ela sabe mais do que ninguém sobre os segredos de Azagoth.

A expressão de Moloch não revelou nada que indicasse que ele acreditava ou não nela.

— Tenho algo para lhe mostrar. — Ele fez um gesto para que ela o seguisse por um caminho sinuoso. — Meu novo espantalho.

Ele parou em frente ao poste, onde estava sempre colocando uma coisa recém-empalada. Ela olhou para cima.

Oh, Senhor das Trevas...

Flail engoliu bile repetidas vezes. *Não vomite. Não vomite. Não vomite, porra.*

— Esse não é o corpo inteiro dele — disse Moloch com uma voz agradável e profunda que a encheu de terror. — Apenas a pele, recheada com palha. É lindo, não é? Isso manterá longe esses corvos irritantes.

Maddox. Oh, Maddox.

— Não há corvos aqui. — Era sua voz, suas palavras, mas não sabia por que as falou. Havia tantas outras coisas que poderia ter dito. Como: — *Seu pedaço*

de merda, eu vou matá-lo. — Ou: — Você me disse que ele sobreviveu à emboscada. Ou: — Você prometeu que não o mataria.

— Não — disse Moloch, estudando-a enquanto ela lutava pelo equilíbrio entre o previsivelmente indignada, mas não homicida. — Não há corvos aqui. No entanto, houve relatos de um cão do inferno à espreita ao redor. Coisas desagradáveis.

Curvando-se, ele começou a regar um arbusto de amora, cujos espinhos pingavam veneno que queimava como uma mãe.

Você, filho da puta, eu espero que você se pique.

Ele pagaria por isso. Não aqui, não neste minuto. Mas ia acontecer.

E, dane-se, ela ia tirar o filho de Lilliana daqui, para que não fosse o enfeite de jardim da próxima semana.

— Como você ousa? — resmungou ela. — Nós tínhamos um acordo. Eu trabalho para você e, em troca, você não faz... isso — apontou para o espantalho Maddox —, ao meu sobrinho. Estamos no mesmo time, Moloch. Eu quero que Satanás seja liberado tanto quanto você. É por isso que estou passando o tempo ouvindo a putinha chorona de Azagoth. Espero que ela possa nos dizer algo útil. Tenho uma ideia que pode funcionar. Mas, quem sabe?

Moloc nunca teria mordido a isca que acabara de jogar, mas Bael teria. Moloch poderia?

Intrigado, Moloch olhou por cima do ombro para

ela. — Conte-me.

Ela se fortaleceu. A influência de Bael tornara Moloch imprevisível, e era tão provável que ele a ouvisse quanto a estripasse por diversão.

— No momento, Azagoth não tem motivos para acreditar que você libertará Lilliana depois que ele libertar o Senhor das Trevas. Tudo o que você fez foi torturá-la e irritá-lo. Passei bastante tempo com ele em Sheoul-gra para saber disso. Sugiro que você envie a ele um gesto de boa-fé.

Moloch se endireitou, o regador ao seu lado. — Tal como?

— Quando Lilliana der à luz, envie-lhe o bebê.

O olhar que ele deu a ela era puro, *you are crazy*. — E desistir de dois reféns?

— Você mesmo disse que não se importava se a angelical em Lilliana matasse a criança — ressaltou ela. — O objetivo sempre foi *colocá-la* em nossas mãos. Nós a temos e, até agora, nada do que você fez convenceu Azagoth a obedecer. E por quê? Porque ele não pode ser tratado pela força. Pergunte ao Céu. Eles vão te contar. — Moloch estava ouvindo, não mais focado em suas mudas de plantas. Encorajada, ela continuou lançando. — Ele é um homem de negócios. Ele negocia, Moloch. Ele faz acordos e não é conhecido por quebrá-los.

Ao contrário de Moloch.

— Ofereça a ele o bebê como adiantamento pela libertação de Satanás — continuou ela —, como pagamento total, a Lilliana, depois que isso terminar. O

que vai doer tentar um novo rumo?

Ele realmente pareceu considerar e depois bufou. — Você tem passado muito tempo com a prostituta de Azagoth. Eu acho que você precisa se lembrar do que você é.

— Eu desprezo a putinha fraca — retrucou, embora, na verdade, ela tivesse que reconhecer Lilliana por uma coisa. Não havia como Flail sobreviver a ficar presa em um pequeno reino povoado com a descendência de seu companheiro... e ainda estar sã.

Mas enquanto as histórias da crueldade de Azagoth iam muito além das fronteiras de Sheoul-gra, Flail também sabia de alguns contos menos conhecidos. Como, por exemplo, quando a sua irmã voltou para ele depois de fugir pela primeira vez, ele se recusou a tocá-la até que ela estivesse pronta. E enquanto Flail duvidava que ele tivesse feito isso por nobreza ou decência, ela viu o suficiente durante o tempo em Sheoul-gra para acreditar que ele levava seus deveres a sério, e a única coisa que esperava dos outros era que eles fizessem o mesmo.

Ellandra realmente saíra da cama de Azagoth de bom humor. De fato, durante os primeiros meses que se seguiram, enquanto Maddox crescia em seu ventre, ela estivera mais feliz do que Flail alguma vez a viu. Mas quando a realidade começou a se estabelecer, e Ellandra percebeu que teria que desistir do bebê e colocar seu filho nas mãos do pior que a humanidade tinha para oferecer, a depressão e o desespero se estabeleceram.

Flail ficou feliz por sua irmã não estar por perto para ver o que Moloch fizera com seu filho.

— E se eu pedir para você matá-la quando chegar a hora? — perguntou Moloch.

— Seria minha maior honra — assegurou. — Mas, meu senhor, isso não é sobre Lilliana. É sobre iniciar a Grande Limpeza, o Fim dos Dias, e para fazer isso, precisamos que Satanás esteja livre. A criança é descartável para você. Por que não usá-la para trazer Azagoth ao nosso lado?

— Você me convenceu — disse ele, e ela exalou aliviada, sem saber que estava prendendo a respiração. — Você me convenceu de que precisa ser lembrada de que é um anjo caído que uma vez pregou o coração de um humano na parede enquanto ele ainda estava vivo. — O lento e malévolo sorriso de Moloch a congelou no lugar enquanto seu alívio se transformava em terror. — Tire suas roupas. Não ouço uma mulher gritar há horas.

CAPÍTULO 26

Lilliana teve sua primeira contração alguns momentos após o início dos jogos de Moloch. Ele os chamava de jogos, mas, na verdade, eram apenas julgamentos de pessoas que Moloch considerava traidores que terminavam com os culpados sendo executados de maneira criativa e sangrenta.

Ela foi forçada a assistir por horas ao lado de Moloch, obrigada a suportar suas constantes ameaças para colocá-la em julgamento em seguida. Toda vez que alguém morria, ele perguntava se ela gostaria de se juntar a eles. Quando disse que não, ele riu. Quando disse que sim, ele disse que não. E quando o ignorou, ele passou as garras no rosto dela ou a socou na cabeça.

Ele era um verdadeiro cavalheiro.

Pelo menos seu sofrimento e o espetáculo lhe permitiram disfarçar o desconforto das contrações como repulsa ou dor de ser atingida.

Mas nada podia mascarar o puro terror de saber que seu bebê estava quase aqui, e ela não teria como protegê-lo.

Finalmente, quando gemeu baixinho através de uma intensa contração, ele sinalizou para um guarda

que a levasse embora.

— Sua constituição fraca me irrita — disse ele. — Mas facilitará o trabalho de Flail.

O trabalho de Flail? Ela não perguntou, não queria atrasar ser afastada deste lugar horrível. É verdade, ela ia para outro lugar horrível, sua cela, mas mesmo aquela caixa fria e fedorenta era melhor do que isso, onde o cheiro de medo, carne queimada e entranhas a faziam engolir a bÍlis.

Dor sacudiu sua barriga enquanto se arrastava em direção à cela, um demônio corpulento de cada lado, a armadura raspando as paredes de pedra enquanto caminhavam. Quando dobraram a esquina da cela, um jorro de líquido derramou entre suas coxas e correu por sua perna. Um dos demônios riu.

— Olha, Oog, ela se molhou. Anjos são covardes.

Se não estivesse prestes a deixar um bebê cair no chão neste momento, ela socaria o bruto na cara. Como estava, ela respirou através de uma contração e disse a si mesma para deixar passar. Era bom que os demônios pensassem que ela era uma covarde. Eles baixariam a guarda se não a vissem como uma ameaça.

Oog bufou como um javali torcendo por trufas e empurrou-a para dentro da cela com tanta força que ela tropeçou e bateu no chão, torcendo-se para que seu ombro e quadril levassem o impacto em vez da sua barriga.

— Idiotas! — gritou quando a porta se fechou. — Seus cretinos...

Ela interrompeu quando a dor lhe arrancou as entranhas. Tudo, desde a pélvis até as omoplatas, gritava em agonia, como se estivesse sendo esticada em um dos cavaletes de Moloch.

— Não, por favor, não — gemeu quando se sentou e esfregou a barriga. — Fique aí. Por favor... — Desta vez, o grito foi audível, escapando da sua garganta.

Água. Ela precisava de água. Ofegando, ela olhou em volta, mas até o balde cheio de gel de lama marrom gelatinosa havia desaparecido. Suor e lágrimas se misturaram e escorreram por seu rosto conforme as contrações a rasgavam ao meio, uma vindo diretamente em cima da outra agora.

Ela se apoiou nas mãos e joelhos e concentrou-se na respiração. Dentro. Fora. Dentro. Fora. Por horas. Ou talvez dez minutos. Ela não sabia dizer.

A porta rangeu e ela estava com muito medo de olhar. Tão aterrorizada e com tanta dor que não pôde conter um lamento de desespero.

— Oh, porra.

Lilliana não sabia se estava aliviada pela voz do recém-chegado pertencer a Flail ou não. Lilliana não a viu desde que conversou com ela sobre tirar o bebê daqui, e uma pequena parte dela nem queria saber a decisão de Flail.

Um sim significava que talvez ela nunca mais voltasse a ver o seu bebê.

Um não significava que talvez ela tivesse de

assistir o seu bebê morrer.

Ela precisava de um sim, ou ficaria louca.

Ela abriu os olhos. O anjo caído estava parado na porta, um telefone em uma mão e um par de tesouras de jardinagem na outra.

— Flail — gemeu Lilliana quando outra contração a rasgou. — É o bebê.

— Filho da puta. — Flail se virou e fugiu, o som da porta batendo ecoando pela sala.

Lilliana odiava aquela idiota, mas, agora, ela odiava mais ficar sozinha. Ela deveria ter seu bebê em casa, cercada por pessoas que amava. Azagoth deveria estar aqui para oferecer encorajamento e acolher seu filho ou filha com seus braços fortes. Ela deveria trazer essa criança ao mundo em um local seguro.

Nada disso aconteceria.

A porta se abriu novamente e Flail entrou correndo com os braços cheios de toalhas e um banquinho.

— Aqui. — Ela colocou uma toalha dobrada no chão ao lado do banquinho. — Ajoelhe-se e use o banquinho para se segurar. Minha irmã disse que essa era a maneira mais fácil de fazer isso. Vai apenas deslizar para fora.

De alguma forma, Lilliana não achou que seria tão simples, mas mesmo que fosse, isso só traria a criança para este mundo horrível mais cedo.

Lilliana ofegou através de uma contração. — Eu... não quero... o que é mais fácil.

— Você é idiota?

Os braços e as pernas de Lilliana tremiam com o esforço de não empurrar. — Diga-me que Moloch concordou em enviar o bebê para Azagoth — gritou quando o instinto de empurrar a dominou.

Não, não, não!

— Não exatamente.

Lilliana desfez-se em soluços, seus membros desmoronando debaixo dela. Essa era a única esperança que a sustentava. Impedindo-a de ficar completamente louca. Se algo acontecesse com seu bebê, ela morreria. Ela não tinha dúvida de que perderia a sanidade e a vontade de viver. Neste momento, pela primeira vez, ela entendeu o traço autodestrutivo de Azagoth.

— Lilliana? Merda, ficará tudo bem. — Flail a rolou de costas e enfiou uma toalha embaixo da cabeça e, mesmo com a agonia física e mental de Lilliana, pareceu-lhe uma coisa estranhamente compassiva a se fazer. — Apenas empurre, ok, sua puta burra? — Ela afastou as coxas de Lilliana. — Empurra!

— Ninguém nunca pedirá para você ser a instrutora de trabalho de parto delas — gritou Lilliana enquanto se abaixava, seu corpo substituindo sua vontade.

— Está chegando, Lilliana — disse Flail. — Eu vejo a cabeça. Empurra.

Lilliana rugiu enquanto empurrava, a dor lancinante e ardente a estimulando. Lágrimas de tristeza escorriam pelo seu rosto.

As lágrimas deviam ser de alegria, fazendo tudo isso ser muito pior.

— Outro empurrão. Agora, Lilliana.

Lilliana tremeu com o esforço, seus pulmões soltando um grito quando seu corpo expulsou a pequena vida que ela manteve em segurança por todos esses meses.

— Peguei — respirou Flail. É uma menina. Você tem uma filha.

Um grito se elevou, o som mais bonito que Lilliana já ouvira enquanto Flail envolvia o bebê em uma toalha. — Oh, que bom que tenho as tesouras de jardinagem — disse ela. — Eu vim aqui para torturá-la um pouco, para tentar mais uma vez que ligasse para Azagoth, mas você precisava trazer uma criança.

Alguém bateu na porta. — Flail? — vibrou uma voz profunda e estridente no ar. — A peça nasceu? Vou contar a Moloch, não?

Terror puro e forte gritou por Lilliana. *Peça?*

Flail hesitou e Lilliana a alcançou, segurando sua mão enquanto o anjo caído colocava o bebê contra ela.

— *Por favor* — murmurou Lilliana. — *Por favor, ajude-a.*

Flail olhou para ela e depois se virou para a porta. — Sim — disse ela. — Informe a Moloch.

Lilliana gritou e pegou as tesouras. Não importava que ela não tivesse chance de sair do castelo de Moloch, muito menos de sair da cela. Ela não podia deixar seu bebê ser levado ainda. Ela lutaria até o fim.

Até que estivesse morta.

As tesouras foram arrancadas de suas mãos e bateram contra a parede pontiaguda. — Ouça-me, sua imbecil idiota! — Flail olhou nervosamente entre Lilliana e a porta. — Vou levá-la para Azagoth, ok? Mas tenho que ir *agora* antes que o guarda diga a Moloch que o bebê está aqui.

Flail levantou o embrulho para que Lilliana pudesse ver sua filha, seu lindo rostinho com o nariz e os olhos de Azagoth.

— Deixe-me abraçá-la — implorou Lilliana. — Só por um minuto.

— Não há tempo. — Flail abriu a porta, mas antes de sair, olhou para Lilliana, a tristeza rodando nas profundezas escuras de seus olhos. — E, acredite, abraçá-la só dificultará as coisas. — Ela amaldiçoou. — Sou uma fodida idiota.

E então ela se foi, e Lilliana afundou no chão escorregadio com sangue do parto, uma profunda sensação de perda minando o que restava de sua força. Dormente, incapaz de funcionar, ela colocou os braços em volta dos joelhos e balançou.

Sem o bebê, ela não seria capaz de se comunicar com Azagoth. Em questão de segundos, ela perdeu as suas duas linhas de vida.

E a sua esperança.

CAPÍTULO 27

Eidolon sempre foi um dos que trabalhavam para superar o luto. Quanto mais lamentava, mais ele trabalhava.

Ele não saía do hospital há dias. Não desde que aquilo aconteceu.

Tayla e seu filho foram ficar com Serena e Stewie por um tempo, e ele não tinha vontade de voltar para uma casa vazia, onde tudo o que fazia era pensar.

Shade não *voltou* ao trabalho desde que aconteceu. Engraçado como todos os irmãos de Eidolon lidavam com o luto de maneira diferente.

A dor de Lore era silenciosa, mas ele estava sempre lá. Sin era vocal, mas distante. Wraith teria matado. Eidolon curado.

Shade ficava pensando, processando abertamente sua agonia e raiva. No momento, ele estava passando muito tempo com o companheiro de Gem, Kynan, e a Equipe de Resposta à Atividade Demoníaca, enquanto gastavam a maior parte de seus recursos na caçada ao último anjo caído responsável pela morte de Wraith. Aparentemente, Limos e Reseph ensacaram o segundo esta manhã.

Eidolon esperava que os Cavaleiros estivessem fazendo com que o desgraçado se arrependesse de já ter ouvido o nome de Wraith. Tal como Eidolon se arrependia de como ele lidou com a situação que matou Wraith.

Quando não estava ocupado, ele repassava a morte de Wraith repetidamente em sua cabeça, como se os cenários hipotéticos pudessem acontecer no passado e trazer o seu irmão de volta da morte. E se ele tivesse contido fisicamente Wraith? E se ele próprio tivesse saído para lidar com os anjos caídos?

E se eles apenas tivessem esperado dez minutos para que o Harrowgate fosse consertado?

Exceto que o Harrowgate não foi consertado. Lillian ainda teria sido sequestrada, e isso só tornava tudo pior.

Seu celular tocou enquanto ele percorria os corredores escuros do hospital a caminho do raio-x, para onde enviara um demônio *blanchier* com uma perna quebrada. Era uma mensagem de Gem.

Há um anjo caído com um bebê aqui para vê-lo. Você deveria se apressar.

Um anjo caído. Ele estava ficando realmente farto de anjos caídos.

Ele inverteu o curso e correu em direção ao departamento de emergência. Quando dobrou a última esquina, ele quase bateu em Gem e Thanatos. O Cavaleiro estivera aqui muito ultimamente, mantendo todos atualizados sobre a sua missão de fazer com que

todos os responsáveis pela morte de Wraith pagassem com sangue e dor. Eidolon ficou agradecido pela dedicação e devoção do cara a Wraith. Era uma amizade incompreensível, mas que completou a vida de Wraith.

A dor de perder Wraith nunca desapareceria, mas Eidolon poderia se confortar ao saber que, por um tempo, o passado de Wraith havia perdido o controle sobre ele. Ele teve uma boa vida com sua companheira e filho, e desenvolveu um trabalho que amava, e os amigos que fizeram suas façanhas parecerem inofensivas.

Malditos anjos caídos.

Gem apontou através das portas da baía da ambulância para uma mulher de armadura de batalha negra parada no estacionamento. Suas asas escuras de couro estavam escondidas atrás das costas, as cristas subindo bem acima da cabeça. Nos braços havia um pacote contorcido que ele supôs ser o bebê que Gem mencionara.

— Ela disse que só fala com você.

Thanatos levantou uma sobrancelha para Eidolon. — Algo que você quer nos dizer?

— Só posso engravidar a minha companheira. — O que não aconteceria por um tempo. Tayla estava contente com um filho, e seu instinto de reprodução de Seminus foi suprimido. No momento, até mesmo o desejo sexual, o que o tornava um incubus, estava refreado, graças aos deuses. O sexo só conseguia distrair a dor por um tempo, e então abria uma

enxurrada de emoções cruas.

— Ignore E — disse Gem a Thanatos. — Ele não entende humor ou provocação.

— Eu entendo — disse ele. — Simplesmente não reconheço. Há uma diferença.

Gem apontou para Eidolon. — Vê?

Thanatos assentiu. — Wraith sempre dizia que ele estava *engomado*.

Um grande buraco no coração de Eidolon ameaçou engoli-lo, mas ele o sacudiu, concentrando-se na situação em questão. — Quem é esse anjo caído que só vai falar comigo?

Sombras cintilaram nos olhos de Gem quando seu demônio se agitou. — Ela disse que seu nome é Flail e está coberta de cicatrizes.

O demônio interior de Gem, um Soulshredder, podia ver cicatrizes, físicas e emocionais, que eram invisíveis para todos os outros. Como mestiça, ela não era obrigada por seu instinto a usar seu conhecimento da existência das cicatrizes para atormentar e traumatizar as pessoas. Ela não precisava se alimentar do medo e do sofrimento deles para sobreviver. Mas ainda possuía o desejo cru de penetrar profundamente naquelas cicatrizes e pôr de joelho os portadores aos gritos. Tanto ela como Tayla fizeram tatuagens de restrição em suas gargantas para ajudá-las a controlar os demônios dentro de si.

Alguns dias eram melhores do que outros, e hoje, o brilho do desejo brilhava nos olhos de Gem.

— Diga a ela para entrar.

— Eu já disse — disse Gem. — Ela se recusou.

— Não vá, E — avisou Thanatos. —

Provavelmente é uma armadilha. Eu farei isso. Estou equipado para lutar contra um anjo caído. Você está equipado para... — Ele olhou para Eidolon de cima a baixo. — Foda-se ela.

— O que eu te disse sobre o senso de humor de Eidolon? — apontou Gem para a fêmea do lado de fora, alheia ao fato de que Thanatos não estava tentando ser engraçado. — Ela também disse que se você não sair sozinho, você e *somente* você, ela machucará o bebê.

A fêmea encarou. Olhou furiosa. Bateu o pé. Produziu uma adaga e a segurou ameaçadoramente perto do bebê.

— Acho que essa é a minha deixa — disse ele. — Fique aqui. — Ele foi em direção à porta, parando quando ela se abriu. — A menos que ela tente me matar. Então chute a bunda dela.

Thanatos tocou o dedo em uma marca em sua garganta, e sua armadura, uma espécie de placa de osso claro, desdobrou-se, cobrindo instantaneamente suas calças de couro e camiseta do Deadpool.

— Por Wraith. — Ele lançou um olhar pensativo para Eidolon e depois deu de ombros. — E você.

— Cuidado, Cavaleiro — disse ele. — Eu fiz o parto dos seus dois filhos pela bondade do meu coração e da ameaça de uma morte excruciante. O próximo vai custar-lhe uma nova ala no hospital.

As risadas profundas de Thanatos soaram quando Eidolon atravessou as portas de vidro deslizantes e encontrou a fêmea perto das duas ambulâncias estacionadas.

— Eu sou Eidolon.

— Eu sei. — A fêmea estendeu o bebê, embrulhado em uma toalha ensanguentada. — Entregue isso ao pai.

Ele segurou a criança choramingando em seus braços. Era um recém-nascido, provavelmente com apenas alguns minutos de vida, ainda molhado com o sangue do parto de sua mãe.

— Quem é o pai? — A criança piscou para ele com os olhos âmbar mais claros que ele já viu. — Quem é a mãe dele? Você?

Ela fez uma careta. — Parece que acabei de dar à luz, seu demônio idiota? Como você pode ser um médico de renome? — Ela deu um som de nojo e depois apontou para o bebê. — O pai da pirralha é Azagoth. Suponho que você o conheça.

Eidolon respirou chocado e depois olhou para a criança. — Sim. — Puta merda.

— Diga a ele que este é um gesto de boa-fé. Assim que ele fizer a vontade de Moloch, Lilliana será devolvida a ele. — Ela fez uma pausa. — Diga a ele para se apressar. Ela não está indo bem.

Eidolon levantou os olhos bruscamente do bebê. — Onde ela está? Deixe-me vê-la.

Tanto Flail quanto o ar ficaram mortais. — Você

não pode fazer qualquer demanda de merda, demônio.

Ele embalou o bebê perto, colocando-o protetoramente contra o peito. — Droga, se ela está sofrendo de complicações do parto, ela precisa de um médico.

Como um anjo, Lilliana deveria se curar da maioria das doenças e ferimentos por conta própria, mas os anjos não se regeneravam tão rapidamente, ou nada, dentro de Sheoul. Ela pode não morrer, mas pode estar suportando um sofrimento indescritível.

Flail deu uma risada amarga. — Você honestamente acha que Moloch se preocupa com a saúde dela?

Não, mas ele provavelmente deveria. Azagoth não era alguém com quem se brincar. — Apenas me diga como ela está.

— Ela foi afastada de seu filho antes mesmo de segurá-lo — retrucou. — Como você acha que ela está? — Com isso, o anjo caído se desmaterializou.

Porra.

Ignorando os olhares dos espectadores, Eidolon correu para dentro e entrou na sala de exames mais próxima, Gem e Thanatos em seus calcanhares.

— Feche a porta — disse a eles.

— O que está acontecendo? — Thanatos olhou por cima do ombro de Eidolon enquanto ele colocava o bebê na mesa de exame. — De quem é essa criança?

— É de Azagoth e Lilliana. — Eidolon abriu a toalha e sorriu. — É uma garota.

— Ah, uma pequena Reapette. — Gem pegou um pano quente e molhado e começou a banhá-la quando Eidolon verificou seus sinais vitais e canalizou um fio de poder em seu corpinho para garantir que tudo estivesse em algum lugar na escala normal da sua espécie.

O que foi difícil, considerando que ele nem sabia ao certo qual era a espécie dela. Sua mãe era um anjo, mas não era mais considerada *celestial*, e seu pai não era nem um anjo nem um anjo caído, mas algo entre eles.

— O caído disse como Lilliana estava? Ou onde está?

— Ela não estava exatamente cooperativa. — Eidolon pegou um termômetro. — Mas não parece que Lilliana esteja indo bem.

— Droga — respirou Thanatos. — Eu deveria ter ido lá com você. Deveria ter agarrado aquela cadela e a feito falar.

Gem ergueu os olhos do banho de esponja. — E agora?

Eidolon pensou por um momento. — Ligue para Idess. Ela vai querer conhecer a sua nova irmã.

E então ela teria a tarefa agriçoce de entregar o bebê ao pai.

Eidolon não a invejava.



Eidolon estava exausto.

Mas descansar significava pensar, e pensar significava reviver a morte de Wraith.

Ele soltou alguns palavrões quando abriu a porta do escritório e, quando viu quem esperava lá dentro, soltou mais alguns.

— Ficará lotado e estranho no sofá quando eu me deitar no seu colo — disse ele.

Shade bufou, esparramado sobre as almofadas, com suas calças e jaqueta de couro preto, um pé no chão, o outro pendurado.

Ele parecia uma merda amassada, como se tivesse ficado uma semana inteira em bebidas e brigas. Era como Wraith costumava parecer diariamente antes de se acasalar com Serena.

— Se você está cansado, pode ir para casa, você sabe.

Eidolon olhou para a cadeira, mas se ele se sentasse, poderia não se levantar de novo. — Tayla e Sabre estão com Serena. O apartamento está vazio demais. — Tay até levou o cachorro e o furão. Não havia absolutamente nada em casa para manter a sua mente ocupada.

— Então venha para minha casa. Sin e Con estão lá. Lore também. Shade sentou, seus movimentos bruscos, como se tivesse que forçar seu corpo a cooperar. — Ele disse que você chamou Idess ao hospital.

Um sussurro de aviso fez cócegas na parte de trás do pescoço de Eidolon com o toque de desaprovação no tom de Shade. Seu irmão não estava aqui sem motivo.

— O que foi, Shade?

— Apenas imaginando o que era tão importante que você tivesse que afastar Idess de uma reunião de família. Nem todo mundo é viciado em trabalho como você.

— Bem — disse Eidolon sem rodeios, emocionalmente esgotado demais para tolerar a atitude do irmão. A morte de Wraith atingiu Shade com mais força do que todos, mas todos estavam sofrendo, e Eidolon não deixaria Shade descarregar a sua dor nele. — Um anjo caído deixou um bebê como uma espécie de cegonha maligna. Acontece que é filha de Azagoth. Pensei que Idess gostaria de conhecer sua irmãzinha e levá-la ao pai delas. — Ele jogou um pouco de sarcasmo só porque podia. — Isso foi contra o código Seminus de reuniões de família?

— Merda. — Shade passou a mão pelo cabelo preto e caiu contra o sofá. — Onde está Lilliana?

— De acordo com o anjo caído, ela ainda está presa. — Cara, ele sentia por Azagoth, e esse era um sentimento que Eidolon nunca pensou que entraria em sua cabeça.

— Isso é tão fodido. — Shade esfregou os olhos com as palmas das mãos e as deixou cair em seu colo. — Azagoth libertou a alma de Wraith?

— Não sei, mas não é como se ele não tivesse seus próprios problemas. — Eidolon não queria falar sobre isso. Ele não estava pronto e não sabia se alguma vez estaria. Ele olhou para o relógio e virou para a porta.

— Preciso voltar ao trabalho.

— Que merda, E? — Shade se levantou de novo, desta vez sem deixar vestígios do constrangimento anterior. — Você está falando sério?

— Não sou um notório brincalhão, Shade. — Eidolon pegou a maçaneta da porta. — Você é quem sempre concorda quando Wraith diz que estou engomado.

— Ele está morto — murmurou Shade. — Ele não está mais aqui para dizer essa merda.

— Estou ciente disso.

— Está? — A voz de Shade estava calma. Baixa. Implorando por um confronto, e Eidolon estava com a disposição certa para dar isso a ele.

— Cuspa, irmão. — Eidolon aproximou-se de Shade. — Qual é o seu problema?

Shade se levantou da cadeira. — Qual é o meu problema? Wraith está morto, e tudo em que você pode pensar é no trabalho.

— É o que eu faço, Shade.

— Sim, é — rosnou ele, ficando bem na cara dele. — É o que você sempre faz. Quando as pessoas precisam de você, você está sempre lá para elas, não é? Todos esses pacientes podem contar com você. Mas quando a sua família pode contar com você, E?

Eidolon o encarou, incapaz de acreditar no que seu irmão acabara de dizer. — Desculpe?

— Você deveria estar conosco — disse Shade, dando um tapinha no peito dele. — Em vez disso, você

está se escondendo atrás do seu trabalho.

— Não estou me escondendo. — Mesmo quando a frase saiu de sua boca, ele sabia que era uma mentira. Bem, não usaria a palavra *esconder*, mas estava definitivamente evitando.

Evitando ter que lidar com a morte de Wraith.

E Shade o confrontou por isso. — Mentira. Você se sente culpado porque fez com que ele fosse morto, então está se enterrando no seu trabalho como sempre.

— *Eu* fiz com que ele fosse morto? — perguntou Eidolon, incrédulo. — Você está brincando? A arrogância de Wraith o matou, e você sabe disso. Quantas vezes tivemos que tirá-lo de um incêndio de sua própria autoria? — Ele soltou uma maldição amarga. — Inferno, eu não esperava que ele vivesse tanto tempo.

Aproximando-se, suas botas atingindo o chão como martelos, Shade arreganhou os dentes. — Você não precisava deixá-lo desafiar os anjos.

O fato de Shade falar a verdade atingiu Eidolon em seu coração já machucado. Embora, em vez de ficar chateado e defensivo, ele fechou os olhos e confrontou o lugar escuro dentro dele que estava evitando.

A arrogância de Wraith era ofuscada apenas pela de Eidolon.

Eidolon cresceu com a Judicia, uma raça de demônios altamente instruídos, dedicados à lógica e à justiça. Wraith o acusou de ter um complexo de superioridade por causa disso, o que Eidolon negou.

Mas e se Wraith não estivesse errado? E se o ego de Eidolon e a certeza sobre sua inteligência tivessem colocado Wraith em risco?

— Você está certo. — Eidolon levantou as pálpebras e olhou o irmão nos olhos. — Eu pensei que poderia dissuadir os anjos caídos. Minha arrogância... — engoliu um repentino pedaço de pesar em sua garganta. — Minha arrogância fez com que ele morresse.

— Ah, inferno. — Os braços de Shade o envolveram. — Não foi sua culpa. — Seu grande corpo estremeceu. — Porra, cara, de todos os irmãos que perdemos... — Ele parou, seus ombros arfando em uma respiração irregular. — Não sei se consigo me recuperar dessa.

— Você vai — disse Eidolon, forçando um tom uniforme quando na realidade ele queria desmoronar. — Todos nós iremos.

— Como? — O desespero na voz de Shade galvanizou Eidolon, trazendo à tona seu instinto de curar.

— Nossas famílias. Nossas companheiras, nossos filhos. — Eidolon se afastou do irmão. — Vamos. Vamos para a sua casa e estar com eles.

Médico, cure a si mesmo.

Ele só esperava que fosse possível.

CAPÍTULO 28

Azagoth estava no ventre escuro do Inner Sanctum, uma estrutura em forma de caverna onde pesadelos ganhavam vida. Ao seu redor, rachaduras invisíveis a todos, exceto Azagoth e Hades, se formaram nas paredes que separavam o espaço de Sheoul.

Hades estava preocupado que almas malignas pudessem tentar escapar.

Azagoth não dava a mínima. Ele não dava mais a mínima para nada que não estivesse diretamente relacionado com a recuperação da sua companheira.

Felizmente, ele tinha as melhores mentes trabalhando nisso, incluindo todos os Cavaleiros e a companheira de Reaver, Harvester, que, como ex-anjo caído e filha de Satanás, conhecia detalhes íntimos sobre o reino de seu pai e seus partidários. Ela pediu entrada em Sheoul-gra hoje de manhã e deu a ele muitas informações úteis sobre Moloch. Incluindo o fato de que ele tinha uma fraqueza: uma fêmea que ele manteve como objeto de sua obsessão por séculos.

Ela se matou cem anos atrás, e se Azagoth pudesse localizar sua alma no Inner Sanctum, ele poderia usá-la contra Moloch.

Hades e sua equipe procuravam nos anéis neste exato momento.

E Cipher progrediu em suas tentativas de invadir o sistema de segurança baseado em feitiços de Moloch em torno de seu território. Infelizmente, Moloch aprendeu com os erros de Bael que permitiram a Cipher escapar de suas garras, e toda vez que Cipher encontrava uma porta dos fundos, os técnicos de Moloch a fechavam.

Ainda assim, Cipher conseguiu acessar uma das câmeras de Moloch e, por um único e precioso minuto, Azagoth viu Lilliana em algum tipo de espetáculo público. Ela parecia infeliz, mas, apesar da granulosa qualidade do vídeo, a faísca de desafio em seus olhos foi óbvia, e seu coração inchou de orgulho.

Sua companheira era durona. Mas essa informação não era novidade.

— Ei, chefe.

A voz estridente de Hades vindo de trás de Azagoth o fez gemer. — Por que sinto que você está verificando para ter certeza de que não estou fazendo alguma loucura?

— Não sei. Talvez porque você continua descendo aqui para fazer coisas loucas, como libertar cem mil das almas mais malvadas de Sheoul-gra?

Ah, certo. Isso.

— Você pode relaxar. Não estou quebrando regras hoje. — Não, ele estava apenas *planejando* quebrá-las.

Não, *planejando* não era a palavra certa. Ele estava realmente estabelecendo um plano de contingência. Uma Ave-Maria. Uma opção nuclear.

— Estou aqui apenas para entregar uma mensagem — disse Hades. — Eu estava lá em cima conversando com Z. Idess está aqui para vê-lo.

— Diga a ela que estou ocupado.

Hades o nivelou com um olhar carregado de significado. — Você realmente quer vê-la.

O coração de Azagoth pulou em sua garganta ao tom de Hades. Ele piscou para a saída do Inner Sanctum e praticamente mergulhou pelo portal em seu escritório.

Estava vazio. Merda.

Ele abriu a porta e encontrou Zhubaal parado no corredor, uma sentinela silenciosa. — Ela está esperando por você no local de leitura de Lilliana.

Azagoth piscou para lá.

Idess estava sentada no banco na beira da lago, suas águas mais turvas do que estavam ontem. A grama não estava melhor sob a influência de seu humor, ficando marrom e quebradiça como as folhas das árvores ao redor.

Sua filha estava de costas para ele quando se aproximou, mas quando o ouviu, levantou e se virou. Ela segurava algo contorcido envolto em um cobertor estampado de zumbi.

— É melhor não ser uma tentativa de me fazer sentir melhor com um gatinho ou um cachorrinho.

O sorriso de Idess estava tingido de tristeza. — Ela foi levada ao Underworld General esta manhã. — Ela afastou o cobertor para revelar um rostinho minúsculo. — Flail a levou. Eidolon fez um teste genético para ter certeza. — Idess acariciou uma mecha negra de cabelos. — Lilliana deu à luz. Esta é sua filha.

O chão embaixo de Azagoth se inclinou violentamente. Ele recuou um passo, segurando-se em um broto de cerejeira.

— Oh, Lilliana — sussurrou. Tudo o que pôde fazer foi encarar o pequeno milagre.

— Ela é perfeitamente saudável. — Idess deu um passo mais perto dele. — Ela tomou uma mamadeira recentemente.

Ela se aproximou ainda mais e Azagoth deu um passo involuntário para trás, as palmas das mãos suando, o pulso batendo forte.

Como isso pode estar acontecendo? Lilliana deveria dar à luz aqui, em Sheoul-gra, cercada por amigos e familiares, com Azagoth ao seu lado. Em vez disso, ela foi forçada a dar à luz no Inferno, provavelmente em uma masmorra, sob circunstâncias brutais.

E esse foi o melhor dos cenários realistas. Os outros eram horríveis demais para pensar. E, no entanto, eles continuaram correndo em sua mente.

— O que... e a Lilliana? — resmungou ele, seu olhar colado ao bebê. Ela tinha os olhos âmbar puros de sua mãe. O cabelo preto de Azagoth.

— Flail indicou que ela está viva. Moloch enviou o bebê como uma espécie de gesto de boa vontade. Uma espécie de pagamento. Faça o que ele quer e você receberá Lillian em seguida. — Ela estendeu o embrulho. — Quer segurá-la?

Ele queria segurá-la com força e nunca soltá-la. Suas mãos tremiam quando a pegou, mas no momento em que ela estava segura em seus braços, seu corpo relaxou e sua mente se acalmou. Toda a sua vida, todo o seu ser foi para esse momento. Esta criança.

Ele tinha sentimentos por todos os filhos, alguns negativos, outros positivos, outros neutros. Ele nunca sequer conheceu a maioria deles. Ele formou laços com vários e os amava profundamente. Idess. Suzanne. Hawkyn. Maddox. Journey. Havia mais, alguns deles, como Emerico e Jasmine, parados nas proximidades agora, tentando fingir que não estavam curiosos sobre o que estava acontecendo.

Mas essa criança foi a primeira a nascer por amor, não por dever. E por menor e inocente que fosse, ela estava cercada por uma aura forte de poder tão pura que era clara, visível apenas por causa do leve tremor.

— É a primeira vez que vejo uma aura neutra — disse ele, com a voz embargada. — Eu sei que elas são comuns a crianças nascidas de um anjo caído e um anjo celestial, mas quando as vejo suas auras estão sombrias com o mal.

— Desde que perdi meu status de Memitim, raramente vejo auras. — Idess passou o dedo por uma

mecha de cabelo encaracolada com um sorriso melancólico. — O Céu está enviando leite para ela.

Ele levantou a cabeça. — O quê?

— Somente até a Lilliana voltar. — Idess apontou para uma bolsa de fraldas no banco. — Existe fórmula aí até o leite chegar.

— Não — rosnou —, não quero nada do Céu.

— Pai, é vital que ela beba leite de anjo imediatamente, especialmente se estiver aqui em Sheoul-gra. Ela precisa da proteção contra o mal.

— Eu disse que não! — O bebê se mexeu e ele abaixou a voz. — Não confio neles.

Aqueles desgraçados não mandariam nada para Azagoth, a menos que houvesse um preço ou isso servisse à agenda deles. E eles *sempre* tinham uma agenda. Ele não descartaria a possibilidade de que eles envenenassem o leite ou o infundiria com algum tipo de feitiço.

— Você prefere ver a aura dela escurecer quando ela tiver duas semanas? — Idess levantou a voz, mas, à medida que mais pessoas se reuniram, ela a abaixou e se aproximou. — Pai, eu entendo. Juro. Anjos já ferraram com muitas vidas. Mas o mal também vem de Sheoul. Veja o que isso fez com você, e você tinha centenas de anos, endurecido pela batalha e com uma missão quando veio para cá. Que tipo de chance tem um completo inocente que não foi inoculado contra a devastação da malevolência?

Azagoth olhou para a vida frágil em seus braços,

e simplesmente caiu nas poças de pureza que eram os olhos dela. Seu coração inchou quando ela piscou para ele, tão confiante, tão inconsciente do tumulto acontecendo ao seu redor.

Abaixando a cabeça, ele pressionou sua bochecha na dela. Seu mundo se estreitou e se focou, tornando-se inteiramente sobre ela. Seus dedos minúsculos roçaram seus lábios e queixo antes de envolver seu polegar. Ela se agarrou a ele, e ele a ela.

Ele precisava tanto dela, mas ela precisava mais dele.

Durante meses, Lilliana havia protegido esse pequeno milagre, e agora era a vez dele. E, pela primeira vez, ele percebeu que protegê-la significava mais do que mantê-la fora de perigo físico.

Significava mantê-la fora de perigo espiritual também.

Idess estava certa. Ele odiava isso, mas o que ela disse fazia sentido. Como produto de uma união entre o bem e o mal, não seria preciso muito para inclinar o alinhamento do bebê de uma maneira ou de outra. Dada a sua proximidade com o mal tão cedo em seu desenvolvimento, e sem a influência divina da sua mãe ou a proteção natural oferecida pelo leite de um anjo, sua filha recém-nascida não tinha chance.

— Tudo bem — disse ele. — Mas quero que Cipher inspecione tudo o que o Céu enviar. — Na verdade, ele teria Cipher verificando tudo e todos a partir de agora.

Nada mais chegaria perto de sua família novamente.

CAPÍTULO 29

Reaver odiava reuniões. Qualquer tipo de reunião. Especialmente aquelas no Céu.

Felizmente, ele não era convidado para muitas, graças ao fato de que praticamente todo mundo se ressentia por ele já ter sido desonrado. Um inútil de anjo Não Caído. E agora, ele era o anjo celestial mais poderoso que existia, com exceção de Metatron, embora grande parte do poder e da autoridade do tio Met viessem de seu status como A Boca de Deus.

Mas essa reunião era diferente e, pela primeira vez, ele ficou feliz por não ter sido deixado de fora. Quanto mais alto o nível da reunião, maiores eram as apostas e mais Reaver queria saber.

Não havia nível superior ao Conselho de Ordens. Composto por três representantes de cada uma das doze Ordens, o Conselho iniciou a nova sessão com Metatron em uma extremidade da mesa, participando não como parte da delegação dos arcanjos, mas como testemunha de Deus.

Como o único Radiante de uma Ordem angelical própria, Reaver estava sentado no extremo oposto da mesa.

Era uma sala cheia de opulência e cheia dos seres mais poderosos do universo. Era uma vitrine de asas, na qual todos cobiçavam as outras porque eram maiores, mais brilhantes ou mais bonitas. E era uma demonstração de quem é quem no mundo dos anjos.

Se alguma vez Reaver ou Revenant precisassem ser destruídos, o Conselho de Ordens, com seus poderes combinados, poderia fazer isso.

As reuniões do Conselho de Ordens deixavam Reaver nervoso.

Ele olhou ao redor da mesa, tentando ler todos enquanto estavam sentados em suas vestes brancas formais, as cores da guarnição significando suas Ordens. Vermelho para os querubins, azul para os anfitriões, amarelo para os éons. O manto de Metatron estava listrado com todas as cores de todas as ordens, incluindo o ouro de Reaver.

Os rostos severos olharam para ele, e ele se perguntou quemalaria primeiro.

Por fim, Jophiel, um trono sênior e o melhor amigo de Metatron, falou, seus olhos sérios. — Como muitos de vocês já devem ter ouvido em suas reuniões da Ordem ou na reunião urgente do Conselho Angélico, parece que o Grim Reaper esteve envolvido em atividades proibidas.

Droga. Reaver esperava que a notícia ainda não tivesse sido divulgada. Quanto menos o Céu soubesse da situação em Sheoul-gra, melhor.

Muriel, Segundo da Ordem dos Domínios, bateu

as unhas com joias na mesa. — Uma de nossas fontes confiáveis afirma que sua companheira, Lilliana, foi sequestrada e está sendo mantida em troca de resgate.

Um murmúrio se levantou, silenciando-se quando Camael, Primeiro da Ordem dos Poderes, falou. — Nossas fontes dizem a mesma coisa.

Um virtude que Reaver não conhecia bem, Barbiel, fechou o livro que estava folheando. — Quem seria tão estúpido?

— O anjo caído, Moloch — disse Muriel enquanto pegava uma das tigelas de frutas e perfurava uma maçã com a unha.

— Ele está se vingando pela morte de Bael? — perguntou Barbiel, o que disse a Reaver que o idiota não sabia nada sobre a alma compartilhada de Bael e Moloch. Ou o fato de ter sido Cipher quem matou Bael, não Azagoth.

Embora não fosse por falta de tentativas da parte de Azagoth.

— Não. — Camael se mexeu desconfortavelmente em seu assento, suas asas de creme brilhantes agitando a veste cor de laranja. — Moloch está ameaçando matar Lilliana, e seu filho ainda não nascido, se Azagoth não libertar Satanás.

A sala ficou em silêncio. Camael desviou o olhar, a eterna vergonha da sua Ordem pesando intensamente não apenas sobre seus ombros, mas também sobre os de seus companheiros sentados ao seu lado.

Satanás havia pertencido à Ordem dos Poderes, e

quase metade dos anjos que desertaram com ele também pertencia à Ordem.

Abruptamente, a sala explodiu com maldições e perguntas até que as pessoas se levantassem, gritando umas com as outras. Reaver estava certo que os serafins e os principados estavam prestes a começar uma briga.

— Quietos! — Jophiel bateu com o punho na mesa. Frutas saltaram para fora das tigelas e rolaram pela mesa em uma exibição de cores brilhantes visíveis apenas no Céu. — Estamos aqui para decidir sobre um curso de ação, não para nos dividir.

Reaver lançou um olhar agradecido a Jophiel. Como Metatron, Jophiel tinha uma boa cabeça nos ombros e uma rara capacidade de deixar de lado o viés pessoal ao analisar um problema.

Ao contrário de praticamente todo mundo na sala. Incluindo Reaver.

Jophiel pigarreou no silêncio espesso. — O que sabemos até agora é que Lilliana está sob custódia de Moloch, e Azagoth violou seu contrato liberando almas demoníacas diretamente do Inner Sanctum. E não foi a primeira vez.

Agora, todos os olhos chocados se voltaram para ele. Camael parecia aliviado por ter a pressão saindo das suas costas.

— Quando foi a primeira? — Phaleg, um super idiota da Ordem dos Anjos, agarrou a mesa com tanta força que seus nós dos dedos ficaram brancos. — Exijo saber!

Jophiel sorriu para Reaver e fez um gesto dramático de *pergunte a ele*.

— Obrigado, Jo — murmurou Reaver antes de abordar os rostos acusadores olhando para ele. Todos, exceto Metatron, que já conhecia toda a história. — Foi há algumas semanas. Ele fez isso porque Bael assassinou vários filhos de Azagoth.

— Quantas almas Azagoth liberou? — exigiu Phaleg.

Reaver deu um encolher de ombros casual na tentativa de minimizar o impacto. — Algumas.

— Algumas *naquela* ocasião. — Jophiel alargou as suas asas cor de canela em irritação. — Mas esta transgressão mais recente foi além do que poderia ser considerado uma resposta razoável, embora ainda ilegal. — Ele pegou uma toranja azul-celeste antes que caísse da mesa e a atirou na tigela. — Ele libertou cem mil almas desta vez e deu-lhes o poder de matar ou possuir corpos e expulsar a alma do hospedeiro.

Houve alguns suspiros. Phaleg levantou e se inclinou sobre a mesa em direção a Reaver. — E você. Você obviamente sabia de primeira mão há muito tempo. O que você fez para puni-lo?

Reaver deu-lhe um olhar nivelado, desafiando-o a se aproximar. — Eu lidei com isso.

— Lidou? Como?

— Não importa. — Gabriel, o arcanjo que fez de Azagoth e Sheoul-gra seu projeto pessoal desde o início, ficou de pé. — Nossa preocupação agora é como

consertar isso.

— Isso não é recuperável — disse Uriel. — Azagoth deve ser destruído. Agora que ele não está criando Memitim, não precisamos dele. Hades pode assumir Sheoul-gra.

— Discordo. — Metatron levantou-se em uma rara demonstração de temperamento. — Deve haver outra maneira.

Camael arqueou uma sobrancelha para Metatron. — Você tem alguma ideia? Ou alguma orientação divina?

— Claro que não.

— Então eu digo para derrubá-lo como um troll doente. — Camael voltou-se para a mesa. — E qualquer Memitim que esteja do lado de Azagoth. Não precisamos que ninguém tenha ideias sobre vingança.

— E Lilliana? — perguntou Gabriel, sua voz ressonante acalmando a conversa. — Nós a matamos também? O bebê? — As mechas de seus cabelos multicoloridos roçavam seus ombros enquanto ele balançava a cabeça. — E você esquece que ele colocou salvaguardas para nos impedir de matá-lo. Se fizermos isso, todas as almas em Sheoul-gra serão automaticamente libertadas.

Isso pareceu dar a todos uma pausa. Finalmente, Michael, sentado ao lado de Gabriel, falou.

— Somente se ele for executado *dentro* do reino. — Michael segurou os seus antebraços sobre a mesa e concentrou o olhar no mapa digital de Sheoul-gra, que

subitamente apareceu no ar. — Tudo o que precisamos fazer é tirá-lo de lá. E se Lilliana e a criança ainda estiverem vivas, nós as traremos para cá. Com seu conhecimento, Lilliana é inestimável para nós. A criança também pode ser.

— A criança é um produto de Sheoul-gra — disse Phaleg. — Maligna. Não podemos permitir isso no Céu. Se ainda estiver viva, devemos matá-la.

— Ainda está viva. — Royelle, uma querubim que era mãe de pelo menos quatro Memitim, serviu uma taça de vinho glaciado de prata da jarra de cristal à sua frente. — A menina recém-nascida está, de fato, em Sheoul-gra com Azagoth — disse ela, e Reaver lutou para esconder seu choque. — Idess fez um pedido formal de leite materno para a criança há menos de duas horas. — Ela sorriu. — Ela passou pelo Conselho Memitim, na esperança de manter as notícias contidas. Idess sempre foi ingênua.

O bebê nasceu? Como chegou a Azagoth? E onde estava Lilliana?

— Não podemos fazer isso — rosnou Reaver, puxando o seu poder, pronto para enfrentar todos esses idiotas de uma só vez, se fosse necessário.

— E não podemos deixar Azagoth usar almas demoníacas para os seus próprios propósitos — retrucou Phaleg. — Seus poderes devem limitar-se ao seu reino. Ele assinou um contrato. O que quer que aconteça com o seu filho é resultado direto de *suas* escolhas. Ele está forçando a nossa mão.

Com o acordo murmurado que se levantava em torno da mesa de vários membros do Conselho, Reaver ficou de pé, com as asas se alargando. — Eu não vou *deixar* vocês fazerem isso!

— Só porque você é o Radiante, isso não significa que você está no comando. — Muriel estudou sua maçã meio comida, ainda empalada na unha. — Existem regras e há uma hierarquia, como sempre houve, *Yenrieth*.

Uriel, o mais novo membro do Conselho dos Arcanjos, lançou um olhar a Reaver. — Ele ignorou tudo isso como Yenrieth. Você acha que Reaver de repente se importa com as regras agora que ele é o Radiante?

— Eu me importo. — Reaver dissipou o mapa com um aceno da mão. — Mas o contrato de Azagoth deve ser atualizado. Ele cuida de seus deveres admiravelmente há milhares de anos. Não se esqueça que ele se voluntariou para esse trabalho de merda. São circunstâncias incomuns, e não se pode esperar que ele...

— O quê? — interrompeu Phaleg. — Honre o contrato que assinou? — Ele virou e apontou para Gabriel. — Você o conhece, você conhece os termos do contrato dele. Qual é o castigo por libertar cem mil almas?

Gabriel cruzou as mãos sobre a faixa roxa do seu manto, todo casual, como se o assunto o entediasse. Mas os fragmentos de gelo em seus olhos azuis claros diziam exatamente o oposto.

— A punição deve ser decidida pelo Conselho de Ordens — disse ele. — Mas não há exigência de que ele morra por isso.

— Não importa — disse Camael. — Não podemos correr o risco de que ele liberte Satanás.

— Ele não vai — insistiu Reaver.

Jophiel lançou seu olhar solene para Reaver. — Você pode garantir isso? Pode garantir que ele não esteja pegando a chave lá embaixo agora e que o Armagedom não começará hoje à noite?

Não, ele não poderia garantir nada. Ele não acreditava que Azagoth faria isso, mas Reaver também sabia que coisas insanas ele faria para salvar Harvester. Inferno, ele *fez* de tudo para salvá-la. Ele quebrou cerca de um milhão de regras e arriscou suas asas e sua vida.

Mas ele não chegara perto de começar o Apocalipse.

Azagoth poderia fazer isso.

— Mesmo que todos aqui concordem que Azagoth deve morrer, vocês não conseguirão alcançá-lo. — Reaver avaliou cada membro do Conselho, por sua vez, tentando avaliar quem poderia estar convencido de que isso era uma ideia terrível e quem já preparava a caneta para assinar a sentença de morte de Azagoth. — Ele está trancado em Sheoul-gra. Quando vocês conseguissem entrar, ele poderia ter se barricado dentro do Inner Sanctum, onde os anjos não podem ir.

Uriel fez um gesto para Barbiel. — Barb tem uma equipe preparada de flagelos.

Reaver estremeceu. Flagelos. O equivalente angelical dos K-9 da polícia... se os cães da polícia fossem híbridos de tubarão-infernal com o poder de um anjo. As criaturas podiam se conectar a qualquer anjo, quanto mais poderoso o anjo, mais poderosa a praga. Um bando poderia derrubar Azagoth e rasgar sua alma em pedaços.

O risco para os anjos anfitriões era alto, no entanto. Eles sentiriam todas as lesões e, se o flagelo morresse, o choque poderia deixar o anjo inconsciente por meses.

Gabriel balançou a cabeça. — Não faremos isso. Deixe-me falar com ele.

Camael não recuou. — Você não tem voto na matéria. Você está aqui porque Azagoth e Sheoul-gra foram seus projetos, por isso seus conselhos e conhecimentos são valiosos. Mas você precisa se abster de votar.

— Minha bunda — retrucou Gabriel. — Eu não concordarei com isso.

— Como Camael acabou de observar — disse Phaleg friamente —, você não precisa.

Metatron se levantou, desenrolando-se a toda a sua altura... e talvez alguns centímetros extras. — O que vocês estão propondo, destruir Azagoth, sua família e tudo o que ele trabalhou durante milhares de anos, não é algo que deva ser decidido precipitadamente. O que Azagoth fez tem funcionado para manter o reino humano seguro e a influência de Satanás ao mínimo. O

que acontece quando ele se for?

— As coisas podem ficar caóticas por um tempo — reconheceu Uriel. — Mas Hades é... competente. Ele crescerá no papel. Afinal, é quem deveria ter recebido o trabalho em primeiro lugar. — Ele disse isso com um olhar significativo para Gabriel.

Gabriel levantou os braços em exasperação. — Hades nem havia nascido. Mas, ei, não deixe que os fatos atrapalhem a sua narrativa.

Uriel puxou com raiva o seu manto, o peito bordado com um brasão de lua e estrelas em fio roxo. O narcisista tinha todas as suas roupas marcadas com a sua insígnia. — Rafael disse para você suspender seu projeto de Sheoul-gra. Ele viu que não estava na hora.

— Rafael é um traidor — disse Jophiel, claramente surpreso com a invocação do nome do arcanjo. — E você deve se lembrar que, se Azagoth libertar Satanás, Rafael também será libertado. E ele provavelmente está louco e maligno agora.

— Ele não era um traidor naquela época — apontou Uriel, um pouco petulante. Ele foi amigo de Raphael, e de todos os arcanjos, ele recebeu mais duramente a notícia da traição de Raphael.

Camael bateu com o punho na mesa, fazendo uma rachadura na madeira grossa e as frutas saltarem. — O que está feito está feito. O passado não importa. Estamos lidando com uma crise *agora*. Parem de ser tolo. Está claro que o que estamos propondo é extremo, mas também o é a ameaça para todos os reinos se

Azagoth libertar Satanás para salvar a sua companheira. Este é um risco que não podemos correr.

Outro murmúrio de assentimento se levantou, e Reaver ficou nauseado. — E o que exatamente você está propondo? Como você vai destruir Azagoth? Ele não está abrindo os portões de Sheoul-gra para ninguém. E a criança? Você realmente vai matá-la?

Jophiel falou. — Não acho que seja necessário destruir a criança — disse ele. Olha para isso. Alguém não estava babando com a perspectiva de matar um bebê. — Mas Azagoth precisa morrer.

— A criança não pode ser permitida no Céu. — Phaleg levantou a voz, decidido com este curso de ação. — E se não a matarmos, ela poderá crescer e procurar vingança.

— Você não acha que nenhum dos filhos de Azagoth, os milhares deles, não farão o mesmo? — perguntou Metatron. — Não podemos matar todos eles. Eles são anjos.

— Os Memitim irão entender — disse Uriel. — A maioria o odeia. Nós calculamos que não mais do que cem protestarão, e desses, a maioria são Memitim terrestres que ainda não ganharam suas asas. Podemos facilmente abater uma pequena rebelião deles.

A cabeça de Gabriel girou para seu companheiro arcanjo. — Quem são *nós*? E por que eles sentiriam a necessidade de calcular uma possível rebelião? Há quanto tempo você planeja destruir Azagoth?

Uriel bufou. — Alguns de nós queriam ele fora

desde que começou a se recusar a ser pai de mais Memitim. Quando ele tomou Lilliana como companheira foi a gota d'água.

Inacreditável. Reaver xingou. — É por isso que eu saio com demônios. Eles são mais honrados do que qualquer um de vocês.

Phaleg silvou para ele. — Mais uma vez, você mostra por que não merece o dom de ser o Radiante. — Ele se dirigiu à sala, subindo no ar para elevar-se sobre a plateia. — Proponho que aproveitemos a oportunidade da entrega do leite para entrar em Sheoul-gra e destruir Azagoth. E para aqueles que são muito escrupulosos para matar a criança, vocês podem colocá-la com uma família que nunca conhecerá sua origem. Alguma objeção? De alguém que não seja Reaver, Metatron e Gabriel?

Nenhuma pessoa se opôs.

— Isso é um erro — rosnou Reaver. — Não sou o maior fã de Azagoth. O bastardo me jogou na barriga de um demônio e me deixou lá para ser digerido lentamente. Além disso, ele é um grande estúpido. Mas o que você está falando deveria ser o último recurso. Nós nem sequer discutimos outras opções.

— Não há outras opções.

— Então não há razão para eu estar aqui. — Ele avançou para a porta, mas quando a abriu, Camael pigarreou.

— Não faça nada estúpido, Reaver. Fique fora do caminho.

Reaver quase riu. Ficar fora do caminho não era sua especialidade. E fazer merdas estúpidas era totalmente a sua especialidade.

Era como se esses idiotas não o conhecessem.

— Faça isso — sussurrou alguém.

Um formigamento de aviso provocou um comichão na base do crânio. Mas que...?

Grampos alimentados pela energia coletiva das Ordens envolviam a base de suas asas e, assim, seus poderes foram neutralizados, e ele caiu de joelhos.

— Pare! — gritou Metatron. — Isso não é necessário.

— Não se preocupe — disse Uriel. — É apenas temporário. Só até cuidarmos de Azagoth. Ele torceu o nariz para Reaver no caminho para a porta. — Não podemos ter você avisando seus amigos agora, podemos?

Bem, aparentemente, ele estava errado. Parecia que esses idiotas o conheciam *muito* bem.

CAPÍTULO 30

Lilliana não sabia quanto tempo se passou desde que ela deu à luz. O tempo tornou-se irrelevante, medido apenas pelas refeições que seus guardas trouxeram, que ela deixou sem comer no canto. Ela não tinha ideia se Flail havia saído com sucesso com o bebê, e se tivesse, onde estava sua filha agora.

Enrolada em uma pequena bola, Lilliana chorou pela milionésima vez, rezando para não morrer antes de descobrir o que aconteceu com a sua filha.

Ela e Azagoth nem decidiram um nome.

Uma lágrima grossa caiu no chão quando a porta se abriu. Piscando, Lilliana enxugou os olhos com as costas da mão e sentou-se.

Vestida em couro preto da cabeça aos pés e envolta em sombras, Flail parou na porta e fez uma careta para Lilliana.

— Patética — disse ela.

— Meu bebê — resmungou Lilliana, sua garganta seca. — Onde ela está?

— Suponho que esteja com Azagoth agora. — A voz de Flail parecia crua, como se estivesse gritado tanto quanto Lilliana. — Deixei o sapinho estridente no

Underworld General.

Dias de ansiedade escaparam de Lilliana como o ar de um pneu estourado.

— Obrigada — sussurrou. — Muito obrigada.

— Não fiz isso por você. Eu fiz pela minha irmã. — Flail parou. — Eu acho que você realmente teria gostado dela. Se ela não tivesse fodido seu companheiro, de qualquer maneira. Mas você não disse que nada disso a incomoda?

Lilliana lambeu os lábios secos, mas sua língua raspou como areia. — Foi o que eu disse.

— Você não é uma mentirosa muito boa. — Ela se virou para sair e Lilliana ficou boquiaberta.

Metade do rosto de Flail estava ausente, deixando músculos e ossos expostos ao ar.

— Flail — ofegou. — Seu rosto...

— Meu castigo por levar o bebê para Azagoth. — Ela encolheu os ombros. — Moloch fez pior.

— Eu sinto muito...

— Guarde sua piedade para você — estalou Flail. — Você precisará dela.

Ela bateu a porta, deixando Lilliana abençoadamente sozinha e sorrindo. Seu bebê estava seguro. Eidolon se certificaria que ela fosse entregue ao pai. Azagoth provavelmente estava, naquele momento, segurando-a nos braços. Seria a primeira vez que ele via um filho quando bebê.

Alegria com o pensamento misturado com tristeza por ela não poder estar lá. Por ela provavelmente

nunca segurar a sua filha.

Deve ter sido um inferno para todas as mulheres que desistiram de seus filhos para serem criados como Memitim. Até levou a irmã de Flail a procurar o Abismo.

Durante todo esse tempo, Lilliana presumiu que as fêmeas enviadas para Azagoth eram frias como gelo, calculistas, reprodutoras ligadas ao dever. É claro que não ajudou que uma de suas primeiras, e piores, experiências com o passado de Azagoth tivesse chegado cedo no relacionamento, apenas alguns meses após a cerimônia de acasalamento.

Ela estava empolgada com o nascimento da primeira ninhada de coelhos do reino e correu para contar para Azagoth.

Lilliana sorriu e abriu a porta do escritório de Azagoth.

— Opa, me desculpe

Ela parou no meio do caminho ao ver Azagoth, quadril apoiado casualmente contra a mesa, braços cruzados sobre o peito, em frente a uma mulher sentada. Uma beleza deslumbrante de pele escura em um vestido branco muito mais adequado para uma festa na Mansão Playboy do que para uma reunião com o Grim Reaper.

— Está tudo bem. — Azagoth acenou para ela entrar. — Isso provavelmente é algo que você deve ouvir de qualquer maneira.

— O que é? — Enquanto se aproximava, a fêmea deu um sorriso entediado como se Lilliana não valesse

mais energia do que isso.

— Lucielle estava apenas dizendo que se mais Memitim forem necessários, ela oferecerá seus serviços.

Certamente, Lilliana não ouviu direito. — Desculpa,... o quê?

Lucielle se levantou, seus saltos dourados adicionando mais sete centímetros à sua altura de modelo. Ela podia olhar Azagoth nos olhos. E agora Lilliana estava imaginando o sexo no nível dos olhos deles.

— Eu não quis ofender — disse ela, toda imponente e parecida com uma rainha, como se Lilliana não fosse a maldita rainha nesta sala. — É que Azagoth e eu temos uma história de produzir alguns dos mais bonitos e extraordinários Memitim. Você conheceu Jasmine, tenho certeza.

Jasmine... Jasmine... Certo, a recém-chegada e filha linda de morrer de Azagoth, que parecia odiar Lilliana.

Lilliana ficou ali parada, seus pensamentos tão fraturados que ela não conseguia que fizessem sentido. — S...sim. Sim, claro.

O que estava acontecendo aqui? Era como um sonho bizarro. Essa garota não sabia que ela e Azagoth estavam acasalados?

— Eu estava prestes a dar a minha resposta quando você entrou — disse Azagoth. — Talvez você gostaria de fazer as honras?

Porque sim. Sim ela faria isso. Mas tudo em que

podia se concentrar era no fato de terem filhos juntos. Esta fêmea e Azagoth dormiram juntos. Mais de uma vez.

Então, em vez de arrastar a vadia por suas tranças grossas e brilhantes, ela perguntou: — Quantos?

— Quantos o quê, querida? — perguntou Lucielle docemente. — Crianças? Duzentos e doze. — Ela olhou para Azagoth e sorriu, toda batom e boquetes. — O Grim Reaper e eu nos conhecemos há muito tempo. Milhares de anos antes de você ter nascido. — Ela passou Lilliana com seu olhar e deu de ombros. — Você pode se juntar a nós. Sou muito aberta a coisas novas.

Ok, isso foi o suficiente. Lilliana estava farta.

FARTA.

— Saia — rosnou ela, apontando para a porta. — Saia agora. E diga a todas as suas amigas éguas reprodutoras que Azagoth não está mais disponível como garanhão.

Azagoth riu. Ele achou isso engraçado? Ele deveria chutar a bunda de Lucielle. Ele deveria dizer a ela que agora estava acasalado e que amava Lillian e queria somente a ela. E que a oferta dela era um insulto aos votos deles.

— Égua reprodutora? — Lucielle ficou ereta de indignação, o queixo subindo para poder olhar para Lilliana por seu nariz estreito e perfeito. — Ser escolhida para criar dentro de nossos corpos uma classe única de anjos da semente de...

— Fora! — Com um pensamento e um movimento de braço, Lucielle foi arrancada e jogada no corredor.

Uma batida na porta impediu Lilliana de ter que olhar para seu rosto estúpido e estupefato. Então, porque isso não fez nada para aliviar a mágoa que Azagoth causou por não se sentir indignado, ela pegou uma das figuras de jade na mesa dele e a jogou no chão, onde se partiu em uma dúzia de pedaços.

— Aquilo era mesmo necessário?

Ela se voltou para Azagoth, que ainda estava sentado lá como uma estátua, uma sobancelha escura erguida.

— Era... o quê? Você está brincando comigo agora? — exigiu. — Você deveria tê-la expulsado. Aquela... aquela vadia... se atirou para você bem na minha frente. Aquela fêmea que você fodeu em nosso quarto mais de duzentas vezes! — Pelo menos Lilliana havia se livrado da cama.

— Acalme-se — disse ele. — Não usamos muito o quarto.

A boca dela se abriu. Fechou.

Ela deixou assim, porque se sua boca se abrisse novamente, bem... ele se arrependeria mais do que ela.

Girando nos calcanhares, ela marchou para fora.

Mas não antes de dar a ele o olhar universalmente entendido por: Você vai dormir no sofá hoje à noite.

Ela ficara tão brava. Nem ela nem Azagoth se desculparam, e eles finalmente ultrapassaram isso.

Mas ultrapassaram mesmo?

Ela jurou que poderia lidar com todas as

mulheres com quem ele dormiu, e lidara. Afinal, ela raramente via alguma delas. Azagoth notificou que elas não eram bem-vindas em Sheoul-gra, exceto em circunstâncias extremas, e elas ouviram.

Então, não era que ela estivesse lidando com o assunto, era que o assunto não era de todo um problema.

Na verdade, não. Mas mesmo isso não era verdade, era? Ela estava constantemente cercada pela evidência das atividades sexuais de Azagoth. Os Memitim estavam por toda parte, andando, recordações falantes.

Ela pensou sobre viver com eles, como às vezes era difícil. Eles podiam ser idiotas, alguns mais do que outros. Ela sempre descartou isso como sendo ressentimento com os seus pais ou com as circunstâncias, mas e se... e se ela fosse culpada por muito disso?

E se ela estivesse dando vibrações inamistosas desde o início?

Era possível que não fosse a mais acolhedora às vezes e provavelmente fosse menos paciente do que poderia ter sido. Inferno, não havia sentido em dourar a pílula. Ela foi completamente fria e abrupta com muitos deles.

Oh Deus. Se ela sáísse daqui, necessitava pedir algumas desculpas.

Se ela sair daqui.



Azagoth estava sentado na cadeira de balanço no quarto, seu doce anjinho nos braços. Um doce anjinho com um grito que poderia acordar as almas no Inner Sanctum. A companheira de Razr, Jedda, passou a chamá-la de Raika, uma palavra na língua nativa de Jedda que significava *boca do inferno*.

Por muito pouco lisonjeiro que isso fosse, era preciso, e o nome pegou.

Por enquanto.

— Eu gostaria que sua mãe estivesse aqui — murmurou para a sua filha.

Ela arrulhou em torno do bico da mamadeira que ele usava para alimentá-la. Ainda não apareceram com o leite, mas, esperançosamente, logo ouviria algo. Hawkyn foi ao Conselho Memitim para verificar o status da solicitação.

Ele olhou para sua filhinha e não conseguia acreditar que estava segurando um de seus próprios bebês. Se ele soubesse como alguém poderia se apaixonar por um bebê, teria lutado desde o início para ter seus filhos criados no Céu, em vez de com as piores pessoas que a humanidade tinha a oferecer.

Havia muitas coisas que ele faria diferente se tivesse uma chance.

Houve uma batida na porta. — Pai? — A voz de Jasmine flutuou através do ferro e madeira grossos. — Jim Bob está solicitando entrada, e Hawkyn disse que o leite deve chegar aqui dentro de uma hora. Ele mesmo

está trazendo.

Bom. Os bastardos insistiram entregá-lo pessoalmente, mas isso foi um firme *nada feito* para Azagoth.

— Diga a Jim Bob que não, e que ele pode enviar uma mensagem se for importante — gritou ele.

— Eu direi, mas ele está bastante insistente. Suzanne também logo estará aqui. Ela quer fazer o jantar. Vou ajudá-la se ela precisar de ajuda.

Jasmine não gostava de cozinhar, mas havia se prontificado desde que Lilliana se fora. Ela até se ofereceu para cuidar da criança, mas ele não precisava. Ele não deixaria sua filha até que Lilliana estivesse em casa. Ainda assim, ele apreciou a oferta de Jasmine. Às vezes, era difícil acreditar que ela viera de Lucielle.

Lucielle foi um dos poucos anjos que não odiavam cada minuto de estar em sua cama. Não que eles usassem muito a cama dele. Ela preferia locais dignos de pornografia e criatividade, usando-o como uma saída para os prazeres que ela não conseguia obter dos anjos rígidos e tensos.

Ela foi uma das poucas pessoas que reconheceu que gostava de transar com ele, e ele tinha a certeza de que, mais do que qualquer besteira de *honra*, era a razão pela qual ela continuava voltando.

Foi definitivamente a razão pela qual ela voltou e arruinou o seu relacionamento com Lilliana por alguns dias.

Azagoth estava sentado na beira da mesa, irritado por Lucielle já estar aqui há cinco minutos e ela ainda não lhe contar a razão. Ele não achava que ela iria, de qualquer maneira. Ele a desligou por alguns minutos enquanto fantasiava sobre sua nova companheira.

A noite passada foi quente.

Porra, Lilliana estava ansiosa. Ela ficou mais ousada com suas exigências sexuais, e ontem à noite, ela queria que fosse áspero e sujo.

Ele estava bem com isso.

—... então, como eu estava dizendo — continuou Lucielle —, algumas de nós gostaríamos de continuar nosso relacionamento com você... como mães de Memitim, é claro.

Hã. Ela foi mesmo lá.

— Então, mesmo que eu esteja acasalado, você quer continuar me fodendo — disse ele categoricamente. — Para engravidar, é claro.

Ela descruzou e cruzou as pernas, exibindo muito das coxas tonificadas e perfeitas e um vislumbre do lugar sombrio entre elas. Ela realmente achava que ele era tão facilmente seduzido? Ele retirou isso. Se Lilliana fizesse isso, ele teria o rosto entre as coxas dela antes que ela pudesse cruzar as pernas novamente.

— A criação de seres divinos destinados a proteger o futuro da humanidade é tanto um chamado como um dever que ultrapassa todas as outras convenções e leis. Muitas de nós somos verdadeiras crentes na missão dos Memitim, e se você se lembra,

muitos de nós estamos acasaladas com companheiros que também acreditam na causa.

Então, basicamente, eles tinham casamentos abertos e estavam usando interpretações extremas de diretrizes angelicais para justificá-los.

Além disso, Lilliana já estaria lamuriando seu nome nesta altura.

— Qual é o ditado, Lucielle? Seja honesto em seu pecado, senão você adiciona mais três pecados quando mente para si mesmo, para os outros e para o Todo-Poderoso? Você e seu companheiro querem foder com outras pessoas? Nada de errado com isso. Apenas admita, em vez de usar algum dever sagrado como desculpa.

—Se eu admitir, isso é um sim?

Era um severo não. De fato...

A porta se abriu e Lilliana entrou, parecendo incrivelmente sexy em uma calça jeans desfiada e desgastada, uma camiseta branca lisa e chinelos brancos. A perfeição polida e estéril de Lucielle não tinha nada sobre a beleza natural e clássica que Lilliana alcançava sem sequer tentar.

— Opa, me desculpe... — Ela parou no meio da porta, seu olhar flutuando entre ele e Lucielle.

— Está tudo bem. — Azagoth acenou para ela entrar. Ele provavelmente deveria mandar Lucielle embora, mas estava curioso, talvez morbidamente, para ver o que Lilliana faria. Ela alegou estar em paz com o passado dele, mas o passado dele tinha uma tendência

inoportuna de se tornar o presente com uma frequência alarmante. E sempre quando seus filhos estavam por perto. — Isso provavelmente é algo que você deve ouvir de qualquer maneira.

— O que é? — Lilliana se aproximou, parecendo um pouco hesitante. Ela estava aqui há meses, mas muito do seu mundo era novo para ela. Ela não conhecia os jogadores, não conhecia a política, e não sabia nada sobre as mães dos seus filhos.

— Lucielle estava apenas dizendo que se mais Memitim forem necessários, ela oferecerá seus serviços.

Lilliana piscou confusa. — Desculpa,... o quê?

Lucielle se levantou graciosamente, o vestido apertado subiu alto nas coxas. Lilliana ficaria muito melhor nele. A maneira como ela ficaria melhor fora dele.

— Não quis ofender — disse ela com o sotaque irritado e ofegante que usava quando propunha uma nova maneira de foder.

Era o que ela estava fazendo com Lilliana. Brincando com ela. Ele mal podia esperar que Lilli a detonasse. Ele esteve do lado errado da ira de Lilliana algumas vezes, e não foi agradável.

Lucielle continuou, toda cetim e facas. — É que Azagoth e eu temos uma história de produzir alguns dos mais bonitos e extraordinários Memitim. Você conheceu Jasmine, tenho certeza.

— S...sim. Sim, claro.

Merda. Lilliana precisava de uma tábua de salvação.

— Eu estava prestes a dar a minha resposta quando você entrou — disse Azagoth. — Talvez você gostaria de fazer as honras?

Ela o ignorou, mantendo o olhar fixo em Lucielle. — Quantos?

— Quantos o quê, querida? — A voz de Lucielle pingava sacarina. — Crianças? Duzentos e doze. — Ela lançou lhe um sorriso que era o equivalente oral de abrir as pernas. Ele sabia o que aquela boca poderia fazer. E não era nada que Lilliana não pudesse fazer melhor. — O Grim Reaper e eu nos conhecemos há muito tempo. Milhares de anos antes de você ter nascido. — Ela deu uma olhada rápida em Lilliana. — Você pode se juntar a nós. Sou muito aberta a coisas novas.

— Saia — rosnou Lilliana, apontando para a porta. — Saia agora. E diga a todas as suas amigas éguas reprodutoras que Azagoth não está mais disponível como garanhão.

Azagoth riu.

— Égua reprodutora? — Lucielle se irritou. — Ser escolhida para criar dentro de nossos corpos uma classe única de anjos da semente de...

— Saia! — Lilliana estendeu seu braço e Lucielle catapultou no ar, direto pela porta.

A porta se fechou com um estrondo retumbante que sacudiu as obras de arte em suas paredes. Então Lilli pegou uma de suas estatuetas de cavalo de jade e a estilhaçou no chão.

— Aquilo era mesmo necessário? — perguntou ele.

Jogar um anjo irritante em sua bunda era uma coisa; destruir uma escultura demoníaca de quatro mil anos de idade era outra.

Lilliana se virou para ele, os olhos cuspindo fogo.

— Era... o quê? Você está brincando comigo agora? Você deveria tê-la expulsado. Aquela... aquela vadia... se atirou para você bem na minha frente. Aquela fêmea que você fodeu em nosso quarto mais de duzentas vezes!

Uau. Ele só falava da estatueta, mas claramente isso não importava. Ela estava chateada, e não apenas com a Lucielle. Ele se livrou da maioria das evidências do seu passado, os móveis sexuais, os brinquedos... e ela queimou o colchão. Mas ele supôs que o quarto ainda era... o quarto.

— Acalme-se — disse ele gentilmente. — Não usamos muito o quarto.

E, garoto, isso foi realmente a coisa errada a dizer. Ao longo dos próximos dias, ele aprendeu que o sofá da biblioteca não era confortável e que não era prudente dizer a uma mulher com raiva para se acalmar.

Ele ainda achava todo o episódio divertido, mas, ao recordar, percebeu que deveria ter tentado ver através dos olhos de Lilliana. Da sua perspectiva, ela foi emboscada por uma mulher que queria fazer sexo com seu companheiro, e um homem que achou a coisa toda engraçada e lisonjeira. E ela não estava errada. Ele

estava tão acostumado com as mulheres que o queriam apenas pelo que ele podia lhes dar – poder, notoriedade, favores, bebês – que era revigorante ser desejado por *ele*. Ok, elas não queriam *tudo* dele. Apenas seu pau. Mas ainda.

Em vez de rir, deveria tê-la tranquilizado. Deveria ter deixado dolorosamente claro para Lilliana e Lucielle que o único anjo que estaria dando à luz aos seus filhos, a única com quem ele iria dormir novamente, era Lilliana.

De repente, seus sentidos gritaram um alerta, expulsando-o das suas lembranças. Alguém poderoso acabara de entrar em Sheoul-gra.

Enquanto estava fechado.

Novamente.

Ele mataria Hawkyn.

E, talvez, quem tivesse passado pelo portal.

CAPÍTULO 31

Azagoth lançou-se para o ar a partir da varanda, Raika ainda nos seus braços. Ela olhou para ele, absoluta inocência e confiança em seus grandes olhos.

— Não se preocupe — murmurou ele. — Papai vai mantê-la segura.

Ele voou sobre suas terras, voando em direção ao portal. Ele viu Suzanne lá embaixo e desceu, aterrissando suavemente atrás dela.

Ela girou com um grito assustado, mas quando viu Raika, seu choque se transformou em um sorriso largo. — Ei...

— Aqui. — Ele entregou Raika para ela. — Preciso lidar com uma coisa.

Ela olhou para ele e assentiu. — Oi, Jim Bob.

Jim Bob? — Que porra é essa? — Azagoth virou tão rápido que quase bateu no anjo com uma asa. — Quem deixou você entrar? Hawkyn?

Jim Bob balançou a cabeça. — Não importa. O que você está fazendo para salvar sua companheira?

— O quê?

— O que. Você. Está. Fazendo? — demandou ele. — Moloch vai matá-la se você não libertar Satanás.

Então, qual é o seu plano?

O plano imediato estava se moldando para incluir chutar a bunda de Jim Bob.

— Cuidado com o seu tom, auréola. Você não pode exigir nada de mim.

— Droga, Azagoth! — Jim Bob avançou com a velocidade repentina de uma cobra impressionante. — Preciso saber o que você fará!

Com um pensamento, Azagoth lançou uma enxurrada de lâminas convocadas contra o anjo. Elas atacaram com apenas um sussurro, uma centena de punhais que cortariam com lentidão agonizante, rasgando sua vítima como um ralador de queijo.

A força do impacto das lâminas derrubou Jim Bob nos últimos restos do mirante que Azagoth destruiu durante sua tentativa de fuga.

— Leve Raika para dentro! — latiu para Suzanne.

Mas quando se voltou para Jim Bob, algo o arrancou do chão antes de derrubá-lo com tanta força que seu corpo deixou uma cratera. Suzanne foi atingida a vários metros de distância, estava esparramada no chão, mas Raika ainda estava embalada em segurança em seus braços, e ela acenou para ele.

A fúria o acendeu como uma tocha. Ninguém além de Azagoth e Lilliana poderia exercer poder em seu reino. Ninguém, com exceção de Reaver e Revenant, de qualquer maneira, e certamente não nessa medida.

— Como? — rugiu quando explodiu para cima, disparando uma lança convocada de ferro forjado no

inferno.

De alguma forma, Jim Bob se livrou das lâminas, mas não conseguiu evitar o golpe certo da lança. Ele gritou e caiu de joelhos. Vapor subiu ao redor da lança, onde estava enterrada em seu peito, e o sangue escorreu pelo eixo quando ele caiu, empalado no chão. A cabeça dele caiu, o rosto escondido sob o capuz do manto cor de carvão.

— Como você chegou aqui? — Azagoth atacou em sua direção. — E como diabos você está usando o poder no meu reino?

Jim Bob tossiu, jogando sangue no chão. — Eu ajudei você a construir Sheoul-gra, seu idiota — murmurou ele com uma voz que não era mais dele. Uma voz que Azagoth não ouvia há milhares de anos. — Você realmente acha que eu não me certificaria de que sempre havia uma entrada para mim?

Totalmente sem palavras, Azagoth afastou a lança. Jim Bob caiu de cara no chão. Gemendo, ele rolou de costas. O capuz caiu, revelando um novo rosto e uma luxuosa cabeça com cabelos em todos os tons da humanidade.

— Gabriel?

Azagoth cutucou-o com a bota e o arcanjo sentou, segurando o peito ainda ardente. — Essa arma foi desnecessariamente dura.

Sim, foi dura. Era uma arma antianjo explicitamente designada para causar feridas devastadoras ou acabar com um anjo já gravemente

ferido. Mas Azagoth estava farto de brincar.

— Eu discordo — retrucou Azagoth. — E não preciso perguntar por que você manteve sua identidade em segredo. Mas por que você está compartilhando informações comigo, em primeiro lugar?

— Por quê? — perguntou ele incrédulo. — Estou um pouco investido no seu sucesso, imbecil. Além disso, você é minha fonte para muita merda que acontece em ambos os reinos.

— Por que agora? — perguntou Azagoth, ainda cambaleando com a revelação da verdadeira identidade de Jim Bob. — Onde você esteve por milhares de anos?

— Eu estava me comportando. — Gabriel tossiu e cuspiu sangue. — Sendo um bom pequeno arcanjo. Então, algumas centenas de anos atrás, comecei a ver presságios sombrios. Achei que seria um bom momento para me familiarizar novamente.

— Arcanjo? — Suzanne, que deveria estar em segurança com Raika, se aproximou. — Você é o *arcanjo* Gabriel? Você fez a tatuagem de Declan?

Azagoth quase quebrou o pescoço olhando entre os dois. — Tatuagem?

Manchas carmesim incharam nas bochechas dela, e Azagoth suspeitou que ela acabara de revelar algo que não deveria. Gabriel lhe deu um dolorido aceno, *prossiga*, de cabeça.

— Declan e eu precisávamos de informações sobre o par de asas tatuadas nas costas dele — explicou ela, ainda lançando olhares tímidos para Gabriel. —

Encontramos o artista em uma loja em San Francisco. O cara que fez isso foi Jim Bob. Er... Gabriel.

Azagoth estreitou os olhos para o anjo. — Deixe-me adivinhar. A tatuagem está encantada de alguma forma, e provavelmente é um dispositivo de rastreamento angelical. O Céu está tão chato agora que você tem que passar seus dias tatuando humanos?

— Você tem estado ouvindo? — disse Gabriel com uma pressa furiosa, embora o ataque de tosse depois tenha tirado um pouco da mordida de seu tom. — Uma tempestade de merda está chegando, Azagoth. Alguns de nós estamos nos preparando. Estamos rastreando aqueles que têm DNA angelical. Estamos preparando os humanos para a verdade da nossa existência. Estamos fazendo todo o possível para preparar nossos jogadores para o Fim dos Dias. E isso significa manter Satanás em sua jaula até o último minuto.

— Então é por isso que você está aqui? Para me impedir de libertar Satanás?

— Espero não precisar. — Ele chiou e o sangue borbulhou entre os dedos enquanto eles cobriam o ferimento no peito. — Vim te avisar.

Gabriel recostou-se nos escombros. A lesão ainda não havia fechado. Mesmo no reino humano, não teria fechado ainda, mas haveria sinais de cura. Se Gabriel não voltasse ao Céu logo, seus poderes seriam drenados e ele ficaria preso aqui.

O que aconteceria, de qualquer maneira. Azagoth

não conseguia pensar em um refém melhor do que um arcanjo. O que provavelmente foi, em parte, o motivo pelo qual Gabriel viera como Jim Bob. Isso, e ele não podia deixar ninguém no Céu saber que ele estava em contato com Azagoth. O Céu tinha regras estritas sobre quem podia entrar em contato com ele, e regras ainda mais estritas sobre quem podia entrar em Sheoul-gra.

— Me avisar sobre o quê?

— O Conselho de Ordens. Eles sancionaram a sua destruição.

Azagoth ficou frio por dentro. Fodidamente profundo. Congelado. — Eles fizeram?

— Azagoth, me escute...

— Meu Senhor! — Razr correu em direção a eles a partir da direção do portal. — Há dois anjos pedindo entrada. Dizem que Hawkyn foi chamado para negócios, por isso estão trazendo o leite para Raika.

— É um truque — advertiu Gabriel. — Eu garanto que eles fizeram algo com Hawkyn. Se você não responder, ou se recusar, eles tentarão romper a segurança do seu portal.

Rosnando, Azagoth virou para Razr. Não responda. Ganhará mais tempo do que recusar. Chame Cipher. Diga a ele para monitorar ou encantar o portal. — Razr decolou e Azagoth se voltou para Gabriel. — O que mais eles farão?

— Não sei. Eles me expulsaram da reunião após incapacitar Reaver.

— O que eles fizeram com o Reaver?

— Usaram o poder coletivo para contê-lo. Eles temiam que ele te avisasse.

— Eles não estavam preocupados com você?

— Eles não sabem que eu estive em contato com você. — Ele fechou os olhos e respirou fundo algumas vezes antes de continuar. — Mas eles estavam preocupados o suficiente para me garantirem que, se eu te avisasse, eu responderia por um crime grave.

Atordoado com a notícia, Azagoth deu um passo atrás. Um crime grave era punível com qualquer coisa, desde prisão em isolamento torturante até execução, mas a punição mais comum era a expulsão do Céu.

Gabriel arriscou tudo para avisar Azagoth que, mais uma vez, o Céu ferraria com ele.

Seu telefone tocou e ele o pegou do bolso. Ele não reconheceu o número, mas no momento em que atendeu, ele conhecia a voz do outro lado da linha.

— Você sabe o que eu quero, Azagoth — disse Moloch. — Liberte Satanás agora, ou Lilliana estará na minha cama hoje à noite e morta pela manhã.

— Seu desgraçado — respirou. — Se você a tocar...

— Oh, *eu* não vou tocá-la. É para isso que servem os atijadores quentes e as maçãs.

— Você morrerá gritando — jurou. — Você vai me implorar por misericórdia, e eu vou *rir*.

Houve um longo e tenso silêncio, e Moloch disse baixinho: — Você deveria saber que seus amigos anjos enviaram um assassino para matar Lilliana. Apenas

para sua informação. Ah, e Azagoth? Acabei de mudar de ideia. Você tem até a Hora do Crone para libertar o Senhor das Trevas.

Ele olhou para o relógio. A Hora do Crone, na batida das três horas da manhã do relógio no Monte Megiddo, em Israel, quando a barreira entre todos os reinos era a mais fraca e os poderes sobrenaturais estavam em seu ponto mais alto. Faltavam menos de duas horas.

— Se não o fizer, Lilliana morrerá em minutos. Vou guardar meus atizadores quentes para quando eu recuperar a sua filha.

A linha ficou morta.

Raiva quente e furiosa se formou como uma tempestade de verão em seu peito. Sua besta interior vibrou com a necessidade de liberação quando ele se virou para Gabriel.

— Moloch disse que vocês enviaram um assassino para matar Lilliana — rosnou. — É verdade?

— Possivelmente. — Gabriel engoliu em seco. — Camael disse que eles tinham um espião dentro da organização de Moloch. De baixo nível, um guarda anjo caído insignificante ou algo assim. Ele disse que não poderia tirar Lilliana, mas poderia matá-la.

Claro. Se Lilliana estivesse morta, Moloch não teria nada para chantagear Azagoth, e o Céu não teria que se preocupar com ele libertando Satanás.

Aqueles desgraçados. Aqueles *fodidos* trapaceiros, mentirosos e sou-mais-santo-do-que-você.

A fúria queimava seus pensamentos em cinzas.

— Você me ajudou — disse ele na voz profunda e esfumaçada da sua fera —, e agora eu vou ajudá-lo. Saia. Saia antes que eu mude de ideia.

Um forte terremoto sacudiu o local. Os anjos estavam tentando entrar.

Ele estava farto. Estava farto disso. Encaixotado entre dois exércitos enormes, ele viu uma saída.

O mundo arderia, e ele segurava o fósforo.

CAPÍTULO 32

Raiva feroz percorreu o corpo de Azagoth em grandes tremores enquanto ele permanecia no precipício de um vazio sem fim, seu olhar fixo no cubo de cristal giratório suspenso sobre o espaço vazio. Nenhum som veio do interior do cubo, mas imaginou que qualquer grito, gemido e choro aconteceram nos primeiros meses de prisão.

Ele flexionou os dedos com garras ao lado do corpo enquanto encarava a prisão destinada a manter Satanás, Rei dos Demônios, seu filho Lúcifer e um arcanjo traidor por mais nove séculos.

A alma maligna do anjo caído que deu à luz a Lúcifer também estava lá, seus restos físicos em decomposição mantendo as outras três companhias.

Agora, Azagoth poderia libertar todos eles.

E começar o profetizado Fim dos Dias *bem* cedo.

Mas teria Lilliana de volta.

A menos que Moloch a matasse de qualquer maneira, ou pior, a segurasse para Satanás.

Uma onda escura de energia o engoliu, subindo do vazio.

Liberta-me e eu devolverei Lilliana para você.

A voz de Satanás era um eco envolto em dor dentro da cabeça de Azagoth. Dor gloriosa, como um orgasmo que se prolongou por muito tempo. Além disso, havia reconhecimento, uma consciência da energia única de Satanás... e da sua mente.

Por mais escura que a energia do demônio estivera no Céu, era uma gota de urina em comparação com o oceano de malevolência que era agora.

— Como você sabe sobre Lilliana? Com quem você esteve em contato?

E como diabos ele poderia estar em contato com alguém?

Eu sabia que ficaria preso um dia. Você não acha que eu tinha vários planos de contingência para o evento? Azagoth. Asrael. Ouça-me, meu velho amigo. Juntos, podemos quebrar o seu contrato. Você me dá a minha liberdade... e eu te darei a sua.

Azagoth ofegou através da agonia requintada da voz de Satanás... e das suas palavras. Liberdade. Era algo que ele teve apenas uma vez na vida, quando se isolou no reino humano. Ele estava sozinho, empático demais para interagir com alguém, mas estava livre de tudo, incluindo obrigações.

Nós vamos refazer Sheoul-gra na sombra do reino humano despedaçado, e será um paraíso para as almas. Não será mais um lugar de punição, mas um novo Éden, onde meus demônios se alimentarão das almas dos humanos abandonadas pelos anjos. Você o operará sem a supervisão do Céu e estará livre para ir e vir.

Azagoth gemeu. Sim.

Liberte-me! Vou te dar a liberdade de viver em qualquer lugar.

Sim! Espera, não. Ele balançou a cabeça, tentando tirar a voz da cabeça, gotas de sangue escorrendo do seu nariz e respingando no penhasco.

Lilliana sofre enquanto você hesita.

— Maldito! — gritou ele, odiando-se pelo que estava prestes a lançar no mundo. — Prometa que não a machucará. Prometa que ninguém vai prejudicá-la, ou qualquer um dos meus filhos, *nunca*, ou vou embora.

Eu juro, Asrael.

— Convença-me, Príncipe das Mentiras. — Em algum lugar lá no fundo, por baixo das escamas demoníacas cobrindo o seu corpo de besta, ele não queria ser convencido. Ser convencido de que Lilliana estaria a salvo de Satanás significava libertá-lo e causar destruição em uma escala verdadeiramente bíblica.

Eu posso praticamente sentir a dor de sua companheira de pele macia enquanto você hesita.

— Convença-me, maldito seja!

Azagoth podia sentir a agitação de Satanás. Agora, eles estavam chegando a algum lugar. Isto... era aqui que ele era verdadeiramente um mestre. Um empata extraordinário, foi ele quem descobriu o engano de Satanás e a trama para derrubar a liderança do Céu. Ele sabia como o macho pensava. Como se sentia.

Azagoth conhecia os seus botões.

— Convença-me porque devo acreditar que você

poupará a minha família quando prometeu me deixar de joelhos. Quando ameaçou começar a matar Memitim se eu não parasse de criá-los. Você me despreza. Então, me diga por que eu deveria pensar, por um maldito segundo, que você manterá a sua palavra.

Desprezar? Seu tolo, eu não te odeio. Devo-lhe minha eterna gratidão. Perdi o Céu, mas veja o que construí! Um reino próprio, poder além da imaginação. As religiões me exaltam e me temem. Eu tenho mais poder sobre os seres humanos do que Deus. Você não vê, Azagoth? Você foi meu salvador. Seja meu salvador mais uma vez.

— Isso é bastante convincente — disse ele, rispidamente, porque era, e o estava inclinando a um território perigoso.

Precisarei da sua cooperação em nosso novo mundo, então porque trairia a minha palavra?

Isso provavelmente era verdade, mas ainda assim... merda, ele só precisava de um motivo para não fazer isso. Apenas um. Ele precisava manter o Príncipe das Mentiras falando, embora cada segundo pudesse significar mais sofrimento para Lilliana.

Sinto muito, querida. — Se eu fizer isso, quero que Moloch seja entregue à minha porta. Vivo.

Feito. E então eu matarei aquele porco sem fé, Guerra, e lhe concederei a ilha dele. Lilliana e sua filha adorariam isso, não?

Elas adorariam. Lilliana floresceria como uma rosa em uma ilha própria, ao sol e longe da malevolência

de Sheoul-gra. Mas não... não na ilha de Ares.

Não porque ele estava morto.

Azagoth não queria isso. Libertar Satanás tiraria o Céu de suas costas, visto que eles estariam ocupados travando uma guerra. E isso pode salvar Lilliana. Ele mataria dois coelhos com uma cajadada só.

Mas ele também mataria muito mais do que coelhos.

Em que tipo de mundo sua filha cresceria? Em que tipo de inferno viveriam todos os seus filhos e filhas?

Uma calma remota tomou conta dele com a clareza de seus pensamentos. Às vezes, quando ele ficava dominado pelas emoções dos outros, isso o deixava vazio. Limpo. Muitas vezes, era o contrário. Mas era isso que as emoções de Satanás sempre fizeram com ele, mesmo quando o seu mal era apenas uma gota no mar que o engolia.

Ele não podia libertar Satanás. Apenas um tolo confiaria nele, especialmente a quem ele havia mentido.

Satanás *estava* se comunicando com alguém. De alguma forma, ele estava obtendo informações de fora.

— Diga-me, Satanás, com quem você está falando?

Eu te disse! Ninguém.

— Então, como você sabe da minha filha?

Houve um silêncio e, em seguida, um grito enfurecido. *Asrael. Asrael! Liberte-me!*

Não. Esta não era a resposta. Isto o tornaria o

maior vilão da história, aquele que destruiria a profecia e o mundo.

Ele tinha outra opção.

Ele ainda seria um vilão e provavelmente perderia tudo o que tinha, todos os que amava e provavelmente a sua própria vida.

Mas aqueles que ele amava estariam seguros. O reino humano estaria seguro.

— Sim, você sabe o quê? Foda-se.

Foda-se?

— Quer que eu diga novamente?

Um raio encheu o espaço escuro ao redor, rasgando a escuridão em pedaços. Azagoth olhou em volta, atordoado. Isso não deveria acontecer. Satanás não deveria ter esse tipo de poder. Não do tipo que poderia comandar eletricidade, nem o poder de se comunicar com alguém de fora.

Deveria haver uma rachadura na gaiola.

Um raio apunhalou Azagoth com um zilhão de graus de agonia, queimando sua carne, queimando sua mente. Ele ouviu gritos, os seus, ele pensou, enquanto seu sangue vaporizava dentro das suas veias. O raio disparou para cima, deixando Azagoth apoiado em suas mãos e joelhos, a fumaça ondulando no ar a partir do seu corpo carbonizado.

Um grito de fúria soou nos tímpanos de Azagoth. *Liberte-me, seu filho da puta! Faça isso, ou então, quando o Cordeiro finalmente me libertar, você será a primeira pessoa de quem eu irei atrás. E quando terminar de*

matar seus filhos e estuprar suas filhas na sua frente, eu vou foder a sua companheira até ela morrer! E então eu vou...

Rugindo de raiva, Azagoth convocou tudo o que tinha, cada grama de poder à sua disposição, e enviou o cubo caindo no vazio, a escuridão o engolindo em um lodo perturbador e lento.

— Obrigado pelo aviso, filho da puta.

Enquanto Azagoth se desenrolava, cinzas caindo no chão e revelando carne forte e curada, a voz de Lilliana ecoou em sua cabeça.

Tudo o que peço é que, não importa o que aconteça, você não se torne o monstro que costumava ser.

Ele não o faria. Oh, foda-se não.

Ele se tornaria um monstro novinho em folha.

CAPÍTULO 33

1:02:46

Azagoth tinha uma hora, dois minutos e quarenta e seis segundos para libertar Satanás.

O que significava que ele tinha pouco mais de uma hora para colocar em ordem os seus negócios, porque soltar a porra do mal não era uma opção.

Ele segurou a filha contra o peito, sentindo o coração dela bater contra o dele e memorizando-o. Seu demônio interior estava no comando quando ele retornou da prisão de Satanás, mas quando viu Raika dormindo em seu berço, Cat cuidando dela, ele se acalmou. Segurá-la o derrubou completamente.

Bem, não completamente. Lá dentro, ele estava correndo, pronto para fazer o que precisava ser feito.

Em breve. Só mais alguns minutos...

Raika torceu o nariz e bocejou, os punhos pequenos balançando no ar. Ele afastou o cobertor dela e passou a ponta do dedo sobre o material felpudo do pijama de pato demoníaco que Eidolon enviara.

O demônio estava de luto por seu amado irmão, e ainda arrumou tempo para enviar um presente. Em

uma lista restrita de demônios que Azagoth respeitava, Eidolon estava no topo. Azagoth não podia devolver o corpo de Wraith ao médico, mas ele *acabaria* com o sofrimento de Wraith, de um jeito ou de outro.

Raika estendeu a mão para ele, e ele abaixou a cabeça, deixando-a tocar o seu rosto enquanto inalava seu perfume fresco e limpo que ia além do sabonete que Cat usara para lavá-la. Ela cheirava intocada, profundamente em sua alma, e de alguma forma, ele sabia que ela não vivera antes.

Novas almas eram mais do que raras, um tipo de coisa que acontecia uma vez por século, e ele se perguntava o que estaria reservado para sua filha. Ela tinha tanto potencial.

O olhar dela encontrou o dele, e ele não podia negar a intensidade do amor que surgia através dele. Ela merecia melhor do que nascer no Inferno. Ele falhou com ela, e falhou com a mãe dela.

Ele estava farto de falhar. E estava disposto a pagar o preço final para impedir que isso acontecesse novamente.

Houve uma batida na porta do seu escritório, e Azagoth não precisou esperar que Ares chamasse para saber que ele e Cara estavam no corredor. Ele sentiu Ares entrar em Sheoul-gra, e ele levou aqueles últimos momentos preciosos a sós com sua filha para memorizar todos os detalhes sobre ela.

Outra batida. Um toque fúnebre, Azagoth supôs.
— Entra.

Ares e Cara entraram, e enquanto Cara fechava a porta, Ares, sua armadura de couro rangendo, atravessou a sala.

— Anjos do caralho — rosnou ele.

— Obviamente, seus cães do inferno cuidaram deles.

Chamar Cara para pedir ajuda dos cães do inferno foi um golpe de gênio. Os cães do inferno desprezavam os anjos, e o rei dos cães, Cerberus, tinha uma afinidade particular por Hades e pelo Inner Sanctum. Perseguir anjos na entrada de Sheoul-gra provavelmente era um grande esporte para eles.

Ares bufou. — Mil cães do inferno contra cem anjos? É uma grande distração, mas o Céu enviará reforços. Não temos muito tempo.

— Azagoth. — Cara sorriu educadamente, mas ela estava torcendo as mãos como se tivesse uma toalha pingando entre elas. — É ótimo finalmente conhecê-lo pessoalmente. — Era uma mentira, mas era bom que ela tentasse. — Só lamento que seja nestas circunstâncias. Lágrimas encheram seus olhos quando seu olhar caiu para o embrulho nos braços de Azagoth. — Posso fazer alguma coisa para ajudar? Qualquer coisa?

— É por isso que te pedi para vir aqui. — De alguma forma, ele disse isso sem a voz embargada.

Raika murmurou, e a dor tomou o seu fôlego. A mãe dela deveria estar aqui. Isto não deveria estar acontecendo.

— O nome dela é Raika — disse ele, e desta vez

não conseguiu conter a guerra emocional em sua voz. — Não sei se Lilliana gostará disso.

— É lindo — assegurou.

— Significa *boca do inferno*.

Cara contemplou isso por um piscar de olhos. — Bem, eu a ouvi chorando ao fundo enquanto você conversava com Ares ao telefone. Parece apropriado. — Ela sorriu. — Posso segurá-la?

Ele engoliu em seco. Em pânico. Ele não queria soltá-la.

— Você não precisa — disse ela rapidamente. — Está tudo bem.

Agente firme, idiota. Lilliana está esperando, e Moloch não morderá a sua própria cabeça.

— Não, por favor. — Com muito cuidado, ele colocou Raika nos braços de Cara, e a sensação de perda quase o deixou de joelhos. Ele se afastou antes de pegar Raika de volta. — Eu te pedi para vir aqui, porque o que vou pedir afeta ambos. — Ele apontou para a série de pinturas que descreviam a história de Sheoul-gra. — Por milhares de anos, meu reino ficou vazio. Então, eu o preenchi com anjos caídos para me ajudarem, e Não Caídos que buscavam segurança e, finalmente, Memitim. Mas cheguei à conclusão de que Sheoul-gra deveria ter permanecido sempre vazio.

Ele olhou para o espaço na parede destinado à arte que refletia Sheoul-gra, como foi apenas alguns dias atrás. Verde, sem danos, cheio de vida.

— As coisas têm que mudar. Meu reino já não

está mais seguro, principalmente de mim.

— O que você quer de nós? — perguntou Ares, indo direto ao ponto, como sempre.

Azagoth finalmente se afastou da parede. — Quero que acolha os refugiados de Sheoul-gra. Sua ilha é segura, secreta e protegida. Eles podem construir apartamentos e uma instalação de treinamento no lado oposto da sua ilha. Você nunca saberá que eles estão lá.

Cara ergueu os olhos do bebê enquanto Ares a encarava, processando por um momento.

— Droga, Reaper — disse ele baixinho. — Quando quer algo, você quer algo grande.

— Eu sei que é pedir muito — disse Azagoth. — Mas eu quero que a minha família esteja segura.

— O que acontece se dissermos não? — perguntou Cara.

Por favor, não diga não. — Os Não Caídos correm o risco de serem arrastados para Sheoul. Os Memitim voltarão a viver como viviam antes de virem para cá, se escondendo entre humanos ou permanecendo em campos de treinamento menores. Os mais jovens estarão mais seguros neles.

Ele olhou para o seu bar molhado e decidiu que agora seria um bom momento para abrir o rum de mil anos que lhe foi dado por artesãos da região de Grimmon, em Sheoul.

— Tenho certeza que vocês precisam discutir sobre isso. — Ele apontou para a porta enquanto cruzava para o bar. — Sinta-se livre, mas não demore

muito. Eu tenho um prazo curto.

Ares assentiu e foi em direção à porta, e Cara começou a entregar Raika.

Azagoth recuou. — Não, por favor, fique com ela. — Ele esperava que eles não notassem o jeito que sua mão tremia quando alcançou a garrafa. — Ela provavelmente está cansada de mim.

— Tem certeza?

Ele não olhou para eles. — Positivo.

Eles saíram e ele caiu contra o balcão enquanto abria a garrafa. Ele não conseguiu colocá-la em seus lábios rápido o suficiente.

Ele abraçou a queimadura, acolheu a picada esfumaçada das camas de enxofre que a bebida havia arrastado no seu caminho para a garrafa. Isso afastou o que nada mais poderia: a última, remanescente de suas emoções.

Só uma coisa poderia trazê-las de volta, e a recuperaria ou morreria tentando.



Ares viveu muito tempo. Ele fez tudo, viu tudo. Nada mais o surpreendia.

O Grim Reaper acabara de chocá-lo além da medida. Cara também, se seus olhos arregalados de preocupação era alguma indicação.

— O que foi isso? — perguntou ela em voz baixa. — O que está acontecendo com ele?

— Sua companheira está sendo mantida por um

demônio sádico — disse ele, sua voz beirando um rosnado. — Ele está preparado para morrer por ela.

Ares podia sentir a dor de Azagoth em seus ossos. Reseph, quando se tornou a versão maligna de si mesmo conhecida como Pestilence, havia tomado Cara uma vez. As coisas doentes que ele planejou fazer com ela antes de matá-la, a forma como ele a machucou na frente de Ares... isso transformou Ares em um homem determinado a uma coisa: recuperá-la. Ele teria sacrificado qualquer coisa, inclusive a si mesmo, para salvá-la.

Os lábios de Cara apertaram quando ela mudou o olhar do bebê para ele. — Você acha que ela está bem?

— Não acho que Moloch seja estúpido o suficiente para matá-la antes do prazo. Mas ele *fará* isso. — Ele balançou a cabeça em uma tentativa inútil de livrar sua mente da memória de Cara, machucada e sangrando, aos pés de Pestilence.

— Temos que ajudá-lo — disse ela enquanto balançava Raika. — Esta foi a primeira vez que eles se afastaram de sua própria filha de um mês, e Cara estava claramente com saudades dela. — A ilha pode apoiar o que ele está pedindo.

Poderia, e Azagoth estava certo, eles raramente veriam os Memitim e os Não Caídos. Mas, merda, a parte analítica de seu cérebro, que não conseguia parar de passar os cenários desastrosos em sua cabeça, estava no modo de disparo rápido. Alguém dentro de Sheoul-gra matou um dos filhos de Azagoth, quase

matou outro e ajudou a organizar o sequestro de Lilliana. Até que a pessoa fosse identificada, a ideia de deixar tantas pessoas não conhecidas perto da sua família deixava Ares nervoso.

— Se você acha que é um risco à segurança — continuou ela, sendo psíquica ou algo assim —, não acho que exista algo com que se preocupar. Nada passará por seus Ramreels e meus cães do inferno.

Nada passaria por *Ares*.

— E — acrescentou ela porque estava evidentemente a bordo com isto —, se nossa ilha for atacada por forças externas, imagine a ajuda que cem Memitim serão.

Ares amaldiçoou a si mesmo, sabendo que havia perdido a batalha, mas reconhecendo que não lutara muito. Ele e seus irmãos deviam a Azagoth, cada um à sua maneira, e sua ilha era grande o suficiente para acomodar cinco vezes mais Memitim e Não Caídos.

— Você sabe exatamente que tipo de argumento vai me influenciar.

Cara piscou para ele, toda fingindo inocência. — Eu? Influenciar você? Nunca o faria.

Desta vez, ele xingou em voz alta. — Vamos. O Grim Reaper está esperando.

Ele segurou a porta aberta para Cara e, no momento em que eles entraram, ele sentiu uma mudança no ar. Azagoth estava na frente do túnel na parede que lhe permitia ver a passagem de almas que seus *griminions* traziam, segurando uma garrafa meio

vazia de bebida. Ele estava conduzindo-os demasiado depressa para realmente avaliar qualquer um deles, mas Ares não estava disposto a falar com ele sobre isso.

Não com a maneira como seus chifres estavam para fora, e o fogo na lareira ficara tão frio que Ares podia ver a sua respiração.

Ele virou, seus olhos nada mais que bolinhas da meia-noite cheias de chamas.

— Sua resposta? — ecoou a voz dele, rolando para cima dos poços do próprio Inferno.

— Vamos dar as boas-vindas ao seu povo — disse Ares. — Quando você quer que isso seja feito?

— Agora. Preciso que os leve com vocês quando forem. — Ele voltou para as almas. — Zhubaal irá atendê-lo bem, se você deixar. Ele é leal e ainda não está completamente infectado pelo mal. Embora, agora que penso nisso, ele possa se dar melhor com Thanatos. Ele prefere a escuridão e os climas do norte.

— Agora? — Ares deixou escapar. — Sem tempo para me preparar...

— Agora.

— Não entendo isso, Reaper — rosnou Ares. — O que acontecerá quando todos nós formos embora?

Azagoth girou, as chamas em seus olhos atirando calor suficiente para tirar o frio do ar, e Ares se aproximou, colocando-se instintivamente entre Cara e o macho. Azagoth não estava tão calmo quanto parecia. Tudo o que viram foi uma concha externa. Um zumbi. O verdadeiro Grim Reaper estava furioso por dentro.

Era a hora de ir.

— E quanto a Raika? — perguntou Cara. — Quem cuidará dela?

Apertando os punhos enquanto as garras irrompiam, Azagoth fechou os olhos. Quando os abriu novamente, as chamas haviam se apagado, suprimidas pela dor. — Eu esperava que você cuidasse.

— É claro — disse ela. — Podemos cuidar dela pelo tempo que você precisar.

Sangue gotejava para o chão das suas mãos perfuradas, mas ele não parecia notar. — O que eu preciso é que você a crie como sua, se Lilliana não voltar.

Cara se engasgou. Ares amaldiçoou. — Azagoth, me ouça. Tudo o que você está planejando...

— Planejo fazer o que deve ser feito. Não sei se Lilliana está viva, e se estiver, pode não estar por muito tempo. Raika precisa de uma mãe e precisa de um pai que possa protegê-la. Ela precisa da luz do sol. Todos os meus filhos precisam. — As chamas se reduziram a brasas, mas o esforço de manter seu demônio interno sob controle estava se desenrolando no conjunto tenso de sua mandíbula, nos cordões tensos em seu pescoço. — Por favor, você fará isso por nós?

Ares trocou olhares com Cara, e ele sabia que eles não precisavam discutir isso.

— Sim — sussurrou Cara.

— Obrigado. — Mais uma vez, ele se virou, mas não antes de Ares ver uma única lágrima rolar por sua

bochecha.

— Você quer se despedir?

Azagoth balançou a cabeça. — Eu já fiz. E tenho medo... tenho medo de que se abraçá-la novamente, nunca a deixarei ir. — Ele inalou uma respiração irregular. — Leve-a. Faça com que ela se acomode. Volte em cinco minutos. Preciso que você limpe minha sala de artefatos também. Pegue tudo. Haverá itens que ajudarão na batalha final. Vá. Vá agora. Não há muito tempo.

— Azagoth.

Azagoth virou, suas asas entrando em erupção e raspando o teto como unhas em um quadro-negro.

Ares não sabia o que ele estava prestes a dizer, mas agora ele percebeu que não havia nada a dizer. Ele passou a maior parte da sua existência lutando. Venceu inúmeras batalhas ao longo desses milhares de anos. Perdeu algumas também. E embora tenha aprendido muito com as perdas, foram as vitórias que lhe ensinaram as lições mais duras.

Ele esteve com milhares de guerreiros de todas as espécies, de humanos a demônios e anjos, na véspera da guerra, sabendo que não veria muitos deles vivos novamente. A morte sempre era palpável antes de uma batalha e, às vezes, nem sequer era sobre as vidas.

A guerra tinha um jeito de acabar com mais do que vidas. Acabava com sonhos. Aniquilou civilizações inteiras. Forçou homens bons a cometer atrocidades e destruiu a moralidade.

Mesmo quando você vencia.

Às vezes, *especialmente* quando você vencia.

Esta era a véspera da batalha de Azagoth, e Ares sabia que, mesmo que o Grim Reaper triunfasse, nada seria o mesmo. O que se dizer sobre isso?

Nem uma maldita coisa.

Em vez disso, Ares colocou o punho no peito e curvou-se em uma profunda reverência de respeito.

Como costumavam dizer nos meus dias, que os deuses lhe concedam vitória e, se não vitória, paz na morte. Boa sorte, irmão.

CAPÍTULO 34

Observar Ares e Cara partirem com sua filha foi a coisa mais difícil que Azagoth já fizera. Ele queria gritar, chorar, entrar em um tumulto destrutivo que nunca terminaria. Mas Ares voltaria em minutos para levar todos para sua ilha.

Azagoth não tinha tempo para um colapso.

O fim está próximo.

Inspirando profundamente, ele soltou suas asas e disparou para cima a partir da varanda do seu quarto.

Ouçam-me!

Ele não falou, mas sabia que todos em Sheoulgra, exceto os que estavam no Inner Sanctum, o ouviriam. Dezenas saíram dos prédios e da arena de treinamento. Eles olharam para ele com expectativa enquanto pairava a vários metros do chão. A partir daqui, ele podia ver grande parte de seu reino, desde as colinas e riachos dos fundos até o novo playground à sua direita e seu grande palácio à esquerda.

Milhares de anjos Não Caídos e Memitim viveram aqui por milênios. Dentro deste reino, anjos e demônios se ajoelharam diante dele. Este era o seu lar e essas pessoas eram sua família.

Um dos mais jovens, Obasi, subiu no topo de um pilar quebrado, tombado quando Azagoth tentou sair de Sheoul-gra. A fonte ainda estava quebrada, a bacia seca. E a estátua favorita de Lilliana, um dos primeiros trabalhos de Michelangelo que Azagoth encomendara, estava despedaçada em uma pilha de escombros.

Todo mundo estava trabalhando duro para consertar a destruição que ele causou, mas era tarde demais. Alguns danos não poderiam ser reparados.

Alguns não precisavam ser.

— Sheoul-gra não é mais seguro. Ares está limpando uma parte de sua ilha grega para criar uma comunidade onde vocês poderão viver e treinar em segurança. Peguem suas coisas. Ares estará aqui em minutos.

No silêncio atordoado, ele procurou em seu cérebro por mais palavras. Desejou ter um discurso significativo para confortá-los, mas no final das contas, não era tão eloquente, e esses eram guerreiros. Eles eram fortes e prosperariam.

— Pai! — Emerico deu um passo à frente, abrindo caminho a frente da multidão. — Você está realmente nos expulsando? — Seus olhos castanhos brilhavam de raiva quando ele apontou para os prédios. — Tudo isso foi uma piada para você? Você nos trouxe aqui para aliviar sua culpa sobre a maneira como nos trouxe a este mundo, nos abandonando antes mesmo de as nossas mães darem à luz? E agora... o quê? Você perde sua companheira e não quer mais lidar conosco?

— Aposto que você está mantendo Raika aqui com você!

Isso veio de alguém nas costas, e seguindo o rastro da declaração veio um coro de concordância.

Inesperadamente pungido, Azagoth abaixou a voz. — Falhei com vocês de várias maneiras — disse ele. — Expulsá-los daqui não é uma delas. — Um coelho disparou de um arbusto, e ele o pegou em uma onda de poder e o jogou nos braços de Cipher. — E levem os animais. Eles foram presentes de Reaver.

Gritos se levantaram, perguntas que não seriam respondidas.

Azagoth bateu as asas e se inclinou em direção ao portal, onde Zhubaal e Razr assistiam, as suas expressões tão chocadas quanto as de todos os outros. E, no entanto, quando Azagoth pousou na frente deles, Zhubaal avançou, todo negócios.

— Como posso ajudar com a mudança?

Cara, ele acertou na loteria quando trouxe Z a bordo. O anjo caído seria um trunfo incrível para quem ele escolhesse trabalhar no futuro.

— Você vai com eles. — Azagoth ignorou o sutil e desaprovador grunhido de Z. — Você, Razr, suas companheiras... todos em Sheoul-gra.

— Por quanto tempo?

— Para sempre. — A irreversibilidade disso ficou presa na garganta de Azagoth. — Zhubaal, nunca mais ninguém voltará. — Ele olhou para o reino que construiu. — Não para esse.

Zhubaal recuou em choque. — Meu senhor, você discutiu isso com Hawkyn? Tenho certeza que ele...

— Minha decisão está tomada. Libero vocês do meu serviço. Vocês são livres para fazer o que quiserem. Não precisam morar na ilha de Ares com os Memitim. Mas Thanatos e Ares gostariam de recebê-los caso estejam dispostos a trabalhar com eles. O Fim dos Dias está chegando e eles poderiam usar toda a ajuda que conseguirem enquanto se preparam.

— Existe algo que eu possa fazer para convencê-lo a não fazer isso?

Azagoth balançou a cabeça. — Vá. Se vocês não estiverem fora de Sheoul-gra até o final da hora, talvez nunca saiam. — Ele bateu no ombro de cada macho, suas garras cravando apesar de seu esforço para ser cuidadoso. — Cuidem-se, meus amigos.

Com isso, ele se afastou de lá, porque... foda-se. Foda-se a dor.

Estava na hora de causar isso.

CAPÍTULO 35

Azagoth não sentia o peso de uma espada em seu quadril há milhares de anos. Desde que era um anjo. Sentiu-se bem. Parecia certo. Especialmente porque a espada apoiada em sua perna era a própria lâmina que ele carregava como um anjo. Podia ter escurecido com a malevolência de Sheoul-gra, mas ainda poderia decapitar alguém a vinte metros de distância.

Sua foice, no entanto, provara sangue muito mais recentemente. Seus dedos enluvados se curvaram em antecipação ao redor do liso cabo de madeira.

Não demora muito agora.

Apertou a bolsa com a outra mão com mais força enquanto esperava Hades na antecâmara do Inner Sanctum, com a mente estranhamente calma. Ares lhe disse que, na véspera da batalha, sua mente corria, sua adrenalina bombeava, e seu sangue esquentava. Mas que nos minutos antes da luta começar ele encontrava um lugar tranquilo. A distância fria necessária para examinar o tabuleiro do jogo e garantir que todas as peças estavam em suas posições.

Deve ser sobre isso que Ares falava.

Oh, havia uma raiva profunda e ardente no

coração de Azagoth, morrendo de vontade de explodir, mas parecia certo tirar um momento para reunir combustível antes de explodir.

Talvez sua raiva soubesse que valeria a pena esperar o combustível.

O ar brilhava quando Hades e Cat se materializaram. A vários metros de distância, mil anjos caídos armados formaram um semicírculo atrás dele. Malonius, um diretor corpulento da Rot, prisão de tortura de Hades, estava separado, com o corpo de Wraith nos braços.

Hades fez um gesto para que Cat permanecesse, e ele avançou, vestido, pela primeira vez que Azagoth conseguia se lembrar, com roupas reais. Calças de couro preto semelhantes às de Azagoth, menos as fivelas. Uma jaqueta combinando por cima de uma camiseta com as palavras: *O QUE NÃO TE MATA ME DESAPONTA*. Coldres e arreios cruzavam seu corpo, segurando espadas, punhais, estrelas de arremesso e um machado.

Azagoth assentiu em aprovação. — As roupas são uma escolha interessante.

— Certo? — Hades lançou um olhar irritado para Cat, que sorriu timidamente em seu próprio equipamento de batalha semelhante. — Ela acha que eu deveria usar coisas quando sair de Sheoul-gra. — Ele baixou a voz para um sussurro conspiratório e puxou um dos arreios. — Além disso, essas coisas irritam a pele nua. Eu usaria uma camisa de qualquer maneira.

Apenas não o unicórnio e o arco-íris que ela me deu.

— Eu ouvi isso — gritou ela. — E é um unicórnio *esqueleto*.

Apesar das terríveis circunstâncias, Azagoth bufou com diversão. Lilliana havia comprado para ele a camiseta que ele estava usando também, como uma piada. E foi hilário porque ele *havia* gostado de um copo feito do crânio de um inimigo. Não que tivesse dito isso a ela. Ela provavelmente não acharia tão engraçado quanto ele.

— Estão todos aqui? — perguntou Azagoth quando Hades parou rigidamente na frente dele. — Cada um dos seus homens?

— Sim. Eles estão animados para foder alguns anjos. Você falava sério sobre o que disse, certo? Depois da batalha, eles têm doze horas de liberdade.

Eles iam conseguir muito mais do que isso. Ele assentiu. — Você os amarrou a você?

Foi a vez de Hades assentir. — Eles têm que responder à minha convocação no prazo de uma hora, ou uma agonia inimaginável os levará até mim. — Ele fez uma pausa. — Eu sei que este é o último recurso para impedir que o Céu entre, mas deixar o Inner Sanctum sem vigilância... — Ele balançou a cabeça. — É perigoso, cara. E é outra violação do contrato...

— Está resolvido — interrompeu Azagoth. Não havia tempo para inventar um monte de mentiras ou tentar explicar o que ele fazia. — Apenas vá. Saia de Sheoul-gra. Deixe Wraith comigo.

Ele sinalizou para os *griminions* pairando na periferia e, em segundos, eles pegaram o corpo de Wraith de Malonius e o levaram embora.

Os olhos de Hades se estreitaram nele. — Por que parece que você está nos dizendo para evacuar, não nos enviando para combater os anjos?

— Oh, provavelmente haverá anjos para lutar. — Os cães do inferno de Cara só segurariam o Céu por um tempo. Ele entregou a bolsa a Hades e esperou enquanto o homem a abria e removia um cristal do tamanho de um punho, seu núcleo brilhando em violeta. — Este é o fogo eterno do inferno do núcleo de Sheoul-gra, contido dentro de uma pedra extraída das montanhas da Galileia, no Céu. Leve com você. É o que permitirá que você reconstrua.

— Reconstruir o quê? — Os olhos de Hades se arregalaram. — Sheoul-gra?

A fúria ardente dentro de Azagoth pegou fogo à medida que a antecipação crescia. — Lembra como você costumava brincar que os humanos se enganaram quando o nomearam o governante do submundo em seus vários sistemas de crenças? — riu amargamente Azagoth. — Nós somos a piada. No fim das contas era uma profecia.

— Azagoth... — rosnou Hades. — O que você está fazendo? O que você fará aqui embaixo?

— Isso... eu não posso te dizer.

Um silêncio tenso se estendeu quando Hades parecia lidar com sua lealdade dividida e as potenciais

consequências das escolhas que ele teria que fazer em segundos.

— Por favor, Azagoth — disse Hades finalmente. — Nós nunca fomos os melhores amigos, e tenho sido um crítico vocal quando você está sendo idiota. Mas servi bem a você e ao reino. Você tem a obrigação de me dizer o que planeja.

Hades raramente era tão exposto, e se Azagoth não estivesse se afogando em raiva, ele provavelmente se sentiria pior com isso.

— Não posso.

A decepção na expressão de Hades virou rapidamente determinação. — Então, eu não posso deixar você fazer isso.

Azagoth olhou para o relógio. Droga. Ele não precisava disso. — Não me tente, Hades — avisou. — *Não faça isso.*

Hades inalou profundamente e soltou uma maldição. — Quando você me trouxe, me deu domínio sobre o Inner Sanctum, me disse para conduzi-lo da maneira que eu queria. — As asas negras de couro de Hades irromperam de seus ombros e, atrás dele, Cat e os anjos caídos ficaram tensos. — Você me fez fazer um juramento para proteger Sheoul-gra. Até mesmo de você.

— Eu fiz isso, não fiz? Muito míope da minha parte. — Ele suspirou quando os últimos vestígios da sua civilidade começaram a se transformar em cinzas. — Ah, Hades, eu não queria que fosse assim...

Hades não esperou que Azagoth terminasse sua

frase antes de bater com um martelo que Thor invejaria. Isso chiava com um raio carmesim enquanto se projetava no ar, queimando a pele de Azagoth. Ele bloqueou a arma convocada com sua foice, cerrando os dentes enquanto segurava o golpe poderoso.

— Não lute comigo — rosnou. — Não me faça machucá-lo na frente de sua companheira.

— Este é o meu dever. Não vou recuar. — Hades piscou atrás dele, e desta vez, seu golpe acertou Azagoth na parte inferior das costas. Ele sentiu sua espinha quebrar, sentiu suas costelas perfurarem os seus órgãos.

Sentiu que seu demônio interior estava totalmente ativo.

Quando bateu no chão, sua besta entrou em erupção, chifres e garras cortando sua pele. Hades também havia se transformado, sua pele cinza marmoreada com veias negras, seus olhos manchados de tinta, seus dentes parecendo os de piranha.

A necessidade de tirar sangue e carne dos ossos engoliu Azagoth em uma onda do mal. Este era quem ele foi durante a maior parte de seu mandato aqui, e ele abraçou seu retorno como um vampiro faminto saudando um bêbado que havia virado no beco errado.

Ele atingiu Hades com uma enxurrada de morcegos medonhos convocados que rasgaram o corpo dele, arrancando pedaços de pele e músculos. Hades gritou em agonia, e Cat berrou.

Merda. Azagoth virou quando ela o atacou. Por

mais enfurecido que estivesse, ele não a machucaria. Não se ele não precisasse.

Estendendo o braço, ele ergueu um escudo, bloqueando-a e os anjos caídos que se aproximaram. Era improvável que os caídos fossem uma ameaça, mas não se arriscaria.

Algo o atingiu na cabeça, e ele girou a tempo de receber um segundo ataque de uma pedra do tamanho de uma bola de basquete que Hades usava para mostrar suas habilidades em telecinesia.

Doeu, mas não era o suficiente. Nada que Hades pudesse fazer seria suficiente.

Sangue escorrendo pelo rosto, Azagoth sacudiu o pulso, e os morcegos medonhos voaram. Hades ficou ali parado, mutilado e sangrando, com a cabeça baixa, mas a raiva ardendo em seus olhos.

— Não... posso... deixar... você... fazer isso — disse ele entre respirações ofegantes.

— Eu sei. — A voz de Azagoth era pouco mais do que um ruído esfumaçado. — É por isso que você me substituirá. Você sempre foi um homem de honra.

Com um pensamento, Azagoth deu um golpe na cabeça de Hades que fez o homem cair no chão. O grito de raiva e agonia de Cat arrancou suas entranhas, mas apenas por um segundo. Ele não podia ser sentimental. As emoções eram mais do que inúteis agora. Elas eram um obstáculo.

Ele soltou a barreira e sinalizou para os anjos caídos buscarem Hades.

— Seu imbecil! — gritou Cat. — Como você pode?

— Leve-o — disse ele, o gelo em sua voz fazendo-a recuar. — Sheoul-gra pertence a Hades agora. Diga a ele para consertar a rachadura na gaiola de Satanás. E peço desculpas antecipadamente pela bagunça que estou prestes a deixar.

Ele se lançou no ar e apontou em direção ao portal de saída. — Vocês têm seis minutos para sair de Sheoul-gra. Vão.

Para movê-los, ele explodiu a área com uma corrente de fogo e depois os perseguiu com bolas de fogo até que todos se foram.

E então ele atingiu o portal com outra bola de fogo envolta em um feitiço que Cipher lhe dera. Ela espirrou contra o portal e se espalhou, derretendo-o como um marshmallow.

O Inner Sanctum estava agora selado.

CAPÍTULO 36

Os habitantes de Sheoul nunca foram especialmente atentos à política de seu reino. Ou de qualquer reino, para esse assunto.

Foi por isso que quando Flail estava no topo das ameias da fortaleza de Moloch, inalando o aroma almiscarado da sede de sangue e excitação, ela ficou perplexa com o exército de milhões reunidos no reino. Por que eles estavam tão dispostos a lutar por alguém que nunca conheceram ou sequer ouviram falar? O que Moloch prometeu a eles?

O movimento ao longo da parede abaixo chamou sua atenção, mas quando olhou, não havia nada lá. Estranho. Ela poderia jurar que havia visto algo grande e preto. Talvez o cão do inferno que Moloch alegou que estava à espreita. As coisas eram atraídas pela violência e pela morte, e, embora não pudessem lutar contra os exércitos de Satanás, podiam se defender e a seus companheiros de matilha, e comer qualquer pessoa ou qualquer coisa que já estivesse morta ou morrendo.

Moloch faria bem em colocar armadilhas.

Como se apenas pensando em seu nome o conjurasse, Moloch se materializou ao lado dela. O mais

sutilmente que pôde, ela colocou alguns centímetros adicionais entre eles.

Ele olhou para as centenas de milhares de fogueiras que se estendiam sobre as Planícies da Destruição e para o sopé das Montanhas do Massacre. —Glorioso, não é?

— Isto é. — Ela nunca viu um exército assim, e isso lhe dava arrepios ao saber que estava testemunhando a história. Ela cuidaria para que desempenhasse um papel de protagonista nas crônicas. E ela poderia se ele a designasse a algo além de tomar conta de Lilliana e supervisionar a apreensão do castelo de Satanás de Revenant. — Mas por quê?

— Aparentemente — rosnou Moloch—, Azagoth não vai libertar Satanás.

Interessante. Ela não estava muito surpresa com a decisão de Azagoth, afinal, libertar Satanás para salvar a vida de Lilliana teria sido um total tiro no escuro. Mas também era desafiar Moloch. Seu rosto parcialmente curado e o lado direito do seu corpo podiam atestar isso.

Ela se virou para olhá-lo de perfil e, como sempre, ficou impressionada com o quão bonito ele era. Mesmo quando queimava a carne da sua bochecha, ela ficou maravilhada por ter sido ainda *mais* atraente para ela. A luz sádica em seus olhos, a força de sua mandíbula enquanto a apertava, a ereção que ela sabia que ele usaria nela quando terminasse de fazê-la gritar.

E quão fodido foi que, quando ele enterrou seu

pênis nela, ela gritou novamente, mas em êxtase?

Ei, ela era malditamente má. Era autorizada a ter um orgasmo com dor. Mesmo que fosse a dela.

Ela ainda odiava Moloch pelo que ele fez com Maddox, no entanto.

— Se Azagoth não libertará o Senhor das Trevas, para que esse exército?

— Azagoth não vai apenas se sentar e deixar a morte da sua companheira sem punição. — Ele sorriu.

— Mas o que ele não sabe é que eu *montei* proteções para impedir que almas e *griminions* entrem na minha região. E se ele, de alguma forma, conseguir derrubar minhas defesas da maneira como fez com Bael, meu exército está equipado com armas que fragmentam almas e as forçam a recuar enquanto se regeneram.

Ela mal ouviu nada após a primeira frase. — Você já matou Lilliana?

— Você se importa?

— Claro que não. — Ela fungou, olhando para o exército de milhões. — Eu só queria assistir. Espero que ela tenha sofrido.

Na verdade, a ideia de que Lilliana havia sofrido deixou Flail um pouco... bem, ela não estava certa. Ela era malditamente má, e gostava disso. Mas, às vezes, uma matança limpa era a melhor maneira de fazer as coisas.

— Ela ainda não está morta. — Moloch enfiou a mão na cintura e retirou uma adaga retorcida, com a ponta perversa brilhando à luz alaranjada das tochas

nas ameias. Era um *aural*, uma das poucas armas capazes de matar um anjo ou um anjo caído. — Estou atribuindo a tarefa para você.

— Eu? — perguntou ela assustada. — Achei que você iria querer a honra.

— Tenho preparativos a fazer. Além do mais... acho que você precisa se livrar do sentimentalismo persistente que tem por ela.

— Eu não...

Ele a golpeou com tanta força que ela caiu de costas nas ameias e quase saltou por cima delas.

— Cadela mentirosa! — sussurrou ele. — Mate-a. E quando terminar traga a cabeça dela para mim. Eu quero que seja exibida no topo do meu mastro para que o exército de Azagoth veja.

— Sim, meu senhor — murmurou ela enquanto pegava o *aural*. — Como quiser.

— Você ainda parece hesitante. Talvez precise de incentivo.

O medo aumentou, e as partes em cura do seu corpo gritaram. — Não.

— Eu acho que você precisa. — Seus olhos se voltaram para as fogueiras e depois para ela. — Não confio em você para não poupá-la por pena, então vamos fazer o seguinte. Traga a cabeça dela e a levarei para ver Maddox.

Ela estava evitando o jardim dele por um motivo. Na *verdade*, ele acabara de lhe dar um incentivo para *não* matar o anjo estúpido. — Não preciso ver seu

espantalho novamente.

— Aquilo é apenas a pele dele — disse Moloch lentamente, desfrutando e saboreando o seu horror. — Ele ainda está vivo.

Sua boca se abriu, e ela teve que se forçar a fechá-la. — Você o... *esfolou*?

Ele estava vivo e sofrendo todo esse tempo? Ela agarrou o *aural* com mais força enquanto lutava contra o desejo de enterrá-lo no peito de Moloch.

— Era necessário expor seu sangue ao ar de Sheoul.

Ar? Sangue? O que Moloch fez ao filho da sua irmã?

— Não entendo — resmungou. — Por que você me disse que ele estava morto?

— Porque ele estava. — Ele encolheu os ombros. — Tipo isso.

Seu olhar se voltou para Fearr, o anjo caído no comando de uma legião de Soulshredders enquanto ela corria pelas ameias em direção a eles. Ela tecera farpas venenosas através de sua trança de ébano, transformando-a em uma arma criativa que Flail desejava ter pensado. As farpas estalaram contra sua armadura quando ela se aproximou, o machado na mão pingando sangue.

A batalha nem havia começado.

— Meu senhor — disse ela, olhando para os horrores de raptor do tamanho de um homem que patrulhavam os céus. — Recebi uma mensagem dos

Cavaleiros.

— Qual?

— A cabeça de Curson. Eles disseram que também têm Falnor, e virão atrás de mim. Quem pensaria que matar um estúpido demônio Seminus provocaria os Quatro Cavaleiros assim? — Ela jogou a trança por cima do ombro. — Mas não sei quantas horas tinha a mensagem. Falnor já pode estar morto.

— Lamentável — disse Moloch, e Flail teve que discordar. O anjo caído era tão estúpido quanto Fearr era astuta. — Falnor estava encarregado de executar desertores.

Fearr sorriu e levantou o machado. — Eu assumi os deveres dele.

— Bem feito. — Moloch deu um aceno de desdém. — Volte ao seu posto e cuide das suas costas. Se Azagoth for estúpido o suficiente para me atacar, Thanatos e Ares serão atraídos para a batalha.

Flail só podia ter esperança. Fearr era uma guerreira brilhante e a maior aliada do mal. Mas, francamente, ela era uma boceta. Além disso, ela seria uma competição pelos afetos do Senhor das Trevas. Flail não ficaria triste em vê-la empalada na espada de Thanatos.

No momento em que Fearr fez uma reverência e desmaterializou-se, um dos amigos de Moloch, um antigo anjo caído que controlava as passagens do rio Styx, pousou levemente ao lado dele, suas asas de couro esfarrapadas a acertou com uma rajada de vento fétido.

Esperando sua dispensa imediata, Flail se virou para ir embora, mas parou quando Assailtant falou, sua voz tão serrilhada quanto seus chifres.

— Recebi relatos de que o Céu sitiou Sheoul-gra.

Moloch jogou a cabeça para trás e riu, sua alegria ecoando nas montanhas distantes. — Boas notícias, Flail. Azagoth ficará ocupado por um tempo. Você pode levar o seu tempo matando Lilliana. Passe pelo menos uma hora. — Um gemido baixo e erótico surgiu no fundo de seu peito, e ela sentiu o cheiro acre de sua luxúria. — E filme isso. Azagoth deve ter uma lembrança. E estou com pouco material para minha coleção de pornografia.

CAPÍTULO 37

Quando Azagoth projetou o Inner Sanctum pela primeira vez, ele construiu cinco níveis, às vezes chamado de anéis ou círculos, em homenagem a Dante, que na verdade não havia acertado muito sobre nada. Nenhum dos níveis se baseava em pecados, mas em escalas de maldade, estabelecidas pela Ufelskala.

Ele recentemente adicionou um sexto nível, um para os poucos demônios que não eram maus. Assim como alguns humanos eram verdadeiramente, totalmente maus, havia demônios que eram total e completamente decentes. A única constante em que o Criador insistia era no equilíbrio, e tudo o que Azagoth foi encarregado de fazer servia ao propósito de manter a homeostase nos reinos humano e demoníaco.

O novo nível era agradável em comparação com todos os outros, embora a paisagem infernal ainda lembrasse Sheoul. Hades tentara replicar a atmosfera do reino humano de Sheoul-gra, mas o Inner Sanctum estava muito próximo do próprio Inferno, a membrana entre os reinos era muito fina. Tudo parecido com a Terra, das plantas aos animais, aos corpos de água, apodrecidos e corrompidos.

Os pés de Azagoth bateram no chão no primeiro nível quando ele se aproximou da plataforma central, o coração pulsante de cada anel. As plataformas estavam todas conectadas, funcionando como a coluna vertebral e o sistema circulatório de todo o Inner Sanctum. O que fosse feito a um nível da plataforma, seria feito em todos.

Ele subiu os degraus até o bloco circular e carnudo, grande o suficiente para suportar uma multidão de centenas, enquanto seus batimentos cardíacos batiam sob seus pés.

Mas hoje, haveria apenas dois.

Azagoth e Wraith.

Os *griminions* colocaram o corpo do demônio no topo da artéria principal que contorcia sangue que atravessava o bloco antes que eles fossem evacuados. O *griminion* original, Asrael, se juntaria aos Memitim na ilha de Ares, e o resto encontraria Hades. Ele era o mestre deles agora.

Azagoth pisou no olho de rubi de sessenta centímetros de diâmetro, bem no centro do bloco. Quase instantaneamente, a energia o infundiu quando ele, junto com Wraith, caiu através de cada nível, viajando como uma célula sanguínea através de uma artéria. Ele estava conectado aqui, seu corpo se tornando parte do sistema de suporte de vida do Inner Sanctum, sua mente consciente de cada alma individual.

Ele poderia foder todos eles agora. Poderia colocar pesadelos em todas as suas cabeças. Poderia

fazer com que cada um deles cortasse seus próprios pés com facas cegas. Mas hoje não era sobre diversão.

No último nível, onde estavam os piores dos piores, ele bateu na plataforma, enviando uma onda de choque através da terra como uma explosão nuclear. Ondas de energia malévola cavalgaram a explosão, chamando almas demoníacas em sua direção como mariposas em chamas. Elas não resistiram. Não conseguiriam.

Dentro da bolsa de couro no cinto da espada, as penas que ele guardara ali começaram a queimar.

Com muito cuidado, ele as removeu.

Ele levantou a branca, atravessada com grossas faixas de brilho dourado, era de Reaver. A preta, suas veias prateadas formando um delicado padrão de renda, pertencia a Revenant. Nos reinos humano ou demônio, elas seriam consideradas objetos de poder inimaginável.

Aqui, no Inner Sanctum, elas eram o poder *supremo*.

Vamos foder algumas merdas.

Ele soltou as penas, deixando-as flutuar como quisessem. Elas pairaram na frente dele, girando preguiçosamente, com expectativa.

— *Infileus ehni slurnjia* — latiu ele em Sheoulic.
— Procure o seu poder.

Abruptamente, elas começaram a brilhar, uma cercada por luz branca, a outra vermelha conforme extraíam energia diretamente de seus proprietários.

Sim.

A luz ao redor de cada uma se expandiu, ficando cada vez maior, até que suas energias se misturaram e o tragaram. O fogo chiou em sua pele quando ele foi levantado, seu corpo arqueando tão violentamente que sua coluna estalou.

— *Giarneri insa oriendi vestilo, iom ango du ensiliu tob unt tobu, holi unt unholi. Jal gia giarneri plaxionus!* — gritou ele, ciente de que isso poderia dar terrivelmente errado. — Sou um vaso do universo, enche-me do equilíbrio do bem e do mal, do santo e do profano. Me dê o que eu mereço!

As penas começaram a girar, cada vez mais rápido, disparando raios que atingiam muito longe, arrancando topos de vulcões e transformando lagos estagnados em poços ferventes de vapor.

De repente, as penas desapareceram, e uma dor ardente e escaldante se instalou entre as omoplatas de Azagoth. Seu mundo explodiu em fogo, dor e êxtase, até que ele não aguentou mais, e gritou com a sobrecarga sensorial.

E então acabou, e estava ajoelhado no chão, nu, a fumaça saindo de suas narinas. As cinzas flutuavam no ar que agora estava espesso com o cheiro de carne carbonizada. Ele olhou em volta, mas não havia demônios por perto, nenhum, exceto Wraith, e seu corpo ainda estava lá, bem morto.

Fui eu. Eu me queimei.

As cinzas flutuando no ar eram sua pele, seus órgãos, seus ossos.

Ele ficou de pé cambaleando e olhou para si mesmo. Ele parecia o mesmo... mas diferente. Anos atrás, quando foi incapaz de sentir alguma coisa, ele tirou as tatuagens de Thanatos, tatuagens carregadas de emoção que ele queria experimentar. Havia queimado várias e muitas desbotaram ou desapareceram. Mas agora elas se foram completamente.

O mesmo aconteceu com sua espada. Mas sua foice estava aos seus pés, e quando a pegou, um fluxo de fogo eterno do inferno consumiu a lâmina.

Isso era incrível pra caralho.

O poder o atacou, disparando ao longo de cada extremidade nervosa. Era como se todo o seu corpo fosse um canal para Sheoul e para o Céu. Suas energias se misturando dentro dele, criando um poço de combustível que estava pronto para detonar.

Demônios começaram a se aproximar dele, atraídos pelo seu poder. A multidão massiva se separou quando Sarnat, o irmão do Apóstolo da Morte que o ajudou a libertar seu exército de almas, caminhou em sua direção. Ele era grande para um Apóstolo e, ao contrário da maioria de sua espécie de feiticeiros, ele era um guerreiro em sua forma física. Aqui em Sheoul-gra, ele escolheu, como a maioria dos demônios, assumir a forma e a identidade de sua última vida, e até se vestia da mesma maneira. Armadura, armas, botas com lâminas nas solas e um espanador de couro com um capuz que escondia o rosto do usuário, para que nada fosse visível, a não ser um buraco negro como tinta.

Sarnat empurrou o capuz para trás, revelando um rosto comprido e magro e lábios pálidos descolados de dentes minúsculos e afiados. — As suas costas, meu senhor. Está saindo fumaça.

Azagoth colocou um espelho no ar atrás dele e, quando olhou por cima do ombro, prendeu a respiração. Fios de fumaça ondulavam para cima a partir de um intricado glifo queimado na pele da parte superior das costas e dos ombros.

Uma espada, *sua* espada, ele percebeu, varreu sua espinha, sua extremidade pontiaguda atingindo a parte inferior das costas. Entre seus ombros, duas asas formavam arcos graciosos em ambos os lados do punho. Cada pena em cada asa apresentava detalhes requintados, mas duas penas se destacavam com um brilho espetacular. Na asa direita, uma pena primária de ouro brilhante. Na asa esquerda, uma pena primária de prata cintilante.

As penas de Reaver e Revenant.

Funcionou. Funcionou, porra! Ninguém jamais fez o que ele acabara de tentar, e conseguiu. Não houve plano nem teste. Apenas muita pesquisa sobre feitiços semelhantes. Ele poderia ter se matado com o que fizera, ou poderia ter queimado todos os seus poderes.

Ele exigiu receber o que merecia. Poderia ter sido facilmente atraído e esquartejado.

Agora, para colocar os resultados à prova.

Roupas. Roupas seria bom.

E lá estavam elas. As roupas que ele vestiu para

descer aqui. Exceto que elas pareciam como se ele as tivesse usado em um apocalipse. Sua calça de couro estava desbotada e manchada de sangue que devia pertencer a ele. A camisa estava rasgada, o cinto da espada desgastado, as luvas manchadas como a calça.

Ele as quis limpas e novas.

Nada aconteceu. Tentou novamente. Tentou vestir roupas diferentes. Nada. Ele não conseguia jeans, camiseta, terno ou uma maldita camisa de hóquei. Tudo o que conseguiu foi ficar nu. Parecia que seus novos poderes vinham com algumas restrições estranhas.

Apocalipse chique, então.

Agora, ele precisava ver o que mais poderia fazer.

Ele se virou para Sarnat. — Hora de cumprir a minha parte da barganha que fiz com seu irmão.

— Você vai me libertar, sim?

— Foi com isso que concordei quando ele me ajudou a liberar os outros. —Ele convocou um fio do que parecia ser um barril interminável do poder mais sedoso, puro e sombrio. Fluía através do seu corpo como uma droga, e entendeu instintivamente como usá-lo.

Ele só necessitava pensar e depois canalizar a energia para o pensamento. Foi como invocara o espelho. Suas roupas pareciam estar em um circuito separado, com o qual brincaria mais tarde. No momento, ele queria fazer de Sarnat um ser corpóreo no reino dos demônios, mas sem usar a reencarnação ou fazê-lo possuir um corpo físico. Basicamente, ele queria *poof* Sarnat.

O Apóstolo da Morte fez *poof*. Se foi. Apenas sua armadura, armas e roupas permaneceram.

Merda. Ele teria que trabalhar nisso. Nunca foi tão fácil destruir uma alma.

Não que ele se importasse. O cara foi tão vil que praticamente comandara o quinto anel. Ele teria sido um aliado valioso, mas um inimigo implacável.

Ele tinha um excelente gosto por casacos, no entanto, e Azagoth o pegou do chão, com as fivelas tilintando. O capuz poderia ser útil.

Os demônios se aproximaram ainda mais, e estava cansado de perder tempo. Ele precisava descobrir essa merda.

Ele se prendeu ao demônio mais próximo, um Soulshredder cujo focinho estava preso em um sorriso perpétuo.

Tome forma.

O demônio grunhiu e cambaleou para trás. Por um momento, pareceu que ele poderia vomitar, e então sua forma tremeluziu como uma lâmpada moribunda. Ele levantou as mãos com garras e olhou enquanto seu corpo ficava completamente transparente.

Foda-se, sim.

Azagoth não conseguiu parar um punho levantado de sucesso do qual Journey teria orgulho. O Soulshredder agora podia ser uma figura fantasmagórica aqui no Inner Sanctum, mas nos reinos demoníaco e humano, ele seria corpóreo.

Azagoth repetiu, desta vez com um grupo de dez

demônios. Então cem. Mil. Depois cem mil, e achou que estava pronto para ir.

Ouçam-me.

Sua voz percorreu todos os níveis, para todos os cantos e dentro de cada caverna no Inner Sanctum. Ele sentiu a consciência de bilhões de almas, todas sintonizadas com o que ele ia dizer.

As paredes entre os mundos estão prestes a cair.

Nuvens de tempestade se espalharam por cima e relâmpagos chiavam entre elas.

Estou lhes dando uma forma para que vocês possam viver novamente a vida em Sheoul. Para se vingarem daqueles que os colocaram aqui. Encontrarem os companheiros que deixaram para trás. Matem. Comam. Fodam. Façam o que quer que faça os seus eus depravados felizes.

Ao redor, vulcões entraram em erupção, a lava jorrando nas nuvens e acendendo-as em chamas.

Mas primeiro, vocês vão destruir os exércitos de Moloch.

Abrindo as asas, ele socou poder em todas as células do seu corpo e se conectou à barreira entre os reinos. Ele segurava a foice sobre a cabeça, inspirando o fogo eterno do inferno que alimentava Sheoul-gra, o calor dela inflamando o sangue em suas veias como gasolina.

O reino estremeceu. Palmas maciças rasgavam o ar fumegante à medida que as rachaduras na estrutura do reino se expandiram, fissuras que se formaram

recentemente. Rupturas que Azagoth disse a Hades para não reparar.

Mesmo antes de Moloch sequestrar Lilliana, Azagoth sabia que algo grande estava por vir. Algo que ele precisava se preparar. Ele assumiu que se preparava para um apocalipse. Não o Apocalipse, pois ele não havia libertado Satanás. Mas seu tipo de apocalipse comum do dia-a-dia que parecia acontecer muito.

Quebrem-se!

Um tremor sacudiu o chão quando mais fraturas no tecido, visíveis apenas para ele, começaram a se formar nas barreiras cintilantes. Explosões sopraram através do reino, abafando os gritos aterrorizados dos demônios.

Tomem forma! Ordenou quando a barreira começou a quebrar. *Tomem forma e eliminem Moloch!*

A barreira se desfez como um painel de vidro espelhado, revelando um novo reino de montanhas escarpadas e enegrecidas e vales extensos emoldurados por um céu escuro e um brilho turvo e vermelho no horizonte.

Azagoth encontrou-se de pé na ponte levadiça de um castelo que arvorava a bandeira de Moloch, exatamente onde queria estar. Os demônios estavam fervilhando, montando defesas, preparando-se para a batalha.

Eles não sabiam que a batalha já estava aqui.

Ele disparou para o céu, voando alto para olhar a terra. Até onde os olhos podiam ver, por mais alto que

fosse, bilhões de demônios estavam envolvidos em uma batalha sangrenta e violenta. Seu exército pressionando para dentro em uma onda que estaria aqui em questão de minutos.

As gárgulas que viveram como estátuas durante anos em sua sala de guerra dispararam para o céu antes de despencarem para deslizar no topo de uma parede de perímetro distante. Os arqueiros de Moloch não podiam evitar serem empurrados pelas paredes às dúzias.

Azagoth estava livre, e o Céu e o Inferno aprenderiam o que aquilo significava.

CAPÍTULO 38

Algo estava acontecendo.

Lilliana não sabia o que exatamente, mas havia um zumbido elétrico no ar, tão forte que podia provar isso como um toque metálico em sua língua.

Ela assistiu de seu lugar acorrentado ao trono do crânio enquanto demônios atacavam a câmara principal de Moloch, suas armaduras retinindo e as armas brilhando à luz bruxuleante da enorme lareira. Um *demônio rinoceronte* de pele cinza quase a golpeou com uma maça quando se aproximou, e ela desejou que ele pudesse sentir seu olhar na parte de trás de sua cabeça.

Também desejou que seu olhar fosse um raio laser que pudesse explodir seu crânio.

Ela explodiria todos pelo que fizeram com ela. Com Journey e Maddox. Com Wraith. Com a sua filha, que não deveria ficar sem a mãe.

Ela nunca apreciou completamente o vínculo entre uma mãe e seu filho, mas apreciava agora. A dor de se separar assim era mais intensa do que qualquer coisa que já experimentou. Era muito além da dor física dos seios cheios ou da estranheza de um útero vazio.

Ela nem sabia se seu bebê estava bem. Flail

poderia estar mentindo.

Alguém gritou, e ela se forçou a deixar de lado a sua dor por enquanto. Logo haveria tempo para o desespero.

Os demônios se afunilaram perto das portas, mas um grupo deles se separou e abriu caminho para a entrada de Flail na parte traseira do grande salão. Ela parecia pronta para a batalha, seus cabelos negros puxados para trás, seu corpo protegido por algum tipo de armadura de couro preto flexível que, sem dúvida, era muito mais resistente do que parecia. Anjos caídos tinham o hábito de fabricar sua armadura a partir de peles de demônios, dando-lhes várias proteções especiais dependendo das espécies de demônios que tiveram a infelicidade de perder a pele.

— O que está acontecendo? — perguntou Lilliana enquanto o anjo caído subia na plataforma, suas botas pisando nos degraus.

— Moloch diz que o ataque de Azagoth é iminente — disse Flail, e Lilliana não pôde deixar de gritar em silêncio: *Sim!* — Ele está se preparando para um milhão de almas invadir a terra.

Ela chegou ao último degrau e os cabelos na nuca de Lilliana se arrepiaram. Ela não sabia o motivo. Poderia ter sido a maneira como Flail estava andando. Ou como ela olhou para Lilliana. Ou poderia ser a protuberância em forma de adaga sob sua longa capa preta.

— Parece — continuou Flail —, que Azagoth fez a

escolha tola de não libertar Satanás.

Lilliana queria soluçar de alívio e terror. Eram boas notícias. Notícias incríveis que preservariam todos os reinos por quase mil anos.

Mas isso também significava que ela provavelmente morreria agora.

E Azagoth... como ele lidaria com a morte dela? Ele voltaria ao que foi antes dela aparecer? Será que ter a filha nos braços seria suficiente para afastar a malevolência que havia marcado seus milhares de anos de existência?

Mais uma vez, assumindo que Flail não tivesse mentido.

Flail se aproximou, e Lilliana instintivamente alcançou seu poder. Claro, não estava acessível, e a única coisa que a tentativa conseguiu foi fazer as âncoras de suas asas palpitarem. Seu pulso acelerava a cada passo que Flail dava. Casualmente, ela juntou as pernas e ficou em pé, tentando parecer curiosa sobre a atividade que as cercava quando, na realidade, estava loucamente planejando uma maneira de revidar.

Ela poderia usar suas restrições como armas. A corrente envolveria o pescoço esguio de Flail muito bem. Mas Flail também tinha poderes de anjo caído à sua disposição, enquanto Lilliana estava tão impotente quanto um humano. Ela teria que agir rápido para agarrar o que estava bastante confiante ser um *aural* sob a capa de Flail.

— Flail?

Flail olhou em volta, sua expressão contemplativa. — Hmm?

— Moloch vai me matar, não é?

— Não — disse ela, mas o alívio de Lilliana durou apenas um batimento cardíaco. — Eu vou. — Flail não olhou para ela quando desengatou a corrente que ligava Lilliana ao trono e deu um puxão forte. — Vamos.

Lilliana não se mexeu, o que não fazia sentido. Flail poderia facilmente matá-la aqui como em outro lugar. Talvez fosse um instinto não seguir cegamente alguém para a morte. Talvez o perigo conhecido fosse melhor do que o desconhecido. Fosse o que fosse, Flail não teve paciência e puxou com mais força, arrastando Lilliana para fora da plataforma.

— Preciso filmar, sua vaca estúpida — estalou Flail. — Pensei que talvez você gostasse de um pouco de privacidade, mas se preferir que esses imbecis assistam e participem, eu posso fazê-lo aqui com a mesma facilidade.

Oh, bem, caramba, isso não era atencioso?

Mas a privacidade significava que Lilliana teria uma chance melhor de convencer Flail a desistir disso. Não era como se Flail fosse razoável ou algo assim, mas se tivesse contado a verdade sobre o bebê, talvez ela tivesse empatia suficiente para ser influenciada.

Provavelmente era uma coisa tola de se pensar, mas, neste momento, Lilliana estava desesperada.

— Quando você coloca dessa maneira, acredito que a privacidade seria adorável — disse ela

severamente divertida pelo olhar perplexo de Flail. O quê? Lilliana não podia ser sarcástica e educada em seus momentos finais?

Ela permitiu que Flail a guiasse como um cachorro na coleira até que chegassem a algum tipo de jardim. Era bonito, de uma maneira estranha e assustadora. Todas as plantas eram negras ou perigosas, desde as rosas que floresciam à noite com seus caules verdes profundos e flores sedosas da cor da meia-noite às írises azuis brilhantes que ficaram pretas quando estavam com fome de sangue.

— Devo ser comida de planta? — perguntou Lilliana, completamente séria. Havia grandes coisas com casulos aqui que poderiam digeri-la por inteiro.

Flail encolheu um ombro esbelto. — Não. Eu estava pensando de maneira criativa, que se eu tivesse que gravar um vídeo matando você, eu também teria um cenário dramático. O esplendor trágico da matança em um belo jardim e tudo isso. Um monte de demônios se masturbando com sua dor é meio cafona, sabia?

— Claro, claro — disse Lilliana, com a mente muito ocupada trabalhando em uma trama para realmente ouvir. Mas entendeu a essência. Os demônios eram nojentos, e Flail era um cineasta iniciante. Nenhuma dessas coisas livraria Lilliana da sua execução.

Uma sombra contornou uma das paredes, movendo-se tão rápido que Lilliana pensou que poderia ter imaginado. Ela mapeou os caminhos e as portas

enquanto andavam, e notou o número de guardas no topo das paredes. Havia muitos, mas pela aparência das coisas, ela não precisava se preocupar. A atenção deles estava totalmente focada em algo fora dos muros, e as gárgulas lutando contra os horrores de raptor no alto.

Ela parou, forçando Flail a parar.

— O que é que f...?

— Shh. — Lilliana sorriu ao som da batalha distante. — Você ouviu isso? Aquele é Azagoth?

Flail soltou a corrente. — Fique aqui. — Ela se lançou para o topo do muro e empurrou um guarda para o lado.

Como Lilliana não era uma idiota, ela tentou fugir. Infelizmente, Flail amarrou a corrente no chão e ela quase deslocou os ombros.

A sombra se aproximou, desvanecendo-se quando Flail se materializou e agarrou a corrente, parecendo tão agitada quanto a corrente soava.

— Não sei se esse exército pertence a Azagoth ou não, mas é grande. *Realmente* grande. E corpóreo. — Ela xingou, aparentemente falando mais consigo mesma do que com Lilliana. — Moloch não estava pronto para isso. Ele pensou que Azagoth mandaria almas. Mas existem milhões de demônios lá fora. Centenas de milhões.

Um estrondo ensurdecedor iluminou o céu de um vermelho brilhante e sacudiu o chão com tanta força que Lilliana tropeçou. Pedras caíram das paredes ao redor delas, esmagando plantas e arrancando galhos das árvores.

Ele está aqui. As forças de Azagoth estão aqui!

— Isso é ruim — murmurou Flail enquanto olhava para o céu, que chiava com uma teia de relâmpagos.

Outra explosão maciça enviou uma abalo sísmico através da terra, jogando Lilliana para frente quando Flail deu um passo para trás. Sem pensar, ela enfiou a mão sob a capa de Flail e pegou a arma escondida nas costas da mulher.

Flail encravou o cotovelo para trás, pegando Lilliana no queixo com um golpe estridente. Lilliana girou para trás em um vaso de planta aranha, e assistiu com horror fascinado o vaso cair no chão e centenas de aranhas do tamanho de sua mão correndo em sua direção e de Flail.

Flail sibilou, chutando uma e esmagando outra sob a sua bota. E, exatamente quando Lilliana se afastou de uma delas, suas presas pingando veneno que dissolvia a carne, todo o grupo virou fumaça.

Flail atacou Lilliana. — Dê-me a *aural*.

Lilliana colocou uma fileira de plantas de casulos rosnando entre elas. — Quão estúpida você pensa que eu sou?

Flail levantou a voz sobre o barulho brutal da batalha enquanto se aproximava. — Posso matar você sem ela, você sabe. — Para enfatizar seu argumento, ela sorriu e Lilliana gritou de dor quando sua pele se partiu em uma dúzia de lugares, cortes de dez centímetros se abrindo como se tivesse sido atingida por um chicote. —

Só vai demorar mais.

— Flail, por favor — disse Lilliana, dando um último motivo, desesperado. — Me deixe ir. Moloch não precisa saber.

— Ele saberá, por que me ordenou que levasse sua cabeça para ele.

Lilliana balançou a cabeça, esperançosamente não pela última vez. — Não importa. Moloch logo estará morto.

— Como você sabe?

Uma sensação sombria de satisfação e vingança tomou conta de Lilliana, e ela sorriu por cima de um dos estranhos casulos negros.

— Porque Azagoth não descansará até que ele esteja morto. Eu te prometo isso. Moloch é um homem morto. Ele apenas ainda não sabe disso.

De repente, Flail girou em um círculo, seu olhar se estreitando e procurando. — Algo está aqui conosco.

Ok, se Flail estava preocupada, Lilliana deveria estar também. Mas, por alguma razão, isso realmente não importava.

Provavelmente porque ela ia morrer, e não fazia diferença se fosse pela mão de Flail ou nas mandíbulas de algum monstro do mal.

Um borrão preto atravessou o jardim e bateu em Flail, girando-a em um barril. Ela se recuperou antes de cair e enviar uma saraivada de raios atrás de raios, mas ele desapareceu, evitando todos os raios. Então voltou, atingindo Flail por trás. O sangue espirrou e, por um

momento, Lilliana não teve certeza de onde o sangue viera.

Mas quando Flail rolou no chão, seu braço caindo em um ângulo não natural, Lilliana percebeu que sua mão estava faltando.

Olhos vermelhos e brilhantes observavam do fundo de algum tipo de planta com tentáculos, e Lilliana não conseguiu conter um suspiro.

Cão do Inferno.

Ela não podia dizer se era Malévola ou não, mas parecia estar do lado dela, e ela se aproveitou. Enquanto Flail lutava para ficar de pé, Lilliana atacou.

Flail bateu com o toco, pegando Lilliana no rosto. O golpe quebrou os ossos em seu rosto, e ela quase desmaiou de dor. De alguma forma, conseguiu não cair no chão como um saco de batatas, e devolveu o golpe, balançando a corrente em um arco que derrubou a cadela anjo caída no chão.

Se Flail se levantasse, Lilliana sabia que estava morta. Sem poderes, ela era basicamente um inseto, e Flail era um mata insetos.

Ela mergulhou em cima da outra fêmea, dando um forte baque no ombro quando bateu no chão, mas conseguiu enrolar a corrente em volta do pescoço de Flail e puxá-la com força.

Flail rosnou, e então Lilliana sentiu o poder do anjo caído quando seu sangue ardeu em chamas. Tudo dentro dela queimou, e ela gritou conforme fumaça saía da sua boca e nariz.

Cegamente, ela alcançou o *aural*, que caíra no caminho. Ela encontrou ao mesmo tempo que Flail, e elas lutaram, Lilliana sentindo a lâmina morder profundamente sua palma. Felizmente, o fogo dentro dela havia apagado, mas estava cansada, com dor, e sua visão havia duplicado. Talvez triplicado.

— Cadela! — chorou ao colocar toda sua força e desespero em arrancar a arma de Flail.

Tenho isso!

Ela não hesitou. Com um grito de determinação, ela mergulhou o *aural* na garganta de Flail e empurrou para cima com toda sua força. Os olhos de Flail se arregalaram de surpresa, e ela ofegou, sangue escorrendo pelos lábios.

A mínima sugestão de um sorriso curvou sua boca. — Muito bem — disse ela em um sussurro de dor.

— Para que conste — disse Lilliana —, eu não gosto disso.

— Tudo bem... gostar... um pouco. — As respirações de Flail começaram a jorrar quando seu corpo começou a ficar cinza doentio. — Eu... fodi... Cipher.

Verdade. — Ok, estou gostando um pouco.

Flail tossiu doentamente, a luz em seus olhos desaparecendo e, finalmente, se extinguindo. Se Lilliana ainda estivesse grávida, ela seria capaz de ver a alma de Flail sair de seu corpo, e um *griminion* chegar para levá-la a Azagoth. Ela quase sentiu pena de Flail, porque Azagoth não mostraria misericórdia.

Deslizou o *aural* sangrento do corpo de Flail e caiu para trás em exaustão.

De repente, houve uma língua lambendo seu rosto e um hálito de cão do inferno fedorento queimando suas narinas.

— Mal — se engasgou enquanto afundava os dedos no pelo espesso da fera. — Estou tão feliz em vê-la.

Mal nunca fora muito carinhosa e, mesmo agora, ela recuou e ficou a alguns metros de distância, com o rabo balançando suavemente.

Ferida, ensanguentada e com dores excruciantes, Lilliana considerou seu próximo passo. Primeiro, ela precisava se livrar da túnica de urtiga que a marcava como prisioneira. A armadura de Flail serviria como um substituto e, com a capa com capuz, Lilliana poderia até sair do castelo.

E provavelmente morrer na batalha.

Mas, primeiro as primeiras coisas.

Tão rapidamente quanto suas lesões permitiram, ela tirou as roupas de Flail e vestiu a calça e o sutiã esportivo, os quais estavam um pouco apertados, mas isso acabou sendo uma coisa boa, pressionando suas feridas. A armadura se encaixava perfeitamente. Até as botas se encaixavam bem.

— Tudo bem — disse a Mal enquanto colocava o *aural* no coldre na parte de baixo das costas —, vamos sair daqui. Não tenho ideia para onde vamos, mas vamos chegar lá ou morrer tentando.

CAPÍTULO 39

Azagoth nunca testemunhou a devastação de um tornado EF5 pessoalmente. Mas agora ele vira o que podia fazer com um ciclone que estava definitivamente na escala EF – Estão todos Fodidos^[16]. A pena de Revenant em suas costas formigava como se dissesse: *Você é bem-vindo*.

Ele estava no telhado da torre mais alta de Moloch, suas asas abertas, seu corpo de animal pingando sangue e olhou para a destruição que causara. O furacão monstruoso de oito quilômetros de largura que ele criara abriu um caminho através das forças de Moloch, sugando corpos e cortando-os como um liquidificador gigante.

Tão legal. Epicamente legal, como diria Journey. Journey, que nunca mais diria nada, graças a Moloch.

— Moloch! — gritou ele com seu poder, sua voz crescendo pelo vale, mesmo com os sons da batalha. — Encontre-me, seu covarde.

Uma explosão sinistra de calor chamuscou as asas de Azagoth, e ele se virou, enviando um raio laser de gelo comprimido ao recém-chegado. A pena de Reaver formigava, fornecendo suco e acesso a uma arma

angelical que era devastadora para seres malignos, como provou o grito de agonia de Moloch.

Isso também foi epicamente legal. Assim como a forma como o laser cortou a perna de Moloch na altura do joelho.

— Quem é você? — gritou Moloch quando bateu as asas em um esforço para permanecer em pé.

Em sua nova forma, besta maior e melhorada, Azagoth poderia engolir Moloch em duas mordidas. Talvez uma, se ele fizesse a outra perna combinar com a primeira.

Paciência. Encontre a Lilliana.

Com um pensamento, ele afastou seu demônio interior. Um instante depois, ele parou diante de Moloch, vestido com seus couros e capa chamuscados, sua foice queimando na mão.

— Quem sou eu? — perguntou ele, sua voz arrastando os próprios poços do Inferno. — Eu sou a morte e vim para você, imbecil.

Moloch ofegou e perdeu cada gota de cor em seu rosto. — Azagoth. Como...? Como você...? Como você está...?

Azagoth rugiu em fúria e piscou em direção a ele, pegando o desgraçado pela garganta. — Onde está Lilliana? — rosnou.

Terror fez os olhos de Moloch incharem, mas enquanto ele lutava com o aperto de Azagoth, o terror retrocedeu, e um sorriso demente subiu por sua boca cruel.

— Ela está morta, seu merda — mordeu. —
Realmente, realmente morta. — Ele sorriu, ficando completamente imóvel. — Se você sente tesão em filmes caseiros, vou compartilhar o vídeo com você.

Não!

Ele chegou tarde demais. Estava muito atrasado e Lilliana pagou o preço. A agonia o rasgou, misturando-se com raiva, ódio e a necessidade de destruir.

Azagoth enlouqueceu.

Com o coração gritando e o sangue fervendo, ele jogou Moloch da torre e o perseguiu pelo ar, atacando o anjo caído com sua foice enquanto ele tentava desesperadamente escapar. Azagoth listou os nomes de todos que Moloch matou enquanto tirava pequenos pedaços dele, pequenos pedaços de suas pernas, suas costas, suas asas, até que o cara parecia um boneco de trapo ensopado de sangue e comido por traças.

Os gritos de dor de Moloch alimentaram toda a escuridão na alma de Azagoth, e quando as asas arruinadas do anjo caído não o sustentavam mais, Azagoth riu conforme ele caía do ar e batia no chão.

Ele aterrissou em uma lama profunda de trituração dos tornados e, quando Azagoth pousou ao lado dele, seu rosto estava gravado de medo. Mas quando Azagoth ergueu a foice para dar o golpe final, Moloch voltou a sorrir e uma onda de poder o levantou e o curou em um instante.

Filho da puta. Azagoth procurou a fonte do poder, mas isso lhe custou. Moloch atingiu-o com uma

arma de dor, uma onda massiva de agonia que fez Azagoth vibrar até sua medula. Como ele fez tudo isso?

Então ele viu a figura na colina, armadura e capuz pretos de fuligem escondendo quase a forma de um homem. Um grande. E ele parecia enviar poder para ajudar Moloch.

Não era o suficiente.

Foi, no entanto, o suficiente para irritar Azagoth.

Com um rugido final, ele girou e socou duas adagas convocadas nos olhos de Moloch.

— Agora — disse ele enquanto o anjo caído gritava e tropeçava em uma corrida desesperada para fugir —, sua alma é minha.

Azagoth balançou a foice e cortou a cabeça de Moloch. A coisa mergulhou no demônio McSlurry, e a alma do desgraçado gritou quando se transformou em fumaça e desvaneceu-se em nada.

Bem, porra.

Azagoth olhou para sua foice em chamas e tomou nota de nunca decapitar ninguém com ela, se não quisesse destruir sua alma. Ele realmente queria fazer coisas horríveis com Moloch por alguns séculos. Queria passar dias seguidos fazendo-o pagar por destruir tudo na vida de Azagoth.

Ele perdeu seu reino, sua companheira, seus filhos. E, assim que o Céu o apanhasse, ele provavelmente perderia a vida.

Não que isso importasse. Mas, até lá, ele partiria para o massacre. Mataria todos os demônios que

lutaram por Moloch, e não se importava se isso libertaria milhões de almas demoníacas em Sheoul. Sem Sheoul-gra e seu Inner Sanctum, as almas ficariam vagando livremente, causando estragos em todos os cantos do Inferno.

E Azagoth não se importava mais. Equilíbrio? Foda-se. Foda-se todo mundo. Sua companheira estava morta e ele era um monstro.

Uma súbita mudança de pressão atmosférica o alertou para uma nova presença, e ele tirou a morte de Moloch de sua mente. O desgraçado já não merecia um único pensamento.

A figura que viu no topo da colina se aproximou a menos de cinquenta metros. Cintilou, e então estava a quarenta. Trinta. Vinte. Dez.

Cinco.

Azagoth esperou, a lâmina de sua foice queimando furiosamente, querendo transformar outra alma em um fio de tinta.

— Super Azagoth. — O homem estendeu a mão e afastou o capuz, revelando um rosto que Azagoth conhecia, embora faltasse muita pele. — Ou devo dizer, Pai.

As pernas de Azagoth tremeram, mas de alguma forma ele se manteve calmo. De alguma forma, ele empurrou seu choque ao seu estômago enquanto olhava para um de seus filhos favoritos.

— Ah, Maddox — rosnou ele, sua decepção virando rapidamente em uma raiva arrepiante. — Venha

para o papai, garoto. Você levará uma maldita surra.

CAPÍTULO 40

Revenant parou de bater com o punho na parede, uma barreira que ele já havia ultrapassado mil vezes na tentativa de encontrar uma fraqueza, enquanto uma estranha sensação de cócegas se enrolava em sua espinha.

— Puta merda — suspirou. — Acho que alguém está tirando energia de mim.

Blaspheme olhou para ele, assustada. Ela estava ajoelhada, examinando o chão de marshmallow novamente. — Do que você está falando?

Ele revirou os ombros como se isso ajudasse. Para registro, não ajudou. — É como se um minúsculo filete de energia estivesse vazando de mim.

— Para onde vai? — Ela ficou de pé muito menos desajeitada do que sempre que ele tentava. Este lugar era estranho. Apenas dê a ele um bom e velho buraco imundo e algemas. — Por que você acha que está sendo canalizado para alguém?

— Não sei. Apenas sei. Não deveria ser possível, mas está acontecendo. — Um chiado elétrico subitamente carregou o ar, e ele olhou em volta como se estivesse visível. — Você sente isso?

Ela fez uma careta. — É como se o poder estivesse flutuando. — Ela respirou fundo. — Rev?

— Blaspheme! — Ele correu em sua direção, saltando como uma bola em um trampolim enquanto ela se ajoelhava. — Baby, o que há de errado?

— Eu... — Ela começou a ofegar, gemer e, puta merda, ele ia morrer se algo acontecesse com ela. Ela era a vida dele. Sua razão para não ser um imbecil incurável e impenitente. — Oh meu...

Ele caiu de joelhos ao lado dela, enojado com o seu sofrimento, aterrorizado e... congelou. Ela não cheirava a medo ou dor. Ela cheirava... excitada.

Ereção instantânea. Paus não tinham noção do que era apropriado ou inapropriado.

— Revenant — sussurrou. Então ela estava em cima dele, empurrando-o de costas, com a boca na dele, frenética.

— Ei — disse ele enquanto ela rasgava suas calças. — Este pode não ser o local ou o momento para...

— Tem algo melhor para fazer?

— Bem, não. — Ela o pegou na mão, e sua resposta mudou para — *Definitivamente não*. — Mas ainda assim, o que diabos estava acontecendo?

— Blas? Querida?

— Shh. — Ela montou nas coxas dele, e depois as roupas dela estava fora, e ela se abaixando em seu pau duro. Ele gemeu, agarrando seus quadris quando seu núcleo molhado o engoliu. — Não sei o que está

acontecendo, mas é bom. Tão bom.

Ela balançou nele, e sim, ele concordaria com a avaliação *bom*. Inferno, ele concordaria com qualquer coisa que ela quisesse neste momento.

Ele era seriamente fácil.

A adrenalina subiu quando ela o montou, sua cabeça jogada para trás em uma exibição erótica de êxtase feminino. Ele adorava o modo como seus seios cheios espreitavam através de seus longos cabelos loiros enquanto eles pulavam com cada bombeamento das suas poderosas coxas.

A visão o enrijeceu tão forte que suas bolas quase ficaram apertadas. E quando ela estendeu a mão e as acariciou enquanto apertava seus músculos internos, ele gozou com um rugido que fez o chão de marshmallow tremer.

O que apenas intensificou o orgasmo com vibrações suaves que o provocaram desde a bunda até a ponta do pênis.

Ela gritou quando seu orgasmo a rasgou, e ele se juntou a ela com outro, seus quadris saindo do chão com tanta violência que ela teve que cravar as unhas em seu peito para não ser jogada para fora.

— Droga — suspirou, fechando os olhos e deixando o chão mole o apoiar como um travesseiro gigante. Certo, talvez ele estivesse errado ao preferir uma cela de prisão padrão. Pelo menos se sexo estivesse envolvido.

Quando se acalmou, ouviu o suave estalido de

asas. Bizarro... ele não sentiu as suas emergirem. Não, elas *não emergiram*.

Ele abriu os olhos e um conjunto de asas brancas com ponta violeta encheu sua visão.

Blaspheme olhava para eles em choque. — Minhas asas. Elas estão cheias de poder. Como pode ser?

Blaspheme era um anjo, mas nascera em circunstâncias únicas e nunca tivera pleno uso de seus poderes angelicais. Para que seu DNA angelical se ativasse completamente, ela seria obrigada a fazer uma viagem ao Céu, algo que nunca fez, e que não planejou fazer em um futuro próximo. A ativação total significava limitações nos lugares para onde ela poderia ir... incluindo o Underworld General, onde era uma médica respeitada.

— Você disse que este lugar foi construído com materiais do Céu. Talvez após ficar aqui por tanto tempo, seu DNA de anjo tenha acordado e lhe tenha dado status de anjo completo. Claramente, isso a deixou excitada.

Sua expressão se encheu de horror e decepção. — Mas eu não queria isso. Revenant, isso estraga tudo. Não poderei mais trabalhar no hospital.

— Talvez o Eidolon possa descobrir uma maneira de contornar o sistema de segurança — ofereceu Revenant. — Ele é bastante inovador.

Suspirando, ela desceu dele e, com um aceno de mão, vestiu jeans e uma blusa roxa, e se limpando,

fechou seu zíper.

Espera. Ele franziu a testa. — Blaspheme ... você está usando seus poderes.

— Claro, eu estou... — suspirou assustada. — Eu posso usá-los! Talvez seja todo esse Céu ao nosso redor. Está me enchendo com toda a sua graça.

Ele se abriu ao seu poder e, para sua surpresa, ele poderia realmente canalizar um fio quando o anjo nele acessou o combustível Celestial que de alguma forma se tornou disponível. Ainda assim, com o combustível Sheoulic habitual cortado, ele não tinha energia suficiente para fazer nada, exceto talvez mudar a cor do seu cabelo.

— Você acha que pode usar seus novos poderes para nos tirar daqui? — Ele fez um gesto abrangente que contemplou a sala inteira. — Você disse que esses materiais negam a energia do mal. E as coisas celestiais?

Ela olhou para cima. — Não pode machucar tentar.

Fechando os olhos, ela ficou em silêncio por um momento. Então, de repente, toda a sala começou a brilhar. As colunas de cristal iluminaram-se com uma luz ofuscante de ouro e prata, e o chão de marshmallow se solidificou.

Blaspheme estendeu a mão e segurou a mão dele quando uma fenda enorme serpenteou pelo teto. A sala tremeu, levemente a princípio, e depois se tornou um passeio ondulante, que os fez lutar para evitar tombar

nas colunas.

— Voá! — gritou ela. — Acho que podemos atravessar o telhado.

Parecia um bom plano para ele. Ele bateu as asas, apertou a mão dela e eles se lançaram. Instintivamente, ele a puxou para perto, preparado para protegê-la com seu corpo, mas sua companheira incrível fez algo pouco antes de atingirem o teto que abriu um buraco através dele.

Eles dispararam para cima, saindo do prédio e atingindo uma camada quente de gás vulcânico que sufocou os dois. Eles tossiram enquanto ascendiam, mas quando o gás diminuiu, uma nova sensação o atingiu com força.

Tanta coisa estava acontecendo. Batalha e morte. Dor, sofrimento. E de alguma forma, ele sentiu centenas de milhões de novas almas. Não, mais do que isso. Que porra é essa?

— Eu sinto muito... mal e caos — suspirou ela.

— Eu sei, Baby. — Ele se alimentou disso, subindo mais alto. Assim que pudesse piscar, ele iria para Sheoul-gra. Azagoth era o único que poderia gerar tantas almas. Ele as enviou atrás de Moloch?

Eles atingiram uma barreira que os empurrou, forçando-os a cair, mas mais uma vez, ele empurrou através disso e, de repente, sentiu que sua capacidade de desmaterializar se infundiu em sua alma. Com Sheoul-gra em seus pensamentos, ele acionou o flash.

De repente, o mundo caiu. Ele e Blas ficaram

fora de controle em um estranho vórtice que se esticava e girava. Uma névoa os cercava e, além dela, ele conseguia ver as imagens de prédios quebrados. Aquilo era... o palácio de Azagoth?

Merda. Eles precisavam sair daqui antes de serem sugados para algum reino desconhecido e sem saída.

Um pensamento rápido depois, ele os levou de lá para a ilha de Ares. O que também estava em um caos total, com mais pessoas correndo do que ele já vira anteriormente. Cães do inferno, *Ramreels* e *Memitim*?

Que porra eterna?

Blaspheme balançou quando seus pés bateram na areia. — Oh, meu Deus, Rev — suspirou. — Que lugar era aquele?

— Tenho certeza que é o que resta de Sheoul-gra. — Ele viu Limos, pronta para a batalha em sua armadura de Samurai, e acenou para ela.

— Onde você esteve? — Limos se aproximou dele, um pacote de raiva de cabelos negros. Ele nem sequer teve a chance de se defender antes que ela partisse e o golpeasse. Bateu nele com força suficiente para esmagá-lo em uma árvore. — E isso é por Wraith.

Blaspheme não perdeu o ritmo, não importava que o amor de sua vida acabasse de ser espancado. — O que aconteceu com Wraith?

Limos bateu os punhos nos quadris e olhou para ele. — Você quer dizer a ela, idiota?

— Nós não temos tempo para isso. — Ele se

levantou novamente. — Sheoul-gra desapareceu

— Nós... o quê? — A luz raivosa nos olhos violeta de Limos se apagou. — Você disse que *desapareceu*?

Quando ela disse isso, soava ainda pior. Realmente era um desastre de proporções bíblicas. — Está destruído. As almas, centenas de milhões... *bilhões* delas, estão soltas e enxameando Sheoul.

— De jeito nenhum. — O olhar de Limos ficou distante enquanto lutava com a enormidade da situação. — Oh, uau, é por isso que ele evacuou todos para cá — suspirou. — Até os animais. Puta merda.

— Sentimos uma batalha. Tipo, imensa na escala do mal — disse Blaspheme. — Deve ter sido isso que quebrou o feitiço de contenção em nossa armadilha. Moloch deve estar morto.

— Não sei sobre isso — disse Limos. — Mas Ares e Thanatos estavam aqui até algumas horas atrás, e então eles foram chamados.

Ares, como Guerra, era atraído para batalhas, onde era compelido a lutar. Não importava de que lado, desde que ele conseguisse matar. Thanatos, como a Morte, teria sido atraído pelo número de mortos em larga escala. Ele poderia lutar se quisesse, mas estava lá principalmente para espreitar e ser um pesadelo.

E oh, merda, falando de pesadelos... — Diga-me que Satanás não está livre.

Rev deu um suspiro de alívio quando Limos balançou a cabeça. — Azagoth recusou-se a libertá-lo. A batalha deve ser dele. Satanás não está livre. Azagoth

está.

— Suponho que ele foi atrás de Moloch.

— Moloch levou Lilliana — disse Limos. —

Então... sim.

O filho da puta levou Lilliana, um dos poucos anjos que Revenant realmente gostava? Bem, bom para Azagoth por enlouquecer e ir atrás de Moloch. Pena que todo mundo no reino demoníaco e humano pagaria por isso.

— Como ele fez isso? Como diabos ele destruiu Sheoul-gra e saiu com bilhões de demônios?

Limos deu de ombro. — Eu nem sabia que ele estava fora até você me dizer. — Ela cruzou os braços sobre o peito e o chamuscou com um olhar de ódio. — Agora, você contará a sua companheira o que você fez com Wraith?

Blaspheme olhou para ele com expectativa. Como se ela esperasse que ficaria realmente chateada.

Ele se preparou para um esfolamento verbal e algumas noites no sofá. — Moloch disse que a mataria se eu não removesse o feitiço de invencibilidade de Wraith — disse ele a ela. — Era a única maneira de me dizer onde você estava. — Ele olhou para Limos. — O Wraith está muito ferido?

— Mortalmente.

Blaspheme bateu com a mão na boca. — Ah, não.

— Está tudo bem. — Revenant as tranquilizou. — Amarrei a alma dele ao seu corpo para poder trazê-lo de

volta. — Pelo menos, ele esperava que pudesse. Ele nunca havia realmente tentado.

— O corpo dele estava em Sheoul-gra — disse Limos. — Todos pensaram que talvez Azagoth fosse poderoso o suficiente para liberar a alma dele. Acontece que ele não foi.

Então, por que Azagoth foi poderoso o suficiente para sair de Sheoul-gra? Como conseguiu o tipo de poder que precisava...?

De repente, o dreno de energia de Revenant fez sentido. Seu irmão gêmeo experimentou a mesma coisa?

— Onde está o Reaver?

Limos olhava o glifo de cavalo em seu braço, e ele se perguntou se o garanhão do inferno queria sair. — Não o vemos há alguns dias — disse ela. — Eu acho que ele nem sabe sobre o bebê.

— Que bebê?

— O de Lilliana. Algum anjo caído o contrabandeou para fora de Sheoul. Ares e Cara juraram criá-la como se fosse deles, caso acontecesse alguma coisa com Lilliana. — Ela olhou em direção ao palácio. — Não acho que Azagoth planeja voltar.

Filho da puta. Isso era pior do que ele pensava.

Blaspheme olhou para o caminho, seguindo o olhar de Limos. — Eu vou checar Cara e os bebês. — Ela olhou para Revenant. — Você vai fazer o que precisa fazer. Parece que há muita merda para limpar.

Isso foi um eufemismo. Acordos de milênios estavam em fumaça, um reino inteiro foi destruído, e

Sheoul estava prestes a se tornar ainda mais infernal do que já era.

Ele precisava ver Metatron. O que significava que ele precisava fazer algo que jurou não fazer novamente.

Ele deveria ir para o Céu.

CAPÍTULO 41

Reaver estava realmente cansado de ficar de joelhos. Pelo menos Hawkyn foi autorizado a andar pela câmara onde estavam trancados, mas então, o Memitim não tinha o poder para fugir.

A porta se abriu e Reaver quase caiu quando Revenant e Metatron entraram. Cada passo que Revenant dava, deixava marcas de queimadura enegrecidas no chão e, quando ele parava, veias negras se espalhavam de onde ele estava. Levaria muito trabalho para reparar os danos que ele causou ao reino com a sua mera presença, então o fato de estar aqui significava que as circunstâncias eram terríveis.

Ele inclinou a cabeça e olhou para Reaver. — Cara. É uma merda ser você.

— Por que você está aqui? O que está acontecendo?

— E onde você esteve? — exigiu Hawkyn enquanto atravessava a sala.

Metatron soltou as restrições de Reaver, e ele se levantou, estendendo as asas para mover as torções. — Estamos viajando para o inferno — disse ele. — Você não, Hawkyn. Você precisa se juntar aos outros

Memitim na ilha de Ares.

— Outros Memitim? — congelou Reaver. — Ilha de Ares? Do que você está falando?

Houve um longo e sombrio silêncio, como se nenhum deles quisesse compartilhar o que quer que tivessem vindo lhe dizer. Finalmente, Metatron falou.

— Sheoul-gra foi destruída — disse ele, sua voz mais grave do que Reaver já ouvira. Ele ouviu em silêncio atordoado enquanto o homem continuava. — Todos os Memitim e Não Caídos foram evacuados para a ilha de Ares. Hades e os anjos caídos que guardavam Sheoul-gra estão à solta, e os bilhões de almas que uma vez foram armazenadas no Inner Sanctum são demônios corpóreos, alguns dos quais encontraram o caminho para o reino humano.

— Em outras palavras — disse Revenant —, todo o inferno se soltou.

Reaver olhou sem palavras, sua mente acelerando com o significado do que acabara de saber.

— Há mais — disse Metatron. Porque, é claro, havia. — O colapso de Sheoul-gra abriu um buraco através das barreiras entre todos os reinos. Todos estão vazando juntos e formando... não sabemos o quê, mas a explosão destruiu o Vale de Eva aqui no Céu. Milhares de vidas foram perdidas. O reino humano se saiu melhor, mas apenas porque o rompimento da barreira ocorreu na Austrália. Todo o continente está pegando fogo, mas a perda de vidas humanas e animais é mínima.

Bem, essas eram notícias relativamente boas. Vários anos atrás, durante o quase apocalipse causado pelo rompimento de um dos Selos dos Cavaleiros, a Austrália foi reivindicada como um território demoníaco de Sheoul. Depois que os demônios foram banidos, a Austrália voltou ao domínio humano, mas ainda não foi repovoada.

— E o meu pai? — raspou Hawkyn. — Onde ele está?

— Achamos que está com seu exército na região de Moloch — respondeu Metatron antes de voltar a Reaver. — Todo anjo disponível está se dirigindo aos demônios no reino humano. O resto de nós está se encontrando com Megiddo para lidar com Azagoth.

Hawkyn se aproximou. — Então, eu vou com você.

— Não. — Metatron levou um momento para fazer uma careta para as veias negras subindo pelas paredes nubladas de cristal conforme o mal de Revenant se espalhava. — Não sabemos o que precisamos fazer.

— É por isso que você precisa de mim lá — disse Hawkyn. — Lilliana está segura?

— Não sabemos.

— Então você *definitivamente* precisa de mim lá. Meu pai não confia em nenhum de vocês, e por boas razões. Mas ele confia em mim.

— Confia? — perguntou Reaver, e Hawkyn lançou-lhe um olhar irritado. Reaver não disse como um insulto. Hawk havia feito a coisa certa ao informá-lo,

mas duvidava que Azagoth entendesse dessa maneira.

— Ele acha que eu o traí — admitiu Hawkyn. — E eu traí. Mas ele sabe que eu nunca permitiria que ele se machucasse. — Ele apontou o olhar esmeralda para Metatron, seu foco firme e afiado, tão parecido com o do seu pai, que Reaver quase sorriu. — Você me quer lá.

— Eu concordo — disse Reaver a Metatron. — Se Azagoth está incontrollável, precisamos de todas as vantagens que pudermos conseguir. — Ele fez uma pausa. — Você sabe como ele conseguiu destruir um reino inteiro?

Revenant flexionou suas asas. — Eu acho que posso saber. Você sentiu algo estranho? Como um dreno de seus poderes?

— Um dreno? Não, eu... — Reaver interrompeu, revirando os ombros. A torção em suas asas... não era uma torção, era? Era como se apenas a menor pontada de eletricidade passasse por suas âncoras. — Merda. Aquele desgraçado pegou nossas penas, não foi?

— Esse seria meu palpite.

Metatron fez uma careta para o mal que estava infectando a sala. — Precisamos ir antes de demolir todo esse prédio. Depressa.

Ele os tirou do prédio, seguindo uma trilha de passos enegrecidos. Os anjos já trabalhavam para mitigar os danos que Revenant causara, e olharam para Rev quando ele passou.

— Não faça isso, irmão. — Reaver o advertiu enquanto caminhavam, mas o brilho sinistro nos olhos

de Revenant disse que ele não estava ouvindo.

Rev estava tentando refazer seus passos para minimizar a destruição, mas agora, ele sorriu, atirou nos anjos um olhar afiado e fez algumas pegadas extras no chão branco outrora intocado.

Era algo que Reaver também teria feito, apesar do aviso. Eles eram definitivamente irmãos.

Uma vez do lado de fora, Metatron levou todos eles ao monte Megiddo, um lugar de significado angelical e local de milhares de reuniões e batalhas entre o bem e o mal. O topo da colina estava cheio de anjos de todas as Ordens, com uma porção extragrande de arcanjos, que sempre gostavam de pensar que estavam no comando, mesmo que os tronos segurassem as rédeas do Céu agora.

— Metatron — latiu Uriel enquanto caminhava na direção deles, com o rosto vermelho com fúria. — Você não tinha o direito de liberá-los. — Ele lançou um olhar desdenhoso para Revenant. — E você? Finalmente decide mostrar seu rosto e...

Revenant o atingiu com um raio tão negro que sugou a luz ao redor. Uriel derreteu em uma poça de água nos pés deles.

— Não mexa suas auréolas torcidas — falou Revenant para a multidão chocada. — Ele está apenas... descansando. Ele rodará no modo completo de idiota novamente em alguns minutos. — Ele bateu palmas e as esfregou em entusiasmo dramático. — Agora, o que vocês estavam falando?

— Eu juro — rosnou Phaleg enquanto espiava a poça de Uriel —, o Conselho de Ordens votará para exterminá-lo um dia, e eu liderarei a acusação.

O sorriso malévolo de Revenant acompanhou uma erupção de suas asas enormes. — Acho que Uriel pode estar um pouco solitário. O que você diz, Phaleg? Quer misturar os seus sucos?

— Chega! — latiu Metatron. — Quanto mais tempo ficamos sem fazer nada, mais danos causará Azagoth. Revenant pode nos levar até ele. Precisamos apenas descobrir o que *fazer* com ele.

— Não é óbvio? — disse Michael. — Ele deve ser destruído.

— Vai se foder — rosnou Hawkyn, e Michael teve a graça de parecer desconfortável. — Talvez vocês, idiotas insensíveis, fiquem bem com as asas das suas companheiras sendo entregues a vocês, mas Azagoth não. Ele não estava bem com seus filhos sendo assassinados também. Loucura, eu sei.

Todo o grupo explodiu em maldições e argumentos, alguns defendendo uma abordagem menos permanente a Azagoth, enquanto outros estavam firmemente no campo de matar primeiro, perguntar, nunca. O mais veemente do último grupo avançou quando a poça de Uriel começou a escorrer para a forma do anjo.

Reaver ficou morbidamente fascinado por isso. Revenant tinha algumas habilidades interessantes e criativas.

— Azagoth deveria ter sido destruído muito antes disso — disse Camael. — Ele está instável há eras.

Gabriel avançou com uma armadura dourada que havia sido a inveja de todos os anjos desde a primeira vez que ele a usou em batalha, e a luz refletida nela transformava demônios em cinzas em um raio de três metros. Ele nunca disse a ninguém onde a conseguiu, mas Reaver suspeitava que tivesse sido feita por elfos, que a maioria dos anjos nem sabia que existia.

— Camael, a única razão pela qual você quer Azagoth morto é porque sua companheira o fodeu e seu pequeno ego triste não pode lidar com isso. — Enquanto Camael estalou de indignação, Gabriel se dirigiu a todo o grupo, suas asas levantando-o do chão para que pudesse ver todos. — Sim, eu vejo a verdade. Quantos de vocês não conseguem lidar com o fato de suas companheiras ou filhas terem feito Memitim com Azagoth? Sorel? Jeriah? Metatron?

A cabeça de Reaver girou com tanta força que ele viu em dobro. — Tio? — Ele olhou incrédulo. — Tia Caila?

Metatron fechou os olhos e soltou um longo suspiro. Quando os abriu novamente, seu olhar estava firme e sem desculpas. — Caila deu à luz um Memitim antes de nos acasalarmos. Nenhum de nós se arrepende. — Ele se virou para Gabriel. — Eu não voto para destruir Azagoth.

— Olhe — disse Revenant, dando um passo à frente. — Vou facilitar isso para todos vocês. Vou

entregá-lo a Sheoul-gra, e podemos pegá-lo. Mas não deixarei que vocês o matem.

— Mas...

— Não.

— Você não pode...

— Eu disse não. E o próximo imbecil que discutir receberá o tratamento da poça.

Phaleg atacou na direção deles. — Como se atreve a nos ameaçar? Como se atreve...?

A poça de Phaleg era um pouco menor do que a de Uriel, mas não era menos perturbadora. Uriel estremeceu e manteve a boca fechada.

— Vocês são tão estúpidos — disse Revenant. — É por isso que os anjos sempre levam no rabo contra os anjos caídos. Já assistiram *Spaceballs*? Explica perfeitamente. O mal sempre triunfará porque o bem é burro. — Revenant sorriu e sacudiu sua sobrancelha. — Felizmente para vocês, eu sou mau. Vamos embora.

CAPÍTULO 42

Havia poucas coisas que Azagoth odiava mais do que ser traído. O fato de não ter visto através da farsa de Maddox o assombraria pelo resto da vida. Ficaria lá na prateleira ao lado da memória de Lilliana e da sua dor. Isso o corroeria.

E eventualmente acabaria queimando tudo o que restava de sua decência em cinzas.

Eventualmente era para os otários.

Ele queimaria tudo agora.

Ele se aproximou de Maddox, divertido quando Mad deu um passo para trás e escorregou em um crânio. Ao redor deles, a batalha ainda continuava, mas Azagoth silenciou o som. Todos aqueles gritos de dor eram irritantes. Ele só queria ouvir esse tipo de grito de uma pessoa.

— Lilliana está morta por sua causa — rosnou ele, sua voz pingando com raiva mal contida. — Seus próprios irmãos e irmãs estão mortos por sua causa. Meu reino inteiro está destruído por sua causa. E quando você estiver morto, será por sua causa também.

— Vamos lá, papai. — O capuz de Maddox caiu para trás, revelando um rosto nos estágios finais de

cura, embora ainda houvesse músculos expostos ao redor de suas têmporas e mandíbulas. — Você nem quer saber o porquê? Ou como?

— Não me importo. — Ele explodiu duas dúzias de demônios que se aproximavam deles. — Curve-se, garoto. Está na hora do cinturão.

Soltando um grito de puro ódio, ele explodiu Maddox com o equivalente angelical de balas de ponta oca. Maddox gritou, seu corpo tremendo loucamente, sangue espirrando no chão já ensopado de sangue com cada golpe invisível.

Azagoth bateu mais rápido. Mais forte. Mais. As balas eram agora de cinquenta milímetros e Maddox estava se despedaçando.

Morra, filho da puta.

Ele balançou a foice, mas em vez de tirar a cabeça de Maddox de seus ombros, a lâmina pegou ar vazio.

Azagoth rosnou e girou.

— Onde você está? — chamou. — Não me faça mandá-lo para a cama sem o jantar.

— Oh, agora você joga a carta de pai? — A voz irregular de Maddox, mergulhada em dor, veio de todos os lugares e de lugar nenhum. — Maldito vagabundo. — Houve uma pequena pausa e uma risada baixa. — Mas, ei, obrigado por matar Moloch. Aquele filho da puta me esfolou vivo. Disse que era necessário. Provavelmente sim, mas ele gostou demais.

Como Maddox estava fazendo a coisa invisível?

Como estava fazendo alguma coisa aqui embaixo? Como um Memitim que ainda não havia ascendido para ganhar suas asas, ele não deveria ter tanto poder. Apesar do que disse a Maddox sobre não se importar com as respostas às suas perguntas, ele realmente estava curioso.

— Mostre-se, Maddox.

Uma risada baixa e ensopada de sangue ecoou no ar. — É Drakiin agora.

— Idiota — bufou Azagoth. — Você sabe o que isso significa?

— Você sabe o que isso significa? — imitou Drakiin. — Porra, dâ. Descreve quem eu era antes de descobrir a verdade.

— E o que é essa verdade, *larvas*? — Azagoth explodiu um par de demônios que se aproximavam demais para o conforto.

Houve uma pausa longa, prolongada e dramática. — Que você não é realmente meu pai.

Bem, isso explicaria muito. — Sim? Ótimo. Torna mais fácil me absolver de qualquer culpa pelo pedaço de merda que você acabou sendo.

Azagoth ficou quieto e deixou o olhar sem foco. Às vezes, os objetos invisíveis se tornam visíveis quando você não está procurando especificamente por eles.

— Você ainda é meu... você é meu *pai*. — Drakiin deixou escapar, sua voz estridente. — Mas você não é meu sangue.

Azagoth quase riu quando se virou devagar, seu

olhar ainda desfocado. Drakiin parecia tão decepcionado com a reação de Azagoth.

— Quando eu era bebê, o Senhor das Trevas trocou meu sangue pelo dele. Ele planejou o dia em que precisaria ser libertado da prisão e sabia que você seria a pessoa que faria isso. Moloc e Bael estavam envolvidos desde o começo. — A risada de Drakiin cercou Azagoth, e ele cerrou os dentes, irritado. — Foi divertido ver você surtar sobre eles quando o tempo todo era eu quem puxava as cordas.

Azagoth piscou, arruinando seu foco. — Você? — Ele assumiu que Maddox fosse um laçao, não um chefe.

— Não no começo. Eu nem sabia que eu era agente adormecido até a tia Flail aparecer para me recrutar para a causa de Bael e Moloc. Ela acordou meu sangue real e eu nem sabia disso. — Ele riu novamente, soando mais forte. Recuperado da enxurrada das munições angelicais. — Bael e Moloc, os idiotas, pensavam estar no comando. Moloch pensou que ele governaria Sheoul até que Satanás fosse libertado. Ele não tinha ideia de que *eu* lhe dava seu poder. Que eu estava recebendo ordens diretamente do Senhor das Trevas, que incluía matar meus irmãos e irmãs apenas para irritar você.

Bem, porra. Satanás *estivera* em contato com alguém. Maddox. E isso foi possível graças à proximidade de Maddox da prisão de Satanás, bem como à rachadura que havia permitido vazar parte de seu poder.

— Mas sabe o que foi mais divertido? Assistir Lilliania comer as guloseimas que envenenei. Só lamento que o filhote não tenha morrido.

Concentrando-se em manter seu temperamento sob controle, Azagoth desfocou os olhos novamente, tão pronto para acabar com isso.

— Qual é o plano agora? — perguntou Azagoth, imaginando que se ele mantivesse Drakiin falando, ele não atacaria. Maddox nunca foi bom em multitarefas.

— Você acha que o Senhor das Trevas não possui inúmeros planos de contingência? — perguntou Drakiin, e lá... Azagoth viu um borrão no ar. — Farei alguns deles se tornarem ativos. Depois que eu matar você.

Azagoth explodiu o borrão com um zilhão de volts de tudo o que ele tinha. Drakiin gritou, tornando-se visível, seu corpo brilhando e chiando. Era isso. Isso acabaria com o desgraçado...

De repente, o chão abaixo deles entrou em erupção, e Azagoth foi jogado no ar, cheio de pedras e cadáveres. Ele abriu as asas e se estabilizou, mas algo atingiu uma, e ele girou loucamente, aterrissando contra o lado de uma montanha.

Ele se levantou e sacudiu-o enquanto seu corpo se curava. Onde estava Drakiin?

O chão abaixo ainda tremia, e ele viu uma pata enorme e escamosa alcançar a cratera deixada pela erupção. Depois outra pata, com garras enormes como a primeira. As extremidades foram seguidas por um focinho do tamanho de um ônibus escolar.

A coisa esquelética saiu da cratera, uma besta negra como um dragão com asas gigantes de membrana de couro e ossos afiados. Seus olhos ardiam tão alaranjados quanto as fogueiras mais profundas quando ele abaixou a cabeça e permitiu que Drakiin subisse em suas costas.

Filho da puta. Ele *não* iria fugir.

Azagoth enviou um vórtice sobre eles, um turbilhão de fogo e demônios convocados que arranharam e morderam Drakiin e a besta. A criatura gritou e mirou Azagoth. Atacou-o com uma rajada de fumaça, sua boca aberta vomitando lava.

Azagoth saltou de uma borda de pedra, mal evitando um respingo de dor derretida. Rodopiando por trás da criatura, ele bateu na frente dela com outra passagem de vórtice infernal. A fera empinou, derrubando o seu passageiros pelas costas.

Drakiin caiu e Azagoth deu um mergulho íngreme, mas quando estava prestes a arrancar Drakiin do ar, a besta o pegou com suas garras e o chicoteou das mãos de Azagoth.

Não. Isso termina agora. *Tudo* acaba agora.

Azagoth havia perdido a maior parte do que importava para ele, e o que restava, os seus filhos, estavam seguros com Ares.

Ele não tinha mais nada a perder, e se ele se destruísse na missão de acabar com Drakiin e os remanescentes do exército de Moloch, que assim seja.

A raiva aumentou conforme ele perseguia o

dragão de ossos por centenas de quilômetros de leitos de lava e por cordilheiras tão extensas quanto as Montanhas Rochosas. Atravessaram vales e desfiladeiros e, quando o dragão passou por um lago de resíduos, lançou uma onda que quase derrubou Azagoth.

Enquanto isso, Azagoth enviava saraivadas de ataques, constantemente derrubando a fera e quase derrubando Drakiin uma dúzia de vezes. Um ataque particularmente bem colocado arrancou parte do pé traseiro do dragão. A coisa soltou um grito e inclinou-se para a esquerda, diretamente no caminho de uma nuvem de cinzas vulcânicas.

Esta era a chance de Azagoth. Ele pressionou a criatura para frente, o ataque de seus poderes levando a coisa em direção à boca do vulcão. Drakiin disparou uma dúzia de armas diferentes que chocaram Azagoth com a força da sua potência, mas não importa quantas vezes o atingissem, não importa o quanto ele sangrava ou era queimado, ele continuava.

Sua raiva e necessidade de vingança eram tudo para ele.

Tudo.

O dragão gritou quando o vapor ácido o cercou, as cinzas entupindo sua garganta e dissolvendo seus olhos. Dirigindo-se para a cratera, Drakiin tentou desviá-lo, seu desespero se intensificando a cada batida das asas da besta.

E essa, aparentemente, era a fraqueza de

Drakiin.

Sem asas.

Sorrindo sombriamente, Azagoth disparou uma lança de raio na direção da bunda do dragão. A coisa gritou. Drakiin gritou. As asas da fera se travaram e, de repente, rolavam em um giro mortal. Drakiin aguentou firme, mas Azagoth o acertou com outra lança, e então Drakiin estava caindo, junto com o dragão, na boca do vulcão enquanto lançava lava para o céu.

Azagoth navegou pela cratera, esquivando-se das nuvens de vapor e das balas de magma, procurando sinais do dragão ou de Drakiin. O calor o chamuscou, e os gases queimaram seus olhos, mas ainda assim, ele olhou. Finalmente, ele aceitou que a prova da morte não aconteceria. Provavelmente queimaram instantaneamente na câmara de magma.

Eles se foram, mas Azagoth não havia terminado. Ele não acabaria até que não restasse mais nada do exército inimigo.

Nada sobrasse *dele*.

Raiva carmesim tomou conta. Ele explodiu tudo que estava à vista.

Ele era uma personificação da destruição quando atacava os exércitos, os de Moloch, o dele, não importava. Tudo precisava morrer.

— *AZAGOTH!*

Dezenas de vozes soaram como uma.

Enquanto Azagoth se aproximava, uma força invisível o pressionou como a sola de uma bota em um

inseto. Ele foi jogado, lutando o caminho inteiro, para o chão, aterrissando em uma colina ao sul do castelo de Moloch. Quando suas botas atingiram a terra, ele se viu cercado por anjos. Dezenas. Centenas.

Ah, e Hawkyn. Perfeito.

Anjos do caralho. Como eles estavam aqui? Como *poderiam* estar aqui?

Revenant.

Aquele cara sempre esteve à altura do seu nome. E ele era o único além de Satanás que poderia abrir uma região proibida para anjos em Sheoul.

Quão desesperado o Céu deveria estar para confiar que Revenant não mudaria de ideia de repente e prendesse todos eles.

O atual Rei do Inferno caminhou em sua direção, envolto em trevas. — Relaxe, garoto da alma — murmurou Revenant.

— Onde diabos você esteve?

— Longa história, conto mais tarde. — Revenant parou a alguns metros de distância, e Reaver apareceu ao lado dele. — Acalme-se.

— Você terá que me destruir — disse ele, e naturalmente, um monte de idiotas com auréolas concordou. Dois até aplaudiram. Ele os jogou longe, um verdadeiro choque para alguns dos sagrados protegidos que provavelmente nunca tiveram nada além de um trabalho confortável em uma mesa.

— Não vamos destruí-lo, imbecil — declarou Revenant. — Mas estamos levando-o sob custódia. —

Ele apontou para Reaver. — Bem, ele está. E o monte de paus que trouxemos conosco. Mas você entende.

Sim, ele entendia. E eles estavam prestes a receber o mesmo tratamento que ele dera a Drakiin e ao seu dragão azarado.

— Pai! — gritou Hawkyn. — Não faça isso!

Tarde demais. Azagoth estava saindo em uma chuva de fogo do inferno e sangue. Antes que a delegação dos anjos pudesse piscar, ele tirou Hawkyn do caminho e derrubou uma tempestade de maldade condensada sobre o resto deles. Ácido, fogo, eletricidade e uma porrada de demônios invocados colidiram com o grupo, enviando-os espalhados como pinos de boliche.

E então ele viu a visão mais bonita.

Hades e seus mil anjos caídos. Foda-se, sim.

Os anjos, ainda se recuperando do ataque de Azagoth, não viram os anjos caídos chegando. Os dois grupos se juntaram como um trovão, e a terra roncou até as montanhas distantes.

Algo atingiu Azagoth, algo que o derrubou de joelhos e o fez gritar enquanto sua pele queimava, e seus ossos eram moídos em pó. Ele ouviu o rosnado baixo de Revenant perto de sua orelha, mesmo que o cara estivesse a trinta metros de distância.

— Meu irmão te avisou. Agora, fazemos isso da maneira mais difícil. Que é a minha favorita, se você realmente quer saber.

Azagoth congelou, cercado por luz dourada produzida por um milhão de fios celestiais, o material da

lenda. Coisas que exigiam as habilidades de centenas de anjos e que não eram usadas em ninguém desde Satanás.

Coisas que doíam tanto que Azagoth podia gemer... e eventualmente desmaiar. Seu último pensamento foi que ele esperava não acordar.

Não havia nada para acordar.

CAPÍTULO 43

Lilliana não teve nenhum problema em sair do castelo. Na armadura de Flail e com o rosto escondido pelo capuz da capa, ela conseguiu correr pelo local com um objetivo que impedia que alguém a parasse. Não que eles tivessem dado a ela um segundo olhar, não com a batalha apocalíptica ocorrendo do lado de fora.

Os sons da guerra penetraram nas grossas muralhas do castelo que desmoronavam a cada explosão, a cada terremoto. Gritos, vibrações estrondosas que fizeram Mal choramingar, e o ruído de metal contra metal vieram de todas as direções. Uma vez, Lilliana até parou para ouvir uma voz que ela podia jurar que era de Azagoth.

Como ela havia desejado.

Malévola desapareceu durante a jornada, ficando visível apenas como um lampejo de sombra. Elas conseguiram sair tanto da fortaleza quanto do fosso antes da batalha a forçarem para um espaço estreito entre duas edificações desmoronando. Lilliana puxou uma espada do peito de um ogro e foi forçada a usá-la várias vezes. Por mais ferida que estivesse, por mais impotente que era sem suas habilidades de anjo, a

armadura superforte de Flail a impedira de sofrer mais danos, e ela conseguiu derrubar três demônios.

Ela perdeu a conta dos demônios que Mal matara, o que significava que eles não eram mais considerados parte do exército de Satanás.

Revenant voltara.

Ela queria fazer uma dança louca ao perceber isso. E então lhe ocorreu que os demônios ainda eram demônios, não importa para quem eles lutassem, e o perigo não foi a lugar algum.

— Ok, Mal, precisamos chegar a um Harrowgate. Você consegue sentir um? De preferência um que esteja realmente próximo.

Mal inclinou a cabeça e Lilliana repetiu a pergunta, mas ela não fazia ideia se a cadela entendia. Malévola soltou um gemido e escapuliu entre os prédios. Lilliana seguiu, esquivando-se de demônios e machados destinados a sua cabeça.

Elas passaram pela batalha pelo que pareceram horas, escalando corpos e caminhando pela carnificina que às vezes tinha trinta centímetros de profundidade. O pior de tudo era um campo de sangue que se estendia até onde ela podia ver. Ela nem queria saber o que causara isso.

A luta ficou mais densa à frente, e... merda, ela esperava que Mal a estivesse levando para um Harrowgate. Pelo que sabia, Malévola a estava levando ao pub local.

— Mal! — disse ela em um sussurro duro. — Eu

acho que...

Ela se interrompeu quando um formigamento de consciência se espalhou por sua pele. Ela se virou, ofegando ao ver um cavaleiro blindado em um enorme cavalo de guerra. O cavaleiro tirava as cabeças de pescoços enquanto o garanhão jogava demônios com seu peito poderoso e pernas grossas.

E vinha diretamente para ela.

Thanatos

Ela chamou, mas ele continuou vindo, sua espada pronta para golpear.

Algo a atingiu como um trem, puxando seu braço enquanto a arrancava do caminho. Ela sentiu a respiração do garanhão em seu rosto uma fração de segundo antes de ver pelos, dentes e escuridão, e depois luz ofuscante quando seus pés bateram na areia.

Mal a soltou, mas caramba, o aperto dela deixaria dentes na armadura. Valeu o salvamento, no entanto.

Ela puxou ar fresco que cheirava a oceano e frutas cítricas, mas imaginou que levaria semanas para tirar o cheiro de Sheoul das suas narinas.

Cobrindo os olhos com o braço enquanto esfregava o ombro torcido, ela tentou descobrir onde Mal a levava.

Demorou cerca de dois segundos.

A Ilha de Ares. *Sim!* Com um soluço de alívio, ela abraçou Mal. — Por que você não me tirou do jardim horas atrás, seu animal estranho?

Mal não respondeu, e Lilliana percebeu que não havia pedido para trazê-la aqui. Nem sequer lhe ocorreu. Ela não pensou que cães do inferno pudessem teletransportar pessoas, mas supôs que fazia sentido, pois eles eram capazes de transportar suas presas vivas entre os reinos.

A cadela aguentou seu abraço por alguns segundos, e então se afastou do abraço e se meteu nos arbustos. Partiu o coração de Lilliana o jeito que ela viveu aqui, e teve que assistir a besta ser assediada e intimidada pelos outros. Ela era pequena para um cão do inferno, cerca da metade do tamanho que deveria ser, e os cães do inferno não eram conhecidos por sua natureza acolhedoras.

Após se certificar de que Mal estava bem, ela percorreu o caminho e as escadas para o palácio. Um dos guardas Ramreel a bloqueou quando ela chegou ao patamar, mas quando a reconheceu, ele sorriu. Foi a primeira vez que ela viu um sorrir, e foi um pouco perturbador. As coisas com cabeça de cabra não deviam desnudar os dentes dessa maneira.

— Lilliana — disse ele ríspidamente. — Nós pensávamos que você estava morta.

Ela pensou a mesma coisa algumas vezes. — Surpresa.

— Espere aqui. — Ele se afastou, os cascos estalando nas calçadas de pedra.

Ela esperou, com o rosto voltado para o céu, absorvendo o sol que realmente acreditava que nunca

mais veria. E, na verdade, esta pode ser a última vez. Quando voltasse a Sheoul-gra com Azagoth, voltaria a cumprir os termos de seu acordo com o Céu, e não seria autorizada a sair. Especialmente se Azagoth fosse punido por libertar almas.

— Lilliana! — gritou Cara de alegria e correu em sua direção. — Você está viva. Não acredito!

Elas se abraçaram, riram, choraram e, quando se separaram, Cara olhou Lilliana de cima a baixo. — Adoro o novo visual. Fodão. — Seu sorriso brilhante desapareceu um pouco. — Oh querida. Você está bem? Como você conseguiu fugir de Moloch? Onde está Azagoth? — Antes que Lilliana pudesse decidir qual pergunta responder, Cara apertou um pouco o braço de Lilliana e a guiou em direção à porta da frente. — Sinto muito, estou bombardeando você com perguntas. Vamos entrar.

Um Ramreel as encontrou com uma bandeja de bebidas geladas, e Lilliana praticamente atacou o cara. Ela bebeu um copo de limonada e um chá gelado de água de rosas antes de Cara tomar seu primeiro gole. Tudo o que conseguia pensar era que era melhor o criado não trazer lanches, ou era provável que ela também comesse a bandeja.

Cara pediu sanduíches e gesticulou para a área de estar fora da cozinha, mas Lilliana dispensou com um aceno.

— Não posso — disse ela, pegando sua terceira bebida. Estou muito ansiosa. Preciso ir para Sheoul-gra.

Por alguma razão, Mal me trouxe aqui.

— Sim, sobre isso... — Cara parou, e o intestino de Lilliana rolou lentamente, derramando um pouco de líquido ao redor.

— O quê? — Lilliana pousou o copo na mesa com uma mão trêmula. — Cara? Conte-me.

— Me siga. — Cara sinalizou para outro Ramreel membro da equipe. — Entre em contato com Reaver. Diga a ele que Lilliana está aqui.

Com o coração alojado firmemente em sua garganta, ela seguiu Cara até o berçário. Ela ficou surpresa ao ver dois berços.

E dois bebês.

Cara foi até um dos berços e, quando ela pegou gentilmente o recém-nascido adormecido lá dentro, Lilliana soltou um soluço. Ela sabia. Sabia com todo seu coração e alma que o bebê era dela. Ela não conseguia tirar os olhos cheios de lágrimas do belo embrulho quando Cara se aproximou.

— Esta é Raika — murmurou Cara. — Sua filha.

O coração de Lilliana explodiu quando ela pegou o bebê nos braços. — Não posso acreditar. — Lágrimas embaçaram sua visão, e ela teve que falar em torno do nó na garganta, mas não quis de outra maneira. — Pensei que nunca mais a veria.

— Ela é perfeita — disse Cara. — Mas deixe-me dizer, ela tem um conjunto de pulmões. Quando ela chora, os peixes no oceano a ouvem. — Ela sorriu e mexeu um pezinho coberto de meias. — É daí que o

nome veio.

Uma pontada ansiosa beliscou sua barriga. Ela e Azagoth não tinham decidido nomes, e odiava que ele tivesse que inventar algo sozinho.

— O nome dela significa oceano? — Olhou para a amiga. — Por favor, me diga que não significa peixe.

— Ah não. — As bochechas de Cara se aqueceram. — Significa boca do inferno.

— O quê? — Lilliana olhou para o rostinho doce e se perguntou o que passara pela cabeça de Azagoth. — Não consigo imaginar o que ele estava pensando.

— É uma palavra élfica ou algo assim — disse Cara. — Eu acho que ele só precisava de algo para chamá-la e, sério, apenas espere até você ouvi-la chorar.

Bem, Raika era um nome bonito. Talvez possa ser um nome do meio. Mal podia esperar para conversar com Azagoth sobre isso.

— Você me perguntou se eu sabia onde Azagoth estava — disse Lilliana. — O que você quis dizer?

Inquietação colocou vincos nos cantos dos olhos de Cara. — A última vez que ouvi, ele estava em Sheoul, lutando contra Moloch.

— Então ele *estava* lá. — Lilliana sorriu. Ele foi atrás dela. Sua alegria desapareceu, no entanto, quando Cara ficou pensativa, seu peso mudando de pé para pé. — O quê? O que foi?

— Ele estará com muitos problemas, Lilliana. Ele...

— Eu sei. Ele liberou um monte de demônios do

Inner Sanctum e fugiu de Sheoul-gra, mas tenho certeza que ele receberá uma advertência leve.

Até para seus próprios ouvidos, isso soava como uma besteira.

— Não — disse Cara suavemente —, ele não deixou escapar apenas alguns demônios. Ele deixou todos saírem. E então ele destruiu Sheoul-gra.

Lillianana congelou, incapaz de processar o que sua amiga acabara de dizer.

— Não — disse ela —, isso simplesmente não faz sentido. Isso não... — Ela parou porque absolutamente fazia sentido.

Azagoth sempre foi autodestrutivo, e se ele acreditasse que ela estava morta ou que sua morte era iminente, ele implodiria. Se ela não soubesse mais nada sobre seu companheiro, ela sabia disso.

E era o que ela temia.

— Oh meu Deus — sussurrou. Segurando o bebê perto, ela afundou na cadeira de balanço ao lado do berço. — O que acontecerá com ele?

Cara caiu de joelhos ao lado dela. — Eu não sei muito. Ares e Thanatos foram atraídos para a batalha horas atrás. Não ouvi nada até algumas horas atrás, quando Revenant e Blaspheme apareceram. Ele disse que Sheoul-gra foi destruída. — Ela balançou a cabeça. — Sabíamos que Azagoth planejava algo grande, mas não sabíamos o quê.

— Como? — perguntou ela, tão entorpecida que sua voz era plana. — Como você sabia que ele planejava

algo?

— Ele enviou os Memitim e os Não Caídos para morar aqui conosco. — Ela acariciou os cabelos pretos e finos de Raika. — E nos deu o bebê para criar, caso você não voltasse.

Um soluço se soltou do peito de Lilliana no final. Tudo o que ela conhecia se foi. Sheoul-gra poderia ter sido um pouco uma prisão, mas foi uma prisão com Azagoth. Ela preferia estar no Inferno com ele do que no Paraíso sozinha.

— Sinto muito, querida. — Cara entregou-lhe um lenço de papel.

Lilliana assentiu em gratidão. — O que aconteceu com Revenant?

— A última vez que ouvi falar, ele estava a caminho para conversar com alguns anjos importantes para descobrir o que fazer com Azagoth. Blaspheme foi para o Underworld General. Eu acho que ela é um anjo totalmente auréola agora, então ela não pode entrar. Não entendo direito como isso aconteceu, mas não sou tão versada nos modos do seu povo.

Como humana, Cara era uma pessoa de fora no mundo deles, mas estava mais familiarizada com isso do que se dava crédito.

— Preciso saber o que está acontecendo — disse Lilliana, levantando-se. — Azagoth precisa saber que eu ainda estou viva.

Algo bipou, e Cara pegou o telefone no bolso do short. — É Harvester. Ela está vindo buscá-la.

— Por quê?

Cara sorriu. — Eles capturaram Azagoth. — O sorriso dela desapareceu. — Eles o prenderam e... eles precisam de você.

Lilliana correu para Cara. — Você pode olhar Raika um pouco mais?

— Claro. — Cara pegou o bebê e, embora Lilliana soubesse que a deixava nos melhores cuidados disponíveis, ainda doía. Mas não demoraria muito para que elas estivessem juntas novamente.

Ela só esperava que *juntos* incluíssem Azagoth também.

CAPÍTULO 44

Azagoth passou de uma prisão para outra. Sua liberdade duraria menos de vinte e quatro horas.

E ele não dava a mínima.

Sem Lilliana, ele não tinha nada. Se o Céu queria que ele apodrecesse aqui por toda a eternidade, ele estava bem com isso. Mas preferia que eles o matassem.

Eles não pareciam inclinados a fazer isso, no entanto. Não importa o quanto eles os insultou, ou quanto cruelmente os atacou quando eles tentaram entrar na cela, eles apenas riram.

Caralho.

Eles o deixaram em uma sala branca sem característica que se expandiu para isso, até onde ele podia dizer, não havia limites. Apenas... espaço. Era um tipo único de tortura que apenas os anjos podiam conceber.

Brancura sem fim. Como o que havia dentro dos seus malditos crânios.

Uma porta preta meio que surgiu do nada, e Azagoth rosnou. A cela anulava o seu poder, mas ele ainda tinha dentes, garras e...

De jeito nenhum. Ele não conseguia respirar. Não

conseguia se mover. Não conseguia dizer uma maldita coisa.

Lilliana!

O sorriso dela quando ela se jogou pela porta foi a coisa mais incrível que ele já viu. Seu coração explodiu e ele atacou-a, tarde demais, lembrando que tinha cerca de seis metros de altura e presas do tamanho do antebraço dela.

Ele deveria saber que isso não importaria para ela. Ela se jogou contra o peito dele e não vacilou quando ele enrolou suas garras ao redor dela.

— Azagoth — murmurou contra suas escamas.
— Você está bem. Você está seguro.

Putá merda, ele não podia acreditar que isso estava acontecendo. — Você está viva. Oh, obrigado, porra, você está *viva*. — Sua voz retumbou das profundezas escuras de sua fera, mas enquanto a segurava, seu corpo começou a se transformar. Alguns segundos depois, eram seus braços ao redor dela, não suas garras, e ele podia sentir o calor delicado dela contra sua pele. — Como isso é possível? Moloch disse que você estava morta.

— Eu quase morri. Mas recebi a assistência de Malévola e ela me levou à ilha de Ares. — Ela deu um passo atrás para olhá-lo. — E eu vi Raika. — Uma sobancelha castanha arqueada. — Boca do Inferno? Sério?

Ele riu. — Nós podemos mudar isso. — Supondo que ele não fosse executado, ou pior, preso por toda a

eternidade. Qualquer uma das quais era uma possibilidade real, apesar da recusa do Céu em matá-lo até este momento.

— Não — suspirou ela —, eu gosto. — Ela reconsiderou por um momento. — Bem, talvez como um nome do meio.

— O que você quiser. — Ele daria a ela qualquer coisa em seu poder, que, neste momento, era limitado.

Ela se dobrou nos braços dele novamente, e ele esfregou a mão em sua brilhante armadura preta. — Este é um novo visual. Eu gosto.

— Sim? — Ela esfregou a palma da mão sobre a manga gasta do casaco dele. — Bem, você tem algum tipo de gostosura acontecendo aí.

Seu coração batia contra o dele, embalando-o em uma sensação de paz que ele não tinha desde antes de tudo isso começar.

— Sinto muito por tudo. Sheoul-gra, Journey e Maddox...

— Shh. — Ele acariciou seus cabelos, perdido demais no momento para querer voltar aos lugares horríveis em que esteve. Eles honrariam Journey e seu sacrifício, e ele contaria a ela sobre Maddox. Mas agora não.

— Ah, Azagoth — suspirou. — O que acontecerá agora? — Ela olhou para ele, sua expressão feroz, combinando com a impressionante armadura que ela usava. — Eu não vou deixá-los te machucar.

Antes de saber que Lilliana estava viva, ele não

se importava com a resposta a essa pergunta. Mas agora, ele tinha uma opinião muito grande.

— Ei, idiotas — chamou ele. — Qual é o plano?

Claramente, eles esperavam por um sinal. A porta se abriu novamente. Ele gemeu quando Uriel entrou, seguido por Reaver, Harvester, Metatron, Jophiel, Gabriel e aquela fodido, Phaleg.

— Uh-oh — disse ele. — Todos os grandes estão aqui. Acho que estou aqui para uma repreensão.

Metatron não parecia estar com humor. — Perdemos muitas vidas na batalha, Azagoth. Entre você e os anjos caídos de Hades, nossas fileiras foram dizimadas.

— Eu diria que sinto muito, mas... — Azagoth deu de ombros.

Uriel olhou furioso. — E eu diria que você poderia ir para o Inferno, mas mesmo eles não querem você.

— É verdade. — Harvester bebeu uma bebida tropical rosa em sua mão. — Revenant não está emocionado com a bagunça que você fez. Quero dizer, ele está impressionado, o moinho de tornados foi especialmente criativo, se eu posso dizer, mas ele está insistindo para que você não volte.

Metatron, vestido com um manto formal branco e dourado, ainda parecia bem danado. Azagoth realmente não conhecia o arcanjo tão bem, só o viu duas vezes, e isso aconteceu vários milhares de anos atrás, mas ele sabia que esse era um cara que não deveria irritar.

— Você destruiu o Inner Sanctum e destruiu Sheoul-gra. — A voz profunda e ressonante de Metatron cresceu no espaço. — Você liberou todas as almas. Cada uma delas. E não as liberou apenas como almas, que têm poder limitado no mundo físico. Não, você as tornou corpóreas, então agora existem bilhões de demônios invadindo os reinos.

— Isso não é totalmente preciso — disse Azagoth, irritado, e muito pelo seu pensamento anterior de não irritar Metatron. — Bilhões foram mortos durante a batalha.

Os olhos de Metatron brilhavam prateados quando ele atingiu outro nível de raiva. — E agora, porque você destruiu Sheoul-gra, não há para onde as almas dos mortos irem. Você causou danos imensuráveis aos reinos celestial e humano, e violou os termos do seu contrato de livre vontade e repetidamente.

— Além de tudo, você é um idiota — acrescentou Phaleg.

— Enorme idiota — concordou Uriel. — Você merece morrer pelo que fez, mas também é realmente poderoso, e precisamos de você para ajudar a combater Satanás, assim nossas mãos estão atadas.

— Você *pagará* pelo que você fez. — Jophiel era o único entre eles vestindo armadura, suas placas de metal brancas imaculadas eram feitas para repelir o mal, e Azagoth teve que se apoiar por causa da pressão exercida sobre seu corpo. — *Muitas* pessoas pagarão pelo o que você fez.

— Não é suficiente — estalou Uriel. — Ele está saindo fácil. Eu ainda digo que devemos matá-lo.

— O Conselho das Ordens decidiu — disse Metatron. — Ele não está se safando de nada. Ele ainda será punido.

— Não serei enjaulado novamente — rosnou Azagoth, e Lilliana assentiu em concordância.

— Essa não é a punição. — Reaver, vestido casualmente de jeans e uma camisa azul desajustada, deu a todos, menos a Harvester, um olhar de não brinque comigo, e Azagoth teve a sensação de que ele era um grande motivo para Azagoth não enfrentar a execução. — Você terá um novo dever.

Phaleg murmurou algo baixinho, e Uriel parecia ter chupado um limão, mas sua voz era forte quando ele se dirigiu a Azagoth.

— Enquanto nos preparamos para o Fim dos Dias — disse Uriel —, estamos descobrindo que precisaremos de mais anjos para ajudar. Agora, também temos grandes danos para reparar. Vamos tirar todos os anjos dos seus deveres de escoltar almas humanas através do Nether até os seus destinos finais. Como o Inner Sanctum foi destruído e não há lugar para manter almas demoníacas, seus *griminions* estão sem emprego. Eles podem substituir os anjos até Hades reconstruir Sheoul-gra.

Azagoth não os deixou ver seu alívio por eles não destruírem Hades por ajudar Azagoth e matar um monte de anjos. Ah, ele não tinha dúvida de que Hades seria

espancado com força, mas pelo menos ele estava vivo. O desgraçado provavelmente conseguiu muito tempo com o artefato do fogo eterno do inferno que Azagoth lhe dera.

— E depois que os *griminions* começarem a trabalhar para Hades? Devo coletar todas almas humanas eu mesmo? Isso criará um grande atraso.

Reaver balançou a cabeça. — Você construirá uma equipe de Reapers.

— Reapers?

— Humanos que não são ruins demais para o Inferno, mas que são ruins demais para o Céu. — Harvester sorriu ao redor de seu canudo enquanto tomava um gole de sua bebida espumosa. — Eu que dei a ideia dos Reapers. De qualquer forma, você lhes dará a chance de se redimirem... ou se condenarem para sempre. No momento, eles estão sentados no Purgatório, mas isso lhes dará uma última chance de ganharem juízo. Além disso, economizará muito tempo quando o Dia do Julgamento chegar. Ugh. Imagina ter que examinar os registros de todos aqueles idiotas.

Todos concordaram.

— Isso não parece tão ruim — disse Azagoth. — O que significa, há uma pegadinha.

— Oh, há uma pegadinha. — O sorriso de Phaleg era absolutamente sinistro e Azagoth ficou tenso. — Ao liberar todos os demônios de Sheoul-gra, você jogou fora o equilíbrio do bem e do mal entre os reinos. Alguém precisa limpar sua bagunça antes do Fim dos Dias, e

parece adequado que quem criou esse desastre seja o único a corrigi-lo.

Lilliana ficou tensa, sua armadura rangendo suavemente no súbito silêncio. — Do que você está falando?

— Sua filha — disse Phaleg com prazer. — Sua e de Azagoth.

Azagoth sentiu o ar sair dos pulmões enquanto Uriel continuava.

— Azagoth, suas ações a amaldiçoaram para um futuro não da sua escolha, mas um futuro nobre, no entanto. Ela será uma caçadora, responsável por rastrear os demônios que você soltou e devolver suas almas a Sheoul-gra.

— Oh, inferno, não — rosnou Azagoth.

— Absolutamente não. — Lilliana se virou para Uriel, seus olhos brilhando como âmbar quente. — Minha filha não terá seu futuro traçado antes que ela esteja aqui há uma semana.

— Então Azagoth deveria ter pensado nisso antes de enlouquecer — respondeu Phaleg. — Já está feito.

Esse anúncio caiu como uma bomba silenciosa na câmara, e Azagoth virou para Reaver, a única pessoa em quem ele confiava para explicar essa besteira. — Que porra é essa?

Reaver expirou lentamente. — Lembra-se logo após a morte de Bael, quando eu te avisei para não matar Moloc? Eu lhe dei uma mensagem diretamente do Moirai. *Se você matá-lo, tudo o que você conhece, tudo o*

que você é, será destruído. Lembra-se disso? Você mudou sua vida e as vidas de todos que você conhece, daqueles que *nem sequer* conhece. — Reaver recusou a oferta de Harvester de sua bebida antes de repensar, pegá-la e tomar um gole substancial. — Olha — disse ele enquanto devolvia o copo para ela. — Eu quebrei regras e afetei vidas, então não vou soprar fumaça hipócrita na sua bunda. Mas não importa o quanto de bem que você pensa que está fazendo, não importa quão certo você pensa que está, sempre há consequências.

Raiva quente, mas impotente, queimou o interior de Azagoth. Lilliana também estava furiosa, mas caramba, Reaver estava certo. Azagoth sabia o que fazia quando o fez e não se importou. Nada importava além de recuperar Lilliana.

E ele recuperara.

Ele tinha sua companheira e sua filha, e seus filhos sobreviventes estavam seguros com Ares. Infelizmente, sua filha pagaria o preço pelo o que ele fez, e se arrependeria pelo resto da sua vida.

Mas pelo menos ela estava viva.

Ainda assim, ele estava entusiasmado com a perspectiva de um de seus filhos crescer sem um destino predeterminado, e Lilliana também. Ele havia fodido tudo isso, não? Ele nem queria olhar Lilliana nos olhos, com medo, por um momento, do que veria.

E se ela não pudesse perdô-lo por isso? E se Raika não pudesse?

Lilliana exalou como se estivesse prendendo a

respiração, mas sua voz estava forte mesmo quando ela encarou os anjos.

— Eu não gosto, mas temos anos para resolver isso. — Ela deu um sorriso tranquilizador antes de gesticular para a brancura sem fim. — Nós devemos fazer isso daqui? Isso... o que é, afinal?

— É uma prisão que mantemos no reino humano — disse Phaleg, falando mais com Azagoth do que com Lilliana. — A localização é secreta. Especialmente de idiotas do mal como você.

De repente, a cabeça de Phaleg virou e ele tropeçou alguns passos como se tivesse levado um soco.

— Não o chame de idiota novamente — rosnou Lilliana. — E talvez você deva considerar proteger o poder celestial aqui, assim como o poder Sheoulic.

— Sua va... — interrompeu Phaleg quando Azagoth agarrou o filho da puta pela garganta. — Não diga isso. Sério. Você viu o que sou capaz de fazer quando se trata da minha mulher.

Harvester riu. — Por favor, Phaleg. Diga! Eu te desafio.

— Solte-o — entoou Metatron, claramente não muito preocupado. Azagoth soltou o idiota, que esfregou a garganta e olhou furioso. — Temos um lugar reservado e que vocês irão adorar.

Ele disse isso com uma cara séria, então talvez este *lugar* não fosse tão ruim.

E, como se viu, não era.

CAPÍTULO 45

Reaver e Revenant materializaram-se na garagem do Underworld General, que estava cheia de carros. As ambulâncias negras estavam em seus espaços designados, e um paramédico que Reaver não conhecia estava lavando uma.

— Está pronto? — perguntou Reaver, e Revenant xingou.

— Isso não será agradável.

Pedir desculpas pela morte de Wraith e, pior, pelo status desconhecido de sua alma? Sim, Reaver não gostaria de estar na pele de Revenant agora.

O departamento de emergência estava estranhamente silencioso e lotado com muito mais funcionários do que pacientes. Quando as portas se fecharam, Eidolon se virou e, um momento depois, todos o encaravam. Alguns pareciam curiosos, como Eidolon e Con, o companheiro vampiro de Sin, e Gem e Kynan. Outros, a saber, os outros irmãos de Wraith, Shade, Sin e Lore, encaravam Rev.

Serena, companheira de Wraith, ficou em silêncio entre Tayla e Runa, observando-os com os olhos avermelhados enquanto esfregava a pele nua do braço,

onde a *dermoire* de companheira de Wraith estivera.

— Oh, bem, estão *todos* aqui. — Tanto sarcasmo escorria da voz de Revenant que o chão estava escorregadio. Franzindo a testa, ele olhou para a falta de atividade. — Não saberia que uma guerra acabou de acontecer.

— Nós redirecionamos a carga de pacientes para a clínica por alguns minutos. — Eidolon caminhou em direção a eles. — A equipe queria uma celebração de vida para Wraith. — Ele olhou para um casal de enfermeiros sorridentes. — Embora eu ache que alguns deles estão aqui para comemorar sua morte.

— Sinto muito por Wraith — disse Revenant, parecendo genuinamente arrependido. — Eu gostava dele. Mais do que o resto de vocês. Mas a vida de Blaspheme estava em perigo...

— Você ainda é um bastardo — rosnou Shade.

— E isso não mudará — respondeu Revenant.

— Filho da puta — rosnou Sin, e Reaver interveio antes que as coisas evoluíssem.

— Viemos falar sobre Sheoul-gra — disse Reaver. — Foi destruído.

A sala ficou em silêncio. Até o paciente lamentando em uma das salas de exames se calou.

— Destruído? — repetiu Eidolon finalmente, claramente abalado.

— Malditos sinos do inferno — murmurou Shade. — Isso explodirá em grande forma.

Um murmúrio começou na sala quando todos

pegaram seus telefones para enviar mensagens de texto, twittar ou enviar as notícias por e-mail.

Eidolon passou a mão pela mandíbula. O demônio parecia exausto, como se pudesse dormir por um mês. Todos na sala pareciam assim.

— E Lilliana? — perguntou ele.

— Ela está bem. Ela e o bebê estão bem — disse Reaver.

— E... Wraith? Azagoth liberou a alma dele? — Serena perdeu toda a cor do rosto. — O que aconteceu com as almas em Sheoul-gra?

Pobre Serena. Ela e Wraith tinham algo especial. Eles sacrificaram suas próprias vidas um pelo outro durante sua jornada juntos, e Reaver desejou poder lhe dar algum tipo de atualização positiva, mas ele só tinha más notícias.

— Azagoth libertou todas as almas em Sheoul-gra — disse Revenant, e Serena soltou um soluço.

— Então a alma de Wraith está vagando por Sheoul, sozinha e perdida? — Ela enterrou o rosto em suas mãos enquanto o braço de Tayla a envolvia.

Reaver balançou a cabeça. — Azagoth deu a elas forma física. Ele era de alguma forma capaz de... — Reaver se interrompeu quando o que acabara de dizer afundou.

Azagoth havia dado as almas forma física em Sheoul-gra.

A alma de Wraith estava em Sheoul-gra.

Putá merda. Era... era possível?

O Harrowgate piscou.

De alguma forma, Reaver sabia antes mesmo de abrir, que Wraith sairia.

Foi o que o bastardo fez. Apenas saiu como se estivesse chegando para o trabalho. Exceto que ele ainda usava as roupas em que estava quando morreu, manchadas de sangue seco. Ele parecia ter passado por um moedor de salsicha, e o encanto de invencibilidade havia desaparecido, mas sim, era ele.

— Foda-se, cara — disse Wraith enquanto piscava para todos. — O que aconteceu? Por que diabos acordei no meio de uma fodida batalha?!

Serena o alcançou primeiro, atingindo-o com um abraço de corpo inteiro, tão entusiasmada que ele caiu contra a parede. Os outros se amontoaram e Reaver sorriu tanto que suas bochechas doeram.

Isso aí! Aquele demônio era impossível de matar.

— *Ele* deveria se chamar Revenant — disse Reaver, olhando para o irmão gêmeo.

Rev ainda estava olhando. — Que merda, cara? Isso é louco. Incrível, mas louco. — Ele sorriu. — Estou inocentado por matá-lo. — Ele deu um tapinha nas costas de Reaver. — Estou fora. Tenho uma bagunça do tamanho de uma guerra de bilhões de demônios para limpar. Até mais, mano.

Revenant decolou, e Reaver estava prestes a fazer o mesmo quando Wraith se separou do bando de demônios, vampiros e lobisomens, e se aproximou.

— Eles disseram que você poderia explicar o que

aconteceu — disse ele. — Eu salvei o mundo novamente?

Reaver riu. A morte de Wraith quase fez o oposto, mas Reaver apenas jogou o braço em volta dos ombros de seu amigo e o guiou para sua família, para que ele tivesse que contar a história apenas uma vez.

— Claro, demônio, com certeza.

CAPÍTULO 46

Não demorou muito para Lilliana e Azagoth se instalarem em sua nova casa.

Metatron estava certo. Era incrível, e Lilliana adorou. Defeitos e tudo.

A ilha secreta e privada no Pacífico Sul era ainda maior do que o refúgio grego de Ares. O que Azagoth achou muito legal.

Lilliana estava feliz com a luz do sol e as praias, além do fato de que agora ela estava livre para sair, o que significava que poderia visitar Cara e Cat, ou poderia fazer compras ou comer fora... tanto ela quanto Azagoth.

Mas havia um lado negativo.

E era um dos grandes.

A ilha foi criada por anjos mil anos atrás, sob a direção das mesmas pessoas que alertaram Azagoth para não matar Moloc. Os Moirai, anjos isolados que existiam em outro plano e em todas as linhas do tempo de uma só vez, encomendaram a construção da ilha com algumas instruções muito específicas.

Os Moirai insistiram que a ilha fosse uma porta de entrada e saída do Nether, um fino véu de existência

entre o mundo humano e o Celestial, onde as almas dos humanos iam quando seus corpos morriam. Lá, elas esperavam para atravessar, ou permanecerem no Nether, ficando perdidas e com raiva, suas existências relatadas como fantasmas por humanos capazes de vê-los.

Sob a direção dos Moirai, os anjos encobriram a ilha dentro de uma anomalia espacial, criando doze horas de luz diurna durante as quais apenas Azagoth, Lilliana e Raika, assim como Revenant e Reaver, podiam entrar ou sair. Era meio chato, mas certamente era melhor do que ficar preso dentro de Sheoul-gra.

E Azagoth descobriu um dos benefícios de doze horas de privacidade.

O fato de ninguém poder visitá-lo significava que ele podia andar nu tanto quanto queria.

Não era uma chatice para Lilliana.

Eles descobriram que, assim que ele vestia as roupas, seu novo traje permanente de Grim Reaper as substituiria. Ele poderia se safar com shorts, mas essa era a extensão de sua capacidade de usar qualquer coisa que não saísse diretamente de uma paisagem infernal distópica.

O que significava que, embora Azagoth pudesse visitar amigos, ele não podia sair exatamente em locais públicos. Halloween poderia ser divertido, no entanto.

E para ser sincera, Lilliana adorava esse visual. Calças de couro e botas. Arnês de armas carregados com lâminas. Um manto que o envolvia na escuridão, e

uma foice que usava chama como roupa. Quando ele levantava o capuz, seu rosto desaparecia e assustava as pessoas. E embaixo de tudo, o colar de foice gravado que ela lhe dera.

Quente. Tão quente que ele passeava pela casa nova em seu uniforme Reaper apenas para ver quanto tempo Lilliana levava para subir em seu colo. Porque... *quente*.

Então, basicamente, eles tinham doze horas de liberdade. Doze horas dentro do reino humano.

Na outra metade do dia, doze horas dentro do Nether... isso levaria algum tempo para se acostumar.

Toda noite, por volta das oito horas, uma névoa pairava, cobrindo toda a ilha em uma névoa estranha e de outro mundo que mudava o caráter e a cor de tudo que tocava. Todos os objetos ficavam em preto e branco, com todos os tons de cinza no meio. As palmeiras se retorciam em garras retorcidas que saíam da areia cinza. Almas humanas vagavam, algumas buscando a luz, outras fugindo dela. As criaturas que emergiram do oceano não se pareciam com nada que vivia nos reinos humanos ou demoníaco. Até mesmo o palacete, uma relíquia atualizada dos dias da Roma antiga, ficava com rachaduras e um tom cinza, mas apenas do lado de fora.

Enquanto Lilliana ou Azagoth fechassem as portas e as janelas, o Nether permanecia onde deveria estar.

Era durante essas doze horas que pessoas de fora que podiam acessar o Nether podiam chegar na

ilha, e era durante essas horas que Azagoth fazia sua colheita.

Lilliana imaginou que as coisas poderiam ser piores, e ela gostava de estar aqui mais do que jamais gostara de Sheoul-gra, então não podia reclamar. Ela sentia falta de ter Memitim por perto, especialmente agora que podia ver as coisas da perspectiva deles, mas visitava Cara muitas vezes e conseguia ver todo mundo então.

O novo trabalho de Azagoth estava indo bem, embora até que ele recrutasse alguns Reapers, ele estava mais ocupado do que os dois gostavam. Os *griminions* não podiam sentir a morte não-maligna, portanto, eles vagavam principalmente pelo Nether até encontrarem uma alma que precisava de escolta, o que significava que a coleta da morte estava ficando para trás. Pior ainda, o Céu já havia retirado todos os anjos do mundo para enfrentar o caos causado pela destruição de Sheoul-gra.

Sem terem para onde ir, as almas dos demônios e humanos maus mortos estavam causando estragos, e as possessões demoníacas aumentaram a níveis alarmantes. De acordo com Suzanne, Declan e sua Equipe de Resposta à Atividade Demoníaca tinham um enorme acúmulo de chamadas e mais investigações em andamento do que podiam lidar.

— Lilliana! — soou a voz de Azagoth de dentro da casa, quase inaudível sobre a cachoeira agitada no final da piscina. Os Moirai foram muito exuberantes em sua

visão para este lugar.

Aparentemente, no dia em que Lilliana acasalou com Azagoth, os Moirai estavam confiantes o suficiente no futuro deles, exigindo uma atualização moderna da estrutura habitacional e de seu paisagismo.

— Estou na piscina — gritou.

Ele se materializou no deck antes que a voz dela desaparecesse. E estava gloriosamente nu. Mas então, ela também estava.

Este lugar era *ótimo*.

— Eu deveria saber — disse ele enquanto descia os degraus da piscina. — Onde está Raika?

— O que, você perdeu o gigante cão babão do inferno ali na sombra?

Ele parou no degrau mais baixo e olhou para onde Mal estava dormindo, esparramada na base do berço de Raika à sombra da cabana.

Eles ainda não discutiram outro nome para ela. Bem, eles discutiram, mas não chegaram a lugar nenhum, porque toda vez que tentavam, Raika chorava, lembrando-os por que Jedda a chamara assim.

Algum dia, Lilliana jurou. Mas, por enquanto, ela e Azagoth só queriam ser felizes.

— Vi Revenant hoje — disse Azagoth enquanto se aproximava dela com a indiferença preguiçosa de um tubarão espreitando.

Ela se deixou cair para trás, e sua boca se contorceu em um sorriso predatório. — Sim?

— Sim. — Ele chegou mais perto, a água agora

na parte de baixo do seu peitoral. Ela chutou um pouco, colocando mais distância entre eles. — Ele disse que Sheoul está no caos, e ele quer chutar minha bunda. Acho que vamos querer esperar para convidá-lo e a BlaspHEME para um churrasco.

Ela riu, mas ele provavelmente estava certo. — Ele disse como está a BlaspHEME? Eu sei que ela não deve ter ficado emocionada por conseguir a sua auréola.

Anjos na verdade não tinham auréolas, mas era uma ideia divertida jogada no colo deles pela imaginação humana.

Azagoth deu outro passo mais perto. — Eidolon não pode alterar o encantamento que impede os anjos de entrar no hospital e na clínica, mas está construindo um anexo que permitirá que ela trabalhe. Eles podem levar pacientes para ela, e ela também pode tratar anjos.

Como os anjos geralmente se curavam por si só ou podiam ir aos curadores celestiais, Lilliana não achava que BlaspHEME tivesse muitos pacientes anjos. Mas imaginava que dependia de quantos anjos estavam fazendo coisas duvidosas no mundo real e preferiam ser tratado por BlaspHEME a por qualquer pessoa no Céu.

— Estou feliz por ela — disse Lilliana. Azagoth estava agora na altura dos mamilos, a água lambendo neles da maneira que ela queria. — Nós devemos almoçar em Paris na próxima semana.

Ela sorriu simplesmente porque havia conseguido dizer isso. Ela tinha amigos tão incríveis agora e, pela primeira vez, poderia encontrá-los no

mundo exterior.

— Conversei com Cara hoje — acrescentou ela quando Azagoth começou a circular, a água lambendo a base da garganta.

— Hum-hum hum. — A luz do sol brilhava na água e brincava nos ângulos severos de seu rosto bronzeado, e quando ele falou, suas presas brilhavam. — Continue.

Ele não parecia prestar atenção em nada do que ela dizia. Ela o questionaria mais tarde, mas agora, ela jogaria junto. Ela estava gostando de seu jogo de predador versus presa.

Ela estremeceu de antecipação.

— Bem — disse ela, demonstrando total inconsciência, recostando-se para flutuar, a água escorrendo de seus seios quando eles romperam a superfície. — Ela mencionou que Asrael está seguro na ilha, mas ele pode estar solitário, então considere enviar alguns *griminions* para fazer-lhe companhia. Ela também disse que Zhubaal e Vex estão trabalhando com Thanatos para caçar o terceiro anjo do estacionamento. Uma garota chamada Fearr. E, aparentemente, Razr decidiu ir trabalhar para Ares. Ele e Jedda estão recebendo um apartamento na Grécia. Acho que Jedda encontrou um monte de pedra mágica lá ou algo assim.

A companheira Elfa de Razr tinha um talento especial para localizar gemas raras e cristais poderosos, e ela ganhava uma fortuna, mesmo que limitasse suas vendas a entidades não-malignas.

— E sei que você viu Hawkyn apenas alguns dias atrás, mas ele e Aurora querem que visitemos a nova casa deles na Suíça.

Azagoth passava muito tempo com Hawkyn, e todos os seus filhos. Ontem, ela, Azagoth e Raika foram à ilha de Ares para um brunch, e enquanto ela passeava com Cara, ele passou horas com os Memitim. Ele até saíra para surfar com os seus filhos mais novos.

A ideia de o Grim Reaper surfar ainda fazia Lilliana rir. Da próxima vez, alguém precisava registrar em vídeo.

— Uh-huh. — Azagoth se aproximou, seu rastro a fazendo saltar suavemente na água.

Ela estendeu a mão de brincadeira, fazendo a melhor imitação de uma foca que não fazia ideia de que um grande tubarão branco estava quase nela.

— Ah, e parece que Hades e Cat estão conseguindo um lugar em Sydney enquanto ele trabalha na construção de um novo Sheoul-gra, mas ela disse que ele quer chamá-lo de outra coisa. Tártaro, eu acho. Ele gosta de mitologia grega. Quer criar alguns Titãs também...

Azagoth a pegou e ela gritou de falso ultraje. Rindo e espirrando água, ele a levantou contra ele, e ela colocou as pernas em volta da cintura dele, prendendo sua ereção contra seu sexo.

— Ainda não fizemos isso na piscina — murmurou ela enquanto ele lambia a água do pescoço dela.

— Isso é porque o seu lugar favorito para o sexo é no oceano. — Ele a levantou apenas o suficiente para acomodá-la em seu pênis, e ela gemeu quando ele a abaixou lentamente, seus tecidos sensíveis se esticando para acomodá-lo.

— Não sei — suspirou ela, seu corpo ganhando uma intensa vida em um instante. — O sexo na piscina pode ser igualmente bom.

Ele abaixou a cabeça e capturou o peito dela. Sua língua era mágica enquanto lambia primeiro um mamilo e depois o outro.

— Igualmente? Não. Eu sei como fazer do sexo na piscina o seu esporte aquático favorito — murmurou ele contra a pele dela.

— Eu não acho que isso seja possível...

Em um piscar de olhos, ele colocou Lilliana deitada de costas no deck, as pernas balançando sobre os ombros dele enquanto ele estava entre elas na piscina. Seu sorriso malicioso anunciou suas intenções quando ele se inclinou e mordeu a carne macia de sua coxa.

— Sim — sussurrou ela, repetindo mais uma vez, mais alto, quando ele encheu sua entrada com o seu dedo.

Ele bombeava para dentro e para fora, usando intermitentemente a ponta do dedo para circular a carne lisa e escorregadia antes de empurrar profundamente para dentro novamente. Seus lábios chuparam suavemente a veia dela, enviando correntes elétricas de

êxtase a cada terminação nervosa. Tudo parecia muito sensível ao toque, e ainda assim ela queria esfregar todo o corpo contra ele.

Ele parou muito cedo, mas ela não pôde reclamar quando ele lambeu seu caminho para dentro e substituiu o dedo pela língua.

— Azagoth — chorou ela quando as primeiras agitações de clímax se enrolaram em seu ventre.

A sensação a dominou quando ele empurrou sua língua profundamente e a enrolou contra o travesseiro de nervos que a fez gritar.

Mas ele não a deixou gozar. Ela estava lá. Perto. Malditamente. Lá.

As mãos dele apertaram sua bunda quando ele inclinou a pélvis para cima e mergulhou novamente, desta vez lambendo-a do seu núcleo ao clitóris. Golpes longos e fortes com movimentos rápidos alternados pela ponta da língua. Oh, droga... ah, sim... ele era tão bom nisso...

Ela gritou novamente quando seu clímax a levou. Ele a trabalhou através dele, sua língua gentil quando ela se acalmava. Mas antes que os últimos espasmos parassem, ele colocou Lilliana na piscina novamente, desta vez no espaço atrás da cachoeira e deslizou, batendo dentro dela enquanto a água caía ao redor deles.

Os quadris dele rolaram dentro dela, seu corpo deslizando contra a pedra lisa em suas costas. Ela o observou com os olhos semicerrados enquanto ele a

tomava, a cabeça jogada para trás em um glorioso êxtase masculino, a mandíbula cerrada, os músculos do pescoço se flexionando.

— Viu? — fluiu através dela como um afrodisíaco sua voz gutural e rouca por causa do sexo. — Isso é melhor do que foder no oceano.

Ok, o sexo na piscina vencia o sexo no oceano. Mas não ia admitir.

— Preciso de mais convencimento — disse ela, ofegando para evitar o orgasmo iminente.

— Mmm... espere até ver meus planos para a prancha de mergulho.

Oh sim. Só de pensar nisso, sim, foi o que aconteceu, e o clímax desabou sobre ela em uma onda de êxtase. Azagoth ficou tenso, sacudindo-se loucamente conforme gozava com um rugido que fez Mal se sentar e rosnar.

E isso acordou o bebê.

Raika realmente foi bem-nomeada.

— Eu a pego — disse Azagoth enquanto abaixava Lilliana para suas pernas instáveis. — Eu não a vi a noite toda.

Ele piscou para Raika, e Lilliana assistiu por trás da cachoeira enquanto ele pegava a filha em seus braços poderosos. Seu sorriso era brilhante, seu olhar transbordava de amor enquanto fazia sons adoráveis de arrulhar.

— Eu já volto — disse ele a Lilliana. — Vou trocar a fralda dela.

Lilliana suspirou e caiu na água para relaxar. Ela tinha tudo. *Eles* tinham tudo. Houve consequências significativas para o que Azagoth fez e muitas pessoas morreram ao longo do caminho. Ainda sofriam por Journey, e todos os filhos assassinados de Azagoth, e Reaver não sabia se que Wraith poderia recuperar seu encanto de imunidade.

Mas Azagoth também garantiu que a prisão de Satanás não estivesse acessível por décadas, talvez séculos, desde que não havia um Inner Sanctum por onde acessá-la.

E, o melhor de tudo, Azagoth finalmente se permitiu alguma felicidade. A mudança de emprego já o afetara agora que estava longe da constante radiação malévola que contaminara Sheoul-gra. Agora que não precisava mais lidar com seres malignos diariamente, o ódio e a feiura não pesavam mais sobre ele.

Ele estava livre. Ambos estavam.

O que isso significava ainda estava em aberto, mas com Azagoth ao seu lado, Lilliana estava pronta para descobrir.

Consequências que se danem.



O legado continua...

É um mundo novo e grandioso.

{1} Também chamadas de contrações de treinamento ou contrações “falsas”, elas são como um treino do corpo para o parto. Foram descritas pela primeira vez pelo médico inglês John Braxton Hicks, em 1872. São chamadas de contrações “falsas” porque não indicam que a mulher entrou em trabalho de parto, sendo diferentes, principalmente, em intensidade e frequência das contrações verdadeira que acontecem durante o trabalho de parto. Os especialistas acreditam que elas sejam uma espécie de treino do corpo para o trabalho de parto, pois contribuem para o afinamento do colo do útero, preparando para a dilatação necessária para a passagem do bebê e servem para tonificar os músculos uterinos, deixando-os em forma para o parto.

{2} Referência ao aplicativo da Apple que faz chamadas de áudio e vídeo.

{3} No original “monkey bars”. Equipamento de lazer encontrado em áreas de recreação infantil. Consiste em diversas traves de metal horizontais e verticais por onde a criança pode escalar.

{4} O Boko Haram, que significa “educação ocidental é pecado”, é um grupo extremista da Nigéria. O Boko Haram surgiu como uma instituição de ensino gratuita, dentro de um complexo religioso que incluía uma mesquita e uma escola islâmica. Muitas famílias mulçumanas pobres de toda a Nigéria e de países vizinhos matricularam seus filhos na escola. No entanto, o grupo não estava apenas interessado em educação. Sua meta política era criar um Estado islâmico e tornar a escola um campo de recrutamento para jihadistas, militantes da guerra islâmica. Alega-se que o Boko Haram usa de forma habitual mulheres e crianças para cometer ataques-bomba em pontos sensíveis como mercados e mesquitas.

{5} No original “Disabled it like a boss” ou literalmente “Desativado com um chefe”. Trata-se de uma expressão idiomática. Fazer algo como um chefe pode ser usada no sentido convencional, ou seja fazer algo com autoridade, ou como uma gíria, isto é de fazer algo extremamente bem.

{6} Calças harém são calças largas, compridas e presas nos tornozelos.

{7} No original “missing in action”

{8} Abreviação de Dungeons & Dragons (jogo de RPG)

{9} No original “to blow smoke up your ass”. Atualmente a expressão é utilizada como uma figura de linguagem que significa que uma pessoa diz tudo o que a outra quer ouvir, e nada do que ela precisa ouvir. No entanto, no século XVIII se tratava de um procedimento médico, no qual os médicos literalmente sopravam fumaça no reto das pessoas através de um tubo ligado a um fumigador e um fole.

{10} No original “not pop my cherry with”. É uma figura de linguagem que significa perder a virgindade, ter a primeira vez (ou primeira experiência).

{11} A dama de ferro, também conhecida como “Virgem de Ferro” ou

"Donzela de Ferro" ou "virgem de Nuremberg", instrumentos de tortura [medieval](#).

{12} Fazendo referência ao demônio retorcido.

{13} No original "Into the Abyss".

{14} Stay Puft (ou o Homem de Marshmallow) é um monstro paranormal do filme Os Caças-Fantasmas.

{15} Esgoto em inglês

{16} No original "EF – Every's Fucked – scale"